



REVISTA DA ACADEMIA  
BAIANA DE EDUCAÇÃO



REVISTA  
DA  
ACADEMIA  
BAIANA  
DE  
EDUCAÇÃO



A Academia Baiana de Educação é uma sociedade civil, com personalidade jurídica própria, de duração ilimitada, fundada em 9 de setembro de 1982.

## **DIRETORIA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO (2006-2008)**

|                                            |                                  |
|--------------------------------------------|----------------------------------|
| <b>Presidente de Honra:</b>                | Leda Jesuíno dos Santos          |
| <b>Presidente:</b>                         | Roberto Figueira Santos          |
| <b>Vice-presidente:</b>                    | Hermano Augusto Palmeira Machado |
| <b>Primeiro Secretário:</b>                | João Eurico Mata                 |
| <b>Segundo Secretário:</b>                 | Rosa Pereira Levita              |
| <b>Tesoureiro:</b>                         | Marcelo Augusto Carvalho Rocha   |
| <b>Diretor da Revista e da Biblioteca:</b> | José Nilton Carvalho Pereira     |
| <b>Diretor de Arquivo e Museu:</b>         | Francisco Pinheiro Lima Júnior   |

Revista da Academia Baiana de Educação, v. 1, n. 12, dezembro, 2006.

Bahia, ABED, 2006.

v. 21 x 28 cm (anual), 111 páginas.

1. Educação – Periódicos

**Editoração e Impressão:** COLÉGIO APOIO  
**Capa:** MANOELITO DAMASCENO

1. Academia Baiana de Educação  
CDD 370.05  
CDU 370.05

**Correspondência:**  
Av. Sete de Setembro, 1839 - Vitória  
Salvador-BA CEP: 40.080-001  
Fone: (71) 3336-7899

**DISTRIBUIÇÃO, sem ônus, para sócios**

## SUMÁRIO

### I) Textos do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente, Dr. Roberto Figueira Santos

|                                                                                                                          |       |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| 1. Pronunciamento na festa de confraternização natalina, a 19/12/2006                                                    | 9-10  |
| 2. Entrega do título de membro emérito ao ilustre Prof. Edivaldo Machado Boaventura                                      | 11-12 |
| 3. Posse da Prof. <sup>a</sup> Nadja Valverde Viana                                                                      | 13    |
| 4. Comemoração dos oitenta anos                                                                                          | 14-20 |
| 5. II ciclo de seminários sobre as Licenciaturas em Ciências                                                             | 21-22 |
| 6. Saudação ao Prof. Astor de Castro Pessoa - educador do ano de 2006 pela ABE - Academia Baiana de Educação             | 23    |
| 7. História da Universidade Federal da Bahia - palestra pronunciada na oportunidade das comemorações dos 60 anos da UFBA | 24-29 |
| 8. Posse de Manoel Barros - membro titular                                                                               | 30-31 |

### II) Textos de membros da Academia Baiana de Educação

|                                                                                                                                        |       |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------|
| 9. Renan, Nabuco e Theilhard (Remy de Souza)                                                                                           | 32    |
| 10. Renan e Theilhard: um cotejo (Remy de Souza)                                                                                       | 33-36 |
| 11. Exame de consciência filosófico - Ernest Renan (tradução: Remy de Souza)                                                           | 37-45 |
| 12. Elogio de um Educador (Consuelo Pondé de Sena)                                                                                     | 46-48 |
| 13. Oldegar Vieira, emérito acadêmico de Educação (João Eurico Matta)                                                                  | 49-51 |
| 14. Filosofia e Educação ou Filosofia da Educação? (Germano Machado)                                                                   | 52-54 |
| 15. O Prof. Germano Machado como Educador (Leda Jesuíno dos Santos)                                                                    | 55    |
| 16. Aula inaugural da Fundação Visconde de Cayru (Leda Jesuíno dos Santos)                                                             | 56-59 |
| 17. Discurso de agradecimento na concessão do título de Educador do Ano de 2003 (Leda Jesuíno dos Santos)                              | 60-64 |
| 18. Discurso de recepção da Prof. <sup>a</sup> Maria Luigia Magnavita Gallefi na Academia Baiana de Educação (Leda Jesuíno dos Santos) | 65-68 |
| 19. Saudação a Manoel Barros Sobrinho (Edivaldo Machado Boaventura)                                                                    | 69-71 |
| 20. Discurso de posse do Prof. Manoel J. F. Barros Sobrinho na cadeira n.º 31 da Academia Baiana de Educação (Manoel Barros Sobrinho)  | 72-79 |
| 21. Discurso de saudação pela posse da Prof. <sup>a</sup> Nadja Valverde Viana na Academia Baiana de Educação (J. Rogério C. Vargens)  | 80-83 |

|                                                                                                                                  |         |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| 22. O credenciamento da Universidade do Estado da Bahia<br>- UNEB (Alírio Fernando Barbosa de Souza - Relator)                   | 84-89   |
| 23. Discurso do Acadêmico Astor de Castro Pessoa como Educador do Ano<br>de 2006 pela Academia Baiana de Educação (Astor Pessoa) | 90-95   |
| 24. Saudação ao Acadêmico Astor de Castro Pessoa, Educador do Ano<br>de 2006 (José Nilton Carvalho Pereira)                      | 96-100  |
| 25. Estatutos da Academia Baiana de Educação                                                                                     | 101-102 |
| 26. Regimento da Academia Baiana de Educação                                                                                     | 103-107 |
| 27. Patronos da Academia Baiana de Educação e acadêmicos titulares                                                               | 108-109 |
| 28. Endereços dos acadêmicos titulares da Academia Baiana de Educação                                                            | 110-111 |

#### **Observações:**

- 1) A matéria contida nesta publicação é da responsabilidade exclusiva dos autores, não representando a expressão do pensamento da Academia Baiana de Educação;
- 2) Os anais dos Seminários sobre as Licenciaturas em Ciências serão objeto de publicação específica.

## PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE ROBERTO FIGUEIRA SANTOS, NA FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO NATALINA, A 19/12/2006

---

Assim como ocorreu em 1995, ao longo do ano que está por findar-se viveu a Academia Baiana de Educação novo período de intensa atividade.

Logo depois de esgotado o recesso regimental, na primeira reunião do ano acadêmico de 2006, realizada a 22 de março, elegemos a Professora Maria Nadja Valverde Viana para ocupar a cadeira de número 18, que tem como patrono o Professor Ernesto de Carneiro Ribeiro. Empossada a 27 de Setembro, a Acadêmica Nadja Valverde substituiu a saudosa confrreira Maria Luígia Magnavita Galeffi e foi saudada pelo confrade José Rogério da Costa Vargem. Portadora de títulos que sobejamente justificaram a sua escolha, a nova Acadêmica tem sido exemplarmente assídua às nossas reuniões.

A 19 de abril ocorreu a posse do Magnífico Reitor Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho na cadeira de número 31, que tem como patrono o Professor Manoel Carlos Devoto. O novo acadêmico havia sido eleito no final do ano de 2.005, em substituição ao confrade Adelmo Soares Pessoa. Em concorrida sessão solene, realizada na sede da Reitoria da Universidade de Salvador, da qual é titular, foi ele saudado pelo Acadêmico Edivaldo Machado Boaventura.

Na noite de 2 de agosto, foi entregue o título de "Educador do Ano 2.006" ao Acadêmico Astor de Castro Pessoa, saudado pelo confrade José Nilton Carvalho Pereira. A cerimônia se realizou no Palácio da Aclamação, diante de numeroso público.

A 9 de agosto, foi instalado o Segundo Ciclo de Seminários sobre as Licenciaturas, havendo sido escolhido o tema "Licenciaturas nas Ciências Exatas e da Natureza". A exemplo do que ocorreu no primeiro ciclo, realizado em 2.005, escolhemos coordenadores e palestrantes ligados, ora à rede pública, ora a escolas privadas, tanto de Salvador como de fora desta Capital. No ano corrente, tivemos, ademais, a colaboração de professores de Universidades portuguesas, tanto na condição de palestrantes, como durante uma videoconferência realizada no Instituto Anísio Teixeira, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Na organização dos programas, contamos com valiosa colaboração dos professores Alfredo Mata, Regina Vieira e Rita Vieira, coadjuvados pela Senhora Maria Thereza Dias Pereira. O novo ciclo de Seminários, teve o apoio financeiro da

empresa Construtora Norberto Odebrecht. Foram eles realizados no Auditório das Faculdades Integradas Olga Mettig, com intervalo aproximado de um mês entre cada Seminário e o seguinte. Invariavelmente, tivemos a presença de expressivo público que, além de assistir às alocações, participou dos proveitosos debates. O Seminário de cunho mais genérico, intitulado "Discutindo o ensino das Ciências Exatas e da Natureza", teve como coordenador o Professor Alfredo Mata, da Uneb, e como palestrantes os professores Cesar Nunes, da USP e Marcelo Moret, da UEFS. O debate sobre o ensino da Matemática foi coordenado pela Professora Elinalva Vasconcelos, da UFBA e teve como palestrantes as professoras Elisa Tomoye, da UNESP e Célia Carolino, da PUC/São Paulo. A discussão sobre o ensino da Química foi coordenado pelo professor Pedro Sarno, da UFBA. O palestrante foi o Professor Duarte Vasconcelos, da Universidade do Porto. O Seminário sobre as Licenciaturas em Física foi coordenado pelo professor Hermes Teixeira de Melo, da UFBA e da UNIFACS e teve como palestrantes a professora Maria Cristina Mesquita Martins, da UFBA e o professor Élio Ricardo, da UFSC. No Seminário sobre o ensino da Biologia, coordenado pela Professora Helci de Carvalho Pinheiro, foram palestrantes a Professora Suzanni Cassiani Souza, da Universidade Federal de Santa Catarina e Alda Muniz Pepe, da Universidade Estadual de Santa Cruz. O II Ciclo de Seminários foi brilhantemente encerrado com uma vídeo-conferência que teve a colaboração do Instituto Anísio Teixeira, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia. Foi esse evento coordenado pelo Professor Alfredo Mata, e contou com a participação dos professores Carlos Fiolhais, da Universidade de Coimbra e João Carlos de Matos Paiva, da Universidade do Porto. O espaço adjacente ao auditório do Instituto Anísio Teixeira onde ocorreu a videoconferência, esteve ocupado por uma Feira de Ciências organizada pela nossa Academia, que atraiu grande afluência de alunos e professores do ensino básico, ligados a escolas estaduais situadas em Salvador.

É intenção nossa realizar um terceiro ciclo de Seminários sobre as Licenciaturas, no próximo ano. Em recente reunião ordinária da Academia tratamos do assunto, ficando entendido que daríamos preferência, como temas do próximo ciclo, às licenciaturas em Ciências Humanas e em Letras. Cogitamos, ainda, da inclusão de outros

temas, como o ensino das Artes e da Educação Física. Teremos, ainda, contudo, de conseguir o financiamento desses futuros Seminários.

Voltando às ocorrências durante o ano de 2006, diremos que, em sessão do dia 9 de setembro, por unanimidade, foi reeleita toda a Diretoria da Academia, para o mandato que abrange os anos de 2006 a 2008.

No dia 27 de novembro próximo passado, foi empossada na condição de Membro Correspondente da nossa Academia, a Professora Maria Thetis Nunes, ilustre historiadora sergipana, cuja formação, em grande parte, se deu na Bahia, havendo ela sido uma das primeiras diplomadas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras fundada pelo saudoso Professor Isaías Alves de Almeida.

No dia 11 de dezembro próximo passado, o professor Edivaldo Boaventura foi agraciado com o título de Membro Emérito desta Academia, tendo sido por mim saudado, em sessão solene realizada perante numerosa assembléia, no salão de atos do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, cedido pela sua Presidente, a Confreira Consuelo Pondé de Sena.

Nas mais recentes sessões ordinárias da Academia registramos, com imenso pesar, o falecimento dos confrades João José da Silva Junior e Ângelo Lírio de Almeida. Ficou, assim, consignada, nos termos regimentais, a abertura de duas novas vagas de membros titulares. Mais recentemente, na última sessão ordinária de 2006, registramos o falecimento do Acadêmico Emérito Oldegar Franco Vieira. Por estarmos muito próximos do final do ano acadêmico, decidiu o plenário adiar para o começo do ano de 2007, as providências pertinentes à substituição desses eminentes confrades. No dia 8 de dezembro, depois da nossa última reunião ordinária, faleceu o Confrade João Fernandes da Cunha, benfeitor desta Academia.

Cumpre-me, neste instante, registrar os agradecimentos da Diretoria desta Casa aos que prestaram especial colaboração às nossas atividades, durante o ano corrente. Da mesma forma que nos anos anteriores, nossa Presidente de Honra, Confreira Leda Jesuino, o Membro Emérito desta Academia, Confrade Edivaldo Boaventura e o nosso Vice-Presidente, Acadêmico Hermano Machado, não pouparam esforços para prestar o máximo apoio aos trabalhos da Academia. Ainda entre os Confrades que se empenharam, especialmente, na concretização das iniciativas citadas no presente relatório, devo citar a Secretária Geral, Acadêmica Rosa Levita, o Tesoureiro, Confrade Marcelo Rocha, o Confrade José Nilton de Carvalho

Pereira, que cedeu o espaço para a realização de grande número das nossas reuniões ordinárias e tem sido responsável pela edição da Revista da Academia, e o Acadêmico João Fernandes da Cunha, Presidente da Fundação em cuja sede realizamos vários dos mais importantes atos do corrente ano. Devo, ainda, estender os nossos agradecimentos às Faculdades Integradas Olga Mettig, ao Instituto Anísio Teixeira, ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, assim como, ao Professor Alfredo Mata, às professoras Regina Vieira e Rita Vieira, e à Senhora Maria Thereza Dias Pereira, pela colaboração emprestada na realização dos Seminários sobre as Licenciaturas em Ciências Exatas e da Natureza.

Neste ambiente festivo, cujo brilho é devido à capacidade organizadora da Secretaria da Academia, confreira Rosa Levita, encerro as presentes palavras, desejando a todos, em meu próprio nome e no de Maria Amélia, Boas Festas e um Feliz Ano de 2007.

Bahia, 19 de dezembro de 2006.

Roberto Figueira Santos

## ENTREGA DO TÍTULO DE MEMBRO EMÉRITO AO PROFESSOR EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA

---

Pronunciamento do Professor ROBERTO FIGUEIRA SANTOS.  
Presidente da ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO.

Não sei quantas horas têm cada dia e cada noite de Edivaldo Boaventura. Mas, o que tem ele realizado ao longo dos 73 anos de existência, ultrapassa qualquer medida razoável da capacidade de trabalho do ser humano. Não se trata, apenas, da qualidade e do volume da sua produção intelectual. Importa considerar, também, a versatilidade de quem sabe tocar à perfeição os sete instrumentos mencionados no adágio popular.

Nos últimos tempos, dificilmente se passa uma semana – qualquer período de uma semana – sem que Edivaldo esteja encarregado de um ou mais pronunciamentos de grande responsabilidade, em Salvador ou fora daqui. Se vem sendo assediado, a esse ponto, é em virtude da sabedoria e da experiência que acumulou, no exercício de múltiplos cargos e funções, e na construção de substancial obra intelectual retratada no “currículum vitae” de enorme densidade. A credibilidade angariada pela atividade acadêmica, o levou a assumir cargo de dirigente do mais importante veículo da imprensa diária da nossa terra. Os seus compromissos internacionais têm feito dele um dos baianos de maior projeção nos meios intelectuais de muitos países. Não se assustem. Não pretendo recitar o elenco de títulos e de trabalhos que enchem alentado volume e que, na sua essência, são, já, de todos conhecidos. Não posso deixar, entretanto, de ressaltar uns poucos itens que importam, sobretudo, à presente cerimônia.

Juntamente com Leda Jesuíno e outros educadores de igual notoriedade, Edivaldo tem sido um dos sustentáculos maiores da nossa Academia Baiana de Educação. Membro deste sodalício desde os seus primeiros tempos, foi Presidente nos anos difíceis da consolidação institucional. E, por decisão desta mesma Academia, recebeu o título de “Educador do ano de 1998”. Tem sido de valor inestimável a colaboração por ele oferecida à atual Diretoria, pelo que lhe somos gratos e, com a aprovação unânime do plenário, decidimos prestar-lhe mais esta homenagem, mediante a outorga do título de “Membro Emérito”.

Entre as grandes virtudes de Edivaldo quero destacar a da pertinácia na persecução dos

seus ideais, ao lado da fidelidade aos que, desde os primeiros tempos da sua carreira, nele reconheceram o potencial que trazia consigo, para o ofício de educador. Refiro-me, em especial, ao Governador Luiz Viana Filho, que o fez Secretário da Educação do Estado, em substituição a outro amigo comum a todos nós, ambos de saudosíssima memória, o professor Luiz Navarro de Brito. Entre outras manifestações de apreço à histórica figura de Luiz Viana, Edivaldo reuniu sob a forma de livro, uma coletânea de pronunciamentos sobre o ex-Governador que tem servido para perpetuar na memória dos baianos a lembrança do intelectual e político a quem a Bahia tanto deve.

Assim como cultivava especial devoção a **personalidades** às quais permanece, particularmente, grato, Edivaldo também tem reverenciado **instituições** às quais foi e é ligado por estreitos laços de afeição. Tem sido assim com a UFBa, de onde provieram algumas das suas mais profundas raízes intelectuais. A modernização da estrutura da nossa Universidade, no final da década de 1960, com o propósito de melhor adaptá-la à imprescindível missão de empreender pesquisas técnico-científicas, contou com a colaboração decisiva de Edivaldo, quer junto à Assessoria de Planejamento da Reitoria e à Secretaria Geral de Cursos, quer na instalação dos novos Conselhos Superiores da instituição e na formulação pioneira dos primeiros cursos de pós-graduação “stricto sensu”. Foi ele um dos idealizadores e organizadores da Faculdade de Educação da UFBa, um dos pilares da nova estrutura. Valeu-se, para tudo isso, do amplo conhecimento do papel a ser cumprido pelas instituições universitárias em ambientes como o nosso. Ao lado de tantas outras entidades, nacionais e estrangeiras, por ele freqüentadas, mantém vínculo profundo com a Universidade do Estado de Pennsylvania, onde conquistou o título de PhD em Educação e na qual encontrou inspiração para uma das suas mais importantes realizações, a constituição da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), mediante a articulação de cursos e escolas superiores mantidos pelo Governo Estadual em diversas cidades do território baiano.

Tendo em vista a sua participação em tarefas tão relevantes, em campos tão diversos, não surpreende que a trajetória de Edivaldo haja sido tema de trabalhos de natureza biográfica, sob os mais variados ângulos. A despeito de tudo o que tem feito, e de tudo o que se tem dito e escrito a seu respeito, Edivaldo preserva a mesma personalidade simples e a mesma afabilidade no trato, que o marcaram desde os primeiros tempos de vida pública, e continua sendo o pai de família exemplar, o amigo leal e constante. Saber organizar-se para a produção intelectual, é uma das suas mais sólidas qualidades, por ele transmitida aos alunos e aos orientandos, quando da elaboração de trabalhos que envolvem a aplicação do método científico. Esta é uma das razões do seu sucesso junto aos candidatos a dissertações e a teses exigidas nos cursos de pós-graduação. Convém assinalar, também, o que Edivaldo **não é, e nunca foi**. Jamais precisou ser detentor de amplos poderes que o fizessem temido e falsamente reverenciado, afim de alcançar o reconhecimento do seu mérito e angariar as láureas que lhe têm sido atribuídas. Os que o admiram e aplaudem, não esperam vantagens nem benesses materiais, por seu intermédio. Tudo que a vida lhe tem reservado, resultou da capacidade de trabalho, da disposição para ajudar os discípulos no plano intelectual e da repartição dos saberes que acumulou graças à sua inteligência, às suas leituras, à vivência em ambientes acadêmicos da mais elevada categoria.

Espírito refinado, Edivaldo cultivava um "humour" quase-britânico, tendo como "leitmotiv" a referência à inesquecida e sempre amada Feira de Santana. Recordo, vez por outra, cena a que assisti quando um jovem professor norte-americano estava sendo alvo de expressiva demonstração de apreço pela enorme audiência presente a um Congresso médico. Depois de ouvir referências muito elogiosas, respondeu ele com as seguintes palavras: "Se a minha mãe estivesse aqui, acharia que Vocês me sub-estimaram, e nem de longe assinalaram os meus verdadeiros méritos, em toda a sua extensão; se minha esposa, por sua vez, aqui estivesse, diria que Vocês me fizeram justiça; que eu sou, exatamente, o que Vocês descreveram; porem, se a minha filha adolescente aqui estivesse, ela quebraria o formalismo da ocasião com um estridente assobio, e perguntaria: "Mas, Vocês acreditam, mesmo, no que disseram a respeito do meu Pai?" A sua estimada filha, Edivaldo, de certo, assim como sua esposa Solange, seu filho Daniel, e Pedro, se entre nós estivesse, acreditam em tudo o que se tem dito a seu respeito, e mais ainda, no que estou

acrescentando, agora, para minha grande satisfação.

Peritos em Administração, de longa data, formularam conhecido princípio segundo o qual, ao fazer-se necessário escolher quem deva encarregar-se de responsabilidade complexa a ser bem cumprida no menor prazo possível, caiba a preferência ao mais ocupado dentre os habilitados a realizá-la. Edivaldo Machado Boaventura é o melhor exemplo que conheço, a ilustrar esplendidamente esse princípio, quando aceita, e cumpre exemplarmente, inúmeras incumbências que deixariam qualquer outro, assoberbado, e que para ele representam, tão somente, mais uma tarefa prazerosamente exercida.

Parabéns, pois, Edivaldo, a Você, à sua querida esposa Solange e aos seus filhos, por mais este ato de justiça de que se faz merecedor.

Bahia, 11 de dezembro de 2006

Roberto Figueira Santos.

A satisfação de dar posse a um novo membro desta Academia torna-se maior, ainda, quando o agraciado pertence ao sexo feminino. Embora, no passado, tivesse havido restrição à presença de mulheres nas Academias, pelo mundo afora essa praxe foi sendo superada e, no nosso sodalício, até por força da própria natureza da atividade dos nossos confrades e confradeiras, temos feito escolhas que recaem, com frequência, sobre educadoras de excepcional competência, com relevantes serviços prestados à comunidade. Uma das características marcantes do século passado, foi a ascensão das mulheres a postos de relevo na vida pública do mundo ocidental. Particularmente importante, pelo seu pioneirismo, foi a ação das “sufragettes”, na Inglaterra, que teve enorme repercussão sobre a atividade política das nações.

A professora Nadja Viana Valverde reúne todos os requisitos para ilustrar os quadros da Academia Baiana de Educação, ocupando a cadeira que, anteriormente, pertenceu à saudosa Professora Maria Luígia Magnavita Galeffi e que tem como patrono o ilustre médico, professor e filólogo dos maiores da língua portuguesa, o itaparicano Ernesto Carneiro Ribeiro.

Engenheira Química pela Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia, a Professora Nadja diplomou-se em 1969, e escolheu dedicar-se ao ensino superior, quer no setor público como no privado. Galgou postos sucessivos na hierarquia da nossa Universidade Federal. De auxiliar de ensino a professora assistente e a adjunta, não apenas se ocupou, com brilho, das tarefas em salas de aulas, como exerceu cargos de direção, inerentes à função de magistério. Assim, foi chefe do Departamento de Físico-Química do Instituto de Química, Vice-Diretora e Diretora do mesmo Instituto. Ascendeu, igualmente, a elevados postos da administração, no âmbito da Universidade. De assessora do Reitor para Assuntos de Graduação, tornou-se Pró-Reitora de Graduação, Vice-Reitora e Reitora em exercício da Universidade Federal baiana. Ainda no âmbito das instituições federais, foi consultora “ad hoc” do Ministério da Educação e, para exercer um mandato de três anos a partir de Agosto de 2.005, passou a constituir a Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES. Seus serviços têm, sido, igualmente, proficientes, junto às instituições estaduais e na gestão de entidades privadas. Permanece membro do Conselho Estadual de Educação desde 1990, tendo presidido, sucessivamente, a Comissão de Direito Educacional e a Câmara de Ensino Superior, antes de tornar-se Vice-Presidente e Presidente do

mesmo órgão. Ocupou este último cargo de 2.000 a 2.006, período durante o qual foi Presidente do Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Educação. A Professora Nadja é, ainda, Diretora Geral de um dos mais conceituados estabelecimentos privados de ensino superior em nossa terra, a Faculdade de Tecnologia Empresarial.

Percebem, pois, os ouvintes, como andou bem a Academia Baiana de Educação ao eleger a nova confradeira, para ocupar uma das suas cadeiras, em sucessão a outra brilhante educadora, a Professora Maria Luígia Magnavita Galeffi. O perfil da professora Gina, como era, afetuosamente, chamada pelos mais íntimos, será logo a seguir traçada pela recém empossada, em cuja oração não haverá de faltar justificada referência ao ilustre professor de Filosofia, Romano Galeffi, cujo nome foi, pelo casamento, acrescentado ao de Gina. Marido e mulher, Gina e Romano constituíram um dos principais esteios da nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, desde os seus primeiros tempos, pouco depois de fundada pelo saudoso Professor Isaias Alves de Almeida.

Pela sua importância no cenário das letras nacionais, cabe, também, uma referência ao patrono da mesma Cadeira, o Professor Ernesto Carneiro Ribeiro. Nascido em Itaparica a 12 de Setembro de 1839, Ernesto Carneiro Ribeiro doutorou-se em Medicina em 1864, pela nossa Faculdade e, logo ao início da sua carreira no magistério, foi vitorioso em memorável concurso para a cátedra de Gramática Filosófica do Ginásio Bahiano, dirigido pelo celebrado professor Abílio Cesar Borges. O Professor Carneiro Ribeiro fundou, sucessivamente, o Colégio Carneiro Ribeiro e o Ginásio do mesmo nome, que continua a existir. Faleceu a 13 de Novembro de 1920. Dentre as suas obras mais famosas, figura o livro intitulado “**Serões Gramaticais**”, considerado por Ruy Barbosa “magnífico tesouro de saber filológico”. Publicado, originalmente, em 1890, teve a sua edição definitiva datada de 1915. O Professor Carneiro Ribeiro ganhou grande projeção nacional, graças à polêmica mantida com Ruy Barbosa a propósito da redação do primeiro Código Civil da nossa terra, impressionante episódio da história das nossas letras jurídicas.

Mais uma palavra, apenas, dirigida à Professora Nadja: estamos, absolutamente, certos, os seus confrades e confradeiras, por tudo o que representa o seu passado, de que a sua contribuição aos trabalhos desta Academia estará à altura dos méritos da antecessora e do patrono da cadeira que logo passará a ocupar.

## COMEMORAÇÃO DOS OITENTA ANOS

Palestra proferida pelo Professor Roberto Figueira Santos no Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia, em 21/09/2.006.

Para os da minha geração, chegar aos oitenta anos sem estar acometido de doença grave, é, ainda, um **privilegio**. Para as futuras gerações, já não o será, conforme prenunciam as estatísticas da demografia. Baste lembrar que, segundo os demógrafos, cerca da **metade da população** que estará nascendo de agora em diante, terá probabilidade de alcançar, não, apenas, os oitenta, porem, os **cem anos** de idade.

Privilegio ou não, aqui estou para expressar a minha gratidão a muita gente. Acima de tudo, para agradecer à minha mulher, Maria Amélia. Há quarenta e três anos, ela e eu constituímos um só pensamento e uma só vontade. Graças a ela, a essa unidade agregaram-se os filhos e as filhas, Anneliese, Cristiana, Edgard Neto, Maria Carmen, Roberto Filho e Patrícia. E com elas viram os genros, Orlando, Marco Antonio e André. Mais recentemente, chegaram os netos e netas, Pedro Henrique, Elisa, Orlando Junior, Helena, Rafael e Luiza. Com todo amor e carinho, têm elas e eles sabido cuidar de mim e comigo enfrentar as horas boas, assim como, os momentos mais difíceis.

Devo, igualmente, agradecer aos meus Pais, Carmen e Edgard, que propiciaram a educação que tive. O meu irmão Eduardo e a sua esposa, Miminha, sempre solidários, são exemplos de amizade, verdadeiramente, fraternal. À minha mãe, ao lado de tantas outras benesses, agradeço o empenho em orientar, desde os primeiros anos de vida, o aprendizado de línguas estrangeiras. O nosso belo idioma, todos o sabem, tem circulação internacional muito restrita. E, quanto mais cedo, melhor para a criança que começa a aprender outras línguas, além da materna. Não é somente pelo seu uso utilitário. É, sobretudo, pelo acesso a outras culturas e, em especial, à literatura de outros países. Devo, mais ainda, à minha mãe o apoio no aprendizado dos rudimentos da teoria e da prática da execução de peças para piano. Não me tornei um pianista profissional, porém, graças a esse privilégio, passei a identificar e a apreciar melhor o fraseado musical e a ouvir com sentido crítico as peças de música erudita.

No depoimento sobre o meu Pai, constante do livro "Vidas paralelas", disse muito

sobre a sua vida pública. Contudo, não cheguei a comentar, entre muitos outros tópicos, a importância do acesso por ele propiciado, desde a minha infância, a amigos seus da Bahia, do Rio de Janeiro, de São Paulo e de outros cantos do Brasil. O primeiro volume do citado livro foi publicado quando do centenário do seu nascimento, em 1994, em edição totalmente esgotada. O mesmo aconteceu com a reimpressão, datada de 1998. Não tenho como esquecer, por exemplo, o convívio com o Professor Ernesto de Souza Campos, o futuro Ministro da Educação que impulsionou a criação da Universidade da Bahia. Em sucessivas visitas a Salvador, na segunda metade da década de 1930, afim de colaborar no projeto do futuro Hospital das Clínicas, em nossa casa ancestral, falava-me Souza Campos sobre o significado das pesquisas que começavam a realizar-se na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Eram pesquisas de altíssimo nível, realizadas por cientistas de origem européia, que desempenharam papel fundamental no começo do desenvolvimento científico do Brasil. Eu não havia, ainda, escolhido a profissão que seria da minha preferência, e estive muito inclinado a buscar naquela fonte de saber sobre as ciências exatas e naturais – que tinha feição nova para nós, baianos – a satisfação intelectual que poderia ter durado por toda a vida. Não me tornei físico, nem matemático. Reconheço, porém, naquelas conversas, a semente da motivação decisiva para a minha entusiástica dedicação ao projeto de reestruturação da UFBA, destinado a valorizar devidamente o ensino e a pesquisa nos setores básicos do conhecimento.

Decidi-me, afinal, pela Medicina. A fase pré-clínica do meu curso médico ocorreu enquanto o mundo industrializado se achava totalmente absorvido pela Segunda Guerra Mundial. O Brasil esteve, então, isolado dos países, culturalmente, mais avançados, de onde emanavam as influências sobre a formação dos médicos. As bases científicas da Medicina continuavam sendo, no Brasil e na Bahia, lecionados segundo conceitos anteriores à Segunda Guerra, oriundos de países europeus. Por sua vez, o início do meu aprendizado das **disciplinas clínicas** se deu no Hospital da Santa

Casa da Misericórdia, que ainda não se havia modernizado, como veio a ocorrer depois. No começo de 1949, ano em que recebi o diploma de médico, começou a funcionar o Hospital das Clínicas da Bahia, atualmente designado Hospital Universitário Professor Edgard Santos. Houve, então, um salto de muitas décadas nas atividades das cátedras de clínica da nossa Faculdade, devido ao que acredito haja sido o mais importante evento da área da saúde na Bahia, ao longo de todo o século XX.

Logo após o término da Guerra, os Estados Unidos se envolveram profundamente na reconstrução dos países europeus, por meio do Plano Marshall. Somente, no final da década de 1940, surgiram os primeiros sinais da disposição das entidades norte-americanas de voltarem suas atenções para a América Latina. Fui eu um dos primeiros beneficiários dessa nova atitude. Quando terminei o curso médico, estava já aceito pela Fundação Kellogg, em parceria com o American College of Physicians, para uma bolsa de estudos que me permitiu freqüentar Hospitais de algumas das mais destacadas Universidades norte-americanas. Durante quase três anos trabalhei nos serviços médicos das Universidades de Cornell, em Nova York, de Michigan, em Ann Arbor e de Harvard, em Boston. De descoberta em descoberta, aprendi muito da Medicina, familiarizei-me com os fundamentos da pesquisa médica e alarguei os horizontes culturais, muito além do que havia sido a minha expectativa.

De volta à Bahia, decidi abraçar a carreira universitária em regime de dedicação exclusiva, apesar das limitações que isso acarretava, ainda bem maiores que as atuais. Tive aprovada a tese de doutorado, e enfrentei os concursos de livre-docência e de cátedra, processos medievais de seleção do pessoal docente, felizmente, aperfeiçoado nos últimos anos. Conforme já registrei em outras oportunidades, a **conquista da cátedra de Clínica Médica** representou a maior satisfação que tive em toda a minha vida pública. Significava essa conquista dirigir um serviço que, além da equipe de médicos e estudantes, incluía uma Enfermaria, um Ambulatório e Laboratórios orientados para o ensino e a pesquisa. Era tudo o que eu, sempre, desejara. Subseqüentes a essa, as demais vitórias referentes às atividades profissionais, resultaram mais da minha inelutável vocação para o serviço público, do que de aspirações que eu tivesse alimentado com maior empenho.

Em espaço antes sub-aproveitado, no andar mais alto do Hospital das Clínicas, instalei um laboratório de pesquisas no campo do

metabolismo hidro-mineral, tema que vinha despertando enorme interesse entre a classe médica. Nele realizei trabalhos que foram aceitos e publicados em revistas de curso internacional. Em espaços vizinhos a esse laboratório, conseguimos implantar outros, destinados a pesquisas em diversos ramos das ciências médicas e que foram ocupados, preponderantemente, por ex-bolsistas da Fundação Kellogg. A equipe multi-disciplinar assim constituída, montada segundo um plano cuidadosamente elaborado, renovou a pesquisa médica na Bahia e repercutiu fora do nosso Estado. Simultaneamente, criei, no mesmo Hospital das Clínicas, o programa de residência para a especialização dos médicos recém-formados, do qual resultou melhoria radical no atendimento aos pacientes ali atendidos. Não tardou a disseminação de programas análogos em muitos outros hospitais, com e sem responsabilidade acadêmica.

Nos anos subseqüentes, tendo por base o Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia, dediquei-me ao movimento que veio a abranger as mais importantes Faculdades de Medicina do país, no sentido da modernização do preparo dos futuros profissionais da saúde. Alcançou esse movimento substancial apoio da Comissão de Especialistas do Ensino da Medicina, da qual fui o primeiro coordenador, e que foi criada no âmbito da Diretoria do Ensino Superior do Ministério da Educação e Cultura. Pouco mais tarde, aliou-se, também, a esse movimento a Associação Brasileira de Escolas de Medicina (ABEM), cuja Presidência exerci entre os anos 1968 e 1970, tendo como bandeira a inclusão de noções de ciências sociais no currículo médico.

Foi este, para mim, um período de intensíssima atividade, do qual guardo as melhores recordações. Na mesma época, sob o patrocínio do então Ministro Luiz Viana Filho, assumi o cargo de membro do Conselho Federal de Educação. Mediante sucessivas indicações, permaneci nesse cargo durante dez anos e fui Presidente do mesmo órgão, nos quatro últimos desses dez anos. Aprendi, enormemente, com os companheiros do Conselho, conhecedores profundos das questões de política da educação. As lembranças que tenho do Conselho, então no seu período áureo, estão entre as melhores que a minha memória registra. Somente o deixei ao ser eleito Governador da Bahia.

Quando Luiz Viana Filho estava prestes a assumir o Governo da Bahia, em 1967, convidou-

me para seu Secretário Estadual da Saúde. Preparei-me, cuidadosamente, para esse cargo, e o exerci, apenas, durante menos de três meses, por ter sido escolhido Reitor da Universidade Federal da Bahia.

Acerca da minha atividade como Reitor da UFBA, no período de 1967 a 1971, existem vários depoimentos meus, aos quais não há muito para acrescentar. Cabe, contudo, resumir o que tenho dito e repetido em diferentes ocasiões: todo o meu mandato foi dirigido no sentido de fortalecer os trabalhos acadêmicos no campo dos setores básicos do conhecimento (matemática, física, química, biologia, geo-ciências, ciências humanas, letras); e, também, nas ciências pre-profissionais da saúde. Fizemos construir vários edifícios, selecionar e adquirir modernos equipamentos, sempre a serviço das unidades então criadas com esse propósito, e expandimos o corpo docente das mesmas unidades incluindo pessoal local e professores recrutados pela UNESCO e remunerados com recursos do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas.

Data daquela época o início do meu relacionamento com o professor Edivaldo Machado Boaventura, excelente colaborador que se tornou um dos mais queridos amigos. Entre os muitos agradecimentos que estou a fazer, incluo o que merece o Edivaldo, por conta das generosas palavras que acaba de dirigir-me. Com igual sentimento de gratidão, dirijo-me ao Magnífico Reitor da UFBA, Naomar Almeida, ao Professor Cláudio Veiga, presidente da Academia de Letras da Bahia, à Professora Leda Jesuino, presidente de honra da Academia Baiana de Educação, e à Professora Consuelo Pondé de Sena, presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, todos companheiros de lutas em favor do engrandecimento da cultura baiana, e responsáveis pela organização da presente homenagem.

Até à década de 1960, a tradição brasileira referente às instituições de cunho universitário havia favorecido a preparação de profissionais de nível superior, enquanto pouquíssima ênfase havia sido atribuída à formação de pesquisadores e à realização de pesquisa, como responsabilidades inerentes ao próprio conceito de Universidade. As ciências básicas, com maior frequência, funcionavam, apenas, como apoio introdutório à preparação para as disciplinas profissionalizantes dos cursos universitários, o que satisfazia a sociedade brasileira até que alguns dos seus

segmentos passaram a cobrar das Universidades, os trabalhos de pesquisa como obrigação a ser cumprida, inarredavelmente, por essas instituições.

No modelo adotado pelas nossas Universidades até o começo da década de 1960, os recursos à disposição das cátedras dedicadas às ciências básicas, espalhados pelas várias Faculdades, padeciam de fragmentação, que resultou na fragilização do ensino e da pesquisa nessas áreas do saber. O princípio da “não duplicação de meios para fins idênticos”, adotado em lei a partir de 1966, mudou, radicalmente, essa realidade. As Universidades criaram, então, unidades que aglomeraram as cátedras destinadas a cada qual dos ramos básicos do conhecimento. A nova estrutura que, entre outras vantagens, favoreceu a implantação do regime de dedicação exclusiva para número expressivo de membros do corpo docente, assegurou grande aumento e melhoria qualitativa das atividades de pesquisa. A simultânea criação de cursos de mestrado e doutorado, destinados a formar pesquisadores, futuros professores e profissionais com mais sólida base acadêmica, tornou-se a marca das nossas Universidades nas décadas mais recentes.

Após completar o mandato de Reitor, em época na qual a reeleição era legalmente vetada, fui eleito presidente do Conselho Federal de Educação, pelos demais colegas. Durante quase quatro anos, com toda a família, transferi-me para Brasília, onde, além de atender aos afazeres relacionados com a Educação, conheci de perto a máquina do Governo ao nível federal, e relacionei-me com os escalões mais altos da política nacional. Ao longo desses quatro anos, foi se avolumando a minha possível candidatura ao Governo da Bahia, tendo Luiz Viana como principal articulador, com o apoio e a colaboração do ex-governador Lomanto Junior e do deputado e futuro senador Jutahy Magalhães.

Os agradecimentos aos que comigo colaboraram durante o mandato de Governador, se dirigem aos secretários das várias pastas, na condição de representantes dos seus auxiliares. Seria enfadonho e descabido, nesta oportunidade, recitar o elenco de realizações que nos ocuparam durante os quatro anos de intensíssima atividade no Governo do Estado. Prefiro assinalar, apenas, as mais importantes delas em cada pasta, embora registre, assim, uma imagem simplificada do foi aquele período de ação governamental. A análise plena do Governo da Bahia entre 1975 e 1979

figura no segundo volume do livro "Vidas paralelas", a ser brevemente lançado ao público.

No tocante à **economia global do Estado**, o Produto Interno Bruto, no triênio 1975/78, cresceu em 13,1%. No último ano completo do Governo, a mesma taxa foi a 10,9% sobre a do ano anterior, bem superior, portanto, aos indicadores do crescimento do Brasil e do Nordeste, no mesmo ano, conforme dados registrados pela **Secretaria da Fazenda**, da qual foi titular o professor José de Brito Alves.

A **Educação**, figurou como **área prioritária** de atuação do Governo, tendo à frente o saudoso professor Carlos Santana, depois substituído pelo Engenheiro Mário da Costa Neto. A infra-estrutura para o ensino médio estava em grande atraso, ao iniciar-se o mandato, tanto do ponto de vista da oferta de vagas, como do aprendizado prático dos alunos. Pleiteamos e conseguimos da Caixa Econômica Federal, pelo Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social (FAS), financiamento para a construção e o equipamento de dezoito Escolas de 2º Grau, distribuídas por todo o território baiano e equipadas para a necessária ênfase no ensino prático, destinado à profissionalização dos jovens, seguindo pesquisas sobre o mercado de trabalho, por nós realizadas em cada região do Estado.

Na rede estadual da **Saúde**, conduzida pelo meu ex-aluno Ubaldo Dantas, enquanto observávamos os princípios hierarquização e da regionalização dos serviços, atribuímos a devida ênfase à atenção primária. Construimos e equipamos vinte unidades mistas, em diferentes regiões do Estado, constando de amplas instalações para atendimento ambulatorial e vinte e seis leitos para pacientes internados. Afim de tornar-se o vértice de todo o sistema estadual, como Hospital de referência, projetamos, construimos e equipamos, em Salvador, o Hospital, com 360 leitos, a que a Assembléia Legislativa do Estado deu o meu nome.

As **Voluntárias Sociais da Bahia**, dirigidas por Maria Amélia, entre tantos trabalhos de caráter pioneiro em favor das populações carentes do Estado, organizaram o registro civil de grandes números de crianças e adultos que estavam fora do prazo legal e não dispuseram de recursos financeiros para pagar as multas previstas em lei. Subseqüentemente, em várias regiões do país têm sido realizados programas com o mesmo objetivo. Além do apoio generalizado às creches de Salvador, as Voluntárias promoveram a construção e a

instalação de uma "creche-escola" destinada a preparar supervisoras para instituições congêneres.

A **Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social**, dirigida pela professora Ivete Oliveira, teve como projeto prioritário a construção e a instalação de trinta e três Centros Sociais Urbanos, que passaram a abrigar atividades voltadas para a infância para a adolescência e para os idosos, ao lado de cursos vocacionais e de projetos culturais na área das artes, conforme programas decididos pela populações de baixa renda aos quais estavam destinados. Distribuídos por todo o território estadual, foram esses Centros, também, financiados pela Caixa Econômica Federal.

A **Chefia da Casa Civil** foi ocupada, durante a maior parte do mandato, pelo Professor Raymundo Vasconcellos, administrador experiente com forte apoio em conhecimentos jurídicos, trabalhador incansável, de total confiança e lealdade. A **Casa Militar**, sob a chefia do coronel João Mansur, ofereceu enorme ajuda na programação das freqüentíssimas viagens ao interior do Estado.

A **Secretaria de Minas e Energia**, dirigida pelo engenheiro José Mascarenhas, teve a seu cargo a construção da infra-estrutura física do Polo Petroquímico de Camaçari, do qual resultou radical transformação da economia baiana. Realizadas durante o meu mandato, essas obras asseguraram os investimentos industriais que envolveram grandes aplicações de capital, ora de natureza pública e nacional, ora de origem privada e também nacional, assim como de capitais e de tecnologias importados. Ainda a cargo da mesma Secretaria, ocorreu a instalação de mais de cinco mil quilômetros de linhas de eletrificação, servindo a mais de 200 dos 336 municípios em que era, então, dividido o Estado. Entre outras, a região da Chapada Diamantina foi grandemente beneficiado por esses trabalhos.

A infra-estrutura de **Transportes**, sob a direção de Wellington Figueiredo e com Evandro Daltro à frente do Departamento de Estradas de Rodagem, teve o seu período áureo com a construção e a reconstrução de mais de 2.000 Km de estradas estaduais asfaltadas, das quais a mais importante foi a BR-415, ligando Ilhéus a Vitória da Conquista. Extensa rede de estradas vicinais se distribuiu por todo o território estadual. A rede aeroviária regional, por nós criada sob a

designação de Nordeste Linhas Aéreas, contribuiu para impulsionar a economia do Estado.

Na pasta da **Agricultura**, dirigida pelo professor José Guilherme da Mota, a realização material de maior destaque foi a construção do Parque de Exposição de Animais de Salvador, o mais belo de todo o País, ainda hoje. A extensão rural, em toda a Bahia, teve crescimento inusitado por meio da dinamização da Ematerba.

A pasta de **Saneamento e Recursos Hídricos**, cujo titular foi o engenheiro Walter Sanches, entre outras realizações, abrangeu a construção de casas populares. Somente em Salvador, projetamos e construímos os grandes bairros batizados como Mussuranga, Narandiba e Cajazeira, dotados de infra-estrutura física e social. Além disso, melhoramos a qualidade de vida dos usuários de vários outros conjuntos habitacionais, não apenas em Salvador, como no interior do Estado. Estiveram os projetos de casas populares a cargo dos doutores Oscar Marback e Herbert Frank. Os serviços de abastecimento de água e de esgoto estiveram a cargo do Dr. Edison Fontenelle. Elaboramos todo o projeto executivo da represa da Pedra do Cavalo e deixamos iniciada a sua construção.

A **Secretaria de Indústria e Comércio**, sob a chefia do Engenheiro Emanuel Vargas Leal, dedicou-se, sobretudo, a fomentar o turismo. Projetamos e construímos o Centro de Convenções de Salvador, concebido para reduzir a grande sazonalidade que antes existia no fluxo de visitantes à nossa capital. E fomentamos, por várias formas, o turismo no interior do Estado.

Na pasta do **Planejamento, Ciência e Tecnologia**, sob a responsabilidade do economista Edison Pita Lima, tivemos especial carinho com o Parque do Pituaçu, onde foi projetado, construído e equipado o Museu de Ciência e Tecnologia, numa época especialmente oportuna para despertar na juventude o significado do desenvolvimento técnico-científico necessário ao futuro industrial da Bahia. No mesmo Parque, entre várias outras estruturas, construímos o Estádio, ainda sub-aproveitado, para servir, tanto ao futebol como a outras modalidades do atletismo. Integrada a essa Secretaria, funcionou o Conder, sob a orientação de outro economista, o Professor Osmar Sepúlveda que se encarregou, entre outras realizações, da expansão do abastecimento de produtos agrícolas e elaborou vários projetos para a infra-estrutura comum à Região Metropolitana de Salvador.

No propósito de preservar o **Patrimônio Histórico e Cultural** do Estado, sob a orientação dos professores Mário Mendonça de Oliveira e Valentin Calderon,

importantes obras foram realizadas, embora nem todas chegassem a termo, diante das peculiaridades dos trabalhos de restauração, feitos com o devido rigor. Entre muitas outras, abrangeram essas obras, na Cidade do Salvador, as do Solar do Ferrão, da Quinta dos Jesuítas, da Igreja do Rosário dos Pretos, do Solar de São Lazaro, da Faculdade de Medicina, de vários imóveis na Rua Gregório de Matos, além de outras, no interior do Estado.

A **Secretaria de Segurança Pública**, tendo como titular Luiz Artur de Carvalho, promoveu a modernização dos serviços da Polícia Civil, cujos equipamentos foram radicalmente melhorados graças à construção do Departamento de Polícia Técnica, abrangendo o Instituto Médico-Legal, o Instituto de Criminalística e o Instituto de Identificação Pessoal, criteriosamente equipados, representando enorme avanço em relação às anteriores condições de trabalho.

A **Secretaria do Interior e Justiça** teve como titulares, sucessivamente, João Carlos Tourinho Dantas, Edivaldo Brito e Fernando Wilson Magalhães. Mereceu ênfase especial, nessa Secretaria, a assistência ao menor carente, graças ao programa de treinamento de pessoal especializado e à construção do Centro de Recuperação e Triagem de Menores, no bairro do Cabula, sob a orientação do doutor Raimundo Rocha Filho.

Terminado o mandato governamental, diante das minhas fortes dúvidas acerca do futuro político da Bahia e do Brasil sob a presidência do General Figueiredo, voltei às origens, na Universidade Federal da Bahia. No Laboratório de Genética Humana, dirigido por uma ex-discípula, a brilhante professora e futura reitora Eliane Azevedo, encontrei abrigo para continuar a atividade acadêmica, ao colaborar no ensino das disciplinas de Pesquisa Clínica e Pedagogia Médica, no programa do Mestrado em Medicina Interna e Patologia Médica.

Mantive, entretanto, alguma atividade política, participando, com outros ex-governadores e com deputados federais, da campanha para alterar a legislação político-partidária que havia levado ao bipartidarismo. Alterada a legislação, contribuí para a fundação

do Partido Popular, sob a liderança nacional de Tancredo Neves, cuja secção baiana foi por mim organizada. Subsequentemente, devido a um dos “pacotes” eleitorais de inspiração do Palácio do Planalto, o Partido Popular, que vinha crescendo de modo a preocupar os políticos situacionistas, fundiu-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Juntos, formamos o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Quando José Sarney assumiu a Presidência da República, instalou-se a grande corrida quanto aos nomes dos que iriam compor o primeiro escalão do governo. Havia sido entendido com Tancredo que eu assumiria a presidência do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq). Graças ao curto período, de pouco mais de um ano, no exercício daquele cargo, pude aprofundar o conhecimento que tinha sobre o desenvolvimento científico e tecnológico do país, da sua dependência quanto à qualidade da educação nacional, ao lado da absoluta necessidade desse suporte para o progresso econômico e a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro. Desde então, a minha atividade pública passou a girar em torno dessas cogitações, e de como transformá-las em providências de ordem prática.

Estava na Presidência do CNPq quando recebi o convite do Presidente Sarney para exercer o Ministério da Saúde, órgão que foi, logo depois, totalmente transformado pela Constituição de 1988. Quando exerci esse Ministério, tinha ele um orçamento mínimo, que mal dava para as tentativas de prevenção, por meios obsoletos, de algumas doenças transmissíveis. Era essa a consequência remota de um erro de origem na legislação trabalhista. As medidas governamentais de prevenção da saúde, a cargo do Ministério da Saúde, equivocadamente, tiveram, por muitas décadas, comando diverso do das medidas curativas destinadas aos trabalhadores, entregues aos órgãos precursores do Ministério da Previdência.

Na condição de Ministro, felizmente, por pouco tempo, tive de contornar dificuldades que nada tinham a ver com as questões técnicas da política da saúde, que eu estava preparado para enfrentar. Consegui, entretanto, aproximar os Ministérios da Saúde e da Previdência, no tocante às atividades deste último no campo da saúde, aproximação essa que veio a ser, logo após, consagrada pela nova Constituição.

Ao deixar o Ministério, o Presidente Sarney indicou o meu nome para a representação do Brasil no Conselho Administrativo da Organização Mundial da Saúde, sediado em Genebra, o que me permitiu adquirir experiência no trato com os problemas da saúde em âmbito internacional.

Continuava eu, até então, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Quando ocorreu o falecimento trágico e inesperado do Presidente Ulisses Guimarães, esse Partido caiu em mãos que desfiguraram o papel que vinha por ele sendo exercido na política nacional. Seguindo o exemplo de outros políticos, cujo perfil tem aspectos semelhantes ao meu, a exemplo dos governadores Franco Montoro e Mário Covas, decidi transferir a minha filiação para o recém-formado Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), no qual fui muito bem aceito e continuo até agora.

Não encerrei, então, o exercício de funções públicas. Na minha longa carreira de servidor, nunca havia participado de trabalhos legislativos. Mantinha, contudo grande curiosidade a respeito. E era reconhecida a facilidade com que alcançaria ser eleito Deputado Federal. Candidatei-me, em 1994, e, após campanha discreta e comedida, fui eleito com o maior número de votos dentre os candidatos de oposição ao governo local. Exerci esse mandato de quatro anos com alguma satisfação, ao lado de várias decepções. Tive, entre outras, a alegria de participar da Comissão de Comunicação, Ciência, Tecnologia e Informática, e orgulho-me de ter trabalhado em favor da implantação do Conselho de Estudos Avançados e Avaliação Tecnológica da Câmara de Deputados. No final do mandato, publiquei uma coletânea de pronunciamentos feitos em plenário, sob o título **“Um mandato parlamentar a serviço das causas sociais”**. As decepções a que aludi ficaram por conta da indisciplina própria da ação política entre nós, e ao obsoleto regimento da Câmara de Deputados.

Para não me despregar, totalmente, da atividade pública, antes do final do mandato de deputado, pleiteei e obtive do Governo Federal, a nomeação para o Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia, atividade que enseja o convívio de companheiros que partilham comigo a convicção da importância fundamental, para o Brasil e para a Bahia, do desenvolvimento técnico-científico.

Nos últimos anos, não mais me candidatei a qualquer cargo, eletivo ou não. Tenho tido

muito prazer em escrever sobre assuntos diversos, e em participar de atividades da Universidade Federal da Bahia, das Academias de Letras e de Educação, e do Instituto Histórico e Geográfico. Recentemente, publiquei, pela Editora da Universidade Federal da Bahia, sob o título “Reflexões sobre temas da atualidade”, um volume contendo palestras e artigos sobre educação, saúde, ciência e tecnologia e outros assuntos. E tenho pronto para publicação, o segundo volume do livro “Vidas Paralelas”, ao qual já me referi, e que diz respeito aos meus anos de vida desde o falecimento de meu Pai, em 1962.

Assim como fui, ao longo de toda a vida, continuarei sendo, pelos anos que me falem

viver, o eterno estudante a serviço da nossa terra e da Universidade Federal da Bahia. De forma alguma tive a sensação de ócio que acomete alguns dos cidadãos e cidadãs que chegam à terceira idade.

Renovo, nestas palavras finais, a expressão de quanto sou grato aos parentes, aos amigos e às amigas, tanto aos que, com as suas presenças, abrilhantaram esta homenagem, como aos ausentes, pelos votos de congratulações por esta completando oitenta anos bem vividos.

Bahia, 21 de setembro de 2006

Roberto Figueira Santos

## II CICLO DE SEMINÁRIOS SOBRE AS LICENCIATURAS

### SEMINÁRIOS SOBRE AS LICENCIATURAS EM CIÊNCIAS 2006

---

Pronunciamento do Professor Roberto Figueira Santos na instalação dos Seminários sobre as Licenciaturas em Ciências

Em país como o Brasil, tão rico em recursos naturais e com imenso potencial de mercado, revestem-se de especial importância as atividades econômicas ligadas ao progresso técnico-científico. O futuro do nosso povo depende, assim, da maior agregação de valor às matérias-primas e da maior eficiência na produção e na distribuição de bens e serviços. Por sua vez, tudo isso se relaciona, estreitamente, à **melhoria da qualidade da educação** em seus vários níveis, para todos os segmentos da população. Não há como esquecer que, quanto maior a capacidade de criação e de renovação dos conhecimentos baseados na pesquisa científica e no desenvolvimento da tecnologia, mais dinâmica será a economia do país, a gerar maiores oportunidades de empregos bem remunerados e a influenciar favoravelmente o bem-estar da população. Cabe às lideranças nacionais agir tendo em mente esse princípio.

É muito recente, ainda, no Brasil, a expansão do ensino básico, com redução expressiva do número de crianças em idade escolar que não frequentam a escola fundamental. Foi esse um grande passo à frente, no tocante à educação básica de grandes contingentes populacionais. Porém, logo se evidenciou a **enorme dimensão** da próxima dificuldade a ser enfrentada: a da qualidade desse ensino, para que o aprendizado dele decorrente tenha as conseqüências esperadas. Ressalvadas as habituais exceções, a questão da qualidade do ensino sempre deixou a desejar entre nós. Os problemas a ela pertinentes tornaram-se ainda muito mais graves diante da recente e rápida expansão do alunado.

Não eram poucas as dificuldades que vinham de mais tempo emperrando a melhoria da qualidade da educação. Cabe citar, como exemplos: a remuneração da maioria do pessoal do magistério fundamental; a deficiência na preparação de bom número desses professores; as precariedades da infra-estrutura física de algumas escolas; a pobreza do material didático; o comportamento de muitos alunos, tendente à violência. Conforme levantamento feito, recentemente, pela Fundação Getúlio Vargas, somente 5% das escolas públicas e 31% das escolas privadas do ensino fundamental, no Brasil, contam com laboratórios didáticos de

ciências. Para as escolas de ensino médio, os percentuais correspondentes são, respectivamente, de 37% e 66%. A essas dificuldades, acrescentaram-se, nos últimos tempos, as de adaptação de grandes números de jovens oriundos de **famílias inteiras que jamais frequentaram qualquer escola** e que estão optaram, recentemente, por submeter-se ao mínimo de disciplina e de esforço mental organizado, próprios do ambiente escolar.

Foi, especialmente, quanto ao ensino das ciências exatas e da natureza, que mais se agravou a questão da melhoria da qualidade da educação, com que se defronta a atual geração. De outra parte, deve caber à escola e aos professores de ciências, criar nos jovens de hoje a motivação que os fará acompanhar a evolução dos conhecimentos pertinentes ao seu ganha-pão, ao longo da vida, por todos os meios disponíveis, e mediante a linguagem que for mais adequada. Cumpre lembrar que, em geral, esses conhecimentos estão em constante renovação, em ritmo cada vez mais rápido.

A **herança cultural** da presente geração de brasileiros não nos foi propícia, no tocante à prioridade atribuída à educação. Muitas das lideranças nacionais do passado não se mostraram suficientemente sensíveis à importância dessa prioridade. Mais ainda, o conteúdo cultural dessa herança, historicamente, favoreceu mais as artes do que as ciências.

A divulgação científica pelos modernos meios de comunicação de massa, figura entre os instrumentos de maior eficácia, para que a população geral se mantenha informada acerca de como funcionam muitos dos bens e serviços imprescindíveis aos cidadãos e às coletividades, no mundo de hoje. Também essa divulgação está a merecer ênfase muito maior do que tem tido até agora. Na base de tudo isso, entretanto, sempre estarão os conhecimentos adquiridos e as motivações despertadas na escola, quando apresentados segundo os processos mais recomendáveis da pedagogia, que devem dar ênfase à transitoriedade de tudo o que é ensinado.

Em meio a tão variados fatores dos quais depende a qualidade da educação, avulta, como da maior importância, o da formação dos professores. Muitas das nossas lideranças despertaram com atraso, também, para a exata

percepção do seu significado. Convém lembrar que datam, apenas, de pouco mais de setenta anos, as oportunidades de **formação pedagógica** para os professores do atual ensino médio e da fase do ensino fundamental correspondente ao antigo ginásio. Foi esse um dos grandes serviços prestados, desde a sua origem, pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

No último decênio, graças à promulgação da segunda Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, vêm ocorrendo alterações legais quanto à formação exigida dos professores da fase inicial do ensino fundamental. Evidenciaram-se, então, as deficiências, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo, na preparação dos profissionais da educação, necessários ao atendimento de uma demanda que **crece** a largos passos. Surgiram grandes lacunas, não corrigidas a tempo, e que têm sido particularmente graves, no tocante às licenciaturas das ciências exatas e naturais.

Aparece como absolutamente necessária, a constante busca de respostas a tão relevantes questões. Com esse intuito, a Academia Baiana de Educação está oferecendo a sua contribuição. Durante o ano acadêmico de 2005 realizamos um ciclo de seis seminários sobre aspectos atuais do aprimoramento dos programas dos cursos de licenciatura, apreciados genericamente. A elevada qualidade das palestras e dos debates, assim como, a enorme afluência dos interessados naqueles seminários, estimularam-nos para que programássemos um segundo ciclo, que agora se inicia. Para o ano corrente, escolhemos como tema as licenciaturas em ciências exatas e naturais, por entendermos que nesse campo residem os mais urgentes problemas. Novos métodos e novos processos vêm sendo praticados, envolvendo conceitos atualizados, inclusive os referentes ao emprego dos modernos meios de comunicação de massa. Tais inovações necessitam, evidentemente, ser criteriosamente analisadas, divulgadas, e avaliadas, antes que a sua adoção seja mais difundida.

Procuramos, para isso, identificar alguns dos estudiosos do assunto, de grande destaque no país, tanto do ensino público como do privado. Quero agradecer aos que acederam ao nosso convite e nos estão proporcionando a honra da sua colaboração. Quero, igualmente, dar as boas-vindas aos licenciados, aos bacharéis e aos estudantes, atuais e futuros professores, que tanto nos alegram com o seu comparecimento. Desejo, ainda, agradecer à Construtora Norberto Odebrecht o apoio financeiro a nós proporcionado para esse fim, e às Faculdades Olga Mettig que, a exemplo do ocorrido em 2.005, colocaram, à nossa disposição, o excelente espaço que ora estamos ocupando.

Mãos à obra, portanto, na certeza de alcançarmos, no ano em curso, sucesso igual ou superior ao verificado no ano de 2005.

Bahia, 9 de agosto de 2006

Roberto Figueira Santos

Pronunciamento do Professor Roberto Figueira Santos, na abertura da sessão solene para a outorga do título de "Educador do Ano 2.006", ao Professor Astor de Castro Pessoa.

Difícilmente se encontra em nosso meio, "curriculum vitae" tão rico, nas áreas da Educação e da Cultura, quanto o do Professor Astor de Castro Pessoa. Em sua vida profissional, tem o homenageado de hoje ocupado vários cargos e exercido múltiplas funções, durante uma longa trajetória. Autor da indicação que resultou na escolha, por esta Academia Baiana de Educação, do nome do Professor Astor para a outorga do título de Educador do Ano de 2.006, o Acadêmico José Nilton Carvalho Pereira logo o saudará, e se estenderá na apresentação dos justos motivos que nos levaram a aprovar, unanimemente, a presente homenagem. Desejo, entretanto, destacar duas oportunidades que fazem parte da vasta relação dos títulos de Astor, e das quais posso dar testemunho pessoal.

A primeira é representada pela valiosa colaboração por ele oferecida, na condição de Diretor do Ensino do 1º. Grau, à gestão do Professor Carlos Santana à frente da Secretaria da Educação e Cultura, quando tive a honra de governar a Bahia. Esteve sob a responsabilidade do Professor Astor a elaboração do diagnóstico da Educação do 1º. Grau no Estado da Bahia, que conduziu à redefinição de problemas crônicos e à busca de soluções novas para tão relevantes questões. Figura no seu "curriculum vitae" a preparação dos documentos básicos para a implantação do Projeto de Habilitação de Professores Leigos Municipais, conhecido pela sigla HAPROL, que, a seu tempo, trouxe enormes

benefícios para a qualidade do ensino nas escolas rurais baianas e cujo significado foi objeto de manifestações altamente favoráveis das autoridades municipais interessadas na área da educação. Outro item do programa a seu cargo na mesma ocasião, incluiu a assistência técnico-financeira aos municípios durante a intensa municipalização do ensino do 1º. Grau. O "curriculum vitae" do Professor Astor registra, também, os títulos de Homenageado Especial conferidos, na mesma época, por vários dos grandes complexos escolares da Bahia.

Outro motivo a justificar o título de Educador do Ano 2.006, conferido ao Professor Astor de Castro Pessoa, e do qual posso dar testemunho pessoal, está na sua contribuição aos trabalhos desta Academia Baiana de Educação. Invariavelmente, por numerosas razões e para o cumprimento das mais variadas tarefas, Astor tem estado sempre disposto e pronto a oferecer seus préstimos aos confrades e, em especial, aos dirigentes da Academia. Pela sua permanente boa vontade e tranqüila eficiência, somos, unanimemente, gratos ao nosso homenageado desta noite.

Bahia, 2 de agosto de 2006

Roberto Figueira Santos

## HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Palestra pronunciada na oportunidade das comemorações dos 60 anos da UFBA.

*Roberto Figueira Santos*

Ex-Reitor da UFBA

Ao instalar-se o presente seminário, em comemoração dos 60 anos transcorridos desde a criação da Universidade Federal da Bahia, cabe-me **saudar a presença** dos visitantes oriundos de países amigos, dos reitores de outras unidades da nossa República Federativa, assim como dos colegas das demais Universidades situadas na Bahia. A todos, pois, os nossos votos de boas-vindas. Dirijo-me, igualmente, aos professores, alunos e funcionários da nossa própria Casa, e a todos quantos nos honram com as suas presenças, rejubilados que estamos com as demonstrações de apreço e de reconhecimento pelos serviços que a UFBA tem prestado à comunidade baiana.

Em verdade, mesmo para um país relativamente jovem como o Brasil, sessenta anos representam, ainda, um período curto para a vida de uma Universidade, tendo em vista a alta complexidade dos encargos a nós atribuídos. A secular demora na criação desta nossa instituição, tem explicações que se confundem com a evolução social, política e econômica do Brasil e, em especial, com a história da educação em nosso país. Permitam-me que, de forma resumida, relembre os principais lances do nosso passado universitário, o que servirá de lastro para considerações sobre o futuro.

Durante séculos, não foi permitida a oficialização dos estudos de nível superior realizados no território do Brasil, embora não tivessem faltado corajosos esforços das autoridades locais junto às instâncias das quais dependíamos. Num país onde nem sempre se encontram registros convincentes acerca de fatos históricos de muita relevância, é impressionante a documentação disponível sobre as sucessivas petições originadas nesta Cidade do Salvador, visando a equiparação dos cursos aqui realizados aos das Universidades de Évora e de Coimbra. Essa documentação, reunida em livro pelo Professor Alberto Silva, se estende por mais de duzentos anos, a partir do século XVI. Inicialmente, assinadas pelas autoridades eclesiásticas, e dirigidas a Lisboa e a Roma, e, mais tarde, subscritas pelas autoridades civis desta terra, **todas** essas petições foram explicitamente **recusadas** ou por longo tempo, **ignoradas**. Em conseqüência, os jovens que aqui viviam e reuniam condições para realizar cursos superiores, deslocaram-se para a Europa, afim de continuar seus estudos. E isso ocorreu com número apreciável de brasileiros, muitos dos quais voltaram para exercer na sua terra, o que haviam aprendido fora daqui.

Conforme é de geral conhecimento em nosso meio, com data do começo de 1.808, um dos primeiros atos da realeza de Portugal ao transferir-se do país de origem para o Brasil, foi a criação da "Escola de Cirurgia", precursora da Faculdade de Medicina que integra a Universidade Federal da Bahia. Registra-se, assim, o primeiro passo dado no Brasil, no sentido da evolução de entidades que vieram a responsabilizar-se pela formação de profissionais com nível superior de educação. No início do século XIX, antes de proclamada a nossa independência, ainda com a presença da família real portuguesa em território brasileiro, foram instalados outros cursos para a preparação dos profissionais dos quais a população necessitava com a maior urgência. Na área da saúde, além do situado em Salvador e já mencionado, instalou-se outro, no mesmo ano, no Rio de Janeiro. No campo do Direito, instituíram-se, também, um em São Paulo e outro em Recife. A Escola Central do Exército, criada poucos anos depois, desempenhou, parcialmente, o papel de uma Escola Politécnica.

Implantaram-se esses cursos sem qualquer vínculo com outras entidades de natureza cultural – nem com outras escolas superiores para configurarem uma Universidade, nem, tão pouco, com Academias ou Sociedades científicas e literárias. As Faculdades resultantes da evolução desses cursos, foram completas em si mesmas, pois cada qual oferecia o ensino de todas as disciplinas necessárias à obtenção do diploma, incluindo as disciplinas básicas, de feitiço propedêutico e as que transmitem os conhecimentos, as habilidades e as atitudes pertinentes ao exercício de uma profissão.

Foi este o modelo único e exclusivo – o de escolas profissionais isoladas e completas em si mesmas – que serviu a todos os estabelecimentos de ensino superior que funcionaram no Brasil até o **começo da década de 1930**. Tratava-se de adaptações do modelo francês, dito "napoleônico". Malgrado os imensos serviços prestados pelas Escolas organizadas segundo esse modelo, ao longo de mais de um século, significaram elas nova demora na implantação de Universidades que tivessem como **compromissos institucionais**, além da formação de profissionais, outros objetivos culturais mais amplos, inclusive a realização de pesquisas técnico-científicas de finalidade utilitária. Todo o pessoal docente dessas Faculdades trabalhava em regime de tempo parcial. Curiosamente, das escassas pesquisas científicas registradas em nosso meio ao longo do século XIX e no

começo do século XX, poucas se originaram nas Faculdades. Realizaram-se esses trabalhos, predominantemente, em instituições especializadas nas áreas da saúde e da agricultura, ligadas ou não ao poder público, afim de atender a problemas urgentes da sociedade. Os estabelecimentos de ensino não costumavam ocupar-se, então, com especulações de ordem puramente intelectual, desligadas, sistematicamente, do preparo de recursos humanos, nem com a solução de problemas de natureza econômica ou social, que dependessem da ampliação das fronteiras do conhecimento, sob os rigores do método científico.

Continuou, assim, ao longo da nossa história, a demora no início do funcionamento das Universidades. Depois de o Brasil haver proclamado a sua independência e tornar-se um Império, e ainda durante as primeiras décadas após a implantação, em 1889, do regime republicano, frustraram-se as várias tentativas de criação, **com feitiço universitário**, de instituições de ensino superior. De fato, essas tentativas não tiveram força suficiente para superar o prestígio adquirido pelas escolas profissionais isoladas. Somente na primeira metade da década de 1930, saíram do papel e **entraram em funcionamento** as nossas primeiras Universidades, a de S. Paulo e a do Distrito Federal (então no Rio de Janeiro), como resultados da **aglomeração de Faculdades existentes**. As mais antigas Universidades no nosso país têm, pois, **com essa configuração**, pouco mais de **setenta anos**, embora algumas incorporassem entidades muito mais antigas.

As duas primeiras Universidades a **funcionar** no Brasil – a de S. Paulo e a do Distrito Federal – muito diferentes, uma da outra, tiveram destinos também diversos entre si. Cada qual a seu modo, contudo, mostrou que valeu a pena a junção de escolas superiores para formarem uma nova entidade. Teve continuidade, por isso, entre as autoridades educacionais, a intenção de **criar outras Universidades**.

Qual era a situação do ensino superior na Bahia, na década seguinte, em 1946, quando surgiu a oportunidade da criação de uma Universidade conforme o modelo então adotado, que era o da aglutinação de Faculdades nos maiores centros demográficos, e em que **todo** o pessoal docente trabalhava em **regime de tempo parcial**?

Em pleno funcionamento, em Salvador, estava a Faculdade de Medicina cujas raízes datavam de quase século e meio. Mantida com recursos federais, ocupava prédio de sólida construção, que abrigava a administração, a biblioteca e os laboratórios das disciplinas pré-clínicas, ocupados por equipamento didático parcialmente importado da Europa. O ensino clínico era oferecido em Hospital de caridade, mantido pela Santa Casa da

Misericórdia, com ajuda financeira da própria Faculdade. Vários dos professores haviam feito estágios em hospitais europeus, predominantemente franceses, e o currículo era calcado, igualmente, na tradição francesa. Anexos à Faculdade de Medicina funcionavam os cursos superiores de Odontologia e de Farmácia. A Faculdade de Direito, com cerca de meio século de existência, mantida por uma instituição privada, estava bem instalada, fisicamente e contava com um corpo docente que incluía advogados e juizes de renome, além de bacharéis em direito com apreciável tradição política. A Escola Politécnica, nascida como instituição privada e, subsequentemente, vinculada, ora ao Governo da Bahia, ora ao Governo Federal, possuía, no corpo docente, profissionais de reconhecida experiência. Era, porem, servida por laboratórios didáticos precariamente equipados. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, também privada, era de criação recente e possuía um corpo docente com respeitável projeção acadêmica e social. As suas instalações deixavam muito a desejar, sobretudo depois que cresceu, rapidamente, o número dos alunos. Eram particularmente precários, os laboratórios que serviam às áreas das ciências. A Faculdade de Ciências Econômicas e Contábeis, mantida por empresários locais, tinha por objetivo formar pessoal para atender às necessidades imediatas de empregos no comércio da cidade. E a Escola de Belas Artes havia sido iniciada por um grupo de artistas que ofereciam cursos livres dificilmente habilitados ao reconhecimento oficial, como sendo de nível universitário. Cumpre repisar, a despeito do cunho repetitivo dessa afirmação, que não havia nenhum docente em regime de dedicação exclusiva. Esta era a nossa tradição, que somente **começou** a ser alterada há menos de cinquenta anos.

Assim era o ensino superior na Bahia do meado da década de 1940, quando, no mundo, as forças da democracia haviam derrubado as ditaduras nazi-fascistas e, no Brasil, o governo ditatorial de Getúlio Vargas cedera lugar à redemocratização. Fora eleito Presidente da República, o General Eurico Gaspar Dutra, que nomeou seu Ministro da Educação o Professor Ernesto de Souza Campos. Catedrático de Microbiologia da Universidade de S. Paulo e Doutor em Saúde Pública pelo famoso curso da Universidade de Johns Hopkins, o novo Ministro esclareceu junto ao Presidente Dutra a importância que teria a implantação de duas Universidades Federais no Nordeste Brasileiro, respectivamente, em Salvador da Bahia, e em Recife, no Estado de Pernambuco. Assim, nasceu em 1946, sob a liderança do Professor Edgard Santos, a **Universidade da Bahia, pela aglomeração das Faculdades** mencionadas, com

objetivos de natureza cultural que ultrapassavam a soma dos propósitos das unidades que a compunham. Seguindo o modelo anteriormente adotado nas Universidades de S. Paulo e do Distrito Federal, ao se unirem para constituir a Universidade da Bahia, **cada Faculdade preservou**, os dispositivos para o ensino das disciplinas básicas, assim como, os destinados à formação profissional.

Esse modelo de estabelecimento de ensino superior, adotado por todas as Universidades criadas no Brasil entre as décadas de 1930 e o ano de 1960, resultava na fragmentação dos recursos humanos, materiais e financeiros destinados aos setores básicos do conhecimento (matemática, física, química, biologia, geo-ciências, filosofia, ciências humanas e letras), o que fragilizava os trabalhos dos departamentos correspondentes e atrasava o desenvolvimento das atividades de pesquisa e de formação de professores.

Após a criação das primeiras Universidades, as antigas Faculdades conheceram notável surto de progresso material. A integração verificada do ponto de vista administrativo e financeiro, entretanto, não ocorreu sob o ângulo das **atividades acadêmicas**, uma vez que continuava a pulverização, entre diferentes unidades, dos dispositivos referentes a cada ramo das ciências básicas. Como era praxe entre nós, nos "currícula" oferecidos para a atribuição de diplomas de nível superior, as ciências básicas funcionavam, apenas, como simples apoio ao preparo para as diferentes categorias de profissionais.

Quando se articularam as Faculdades locais para constituir a Universidade da Bahia, havia cerca de dez anos que a nossa Faculdade de Medicina vinha sendo dirigida por um dos Professores de Clínica Cirúrgica, o Dr. Edgard Rego Santos que, logo, se destacou na liderança do processo de criação da nova entidade. Instalada a Universidade, o Professor Edgard Santos foi escolhido seu primeiro Reitor e permaneceu no cargo durante quinze anos consecutivos, mediante eleições que se repetiram a cada três anos. Ao lado dele, outros baianos ilustres, com **projeção nacional** nas áreas cultural e política, junto ao Governo da República, muito contribuíram para a consolidação da nova Universidade.

A fase inicial da vida da instituição, muito trabalhosa do ponto de vista administrativo, incluiu a adaptação de todas as Faculdades às normas do serviço público federal, o que para a maioria delas, assegurou a captação de verbas do orçamento da União, em escala muito superior aos recursos financeiros de que dispunham antes de integrarem a Universidade. De outra parte, coube às unidades universitárias elaborar regras comuns de convivência e ajustar-se a essas novas práticas, o que nem sempre foi fácil, pois estavam, até en-

tão, habituadas a resolver internamente os seus mais variados problemas. Cresceram as dificuldades quando o primeiro Reitor cuidou de implantar cursos que não existiam entre nós, destinados a formar categorias de profissionais necessários ao desenvolvimento do Brasil e da Bahia, e que não haviam ainda angariado **prestígio social** comparável ao dos egressos das Faculdades originais. A competência, a autoridade moral e a habilidade política do Reitor Edgard Santos constituíram fatores essenciais ao sucesso dessa fase da nossa história.

Ocorreu, assim, a expansão dos serviços prestados pela Universidade da Bahia, nas mais diversas direções. Todas as Faculdades tiveram ampliadas suas instalações e o equipamento didático de que dispunham, de forma **nunca** dantes observada. As atividades relacionadas à formação dos recursos humanos da **Saúde** atingiram padrões desconhecidos no nordeste e no norte do Brasil, graças ao início do funcionamento do **Hospital das Clínicas** da Faculdade de Medicina, de todos o projeto que mereceu a mais cuidadosa atenção do Reitor, e cuja execução começara quando era ele, ainda, Diretor da mesma Faculdade. Foi este, talvez, o mais importante evento na área da Saúde, na Bahia, ao longo de todo o século XX. Particularmente beneficiada foi a área das **Artes**, em termos completamente inovadores para o meio universitário brasileiro. Nos campos da Música, do Teatro, da Dança, Edgard identificou, por todo o Brasil e na Europa, artistas de grande mérito que, atraídos para a Universidade, revelaram-se líderes capazes de transformar o panorama cultural da nossa terra. A eles o Reitor emprestou total apoio e propiciou as melhores condições de trabalho que o ambiente comportava.

Entre os cursos criados por iniciativa do Reitor Edgard, incluíram-se os de Enfermagem, Administração, Geo-Ciências, Nutrição, Biblioteconomia, Jornalismo, além de outros. A **assistência ao estudante** adquiriu feição inteiramente nova dentro de todo o país, e mereceu a constante atenção pessoal de Edgard. A legislação da época permitia a recondução do Reitor por tempo indeterminado, e durante os quinze anos do reitorado de Edgard Santos, a Universidade viveu clima de progresso e otimismo, apesar das críticas de uma persistente minoria.

Nas sucessivas fases da nossa história, os estabelecimentos de ensino superior reunidos para formar a Universidade Federal da Bahia vêm contribuindo, de maneira essencial, para criar a identidade que caracteriza a gente baiana como uma sociedade multiétnica, multicultural, progressista e amante da paz. Os recursos humanos preparados por esta instituição têm acompanhado a evolução que se observa no mundo em prol da melhor qua-

lidade de vida baseada no humanismo e nos avanços da ciência e da tecnologia.

Historicamente, a quase totalidade dos brasileiros tem reconhecido a formação de bons profissionais como sendo a essência da missão universitária. Era, também, assim, na Bahia. Vinculava-se a nossa população, até à década de 1970, a uma economia de modelo agrícola-exportador. A tradição vigente não encorajava a expansão das fronteiras do conhecimento com a participação das Universidades, fosse pela formação sistemática de pesquisadores, fosse pela realização de pesquisas. Havia tido pouca ênfase nas Faculdades que se aglutinaram para formar as primeiras Universidades, o **compromisso institucional** de participarem dos processos de inovação visando a maior competitividade dos nossos produtos nos mercados interno e externo. Originavam-se da iniciativa individual de alguns professores, algumas pesquisas então realizadas. Têm sido impressionantes as mudanças de atitude a esse respeito, nas décadas mais recentes, a partir de quando o ritmo de desenvolvimento do Brasil se acelerou, nos anos próximos a 1960, coincidindo com o Governo do Presidente Juscelino Kubitschek. A sociedade passou a perceber a inadiável necessidade do mais profundo conhecimento da nossa própria realidade, mediante a **investigação técnico-científica**, objetivando a melhor exploração do potencial de progresso sócio-econômico do país, diante das peculiaridades das nossas matérias-primas, do nosso mercado e da nossa mão-de-obra.

Como principal causa dessa deficiência, identificou-se a mencionada **pulverização**, entre as unidades de cada universidade, dos dispositivos para o ensino e a pesquisa nas ciências básicas. Logo diremos por que. Exemplificando, para maior clareza, lembraremos que, em cada Universidade, existiam várias cátedras de Matemática esparsas pelas Faculdades de Engenharia, de Filosofia, de Arquitetura, de Economia, e outras. Idêntica tradição ocorria nas áreas da Física, da Química, das Geo-Ciências, das Ciências Humanas, e dos demais ramos básicos do conhecimento. Proporcionalmente à dimensão dos programas de cada entidade, de modo geral, essas cátedras não atingiam "massa crítica" para oferecer bons projetos de pesquisas e de pós-graduação. Ressalvadas umas poucas Faculdades, já então, envolvidas, institucionalmente, na busca de novos conhecimentos, a maioria das Universidades brasileiras não vinha atingindo o nível de produção intelectual desejável nas atividades de **pesquisa e de pós-graduação**.

Pela sua própria natureza, nas cátedras ou departamentos de ciências básicas, mais facilmente do que poderia ter ocorrido nos destinados às

disciplinas profissionalizantes, verificou-se a expansão do regime de **dedicação exclusiva do pessoal docente**, inegavelmente favorável às atividades de pesquisa. Não existia **nas instituições federais** de ensino superior daqueles tempos, regime salarial compatível com a dedicação exclusiva do magistério. O atraso na adoção desse regime, havia resultado, em grande parte, da maior ênfase atribuída às disciplinas de preparo profissional, a cargo de professores que, além das tarefas universitárias, tinham outros compromissos e outras fontes de renda na sociedade. Mais ainda: o pessoal docente encarregado das ciências básicas, não tendo a sua atenção dividida com as tarefas não-acadêmicas, pode estreitar o contato direto com as rigorosas exigências da aplicação do método científico. Apesar de alguma resistência em regiões do país onde a economia era menos dinâmica, o nítido resultado dessas providências foi o pronto incremento da pesquisa e da pós-graduação. Tem sido esta, aliás, a marca da evolução das Universidades brasileiras nas últimas três a quatro décadas.

Durante a construção da cidade de Brasília, inaugurada em 1961, os educadores brasileiros Anísio Teixeira e Darci Ribeiro idealizaram uma Universidade nova para a futura Capital do País. De forma pioneira, nela se atribuiu aos setores básicos do conhecimento uma prioridade inexistente nas instituições congêneres criadas até àquela data. Projetou-se, assim, a Universidade de Brasília para um ambiente onde nada existira antes, no campo da educação superior. Entreviui Edgard Santos, no período final do seu Reitorado, a perspectiva de fazer da Universidade Federal da Bahia, **com toda a sua tradição**, um **modelo de adaptação aos novos postulados**, por parte de uma Universidade cujas raízes datavam do começo do século XIX. Nesse meio tempo, frustrou-se a experiência originada em Brasília, por motivos políticos. Porém, o seu ideário, não apenas sobreviveu, como serviu de inspiração para que os membros do Conselho Federal de Educação preparassem os documentos básicos para a reestruturação das Universidades brasileiras, que serviram à elaboração de documentos legais datados dos anos 1966 e 67. A estrutura modernizada das Universidades teve como alvo principal a maior valorização dos setores básicos do conhecimento, e obedeceu a legislação elaborada por educadores **brasileiros** de incontestável competência, do mais elevado padrão ético e de convicções políticas merecedoras do máximo respeito. Apesar do muito que se tem falado e escrito, equivocadamente, essa reestruturação nada teve a ver com dispositivos de muito menor significação, a exemplo dos relacionados à preparação de listas de nomes para a escolha dos dirigentes universitários e à repre-

sentação estudantil em órgãos gestores das instituições, os quais figuraram em legislação posterior, datada de 1969.

A Universidade Federal da Bahia, graças aos estudos que vinham amadurecendo desde os Reitorados de Edgard Santos, Albérico Fraga e Miguel Calmon, tornou-se pioneira na implantação da nova estrutura, lastreada nos postulados de Anísio e Darci e na legislação de 1966/67, elaborada pelo Conselho Federal de Educação. A segunda metade da década de 1960 foi marcada, **em todo o Brasil**, pela modernização das Universidades no sentido de **evitar-se a duplicação de meios para fins idênticos**. Continuando a exemplificar com a Matemática, para maior clareza, dentro da mesma Universidade, na nova estrutura, todos os dispositivos dedicados ao ensino e à pesquisa naquele ramo da ciência, oriundos das diversas Faculdades, foram aglutinados para constituir uma só unidade, com dimensão mais adequada ao cumprimento de programas de pós-graduação e de pesquisa. Providência análoga ocorreu em relação a cada qual dos demais ramos das ciências básicas, inclusive das disciplinas pré-clínicas da área da Saúde. Para cada setor das disciplinas básicas, criou-se uma unidade universitária, com a designação de "Instituto", com instalações próprias, para esse fim construídas e equipadas. As disciplinas formadoras das várias profissões continuaram reunidas sob a tradicional designação de "Faculdade". A implantação da nova estrutura na Universidade Federal da Bahia, ocorreu, preponderantemente, durante o meu mandato de Reitor, entre 1967 e 1971.

Tem sido esta, portanto, a marca da evolução das nossas Universidades nas últimas quatro décadas. As conseqüências dessa reestruturação logo se fizeram sentir, conforme fora planejado. Exemplificando, mais uma vez: como resultado dessas providências, **em âmbito nacional**, a produção de artigos publicados em periódicos categorizados, saltou de menos de 2.000 em 1981, para 10.500 em 2.001. E, quanto à pós-graduação "stricto sensu", nos termos da nossa regulamentação, ao longo da década de 1990, o número de mestres diplomados, anualmente, subiu de 7.000 para 20.000, enquanto a diplomação de doutores saltava de cerca de 1.200 para mais de 6.000. A Universidade Federal da Bahia, em 2.002, de um total de 1.700 docentes de diversas categorias, contava com mais de 1.100 em regime de tempo integral, dos quais cerca de 600 eram doutores e mais de 430 tinham o título de mestre. O ótimo desempenho da pós-graduação na UFBa atraiu, em 2.005, nada menos que 500 bolsas de mestrado oferecidas por várias instituições de fomento, assim como mais de 200 bolsas de doutorado. Essa extraordinária expansão da pesquisa e da

pós-graduação certamente não teria ocorrido se houvesse sobrevivido a antiga estrutura. Atuando sobre práticas já consagradas entre nós, nota-se atenuação da influência francesa do passado, enquanto é reforçada a presença da tradição alemã, representada pela Universidade "humboldtiana", que já havia deixado sua marca em parcela expressiva do ensino superior norte-americano.

Quando ainda em curso esse processo inovador, ocorreu, no país, uma enorme **expansão do ensino nos níveis fundamental e médio**, o que resultou num grande e rápido aumento no número de **candidatos aos estudos superiores**. Ao mesmo tempo, o mercado de trabalho se tornou muito mais exigente do que antes, em relação à escolaridade compatível com o exercício de empregos melhor remunerados. Nesse conjunto de circunstâncias, as finanças do Poder Público se revelaram insuficientes para o correspondente aumento da rede oficial de ensino superior de boa qualidade, e a iniciativa privada encontrou campo aberto à expansão que se vem testemunhando.

Afim de atender à crescente demanda da sociedade, à medida que passaram os anos, foi se tornando evidente que a rede de Universidades privadas não teria como substituir, substancialmente, a rede pública no exercício da **função pesquisa**. Havia sido, justamente, para ajustar-se a esse campo de atuação, que as Universidades públicas se haviam submetido, com sucesso, à reestruturação desencadeada na década de 1960.

Ainda não é unânime entre as lideranças do nosso país, a convicção de que a função pesquisa seja parcela essencial à vida universitária. A formação de pesquisadores e o preparo sistemático dos futuros professores para o nível superior de ensino, têm de estar afetos às universidades, ou deixarão de existir nas sociedades que negligenciarem essas obrigações. Não há como substituir, no nosso ambiente acadêmico, as Universidades **públicas** nesse mister. E qualquer sociedade que prescindir da pesquisa técnico-científica na presente "era do conhecimento", não terá como adaptar-se ao mundo moderno e irá retroceder.

Ao atingir 60 anos desde a sua fundação, a Universidade Federal da Bahia vem assumindo novos encargos. Sabem os nossos conterrâneos que a bela Capital do Estado e a região que a circunda, conhecida como Recôncavo Baiano, constituem o principal centro demográfico, econômico e cultural do Estado da Bahia, que ocupa área superior a 560.000Km<sup>2</sup>, e excede, portanto, a de vários países europeus, inclusive a da França. A Cidade do Salvador e a região circunjacente, historicamente, têm absorvido a maior parte dos investimentos destinados à infra-estrutura física e social, e oferecido a parcela maior dos empregos melhor remunerados, em todo o Estado. Deverá

ser essa a razão pela qual, diferentemente de outras unidades da Federação, a Bahia, até bem pouco tempo, tenha contado com uma, e apenas uma, instituição de ensino superior **mantida pelo Governo Federal**, e que se situa, naturalmente, em Salvador.

Começa, entretanto, a modificar-se essa realidade. De um lado, a própria Universidade Federal da Bahia está se desdobrando em unidades situadas no interior do Estado, a exemplo do Campus Anísio Teixeira, em Vitória de Conquista, e do Campus Edgard Santos, em Barreiras. E o Governo Federal está instalando duas outras instituições universitárias com o feitiço “multicampi”, sendo uma, em municípios do Recôncavo Baiano e outra, parcialmente implantada na Bahia, na Cidade de Juazeiro, que a divide com a vizinha Cidade de Petrolina, no Estado de Pernambuco. Além dessas, conta a Bahia com quatro Universidades mantidas pelo Governo do Estado e expressivo número de estabelecimentos privados de ensino superior.

É esta uma nova fase da nossa instituição, para a qual será necessário mobilizar recursos de várias naturezas, e que surge como promessa de grande valor para a realização do imenso potencial de riqueza do Estado e para a melhoria da qualidade de vida do nosso povo.

Simultaneamente, a Universidade Federal da Bahia, graças às inovações na **política de admissão** dos alunos de graduação, tem se mostrado capaz de iniciativas pioneiras na promoção social de categorias da população até agora menos favorecidas.

O Reitor Naomar Almeida tem demonstrado imaginação, coragem e entusiasmo ao liderar esses movimentos que hão de ter como consequência, o maior dinamismo das atividades culturais e da economia do Estado, na integralidade do seu território. Será esse fator dos mais importantes para a melhoria dos indicadores de desigualdade econômica e social que nos constroem, a nós brasileiros, e a nós, baianos, até agora.

Os novos encargos assumidos por esta Universidade representam acréscimos ao núcleo existente, atualmente, em Salvador, resultado de esforço imenso dos seus professores, alunos e funcionários. As comemorações dos 60 anos foram concebidas, em grande parte, para analisar a história e formular propostas quanto ao futuro. Não posso nem devo antecipar-me ao que serão as recomendações da coletividade. Mas, vou aventurar-me a resumir o que foi dito e que parece irrefutável: as realizações da UFBA no domínio da formação de profissionais deverão merecer constante aprimoramento, graças ao crescimento dos minguados recursos orçamentários, que têm limitado as aspirações da instituição. Afim de atender

às exigências de uma economia em que passaram a predominar a indústria e os serviços, em substituição à base agrícola-exportadora do passado, é imprescindível a constante adaptação da UFBA à nova realidade. O papel da Universidade, será, também, o de intensificar a participação que sempre tivemos no desenvolvimento artístico-cultural da nossa terra, assim como, na ampliação das fronteiras do conhecimento pela pesquisa técnico-científica, especialmente em busca de inovações que favoreçam a Bahia e o Brasil na competição diante dos mercados interno e externo. Não recuaremos diante desses desafios, e, dentro de tais propósitos, programaremos as nossas forças para melhor atender às aspirações da gente baiana e de todos os brasileiros.

Sessenta anos é, sem dúvida, tempo reduzido para uma instituição com as responsabilidades da nossa. Estamos, contudo, trabalhando denodadamente para superar a demora no nascimento da Universidade, e os obstáculos que, porventura, possam dificultar os serviços que serão prestados, com sucesso, à Bahia e ao Brasil, pela Universidade iniciada por Edgard Santos, há exatos 60 anos.

Bahia, 3 de julho de 2006  
Roberto Figueira Santos  
Ex-Reitor da UFBA

**Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho** veio ao mundo em ambiente nitidamente universitário. Seu Pai, o Professor Mário Barros, da disciplina de Direito Comercial, foi um dos catedráticos mais competentes e mais estimados da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. A influência familiar terá sido, seguramente, um dos fatores condicionantes da vitoriosa carreira do nosso homenageado na noite de hoje.

Quando, aos 23 anos de idade, completou o curso de nível superior da sua escolha, fazia crer que sua vocação o orientava, predominantemente, para a área das tecnologias. Em 1968, diplomou-se em Química Industrial pela Escola Superior de Química de Sergipe. Por essa época, a Universidade Federal da Bahia buscava identificar jovens diplomados em diferentes cursos universitários que mostrassem interesse por uma carreira no campo da Administração, e que preenchessem os requisitos para receber uma bolsa da Fundação Ford afim de cumprir programa de mestrado em uma Universidade norte-americana. As tarefas da administração iam se tornando muito mais complexas do que antes e eram realizadas entre nós, ainda, predominantemente, por profissionais diplomados em carreiras afins, como fossem bacharéis em direito, em economia, em contabilidade, e outras. A nossa Universidade e a Fundação Ford demonstravam interesse em recrutar diplomados em carreiras que não se limitavam às áreas sociais e abrangiam, também, algumas de feição tecnológico. Assim ocorreu com Manoel Barros. A Universidade Federal da Bahia não mantinha, ainda, o curso superior em Administração, e, por isso, se associou à Fundação Ford, afim de preparar, no exterior, os futuros professores da Escola que logo seria fundada na Bahia.

Os preparativos para a implantação da Escola de Administração foram entregues por Edgard Santos, então Reitor da Universidade Federal da Bahia, à competência de dois ilustres líderes da instituição, os Professores Lafayette Pondé e Oldegar Vieira, que se desincumbiram da missão com o esperado brilho. Representando a Fundação Ford no processo de escolha dos candidatos, figurava o professor Miguel Colassuono, da Faculdade de Economia da Universidade de S. Paulo, e, mais tarde, político militante na Cidade de S. Paulo.

Ao voltar dos Estados Unidos com o diploma de Mestre em Administração pela Michigan State University (MSU), Manoel foi nomeado professor da recém-criada Escola. O mesmo ocorreu com outros portadores de idêntico diploma, tanto pela mesma Universidade como pela Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Iniciou-se, por esta forma, a Escola que tem prestado serviços da mais alta relevância à nossa terra e veio a tornar-se uma das mais dinâmicas unidades da Universidade Federal da Bahia.

Estava Manoel Barros no exercício dessa função quando o governador Luiz Viana Filho o escolheu para ocupar a vice-Secretaria de Indústria e Comércio, e, logo depois, assumir a mesma Secretaria do Governo da Bahia. Passou, assim, Manoel, a integrar uma das mais brilhantes equipes dentre as que têm governado o nosso Estado. Liderada pelo Governador Luiz Viana, foi essa equipe composta de nomes como os de Luiz Navarro de Brito, José Duarte de Araújo, Oliveira Brito, Luiz Viana Neto, Edivaldo Boaventura - a quem ouviremos dentro em pouco, saudando o novo confrade - e vários outros de igual competência.

Manoel Barros tinha, porem, um propósito que logo se transformou na razão de ser da sua vida: o de dedicar-se ao ensino superior privado, a começar pela criação, juntamente com outros colegas, de uma Escola de Administração que veio a ser o núcleo original de uma instituição muito maior, a Universidade Salvador (UNIFACS). Graças a essa extraordinária jornada, que já data de várias décadas e exigiu muita pertinácia e muita competência, Manoel Barros alcançou o cume da sua carreira, ao ser investido no cargo de Reitor da Universidade da qual foi ele o principal artífice.

A história dessa iniciativa pioneira será, com certeza, melhor narrada pelo próprio homenageado e pelo confrade que o receberá na Academia Baiana de Educação, o Professor Edivaldo Boaventura. Eu me permitirei, entretanto, destacar duas características da UNIFACS que me parecem particularmente relevantes. A primeira é a decisão, ainda rara entre as instituições privadas de ensino superior entre nós, de realizar, com proficiência, trabalhos de investigação técnico-científica. Estimulada por entidades como a Petrobrás e a Fundação de

Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia, a UNIFACS tem se empenhado no cumprimento dessa missão institucional, inerente ao próprio conceito de Universidade. A outra iniciativa da UNIFACS que julgo digna de todo o apoio e aplauso, é a inclusão, entre os cursos que mantém, dos de licenciatura para a formação de professores destinados aos níveis fundamental e médio da educação, o que não se vem observando com a desejável frequência entre muitos dos estabelecimentos da rede privada de ensino superior. Reconhecemos as dificuldades no recrutamento de candidatos a esses cursos, diante da baixa remuneração com grande frequência atribuída aos portadores desses diplomas, o que ainda mais valoriza o trabalho das entidades que os mantêm, em nível elevado.

É com a maior satisfação que declaro instalados os trabalhos da presente sessão, destinada à recepção, entre os confrades da Academia Baiana de Educação, do Magnífico Reitor da Universidade Salvador – UNIFACS, o Professor **Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho**.

Bahia, 17 de abril de 2006.

Roberto Figueira Santos  
Presidente da Academia Baiana de Educação

Passados mais de século e meio do nascimento de Joaquim Nabuco, uma figura excelsa de nossa história e cultura, não é demais nos debruçarmos ainda sobre a sua obra a fim de nela colhermos lições e reflexões, mesmo porque um clássico, e ele é um clássico de nossas letras, é, por definição, inesgotável.

Se a *Ilíada* e a *Odisseia* são lidas hoje - quando ninguém mais crê nos deuses do Olimpo - é porque os seus heróis são os protótipos permanentes da juventude e da maturidade, respectivamente, sem falar nas figuras secundárias, também imorredouramente humanas.

Se a Lei Áurea consagrou para sempre a vitória do abolicionismo, o trabalho intelectual a partir da obra de Nabuco é inesgotável porque ela penetra nos arcanos da alma brasileira.

Em particular chamou-nos a atenção o relacionamento intelectual entre o francês Ernest Renan e o seu grande admirador pernambucano, confessado em páginas antológicas de *Minha Formação* e *Escritos e Discursos Literários*. Nestes textos ele explicou porque sua admiração inicial pelo filósofo gaulês se esvaneceu.

Aprofundando o depoimento dele, procuramos analisar a evolução do teísmo de nosso patricio cotejando - o com a de seu tão admirado e depois repudiado Renan. .

Quer-nos parecer tratar-se de uma evolução mental de ambos em busca de uma idéia de Deus cada vez mais pura, se podemos assim dizer, mas em contextos culturais diferentes: o europeu - latino e o sulamericano.

Explicando melhor. É de todos sabido que Renan, criado na mais autêntica e plurissecular catolicidade francesa da Bretanha, perdeu a fé no seminário para tornar-se depois um conceituado historiador do Cristianismo. .

Vejamos nessa sua atitude intelectual um exame racional da fé cristã pós-Revolução Francesa. Uma revisão, portanto, e não uma negação definitiva.

Quem conhece o Canadá francês fica admirado de ver como lá o Catolicismo permanece sem a menor solução ou quebra de continuidade, tal como deveria ser a França pré-revolucionária.

Sabemos todos que na Filha Mais Velha da Igreja (assim os católicos tradicionalistas de lá chamam a terra deles a partir do batismo do rei franco Clóvis por São Remi em 496), na França dizemos, a Revolução Francesa constitui uma dolorosa cisão espiritual até hoje visível.

O espírito voltaireano, dominante em bom número de franceses do século XIX, bipartiu o povo gaulês em conservadores e progressistas: a velha direita e esquerda de todos os tempos.

No caso de Renan, trata-se do racionalismo

cartesiano repensando a velha fé romana tradicional.

Nossa tese é que Renan procurou superar dialeticamente essa separação como se pode depreender de páginas célebres como seu *Exame de Consciência Filosófico* de 1888, por exemplo.

A sua *Vida de Jesus* pinta o filho de Deus como um simples mortal, embora eminente.

Havê-lo chamado de "Homem incomparável" na aula inaugural do Colégio de França custou-lhe a cátedra em 1862, a qual só lhe foi devolvida com a República, 1870.

O nosso patricio Joaquim Nabuco, tendo bebido a sua cultura em fontes francesas, é claro que nutrisse forte admiração pelo então festejadíssimo Renan, a quem visitou em Paris como quase um ídolo.

Ocorre que ele jamais havia passado pela dolorosa experiência ateizante de Revolução Francesa.

O seu catolicismo tradicional, haurido dos portugueses que também não conheceram as agruras revolucionárias da guilhotina, era quase piegas, "primitivo" por assim dizer, o que explica havê-lo achado insuficiente na juventude.

Em suma, Renan e ele não tinham nem podiam ter o mesmo enfoque cultural sobre o Cristianismo.

Renan tentou retornar às fontes viajando e pesquisando demoradamente na Terra Santa.

O menino de Massangana, criado junto com seu "santos pretos", como ele diz lindamente, tinha uma religiosidade, senão sincrética, pelo menos superficial ou meramente formal.

No Império, o Brasil ainda não havia chegado ao atual assim chamado sincretismo religioso, modernismo para tentar explicar a conversão forçada dos negros escravos, politeístas de origem, para um monoteísmo de simples fachada.

O essencial da questão é que, enquanto Nabuco aprofunda a idéia de Deus dentro de si mesmo (*Minha Fé* documenta essa busca) Renan procura transcender àquela bipartição religiosa francesa do século XIX através de uma síntese deísta que só seu patricio Teilhard de Chardin conseguirá alcançar.

Nosso Nabuco também foi seduzido pelo evolucionismo mas, tendo uma formação acadêmica literária e não científica - era bacharel em direito. - não conseguiu avançar muito no caminho evolucionista.

Todavia, dentro de uma perspectiva histórica mais ampla, pode-se perfeitamente afirmar que Renan, Nabuco e Teilhard são três elos ou três patamares na busca de um deísmo ocidental autêntico, compatível com a razão.

Mozart dizia: "procuro as notas que se amam". Na mesma linha de busca da harmonia universal eu digo também que, nos pensadores que freqüento, procuro sempre a afinidade profunda, as raízes comuns neles existentes e encontráveis, expressões que são, a modo pessoal e inconfundível, de um pensar básico, unitário, a constituir a coerência íntima do mundo debaixo da rica e às vezes até desconcertante variedade, própria da vida protética e caleidoscópica em que estamos imersos.

Ernest Renan, autor que ainda jovem descobri na biblioteca paterna, é dos escritores que cedo me fascinaram, primeiro pela harmonia do seu estilo e depois pela alma cristalina que sempre conservou ao longo da existência.

Bem mais tarde, já na maturidade, descobri Teilhard de Chardin, com quem logo me identifiquei espiritualmente também pelo estilo, pela pureza d' alma, elevação de sentimentos e, sobretudo pela sua incessante busca em conciliar Religião e Ciência, Fé e Razão no século XX, tema para mim fundamental já que a verdade é unívoca.

Certo dia como que esbarrei em dois textos muito significativos do pensamento de Renan, embora não dos mais conhecidos do grande público brasileiro porque de algum modo circunstanciais, mas que muito lembram a cosmovisão teilhardiana...

Ao leitor de julgar e por isso os traduzo ambos.

Nada como ir às fontes em matéria filosófica, coisa de que pouco se cuida no Brasil onde, de modo geral, rareiam os textos originais na escola, substituídos com freqüência pelas apostilas, até nas universidades...

Os textos são fixos, objetivos, invariáveis, fundamentais: os comentários são móveis, subjetivos e acompanham os matizes do pensamento do comentarista, daí a riqueza, fecundidade e seriedade da Escolástica, por exemplo.

A lei protetora dos direitos autorais não me permite, é óbvio, traduzir Teilhard de Chardin, cujos livros, aliás, são hoje mais divulgados no Brasil do que os de Renan.

Quero aqui assinalar ao benévolo leitor destas reflexões que os derradeiros escritos, tanto de Renan quanto de Teilhard, apresentam um tom muito semelhante, constituem duas cosmovisões bastante parecidas que me levam uma vez mais à confirmação de minha convicção íntima da existência de uma geografia cultural: há áreas de idéias como de flora e fauna no globo. Penso ser possível e até necessário acrescentar às fito e zoogeografias uma noogeografia (Teilhard falou em no-

osfera). Somos o que lemos e aprendemos no nosso meio. "Eu sou eu e minha circunstância e, se não a salvo, não me salvo", de Ortega y Gasset não tem outro sentido.

Uma coisa é certa: pouco distantes no tempo, quase contemporâneos (Renan e de 1823 - 1892 e Teilhard, de 1881 - 1955), eles viveram em um clima ou caldo de cultura bastante semelhante: ambos franceses, cristãos de profunda formação católica e eclesiástica e cientistas festejados em suas respectivas especialidades. Não haja dúvida, no essencial eles beberam inevitavelmente nas mesmas fontes espirituais (a grosso modo: cristianismo e cartesianismo), daí a semelhança básica profunda de suas cosmovisões. Ambos tiveram o cuidado, a lareira de suas obras fundamentais de historiador e naturalista respectivamente, de deixar no fim da vida uma como que síntese pessoal de suas concepções do mundo.

Convido então o leitor a cotejar os textos de Renan adiante traduzidos com os derradeiros escritos de Teilhard, reunidos essencialmente em O CORAÇÃO DA MATÉRIA.

Verá assim que minha tese não é desassida já que somos o que lemos e assimilamos de nossas leituras e experiências ambientais.

Renan abandonou o seminário por não mais se conformar com a geral tacanha religiosidade do século XIX, a era *Syllabus* de 1861.

Teilhard, mesmo incompreendido pelos seus superiores eclesiásticos, não largou a batina por prenciar intuitivamente as próximas e largas aberturas do Concílio Vaticano II.

Nesse particular é muito interessante este seu depoimento em carta a um amigo incréu que acusava de má fé a sua submissão à Roma. Diz ele: "A Igreja representa uma canalização tão poderosa, tão enraizada (em todo passado humano) do que é a seiva moral e "sublimante" das almas, ela manifesta (apesar de mesquinhas acidentais e momentâneas) uma tal faculdade de desabrochar harmoniosamente a natureza humana, que eu teria consciência de ser infiel à vida se tentasse largar uma corrente orgânica tal como essa".

Apesar do desejo inconfesso e instintivo que pude sentir, em certas horas, de encontrar uma razão positiva para "tudo largar", eu não posso me impedir de ver o seguinte: "seria para mim um equívoco biológico abandonar a corrente religiosa do Catolicismo"...

O Dogma evolui segundo uma lógica bem mais complexa, mais lenta, mais rica do que a dos conceitos. Ele evolui como um homem, que é o

mesmo aos 40 anos do que aos 10 anos mas cuja forma aos 40 anos não pode ser deduzida daquela que ele tinha aos 10 anos. - Assim varia a Igreja: ela tem uma identidade certa, mas pessoal, orgânica...

Em certo sentido, Cristo está na Igreja como o sol sob nossos olhos. Vemos o mesmo sol que os nossos pais e, todavia, compreendemo-lo de uma maneira bem mais magnífica. Eu creio que a Igreja é ainda uma Criança.

O Cristo, do qual ela vive, é desmesuradamente maior do que ela o imagina; e todavia, daqui a milhares de anos, quando a verdadeira face de Cristo se tiver um pouco mais descoberta, os cristãos de então recitarão ainda, sem reticências, o Credo."

Compare agora o benévolo leitor esse depoimento do jesuíta, colhido em "Sobre minha atitude em face à Igreja oficial" (in No Coração da Matéria), com o seguinte texto de Renan, extraído do capítulo XXXIV de Marco Aurélio e o fim do mundo Antigo, sétimo volume das Origens do Cristianismo e intitulado: "O que todos os espíritos livres poderiam e deveriam pensar do Cristianismo".

"Grande e esplêndido é o mundo e, apesar de todas as obscuridades que o envolvem, vemos que ele é o fruto de uma tendência íntima para o bem, de uma suprema bondade.

O cristianismo é o mais impressionante desses esforços que se escalonam na história para o partejamento de um ideal de luz e justiça. Conquanto o seu primeiro rebento seja judeu, o cristianismo se tornou com o tempo a obra comum da humanidade; cada raça nele colocou o dom particular que lhe foi alocado, o que há nela de melhor.

Deus não está nele exclusivamente presente; mas está nele presente mais do que nenhum outro desenvolvimento religioso e moral.

O Cristianismo é, de fato a religião dos povos civilizados; cada nação o admite em sentidos diversos, segundo seu grau de cultura intelectual.

O livre pensador que o dispensa totalmente está no seu direito; mas o livre pensador constitui um caso individual altamente respeitável; sua situação intelectual e moral não saberia ainda ser a de uma nação ou da humanidade.

Conservemos, portanto, o cristianismo com admiração pelo seu alto valor moral, pela sua majestosa história, pela beleza de seus livros sagrados.

Estes livros seguramente são livros; é preciso lhes aplicar as regras de interpretação e de crítica que se aplicam a todos os livros; mas eles constituem os arquivos religiosos da humanidade; mesmo as partes fracas que eles encerram são

dignas de respeito. De igual forma para os dogmas; veneremos, sem nos escravizarmos a elas, essas fórmulas sob as quais catorze séculos adoram a sabedoria divina. Sem admitir nem milagre particular, nem inspiração limitada, inclinemo-nos diante do milagre supremo dessa grande Igreja, mãe inesgotável de manifestações sem cessar variadas.

Quanto ao culto, procuremos eliminar-lhe algumas escórias chocantes; consideremo-lo, em todo caso, como coisa secundária, não tendo outro valor do que os sentimentos que nele se colocam...

Os criadores do Cristianismo ocupam de direito a primeira fila nas homenagens da humanidade.

Esses homens foram muito inferiores a nós no conhecimento do real; porém, não tiveram iguais em convicção, em devotamento. Ora, é isso que funda. A solidez de uma construção está na razão da soma das virtudes, isto é, de sacrifícios que se depositam em seus fundamentos."

Não será difícil respigar nos livros de ambos várias reflexões desse teor.

Outro cotejo interessante a ser feito é sobre a concepção que ambos tinha do Amor. É impressionante a atualidade do que Renan escreve a respeito no seu Exame de Consciência Filosófico. Em certos aspectos ele até parece prenunciar Freud.

Por seu turno, Teilhard disserta longamente em vários passos de sua obra sobre a amorização termo por ele cunhado, como sempre com muita felicidade e propriedade. Ouçamos o que ele diz a respeito em O Coração da Matéria:

"Por simples aparição do pessoal no cimo da Evolução, o Universo, potencialmente, se me tornava amável e amante. Todavia, era-me necessário, nada menos que a conjunção de Cristo com o Ponto Omega para que, em um eclodir de centelhas, se produzisse a meus olhos o extraordinário fenômeno de um abrasamento geral do Mundo, - por amorização total.

O Amor... Desde sempre, pela sua ubiqüidade, seus ardores e o aspecto inumerável de suas formas, esta estranha potência intrigou e fascinou os mestres do pensamento humano.

Mas, percebo-o agora, é só na zona cristocêntrica de um Universo em noogênese que, se liberando em estado puro, ela manifesta seu espantoso poder de tudo transformar e de tudo substituir.

Do ponto de vista da Evolução convergente aonde me conduziram e instalaram sessenta anos de experiência e reflexão, o Acontecimento Cósmico todo inteiro se reduz, concentra essencialmente em um só e vasto processo de arranjo, cujo mecanismo (utilização dos efeitos dos Gran-

des Números e do Cálculo das Probabilidades) libera a cada instante, por necessidade estatística, uma certa quantidade de sofrimentos (malogro, decomposições, morte...) Ora, são precisamente as duas faces (construtiva e destrutiva) dessa operação que, por acessão do Cristo ao Ponto Omega, penetra e invade um fluxo de potência unitiva.

Personalizada de uma só vez e a um só tempo em seus desenvolvimentos que nos centram para o Cristo, e em suas diminuições que nos excentram sobre Ele, a Cosmogênese toma de repente, até nos seus determinismos mais implacáveis e mais obscuros, a figura de um inumerável contato com o Pólo supremo de atração e de compleição.

Lançada de súbito, uma corrente de amor se espalha em toda a superfície e profundidade do Mundo; e isso não somente ao modo de qualquer calor ou perfume superpostos - mas como uma essência de fundo, destinada a metamorfosear tudo, assimilar tudo, substituir tudo...

Desde muito tempo a Ciência nos acostumou à idéia de que, seguida evolutivamente "para baixo", toda energia física tende a se degradar em calor no seio de um Mundo distendido e desvitalizado.

Não é notável que seja uma concepção exatamente simétrica e complementar que chega a uma Energética integral do Universo? Levadas ao extremo em direção a um pólo cósmico de unificação, toda paixão (e mesmo toda visão) mostram uma singular "inclinação" a se transformar em amor. Quer dizer que, depois de ter parecido ser, nos seus inícios, apenas o encanto, a atração e depois a essência operante de toda atividade espiritual, o amor tende, gradualmente, por nossa experiência, a tornar-se a sua parte principal - e, finalmente, a forma única e suprema. Sola caritas... É de se perguntar se ambos não levam às últimas consequências racionais o dito Deus é Amor, do qual Santo Agostinho deduzia "Ama e faze o que queres".

Afinal, Renan foi mesmo filósofo? A melhor resposta, me parece, quem a dá é ele próprio:

"Que se me permita uma comparação vulgar: a filosofia é o molho sem o qual todos os pratos são insípidos, mas que sozinho não constitui um alimento.

Não é a ciências particulares, tais como a química, a física, etc... que se deve assimilá-la; estar-se-á mais com a verdade colocando a palavra filosofia na mesma categoria que as palavras arte e poesia.

A mais humilde como a mais sublime inteligência teve a sua maneira de conceber o mundo; cada cabeça pensante foi, a sua maneira, o espelho do universo; cada ser vivo teve seu sonho que o encantou, elevou, consolou. Grandi-

oso ou mesquinho, chão ou sublime, esse sonho foi a sua filosofia. Eis porque a história da filosofia não se parece de modo nenhum com a história das outras ciências; ela não tem um desenvolvimento regular, ela não procede por meio de aquisições sucessivas. A individualidade de cada pensador nela se reflete... A filosofia é o próprio homem; cada qual nasce com a sua filosofia como com o seu estilo. Isso é tão verdadeiro que a originalidade pessoal em filosofia é a qualidade mais requerida, enquanto que nas ciências positivas a verdade dos resultados é a única coisa a considerar.

Sempre se fará filosofia como sempre se fará poesia... (Emest Renan - "A met-física e seu porvir" in - Diálogos e Fragmentos FiloSóficos. - Janeiro de 1860).

Esse texto de Emest Renan é tão claro, tão explícito, que nem precisa de comentário. A filosofia depende de todas as ciências sem se confundir com nenhuma. Qualquer ciência leva à filosofia como visão sintética dela própria e das demais: eis o essencial de sua mensagem. Cabe aqui um aparte quanto ao conceito de filósofo e de filosofante. Dizer que Renan não era filósofo porque não elaborou nenhum sistema original é limitar o conceito à meia dúzia de gênios criadores como Platão e Kant.

Nem tanto ao mar nem, tanto à terra. A originalidade não é essencial ao filósofo já que na vasta seara do pensamento há muito que respigar.

Outra idéia muito cara a Renan é a de nisus, esforço em latim, ligada a um sentido não voluntário nem consciente e aplicável a toda a Criação. Diz ele expressamente nos Diálogos FiloSóficos I: "Sente-se um imenso nisus universal para realizar um projeto, preencher um molde vivo, produzir uma unidade harmônica, uma consciência".

O evolucionismo teilhardiano aparece então claramente como o prolongamento deste conceito ainda nebuloso em Renan - que não era naturalista mas historiador e filósofo - e bem mais elaborado no evolucionista cristão cuja carreira científica está centrada em Darwin e sobretudo nos seus pósteros.

Talvez a palavra precursor seja exagerada de referência a Renan cotejado a leilhard. Contudo, sem dúvida, há mais do que mera coincidência na visão sintética e evolutiva de ambos em relação ao universo como um todo ao simples exame dos textos aqui invocados.

O nisus do primeiro soa como o Ponto Omega do segundo. Daí preferir eu explicar essa convergência de ambos devido ao caldo cultural em que viveram imersos. No desenvolvimento de sua teoria do nisus, comparando o surgimento do

espírito com o da pérola na ostra, Renan assim conclui o seu Exame de Consciência Filosófico:

"Doença do mundo, se quiserem, na realidade pérola do mundo, espírito é a meta, a causa final, o resultado último e de certo o mais brilhante do universo que habitamos. É bem provável que, se há resultantes ulteriores, elas são de uma ordem infinitamente mais elevada".

Ora, não soam essas palavras como prefiguração da emergência do espírito a partir da matéria no evolucionismo teilhardiano?

Até parece que foi Teilhard e não Renan quem escreveu "O progresso em direção à Consciência é a lei mais geral do mundo" que está no texto acima aludido deste último.

**NOTA:**

Faz mais de um século que o pensador francês Ernest Renan (1823-1892) escreveu este texto, aos 65 anos de idade e quatro anos antes de sua morte. Pode, portanto, ser considerado seu testamento filosófico. Como qualquer página de autêntico filósofo, ela não perde a atualidade.

É o balanço sincero de uma longa e fecunda vida espiritual, inteiramente devotada à busca da verdade. Foi inserida no final de Folhas Soltas que dão seguimento às suas famosas Recordações de Infância e Juventude.

De nosso conhecimento, este texto ainda não foi traduzido para o português no Brasil (em Portugal, talvez...).

Consideramos oportuna a leitura meditada desta reflexão de Renan, autor mais profundo do que seu estilo cristalino deixa supor, sobretudo para os que são ateus porque ainda não viram Deus numa esquina nem acharam uma alma na ponta de um bisturi durante uma dissecação anatômica.

R.S.

**-I-**

O primeiro dever do homem sincero é de não influir sobre suas próprias opiniões, de deixar a realidade se refletir nele como na câmara escura do fotógrafo, e de assistir como espectador às batalhas interiores que as idéias travam no fundo de sua consciência. Não se deve intervir nesse trabalho espontâneo; diante das modificações internas de nossa retina intelectual, devemos ficar passivos. Não que o resultado da evolução inconsciente nos seja indiferente e que não deva trazer graves consequências, contudo, não temos o direito de ter um desejo quando falta a razão; devemos escutar, nada mais; prontos a nos deixar arrastar pés e punhos atados aonde os melhores argumentos nos levam.

A produção da verdade é um fenômeno objetivo, estranho ao eu, que ocorre em nós sem nós, uma espécie de precipitado químico que nos devemos contentar de observar com curiosidade. De tempos em tempos é bom parar, recolher-se de algum modo, para ver em que pôde modificar-se a maneira pela qual se encara o mundo, que marcha, na escala da sua probabilidade à certeza, puderam seguir as proposições de que se fez a base da própria vida.

Algo absolutamente fora de dúvida é que, no universo acessível à nossa experiência, não se observa nem jamais se observou nenhum fato

passageiro proveniente de uma vontade nem de vontades superiores à do homem. A constituição geral do mundo está repleta de intenções, pelo menos aparentes; mas nos fatos de pormenor, nada de intencional. O que se atribui aos anjos, aos demônios, aos deuses particulares, provinciais, planetários, ou mesmo a um Deus único agindo através de vontades particulares, não tem nenhuma realidade. Em nosso tempo, nada desse gênero se deixa verificar.

Textos escritos se fossem tomados a sério, deixariam entender que tais fatos ocorreram outrora; mas a crítica histórica mostra a pouca credibilidade de tais narrações.

Se o regime das vontades particulares houvesse sido, em qualquer época, a lei do mundo, ver-se-ia algum resto, algum resquício de um tal regime no estado atual.

Ora, o estado atual não mostra nenhum traço de uma ação vindo de fora. O estado que temos diante de nós é o resultado de um desenvolvimento de que não alcançamos o começo; nos inúmeros elos dessa cadeia, não descobrimos um só ato livre, antes do aparecimento do homem ou, se quiserem, dos seres vivos.

Desde o aparecimento do homem, houve uma causa livre que empregou forças da natureza para fins desejados; mas esta causa emana da própria da natureza; é a natureza se reencontrando, chegando à consciência. O que jamais se viu é a intervenção de um agente superior para corrigir ou dirigir as forças cegas, aclarar ou melhorar o homem, impedir uma horrível desgraça, prevenir uma injustiça, preparar os caminhos à execução de um dado plano. O caráter de precisão absoluta do mundo que chamamos material, bastaria para afastar a idéia de intenção; o intencional se traindo quase sempre pela falta de geometria e pelo mais ou menos.

O que acabamos de dizer aplica-se com uma certeza de algum modo experimental ao planeta Terra, cuja história nos é bastante bem conhecida para que uma importante particularidade de seu regime não possa nos escapar. Podemos aplicá-la sem hesitação ao sol e ao sistema solar inteiro que não formam conosco senão um só pequeno cosmos. Nós podemos mesmo aplicá-la a todo o sistema sideral que se revela aos habitantes da terra graças à transparência do ar e do espaço.(I)

Apesar das distâncias, ultrapassando toda imaginação, que separam esses diferentes corpos

um dos outros e de nós, pôde-se observar que a física, a mecânica, a química desses corpos são as mesmas que as do sistema solar. Nenhuma dúvida que eles seguem, como o sistema solar, as leis de um desenvolvimento tendo suas causas em si mesmo.

Em todo o caso, se fosse diferente, o onus probandum incumbiria aos que sustentam o contrário, em virtude deste princípio que não se deve discutir como possível o que nenhum indício leva a supor. Todo indício, ainda que fraco, deve ser seguido pela ciência com empenho; mas a afinação gratuita não precisa ser refutada, quod grātis asseritur, grātis negatur(II). Da mesma forma que não vemos acima de nós nenhum traço de inteligência agindo em vista de fins determinados, não vemos também abaixo. A formiga, embora pequeninha, é mais inteligente do que o cavalo; mas se, na ordem micróbica, houvesse seres muito inteligentes, nós o perceberíamos por ações refletidas emanando deles. Ora, a ação desses pequenos seres, que são a causa de quase todos os fenômenos mórbidos, tem tão pouco alcance que foi necessária uma ciência muito avançada para percebê-lo; atualmente, sua ação se confunde quase ainda com as forças químicas e mecânicas. Segundo nossa experiência, sem dúvida limitada, a inteligência parece circunscrita ao reino do finito; acima e abaixo, é a noite.

Pode-se, por conseguinte levantar a tese de que o fleri (III) pelo desenvolvimento interno, sem intervenção exterior, é a lei de todo o universo que percebemos.

O número infinito dos golpes faz com que tudo aconteça e que alvos atingidos por acaso pareçam atingidos por vontade. Nosso universo experimentável não é governado por nenhuma razão inteligente. Deus, como o entende o vulgo, o Deus vivo, o Deus agente, o Deus-Providência, aí não se mostra. - A questão está em saber se este universo é a totalidade da existência. Aqui a dúvida começa. O Deus ativo está ausente deste universo; não existe além?

E para começar, este universo é infinito? A poeira de ouro, desigualmente repartida, que vemos acima de nossa cabeça, em noite clara, enche o infinito do espaço? É certo que não haja estações no espaço de onde um olho veria: de um lado, um céu povoado de estrelas como o que contemplamos; de outro, um abismo negro, o vazio de todo corpo luminoso?

Imenso, este universo o é, seguramente. Mas o que é um decilhão de léguas ao lado do infinito?

E ainda que fosse certo que o espaço repleto de sois é ilimitado, daí se poderia concluir não haver outros infinitos de uma ordem superior ou inferior? O cálculo infinitesimal seguramente

só mexe com fórmulas; mas essas fórmulas são símbolos impressionantes. Há ordens diversas de infinito cujas inferiores são zero em relação às superiores. Esse aparente paradoxo serve de base a cálculos de uma absoluta veracidade.

Toda quantidade finita, acrescida ao infinito ou retida do infinito, equivale a zero; toda quantidade finita nada é se comparada ao infinito. Nossas idéias do espaço e do tempo são todas relativas. A distância da terra a Sirius é enorme de acordo com nossas medidas. Os vazios interiores de uma molécula podem ser tão consideráveis para seres dotados de um outro critério da grandeza. A longevidade de nosso mundo poderia, aos olhos de um deus, parecer o equivalente de um dia.

Tudo parece assim composto de mundos existindo apenas em relação uns aos outros e para eles próprios sendo o infinito. Aquele que melhor conhece a França ignora o que se passa nos mil pequenos centros de província; aqueles que conhecem um desses pequenos centros nada vê além e o acha composto de centros menores ainda, de que cada um só vê a si mesmo.

Mundos encerram mundos, o infinitamente pequeno de um sendo o infinitamente grande de outro, eis a verdade. Nossa realidade (aquela em que vivemos e que para nós é o finito) é feita com infinitos de uma ordem inferior; ela própria serve para constituir infinitos superiores. Ela é um infinitamente grande para o que estiver abaixo, um infinitamente pequeno para o que estiver acima, um meio entre dois infinitos.

Pouco vemos a ordem de infinito que nos ultrapassa; mas a ordem de infinito que está abaixo de nós, o mundo do átomo, da célula, do micróbio composto de micróbios, tem uma existência tão certa quanto a ordem do finito, que é o assunto habitual de nossas pesquisas e de nossas meditações. Os estereótipos da memória, essas inumeráveis pequenas imagens que podemos espanar e fazer reviver à vontade, cabem debaixo da caixa óssea de nosso cérebro, em um espaço muito limitado.

Os tipos da geração, inseridos uns nos outros, como o botão da flor no botão, são um outro exemplo da flexibilidade infinita do espaço ou, melhor, de sua relatividade<sup>(2)</sup>.

O átomo pode conter um infinito. O carvão de pedra que mantém o calor nas nossas lareiras é um composto de pequenos mundos que nosso mundo emprega; talvez sejamos o átomo de carvão que mantém o calor de um outro mundo.

Não vemos Deus nesse universo; o ateísmo aí é lógico e fatal; mas este universo está subordinado talvez; somos talvez ateus por não enxergar bastante longe. Círculos sem fim coman-

dam uns aos outros, ou então um absoluto fixo e imóvel encerra essas zonas infinitas do variável e do móvel, segundo a bela fórmula bíblica: tu autem idem ipse est. et anni tui non QsWeiunt?(IV) Nós o ignoramos absolutamente.

É na comparação do átomo ao universo que as considerações infinitesimais têm sua justa aplicação. Relativamente à ordem de grandeza em que vivemos, o átomo é um infinitamente pequeno, um zero.

Relativamente a uma ordem de grandeza abaixo, o átomo é um infinitamente grande. O átomo é para nós um ponto resistente; a concepção do átomo como um sólido cheio, tão pequeno quanto se queira, parece dever ser afastada, o cheio indivisível não existindo na natureza.

Nosso universo, embora composto de corpos deixando entre si imensos vazios, é na realidade impenetrável.

Suponhamos uma flecha lançada com uma força infinita aos confins do universo; esta flecha não atravessaria o universo, na aparência tão disperso; ela encontraria corpos sem número que a fariam parar; de igual modo uma bala não conseguiria atravessar uma nuvem sem se molhar.

Um átomo de corpo simples, um átomo de ouro, por exemplo, pode assim ser concebido como um universo cujos diferentes compostos, longe de formar um sólido pleno, estariam tão afastados um do outro quanto os diferentes centros de sistemas solares. A impenetrabilidade resultaria da invariabilidade interna de tal corpo, à qual nenhum meio natural ou científico pode até aqui atingir.

A inatacabilidade do corpo simples seria um fato análogo à estabilidade das leis de nosso universo ou, antes, à ausência de vontades particulares no governo desse universo. A ausência de toda intervenção externa na ordem das coisas que vemos responderia ao fato de que nenhum químico conseguiu até agora destruir o agrupamento de uma força primordial infinita que constitui um átomo.

Não é exato, por conseguinte, dizer: "o universo que vemos é eterno", do mesmo modo que é inexato dizer: "o átomo é eterno". O átomo é um fenômeno que começou, ele acabará, nosso universo é um fenômeno que começou, ele acabará. O que jamais começou e não acabará nunca é o todo absoluto, é Deus. A metafísica é uma ciência que só tem uma linha: "Algo existe; logo, algo existiu de toda a eternidade", uma tal afirmação equivale a "nenhum efeito sem causa", afirmação que tem de certo algo de experimental. Mas, entre esta existência primordial e o mundo que vemos há infinitos intervalos. O mundo que vemos e o átomo de corpo simples têm talvez decilhões de

decilhões de séculos de existência; ou, o que significa o mesmo, desde decilhões de decilhões de séculos, nenhuma vontade particular atingiu nem nosso universo nem o átomo. Como a imaginação humana não alcança a diferença entre o infinito e o indefinido, isto basta para as certezas de que necessitamos. Não distinguimos entre a probabilidade de um bilhão contra um e a certeza. A indução: "O sol se levantou hoje, ele se levantará amanhã" nos dá uma plena segurança; essa grande construção por aproximação que é a vida humana, encontra uma base mais sólida do que ela mesma no fato de que jamais, de nosso conhecimento, as leis da natureza sofreram infração.

Mas, pelo fato de que isso jamais ocorreu, ao menos desde um tempo enorme, está-se no direito de concluir que isso não ocorrerá nunca? O mundo é talvez o jogo de um ser superior, a experiência de um sábio transcendente possuidor dos últimos segredos do ser. Um químico genial conseguirá um dia decompor o átomo simples ou suprimi-lo? Até a véspera do dia em que uma tal descoberta se fizer, as consciências que podem existir no átomo<sup>(3)</sup> dirão como nós dizemos: "O mundo é imutável, eterno" e, no momento da descoberta, elas reconhecerão seu erro.

Da mesma forma, um ser superior infringirá um dia talvez à lei da estabilidade de nosso universo, sem ter muito mais cuidado dos seres que se encontram nele do que um operário que tritura um torrão de terra tem dos insetos que podem aí levar a sua vidinha. Sem descer às profundezas da ação química, tomemos como objeto de nossa meditação tal átomo perdido nas massas de granito que formam os substratos de nossas margens. Há milhares de séculos que ele existe e, se houver nesse átomo seres pensantes, sua opinião deve ser que o seu mundo, tão pequeno para nós, tão grande para eles, é impenetrável, infinito, autônomo, vivendo dele mesmo. Contudo, eles se enganariam. Em frente da costa da Bretanha onde escrevo estas linhas<sup>(4)</sup>, vi na minha infância uma ilha, a Ilha Grande, que agora quase desapareceu.

Foi o Sr. Haussmann que a fez desaparecer; as massas de granito que a compunham formam, atualmente, os passeios das avenidas de Paris construídas sob o segundo Império. Quando a mina começou a entrar em ação naquelas profundezas, o espanto de milhões de bilhões de pequenos mundos que lá estavam, escondidos numa sombra para nós absoluta, deve ter sido grande e só os universos graníticos colocados sobre os pontos de quebra perceberam alguma coisa. No interior das lajes que pisamos em Paris, milhões de universos dormem, tão tranquilos no seu erro sobre a autonomia do seu mundo do que quando faziam parte dos rochedos da Bretanha. A luz não

chegará para eles senão no dia em que forem reduzidos a macadame.

A surpresa que sentiram os pequenos universos dos rochedos graníticos da Ilha Grande, a surpresa que sentiria o mundo escondido em um átomo de ouro, se o ouro viesse a ser dissolvido, pode nos ser reservada. Um Deus se revelará talvez um dia. A eternidade de nosso universo não está mais assegurada, a partir do momento em que se está no direito de supor que ele é um infinito, subordinado a um infinito. O infinito superior pode dispor dele, utilizá-lo, aplicá-lo a seus fins. "A natureza e seu autor" não é talvez uma expressão tão absurda quanto parece. Tudo é possível, mesmo Deus. A história do universo, dirão, tanto quanto o homem a pode conhecer, não apresenta nenhuma razão de formular uma tal hipótese. Sem dúvida; mas os átomos das profundas camadas de granito da Ilha Grande levaram igualmente longo tempo antes de perceber a existência da humanidade. Deus não faz aparições no mundo que medimos e observamos; contudo, não se pode provar que ele não as faça no infinito do tempo. O homem não vê errado, como supõem os céticos subjetivos; ele vê limitado. Seu universo é grande e velho sem dúvida; é  $g$  na fórmula  $00 + g$ ; ora nesse caso  $g = 0$ .

Por conseguinte, não é impossível que fora do universo que conhecemos (finito ou infinito, não importa) haja um infinito de outra ordem, para o qual nosso universo não passe de um átomo. Este infinito, que para nós seria Deus<sup>(5)</sup>, pode não se revelar senão a intervalos extremamente longos para nós, insignificantes no seio do absoluto. Por esse ponto de vista, a existência de um Deus de vontades particulares, que não aparece em nosso universo, pode ser tida como possível no seio do infinito, ou pelo menos é tão temerário negá-lo quanto afirmá-lo.

## -II-

As inúmeras consciências individuais que o planeta Terra produziu, que os outros Planetas, os outros sóis, os outros universos, puderam produzir, bem parecem ter de ficar encapsuladas no universo ao qual pertenceram. A revivescência dessas consciências seria um milagre, como pensaram os teólogos que sustentaram ser imortal a alma do homem, não pela sua natureza mas por uma vontade particular de Deus. No meio que experimentamos, não ocorrem milagres; mas, do ponto de vista do infinito, nada é impossível.

É bastante curioso que os judeus, que, sem crer de forma alguma em uma alma imortal, foram os que mais contribuíram a difundir as idéias de recompensas futuras, sob a forma de crença

no reino de Deus e na ressurreição, se formavam uma imaginação análoga concebendo as aparições da justiça divina como intermitentes e o despertar dos justos como um milagre diretamente operado por Deus. Seguramente isso valia mais do que os sofismas do Fedon. A infinitude do futuro afoga muitas dificuldades. Se Deus existe, Ele deve ser bom, e acabará por ser justo. O homem seria assim imortal no infinito, ao infinito. Os dois grandes postulados da vida humana, Deus e a imortalidade da alma, gratuitos do ponto de vista do finito em que vivemos, são verdadeiros talvez no limiar do infinito o tempo, com efeito, só existindo de uma maneira relativíssima, um sono de um decilhão de anos não é mais longo do que um sono de uma hora. O paraíso não existe; em um decilhão de anos ele talvez existirá. Aqueles que uma tardia justiça recolocar lá pensarão ter morrido na véspera. Como na lenda medieval, palpando seu leito de agonia, ainda o acharão quente.

Ter sido, é ser. A sucessividade é a condição absoluta de nosso espírito; mas, no objeto, a sucessividade e a simultaneidade se confundem. Deste ponto de vista, um fogo de artifício é eterno. Meu neto que tem cinco anos, brinca tanto no campo que ele só tem uma tristeza, é de se deitar: "Mamãe, pergunta ele a sua mãe, será que a noite vai ser longa hoje?" Quando, em presença da morte, perguntamo-nos: "Esta noite será longa?" não somos menos ingênuos.

Aqui o mistério é absoluto; sentimos bem em nós a voz de um outro mundo; mas não sabemos qual é esse mundo. Que nos diz essa voz? Coisas bastante claras. De onde vem essa voz? Nada mais obscuro. Essa voz se nos faz ouvir em atrativos inexplicados, em prazeres impalpáveis, em pequenos ares de duendes, fugazes, imperceptíveis em que nos insinuam o devotamento, nos tomam capazes do dever, nos inspiram a coragem, nos fazem sentir as seduções da beleza. Ela explode, sobretudo naqueles sublimes absurdos em que a gente se mete, embora sabendo perfeitamente que se está a fazer um cálculo errado, nessas quatro grandes loucuras do homem, o amor, a religião, a poesia, a virtude, inutilidades providenciais que o homem egoísta nega e que, apesar dele, conduzem o mundo.

É quando escutamos essas vozes divinas que ouvimos de fato a harmonia das esferas celestes, a música do infinito. *Praestet fides supplementum sensum defectui* (V). O amor é o primeiro daqueles grandes instintos reveladores que dominam toda a criação e que parecem emanados de uma vontade suprema<sup>(6)</sup>.

Sua excelência está em que todos os seres dele participam e que se vê com evidência sua ligação com os fins do universo. Seu primeiro

ninho parece bem ter estado nas origens da vida, na célula. O começo da dualidade dos sexos lhe deu uma direção que não mudou mais e produziu maravilhosas eclosões. A dissonância dos dois sexos reunindo-se a certa altura em uma consonância divina, de onde nasce o acordo perfeito da criação, é a lei fundamental do mundo. No reino vegetal, essas aspirações misteriosas se resumem na flor, a flor, esse problema sem igual, diante do qual nosso estouvamento passa com uma desatenção estúpida; a flor, linguagem esplendida ou encantadora, mas absolutamente enigmática, que bem parece um ato de adoração da terra a um amante invisível, segundo um rito sempre o mesmo. A florzinha, com efeito, que o homem apenas vê, é tão perfeita quanto a grande. A natureza nela põe a mesma delicadeza, um mesmo ser mira-se em ambos. No seio do reino animal, o equivalente da flor é o inebriamento de alegria da criança, a beleza da moça, este clarão de um dia, esta exsudação luminosa que, como a fosforescência do vaga-lume, mostra o ardor febril de uma vida aspirante ao desabrochamento. Como a flor, a beleza é impessoal; o esforço do indivíduo nada tem com isso. Ela nasce, aparece um momento, desaparece, com um fenômeno natural. A própria natureza inteira é uma flor cheia de harmonia. Nela não se encontra um erro de desenho. - Somos nós, dizem, que nela colocamos esta euritmia - Então como é que o homem estraga tantas vezes a natureza? O mundo é belo até que o homem o toque; o ridículo, os foras, o mau gosto, as falsas cores, as cruezas, as feiúras, as sujeiras começam com o aparecimento do homem nesse paraíso dantes imaculado.

No animal, o amor foi o princípio da beleza. É porque o pássaro macho faz nesse momento um esforço supremo para agradar que suas cores são mais vivas e suas formas melhor delineadas<sup>(7)</sup>. No homem o amor foi uma escola de gentileza e cortesia, eu acrescento de religião e de moral. Uma hora em que o ser mais ruim, tem um movimento de ternura, em que o ser mais limitado tem o sentimento de uma comunhão íntima com o universo é certamente uma hora divina.

É porque o homem ouve neste momento a voz da natureza que ele contrata com ela altos deveres, lhes presta juramentos sagrados, saboreia nela prazeres supremos ou se prepara remorsos lancinantes.

Em todo caso, é a hora de sua vida passageira em que o homem é o melhor. A sensação imensa que ele goza, quando de algum modo sai de si mesmo, mostra que ele toca verdadeiramente o infinito. O amor, entendido de um modo elevado, é assim algo religioso, ou antes faz parte da religião.

Poderia se crer que este antigo resquício de parentesco com a natureza, a frivolidade e a tolice tenham conseguido fazer encarar-lo como um resquício vergonhoso da animalidade? Como é possível que uma finalidade tão santa quanto a de perpetuar a espécie tenha sido vinculada a um ato culpável ou ridículo? Atribui-se desse modo ao Eterno uma intenção grotesca, um verdadeiro chiste.

O caráter sério do amor foi obliterado pela frivolidade. O dever é seguramente algo mais elevado já que ele não é acompanhado de nenhum prazer e muitas vezes acarreta duros sacrifícios. E, todavia, o homem faz questão dele quase tanto quanto do amor. O homem é grato quando lhe dão razões de acreditar no devotamento; provar-lhe o dever é lhe reencontrar os seus títulos de nobreza. Obraram mal em lhe propor liberá-lo dele. O cuidado do animal pela sua prole, uma multidão de fatos que nos mostram a necessidade do sacrifício nas consciências na aparência as mais egoístas, demonstram que muito poucos seres se esquivam às ordens estabelecidas pela natureza em vista de fins dos quais eles mesmos se preocupam pouquíssimo. O dever e os instintos de nidificação e de postura no pássaro têm a mesma origem providencial.

Ainda na vida mais vulgar, a parte do que se faz para Deus é enorme. O ser mais baixo prefere ser justo do que injusto; todos nós adoramos, rezamos muitas vezes por dia sem saber.

Essas vozes, as vezes doces, as vezes austeras, de onde vêm? Elas vêm do universo, ou, se quiserem, de Deus. O Universo com o qual estamos em contato como por meio de um cordão umbilical, quer o devotamento, o dever, a virtude; ele emprega, para chegar aos seus fins, a religião, a poesia, o amor, o prazer, todas as decepções. O que o Universo quer, ele o imporá sempre; pois ele tem ardis inauditos para apoiar as suas vontades. Os raciocínios mais evidentes dos críticos nada farão para demolir estas santas ilusões. As mulheres, em particular, resistirão sempre; podemos dizer o que quisermos, elas não acreditarão em nós e ficamos encantados com isso. O que está em nós sem nós e apesar de nós, em uma palavra o inconsciente, é a revelação por excelência. A religião, resumo das necessidades morais do homem, a virtude, o pudor, o desinteresse, o sacrifício são a voz do universo.

Tudo se resume em um ato de fé em instintos que nos obsecam sem nos convencer, na obediência a uma linguagem vinda do infinito, linguagem perfeitamente clara no que nos ordena, obscura no que promete. Nós vemos o encanto; nós o eludimos; mas jamais ele será rompido por isso. Quis posuit ill visceribus homini sapientiam? (VI)

Dessa resultante suprema do universo total, só podemos dizer uma coisa, é que ela é boa. Pois, se não fosse boa, o universo total, que existe desde toda a eternidade, se teria destruído.

Suponhamos uma casa bancária existindo desde toda a eternidade. Se esta casa tivesse o mínimo defeito em suas bases, ela teria falido mil vezes. Se o balanço do mundo não fechasse com um saldo positivo beneficiando os acionistas, há muito tempo que o mundo não mais existiria.

Do imenso balanço do bem e do mal sai um lucro, um saldo favorável. Esse excedente de bem é a razão de ser do universo e a razão de sua conservação. Para que ser, se não houvesse lucro em ser? É tão fácil não ser!

Acho superficiais as objeções que alguns sábios levantam contra o finalismo, observando certas imperfeições da natureza, os defeitos do corpo humano, por exemplo, tal músculo constituindo uma alavanca de tipo menos eficaz, o olho construído com um singular mais ou menos. Esquecemos que as condições da criação, se nos podemos assim expressar, são limitadas pelo balanceamento de vantagens e inconveniências contraditórias.

É uma curva determinada pelo encontro de suas coordenadas e escrita de antemão em uma equação abstrata. Uma alavanca melhor no antebraccio nos teria dado a conformação dos pelicanos.

Um olho que evitasse os defeitos do olho atual cairia possivelmente em inconveniências mais graves. Cérebros mais poderosos do que os melhores cérebros humanos são concebíveis; mas teriam trazido congestões, febres cerebrais para os que deles fossem dotados.

Um homem que nunca estivesse doente, ao contrário, seria provavelmente condenado a uma incurável mediocridade.

Uma humanidade que não fosse revolucionária, atormentada por utopias, pareceria um formigueiro, uma China pensando ter encontrado uma forma perfeita e nela permanecendo. Uma humanidade que não fosse supersticiosa seria de um positivismo desesperador. Ora, a natureza tem uma espécie de providência; ela não cria o que estaria destinado a morrer de um vício interno.

Ela adivinha os impasses e não se mete neles.

Certos inconvenientes do corpo são como abusos históricos que o progresso da evolução não teve um interesse suficiente para reformar.

Quando o inconveniente era bastante grave para matar o indivíduo e suprimir a espécie, estabeleceu-se uma luta de morte; o vício mortal foi corrigido ou a espécie desapareceu; mas quando o

vício (por exemplo, o prolongamento inútil do cécum) era somente de natureza a produzir algumas doenças, algumas mortes, a natureza não julgou que valesse a pena dar um golpe de estado por tão pouco. É assim que, em uma sociedade, a extirpação dos grandes abusos é mais fácil do que a correção dos pequenos; pois, no primeiro caso, é uma questão de vida ou morte; no segundo, ninguém tem bastante interesse na reforma para iniciar uma luta radical.

As objeções dos sábios que se põem em guarda contra o que eles entendem ser uma ressurreição do finalismo, vão fundo contra o sistema de um criador inteligente e todo poderoso. Eles não se insurgem em nada contra nossa hipótese de um nisus(VII) profundo, se manifestando de um modo cego nos abismos do ser, levando tudo à existência, em cada ponto do espaço. Esse nisus não é nem consciente nem todo poderoso, ele tira o melhor partido possível da matéria de que dispõe. É, portanto, perfeitamente natural que ele não tenha feito coisas que ofereçam perfeições contraditórias. É natural também que a parte do cosmos que vemos ofereça limites e lacunas, provenientes da insuficiência dos materiais cuja produtividade da natureza dispunha sobre um ponto dado.

É o nisus agindo sobre a totalidade do universo que será talvez um dia consciente, onisciente, onipotente.

Então poderá se realizar um grau de consciência de que nada agora pode nos dar uma idéia.

Na Idade Média, o mais alto resultado do mundo, ao menos no planeta Terra, era um coro de religiosos cantando salmos. A ciência do nosso tempo, respondendo ao desejo que tem o mundo de se conhecer, alcança efeitos bem superiores. O Colégio de França está muito acima da mais perfeita abadia da ordem de Cister. O futuro trará sem dúvida resultados ainda mais belos. No infinito, o Ser absoluto, chegado ao ápice de suas evoluções deíficas e conhecendo perfeitamente a si mesmo, realizará talvez esses belos versos do místico cristão:

*Illic secum habitans in penetralibus  
Se rex ipse suo contuitu beat. (VIII)*

### -III-

Os dois dogmas fundamentais da religião, Deus e a imortalidade, permanecem assim racionalmente indemonstráveis; porém, não se pode dizer que eles estejam condenados à impossibilidade absoluta.

Os comovedores esforços da humanidade para salvar esses dois dogmas não devem ser tachados de pura quimera. Uma consciência geral do universo, uma alma do mundo, são coisas que

a experiência jamais provou; mas uma molécula de um de nossos ossos também não percebe a consciência geral do corpo de que faz parte, do que constitui nossa unidade.

A atitude mais lógica do pensador diante da religião é fazer de conta que ela é verdadeira.

É preciso agir como se Deus e a alma existissem. A religião entra assim no caso dessas numerosas hipóteses tais como o éter, os fluidos elétricos, luminosos, calóricos, nervosos, o próprio átomo que nós bem sabemos serem apenas símbolos, meios cômodos de explicar os fenômenos e que mantemos apesar de tudo.

Deus criando o mundo em virtude de cálculos profundos é uma fórmula bem grosseira; mas as coisas se comportam mais ou menos como se isso houvesse ocorrido. A alma não existe como substância à parte; mas as coisas ocorrem aproximadamente como se ela existisse. Nada foi jamais revelado à nenhuma família humana por meio de vozes sobrenaturais e, todavia, a revelação é uma metáfora que a história religiosa custa dispensar. O paraíso eterno prometido ao homem não tem realidade e, contudo é preciso agir como se tivesse; é preciso que os que não crêem nele ultrapassem em bondade, em abnegação, os que nele crêem.

Costuma-se apresentar esses grandes dogmas consoladores, Deus e a imortalidade, como postulados da vida moral da humanidade; e de fato com razão, sob muitos aspectos. Agir para Deus, agir na presença de Deus, são conceitos necessários da vida virtuosa. Não pedimos um remunerador; mas queremos uma testemunha. A recompensa dos couraceiros de Reichshofen na eternidade é a exclamação do velho imperador - "oh! que brava gente!"<sup>(8)</sup>.

Nós quereríamos uma palavra de Deus como aquela. Os sacrifícios ignorados, a virtude desconhecida, os erros inevitáveis da justiça humana, as calúnias irrefutáveis da história legitimam ou antes trazem fatalmente um apelo da consciência oprimida pela fatalidade à consciência do universo.

É um direito ao qual o homem virtuoso jamais renunciará. Nas circunstâncias heróicas da Revolução, a necessidade da imortalidade da alma foi reclamada por quase todos os partidos.

A preocupação com as memórias e os papéis justificativos se prendia, nos homens daquele tempo, ao mesmo princípio.

Eles escreviam, escreviam, persuadidos de que haveria alguém para lê-los. Queria-se de qualquer maneira um Juiz de além-túmulo; ele era pedido à consciência do mundo ou à consciência da humanidade. A humanidade fica assim acuada nesse singular impasse que, mais ela

reflete, mais ela vê a necessidade moral de Deus e da imortalidade e mais também ela vê as dificuldades que se elevam contra os dogmas dos quais ele afirma a necessidade.

Essas dificuldades são as mais graves: não se deve dissimulá-las. As antigas idéias religiosas estavam fundadas sobre a concepção estreita de um mundo criado há alguns milhares de anos do qual a terra e o homem eram o centro. Uma pequena terra, contendo um número determinado de habitantes, um ceuzinho encimando-a feito uma cúpula, uma corte celeste a algumas léguas no ar, inteiramente ocupada com as criancices dos homens, ilhas dos Bem-aventurados, situadas lá pelo Oeste, onde os mortos vão ter em barco, ou então um paraíso de papel que a mínima reflexão científica rasgará, eis o mundo que um Deus com grande barba envolve facilmente nas dobras de seu manto.

Quando Nemrod atirava as suas flechas contra o céu, elas retomavam para ele, ensangüentadas; para nós é inútil atirar, as flechas não voltam mais.

O alargamento da idéia do mundo e a demolição científica da antiga hipótese antropocêntrica, no século XVI, são o momento capital da história do espírito humano.

Aristarco de Samos teve sobre o assunto os primeiros vislumbres e passou por ímpio. A raiva da Igreja contra os fundadores da ordem nova, Copérnico, Giordano Bruno, Galileu, foi de igual modo bastante conseqüente.

O pequeno mundo sobre o qual a Igreja havia reinado, com seus dogmas restritos à terra, estava partido para sempre.

As visões mais modernas sobre as idades da natureza e as revoluções do globo, abrindo ao homem a perspectiva do infinito do tempo pretérito, tiveram o mesmo resultado de um modo ainda mais demonstrativo.

Não se reconstituíram os antigos sonhos. Se a lei do mundo fosse um fanatismo estreito, se o erro fosse a condição da moralidade humana, não haveria nenhuma, razão para se ter interesse em um globo votado à ignorância. Amamos a humanidade porque ela produz a ciência, fazemos questão de moralidade porque unicamente raças honestas podem ser raças científicas.

Se pusesse a ignorância como limite necessário da humanidade, não vemos mais nenhum motivo para fazer questão de sua existência. A humanidade a que anelam nossos reacionários seria tão insignificante que eu preferia vê-la perecer por anarquia e falta de moralidade do que por tolice. O retomo da humanidade a seus velhos erros, tidos como indispensáveis à sua moralidade, seria pior do que a sua inteira desmoralização.

É preciso, portanto, tomar nosso partido, e em nossas visões sobre o universo, evitar o ridículo dos provincianos que, nada vendo além de seu campanário, pensam que o mundo inteiro se preocupa com seus negócios, que o rei só tem preocupação com sua aldeiazinha, que o próprio Deus tem uma opinião sobre as igrejinhas que as dividem.

A humanidade está no mundo tal como um formigueiro numa floresta. As revoluções internas de um formigueiro, sua decadência, sua ruína, são coisas secundárias para a história de uma floresta. Que a humanidade submerja por falta de luzes ou de virtude, que ela falte à sua vocação, a seus deveres, fatos análogos ocorreram mil vezes na história do universo. Evitemos, por conseguinte, de acreditar que nossos postulados sejam a medida da realidade. A natureza não está obrigada a se curvar a nossas conveniências.

A esta declaração do homem; "eu não posso ser virtuoso sem tal ou qual quimera", o Eterno está no direito de responder: "Azar seu. Suas quimeras não poderiam me obrigar a mudar a ordem da fatalidade".

O que enfraquece ainda os raciocínios a priori sobre este ponto é que, entre os postulados da humanidade, há alguns notoriamente impossíveis. É preciso, com efeito, bem observar que o deus que postula a maior parte da humanidade não é o deus postado no infinito, cuja existência admitimos como possível. Esse deus está distante demais para que a piedade a ele se prenda. O que quer o vulgo é um deus que certamente não existe, um deus que cuida da chuva e do sol, da guerra e da paz, das invejas dos homens entre si, que a gente faz mudar de opinião importunando-o. A humanidade, em outras palavras, queria um deus para ela, um deus que se interesse por suas brigas, um deus particular do planeta, gerindo-o como bom governador, como os deuses provinciais com que sonhou o paganismo em decadência. Cada nação vai mais longe; queria um deus só para ela.

Um ídolo lhe conviria melhor ainda e, se desse livre curso aos desejos dos homens, eles reclamariam poderes para as relíquias nacionais, para as imagens sagradas<sup>(9)</sup>.

Quantos postulados que não serão levados em nenhuma conta! O homem precisa de um deus que esteja em relação com o seu planeta, seu século, seu país: daí se conclui que esse deus existe?

O homem precisa de imortalidade pessoal: daí se conclui que essa imortalidade existe? Em outras palavras, o homem fica desesperado de fazer parte de um mundo infinito onde ele conta como zero.

Um paraíso composto de um decilhão de

seres não é de modo algum esse pequeno paraíso em família, onde a gente se conhece, onde a gente continua a ser vizinho, a fofocar e intrigar juntos. É preciso pedir a Deus de encurtar o mundo, de negar razão a Copérnico, de nos levar de volta ao cosmos do Campo Santo de Pisa, cercado de nove coros de anjos e segurado nos braços de Cristo.

Assim se chega a esse estranho resultado que a imortalidade é, a priori, o mais necessário dos dogmas e a posteriori, o mais fraco.

Como a formiga ou a abelha, trabalhamos por instinto em obras comuns cujo alcance não vemos. As abelhas deixariam de trabalhar se elas lessem artigos onde aprendessem que se lhes tirará o mel e que elas serão mortas em recompensa de seu trabalho. O homem vai sempre, apesar do sic vos non vobis(IX).

Não vemos nem o que está acima nem o que está abaixo de nós; "fazemos a cadeia" me dizia um espírito superior.

As vontades divinas são obscuras. Somos um dos milhões de felás que trabalharam nas pirâmides. O resultado é a pirâmide. A obra é anônima, mas permanece; cada um dos obreiros vive nela. O que não seria realmente injusto, é o que pedem os trabalhadores das manufaturas, é que fossemos associados à obra do universo com participação nos lucros, que soubéssemos pelo menos algo do resultado de nosso trabalho.

Ora, admitidos às fainas, não somos admitidos aos dividendos, não sabemos se existem, e até o nosso salário nos é bastante mal pago. Outros entrariam em greve; nós, caminhamos assim mesmo.

Em suma, a existência de uma consciência superior do universo é bem mais provável do que a imortalidade individual. Sobre esse último ponto temos outro fundamento para nossas esperanças do que a grande presunção da bondade do ser supremo. Tudo um dia lhe será possível. Espere-mos que então ele quererá ser justo e que ele devolverá aos que tiverem contribuído para o triunfo do bem o sentimento e a vida. Será um milagre. Mas o milagre, isto é, a intervenção de um ser superior, que agora não ocorre, poderá um dia, quando Deus for consciente, ser o regime normal do universo. Os sonhos

judeu-cristãos, colocando no fim da humanidade o reino de Deus, conservam ainda aqui a sua grandiosa verdade. O mundo, governado agora por uma consciência cega ou impotente, poderá um dia ser governado por uma consciência mais refletida.

Toda injustiça então será reparada, toda lágrima secada, Absterget Deus omnem lacrymam ab oculi eorum (X).

A ostra perlfêra me parece a melhor imagem do universo e do grau de consciência que é preciso supor no conjunto. No fundo do abismo, germes obscuros criam uma consciência singularmente mal servida pelos órgãos, prodigiosamente hábil, todavia, para atingir os seus fins. O que se chama de uma doença desse pequeno cosmos vivo traz uma secreção de uma beleza ideal, que os homens se arrancam a preço de ouro.

A vida geral do universo é, como a da

ostra, vaga, obscura, singularmente tacanha, por conseguinte, lenta.

O sofrimento cria o espírito, o movimento intelectual e moral.

Doença do mundo, se quiserem, na realidade pérola do mundo, o espírito é a meta, a causa final, o resultado último e de certo o mais brilhante do universo que habitamos. É bem provável que, se há resultantes ulteriores, elas são de uma ordem infinitamente mais elevada.

---

É o que, em todo este trecho, chamarei universo

(I) - Ônus da prova

(II) - Aquilo que se afirma gratuitamente se nega gratuitamente.

(III) Devir, devenir, vir a ser.

(2) As considerações da geometria moderna sobre o espaço com mais de três dimensões possuem talvez por esse ângulo uma ligação com a realidade.

(IV) - Tu, porém, és sempre o mesmo e os teus anos não terão fim (Salmo 101.28)

(3) O átomo não é mais consciente do que o universo; nada pelo menos o prova; mas, da mesma forma que o universo, inconsciente no seu conjunto, encerra consciências. A do homem, por exemplo, que não se fazem sentir no todo; de igual modo o átomo, nos seus elementos, duas vezes infinitamente pequenos relativamente a nós, pode conter consciências que também não se fazem sentir no todo.

(4) Rosnapamon (Cotes-du-Nord)

(5) Falo no sentido relativo. Um ser nos ultrapassando do infinito e se manifestando a nós por meio de atos particulares intencionais, seria Deus para nós, como o homem é o deus do animal.

(V) - Preste a fê o suplemento à deficiência dos sentidos.

(6) É surpreendente que a ciência e a filosofia, adotando o preconceito nívolo das pessoas de sociedade de tratar a causa misteriosa por excelência como uma simples matéria de gracejo, não tenham feito do amor o objeto capital de suas observações e de suas especulações. É o fato mais extraordinário e o mais sugestivo do universo. Por uma pudicícia sem sentido na ordem da reflexão filosófica, não se fala do assunto, ou as pessoas se limitam a algumas tolas simplezas. Não se quer ver que se está aí diante do nó das coisas, diante do mais profundo segredo do mundo. O temor dos tolos não deve, todavia, impedir de se tratar gravemente do que é grave. Os fisiologistas só querem ver o que se refere ao jogo dos órgãos.

Eu conversava um dia com Claude Bernard sobre a profundidade do fato universal da atração sexual. Ele me respondeu, depois de um momento de reflexão: "não; trata-se aí de funções claras, conseqüências da nutrição".

Muito bem, mas então funde-se uma ciência que trate das conseqüências obscuras das funções claras. Porque, por exemplo a flor tem o perfume?

(7) As coisas foram invertidas pela humanidade. O verdadeiro análogo da beleza do macho é o pudor da mulher. Um arzinho de reserva, de timidez, de tocante sujeição, acabou por se tornar para o homem algo mais atraente do que a beleza.

(VI) - Quem pôs a sapiência nas visceras do homem?

(VII) - Esforço, tensão.

(VIII) - Ali, vivendo em si mesmo,

O próprio rei se compraz à sua vista.

(8) E a palavra do próprio velho imperador não foi dita, pelo menos naquelas circunstâncias. Recebi uma carta muito bem argumentada de um militar que participou daquelas lutas heróicas e que me prova que a versão aceita é absolutamente inexata. Como aqui só se trata de uma comparação para fazer bem compreender meu pensamento, não creio ter de entrar em retificações sobre esse assunto.

(9) Eis por que a devoção do vulgo dirige-se bem mais aos santos do que a Deus. O deísmo puro jamais será a religião do povo; de fato, o deísta e o vulgo não adoram o mesmo Deus. Há aí um mal entendido de que uma certa filosofia pode se acobertar em tempo de guerra mas de que ela deveria ter escrúpulo em tempo de paz.

(IX) Assim, vos trabalhais, não para vós. (Virgílio)

(X) - Deus secará toda lágrima de seus olhos.

*“O homem que quer proceder conscienciosamente sempre deve crer firmemente”* (Carlyle)

Quando sugerimos o nome de Antônio de Pádua Carneiro para receber a láurea de Educador do ano de 2004, desta Academia Bahiana de Educação, tivemos o propósito de homenagear um nome símbolo na área educacional. Um educador, cuja respeitável personalidade fosse reconhecida na Bahia como um cidadão prestante, que se firmou em nosso meio pela capacidade de trabalho, probidade e singular espírito público. Singular, sim, porque rareiam, cada vez mais, em nossos dias, pessoas dispostas a contribuir para o aperfeiçoamento da sociedade, sem pensar em qualquer tipo de retribuição pecuniária, ou vantagem pessoal.

São benfeitores da comunidade em que vivem, almas peregrinas dotadas, de extraordinária capacidade de doação e de desprendimento pessoal. Com frequência, são perfeccionistas, discretos, infensos a adulação ou qualquer forma de suborno. Não se permitem seduzir aos apelos do elogio falso e enganoso. Seguem em frente a sua caminhada certos da realização dos seus objetivos. Realizadores planejados costumam elaborar e cumprir bem as suas aspirações. Por isso não conhecem o desânimo, a desídia, muito menos se permitem conviver com a negligência ou a falta de responsabilidade.

Antonio de Pádua Carneiro é uma dessas pessoas. Atuante e metódico, simples e objetivo nos seus propósitos de realizar, pluralizou sua ação como educador, valer-se da pompa e da magnificência, com sensatez e ponderação, bem de acordo com seu perfil de homem reservado, infenso à adulação e ao elogio fácil. Esta marcante contenção no que tange a tudo que planeja e realiza, é a expressão da sua força e do seu poder. Esquivo, não aprecia que lhe rendam homenagens, preferindo atribuir o sucesso dos órgãos que dirige a um conjunto de fatores, dentre os quais destaca a competência e a seriedade dos seus colaboradores. Persegue a competência com clarividente obstinação, alcançando os limites confinantes da sensatez e do equilíbrio, o que realiza em conformidade com a sua pertinácia e de acordo com os procedimentos que devem nortear as suas ações. Circunstância alguma parece perturbar-lhe a trajetória, com vistas à consecução dos seus objetivos, pois a tudo atende de maneira plena e predisposta ao sucesso.

Além do que realiza nas instituições que dirige favorece outras entidades baianas, sem delas pretender qualquer benefício. Refirimo-nos

particularmente a duas delas: o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e a Casa de Ruy Barbosa, da Associação Bahiana de Imprensa. Isto porque, no seu entender, o bem privado de reconhecida “utilidade pública” deve constituir-se numa responsabilidade social, num patrimônio do povo, seu legítimo senhor e usuário.

Nestas palavras despretenciosas e breves, como deseja o homenageado, há a clara intenção de louvar o educador vitorioso, que faz da sua missão o aperfeiçoamento da juventude.

Educar é criar, construir, formar consciências. É eleger prioridades e empenhar o esforço. É aquecer as vocações nascentes graças a palavras de seu estímulo e de orientação. É, enfim, encastoar gemas preciosas nos escaninhos do saber e transformá-las em jóias reluzentes para que brilhem no universo pátrio.

Acredito seja Antonio de Pádua um democrata, definido pelo Professor J.L Brierly, nos seguintes termos: “que um homem é uma essência humana individual, possuidora de aptidões para o desenvolvimento que não devem ser tolhidas. Seus desejos e opiniões, até seus preconceitos, devem valer tanto seus interesses; ele deve ter a oportunidade de expressá-los com a importância de partes integrantes do processo pelo qual a política normal é formulada”

Como um líder nato, que o é, sabe distinguir “entre a coragem moral que dá firmeza de ânimo, especialmente na adversidade, e a obstinação em manter uma ação em curso quando seria mais corajoso admitir engano. Somente o líder pode fazer a distinção: e fazê-la corretamente requer completa honestidade para consigo mesmo”, conforme explica S.W.Roskill.

O mesmo autor enfatiza a importância da virtude da integridade, que existe em alguns homens, ocorrendo a circunstância de que muitos deles são propensos a fraquejar para melhor adaptar-se aos “padrões” mais comuns da comunidade em que vivem.

Todavia, a integridade e a verdade são condições que se impõem ao líder. Sua deficiência provoca o descrédito e gera o pouco respeito a sua pessoa.

Antônio de Pádua Carneiro nasceu em Burfity dos Lopes, no Estado do Piauí, cursando até o a segunda série do Ensino Médio em Parnaíba, no seu estado natal. Tendo-se transferido para Salvador, cursou a terceira série no Colégio Cen-

tral, ingressando, em seguida, na Escola Politécnica da UFBA, onde se diplomou em 1973.

Mas a trajetória que lhe definiria o caminho seria o da Educação, no qual se tornou conhecido em Salvador e lhe teria ensejado ocupar funções relevantes, como membro do Conselho Estadual de Educação, de 1991 a 2000, onde alcançou a Vice-Presidência e presidência da comissão de Direito Educacional.

Como professor, lecionou Matemática e Cálculo, de 1967 a 1996. Foi ainda Diretor chefe da equipe de pesquisa e produção de softwares educacionais da Norrau Informática (1988-1993). Atuou ainda como membro da Comissão de Encargos Educacionais, junto ao Conselho Estadual de Educação (1983-1987).

A atividade docente entrou cedo na sua vida, embora talvez não estivesse nas suas cogitações. É que, tendo obtido a segunda classificação no árduo vestibular para a Escola Politécnica, passou a ministrar aulas particulares desde o primeiro ano do curso universitário. Àquela altura haviam ocorrido grandes mudanças no ensino da Física e da Matemática, no ensino de primeiro e segundo graus. Foi quando surgiram os primeiros compêndios de Matemática e Física Modernas e os estudantes estavam confusos com a nova orientação nesses estudos.

Naquele momento, abriu-se para o jovem universitário a possibilidade de prestar serviço remunerado e, assim, suprir as próprias necessidades. Dessa maneira, pôde satisfazer o seu desejo de tornar-se independente. Mesmo como autônoma assumiu turmas nos colégios Dois de Julho e Antônio Vieira, além de lecionar em cursinhos pré-vestibulares. Durante todo período acadêmico exerceu atividade de ensino, ao tempo em que realizava estudos na área de Educação e aprofundava seus conhecimentos na disciplina que lecionava a Matemática. Segundo suas próprias palavras, converteu-se à convicção dos “matemáticos platônicos”, vale dizer, passou a esposar a idéia de que “a matemática se encontra diluída no universo e de que o homem não a criou ou inventou, simplesmente a descobriu”.

Uma das suas vaidades, que não parecem ser muitas, é a de ter transformado alunos infensos ao estudo desta disciplinas em verdadeiros aficionados. Por este motivo, vê com muita satisfação que são vitoriosos nas profissões que escolheram para as quais necessitaram de sólidos conhecimentos da Matemática. Que prêmio maior pode aspirar um professor consciente da missão a que se propôs desempenhar?

Entretanto, o educador que nele se abrigava, que não se limitava à tarefa de transmitir conhecimento, aspirava a muito mais. Pretendia a

condução de jovens num plano maior, muito mais amplo dos que se restringiam a uma sala de aula. Mas, a que teria continuidade por meio de um projeto duradouro, o que o levou a reunir-se com um grupo de colegas tornando viável a criação do Curso Nobel, que deu origem ao Colégio do mesmo nome. Passados alguns anos, o grupo se cindiu, tendo Pádua criado o Colégio Drummond, na Pituba. Naquela ocasião, já alimentava o sonho de fundar uma faculdade, mas o grupo de professores e sócios não acatou a idéia. Ainda, o desânimo de seus companheiros não o fez recuar. Da sua determinação nasceu a Faculdade Ruy Barbosa, instituída para conceder ensino de qualidade.

Por desejar conter o ímpeto de aspirar sempre mais, Pádua tem repetido: “A expansão não está em nossos planos”. Assim, o diretor geral da Faculdade Ruy Barbosa traduz o seu ideal de educador, que não reduz a sua tarefa a uma atividade predominantemente comercial, tão abusivamente comum em nosso meio. Com efeito, os que se locupletam com os “lucros” obtidos às custas do mau ensino fazem de Salvador a campeã, no país, dessas abomináveis fábricas de “diplomas” universitários.

#### Ações comunitárias

O espírito público do Professor Pádua levou-o a conceber maneiras de atuação da Faculdade Ruy Barbosa em benefício dos carentes e dos desassistidos, o que revela o seu elevado senso humanitário.

Assim é que, o Curso de Direito, implantado de maneira modelar, concede aos estudantes a oportunidade de prestar serviços de assistência jurídica às comunidades pobres, no Núcleo de Cidadania, onde atua ao lado de conceituadas instituições, tais como a Defensoria Pública, o Procon e o Conselho Arbitral da Bahia, bem assim o Tribunal de Justiça do Estado, nos Balcões de Justiça e Cidadania. Graças a essa atividade prática, os alunos do Curso de Direito atendem mais de mil pessoas por mês, supervisionados pelos professores, nos balcões distribuídos em seis pontos da Chapada do Rio Vermelho, portanto no entorno da Faculdade, onde vive uma das mais carentes populações da Cidade do Salvador. São beneficiados os alunos que adquirem antes de se diplomar e a população a que eles servem pela garantia que passou a ter graças à assistência jurídica concedida pela Faculdade Ruy Barbosa.

A mesma experiência solidária se efetiva com relação aos alunos do Curso de Psicologia, cujos estudantes, supervisionados pelos mestres, dão assistência Psicológica às comunidades carentes do mesmo local. Pela eficiência dos ensina-

mentos transmitidos e, certamente, pela prática de ensino, o curso de Psicologia tem-se distinguido como dos mais eficientes do país, incluindo-se entre os dez melhores do Brasil, no “ranking” fornecido pelo Ministério da Educação, conforme foi publicado em matéria divulgada pela revista *Veja*.

### **Qualificação Docente**

A exigência da titulação docente faz parte da filosofia de trabalho da Faculdade Ruy Barbosa, razão pela qual são exigidos os cursos de mestrado e doutorado para os que pleiteiam ter acesso ao quadros docentes da instituição.

### **A atividade de Pesquisa.**

A pesquisa é altamente valorizada pela Ruy Barbosa, que a estimula a partir da graduação, sendo seus resultados divulgados na revista eletrônica *Científico* e na sua edição impressa, de tiragem semestral.

Além de ser o Diretor Geral da Faculdade Ruy Barbosa, Antônio de Pádua Carneiro dirige o Colégio Drummond e a Casa de Ruy Barbosa, instituição pertencente à Associação Bahiana de Imprensa., na qual tem desenvolvido eficiente gestão, graças o seu empenho pessoal e ao apoio institucional da Faculdade.

Presta, assim, inequívoca homenagem ao íncito brasileiro, ao notável jurisconsulto baiano, que tem a honra de ser homenageado por uma entidade educacional à altura dos seus méritos e do seu renome como intelectual. Com efeito, Ruy Barbo-

sa obteve o reconhecimento internacional, com a sua atuação na Conferência de Haia, onde se impôs pelo talento e pela cultura.

Espírito liberal foi Ruy Barbosa um homem de convicções firmes e posições inarredáveis.

Por conta da postura inflexível disso, sofreu muitas injustiças e recebeu a pecha de ateu, calúnia da qual nunca se livrou, apesar de considerar-se “um espírito religioso”, pelo fato de ter-se envolvido na publicação da obra : *O Papa e o Concílio* e por sua postura ativa na Questão Religiosa e na defesa da separação da Igreja e do Estado. Aliás é de sua autoria o Decreto republicano que estabeleceu esta separação, por cujo motivo foi perseguido com a acusação de inimigo da Igreja, como aconteceu na eleição senatorial de 1892, em que teve franca oposição da diocese da Bahia.

Não pretendo estender-me sobre a Faculdade Ruy Barbosa, nem este é o meu objetivo, mas sublinhar o respeito e a admiração que dedico ao Professor Pádua pelo seu invulgar espírito público, reafirmado na direção da Casa de Ruy Barbosa, na diretoria da ABL e como Sócio Benemérito do IGHB, a Casa da Bahia.

São estas as palavras que julgo deva proferir no dia em que o homenageado desta Academia de Educação reconhece a sua incoercível condição de Educador do ano de 2004.

---

\* presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e membro da Academia de Letras da Bahia.

Saudação pelo Acadêmico *João Eurico Matta*, em 1.º de outubro de 2003, em sessão festiva da Academia Bahiana de Educação e na presença, também, de titulares das Academias: de Letras da Bahia; de Letras Jurídicas da Bahia; e de Letras e Artes *Mater Salvatoris*

Mesa dirigente ilustríssima, eminentes confrades, Senhores e Senhoras Acadêmicos, caríssimos convidados, parentes familiares – Edith, filhos e netos, irmãs e sobrinhos, e primos, de Oldegar Franco Vieira, nosso homenageado de hoje:

É lema de nossa Academia Bahiana de Educação, fundada em setembro de 1982 e portanto entidade jovem de apenas 21 anos, o dístico latino “*Luceat lux vestra*” — pois que, neste momento de festa de suas quatro Academias, nos ilumine, de novo, a vossa luz, poeta e escritor, professor emérito e jurista Oldegar Franco Vieira. Nos seus lúcidos 88 anos de idade, completados em 28 de abril de 2003, este baiano Oldegar é multi-emérito nas três vocações de sua vida: a de homem de letras; a de missionário do Direito; a de educador. O título de Acadêmico Emérito de Educação, que lhe conferiu nossa Companhia, apenas corrobora um dos três veios meritórios de sua trajetória de vida a serviço da cultura e da sociedade de nosso país, da qual devemos, aqui, esboçar uma memória breve, percorrendo, esquematicamente, sete décadas de seus feitos e façanhas, desde os anos 1930.

Abro parêntese para declarar que terei cuidado e precaução com os riscos do afeto, pela preliminar de suspeição por parentesco, pois somos primos que temos o vêzo judaico-cristão de dar muita importância e força aos laços de família. A avó de Oldegar, por sua linha materna, Yayá Adalgiza, era irmã de sangue de meu avô, por minha linha paterna, Eurico Matta: portanto temos, por aí, bisavós comuns, por volta de meados do século XIX, 1845, o médico (e secretário da Faculdade de Medicina baiana de 1808) Paulo Joaquim Bernardes da Matta e D. Cândida Hygina de Moura Matta, irmã de sangue do bacharel em Direito coimbrão (1827) João José de Moura Magalhães, professor de Direito Público em Olinda, deputado provincial na Bahia por dez anos e geral em 1837, e que, talento e cultura reconhecido pelas graças do Imperador, foi nomeado presidente das províncias da Paraíba (1838), do Maranhão (1844, por onde foi eleito deputado geral),

nomeado desembargador do tribunal da relação da Bahia em 1846, logo em 1847 presidente da província da Bahia, por onde se elegeu de novo deputado geral, mudando-se para o Rio, onde foi Conselheiro do Império e intelectual poeta, tradutor da poesia de Goethe e de Schiller. Este apego aos laços de família aparece, de modo encantador, no recentíssimo livro memorialístico da irmã de Oldegar, lançado para familiares e amigos em 7 de agosto passado, após a missa de ação de graças pelos 80 anos da Professora e bibliotecária Joana Angélica Vieira Ribeiro, minha prima *Jane*, que modestamente o considera “coletânea de artigos” sob o título ...*Simplesmente recordando*. Fecho parêntese.

A década dos anos 1930 é a da formação universitária na Faculdade Livre de Direito da Bahia, mas começa com o ginásiano (do Instituto Bahiano de Ensino e do Ginásio da Bahia) Oldegar participando do movimento *escoteirista* ou do *escotismo* (que o educador Isaías Alves tinha introduzido no Ginásio Ipiranga) e, aos 17 anos, escrevendo seus primeiros poemas sob a forma do *haikai* japonês — o famoso terceto com versos de 5, 7 e 5 sílabas poéticas — alguns dos quais serão publicados, em outubro de 1932, pelo jornal *A Tarde*, e em 1933, na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, pelo Acadêmico baiano e médico escritor e professor Júlio Afrânio Peixoto, que os apresenta e enaltece (e a alguns “haikais” de outro jovem baiano, Gil Nunesmaia). Afrânio Peixoto é o patrono da cadeira n. 28 desta Academia Bahiana de Educação que nosso homenageado ocupa desde 1983. E aqueles anos 930 são também o período da militância de Oldegar na chamada “Juventude Integralista”, logo depois do “Manifesto de Outubro” de 1932, de Plínio Salgado, e da criação da AIB—*Ação Integralista Brasileira*. Sabidamente a formatura em Direito — dessa turma de Oldegar, José Calazans, Julival Rebouças, Nelson Sampaio (estes três de tão saudosa memória), Rubem Nogueira, Jorge Calmon e tantos outros de brilhante carreira, — ocorre depois do golpe de estado de Getúlio Vargas e de sua Constituição dita *polaca*, de 1937, com o advento do “Estado Novo” que extingue os partidos, fecha os legislativos e nomeia interventores e prefeitos. O recém-Bacharel Oldegar envereda, então, pelo magistério, inclusive em estabelecimentos públicos, como o Ginásio da Bahia, onde o Secretário de Estado Isaías Alves o contrata para ensinar Psicologia e Lógica no Curso Complementar, de 1939 a dezembro de 1940. Importa

recordar que em março de 1939 saiu o primeiro dos 18 números de *América* (1ª. fase, de 1939 a 1943), uma “Revista de Cultura e Divulgação” concebida por ex-integralistas, editada pelos irmãos Pitangueira, João Sousa à frente, e no qual primeiros poetas, logo divulgados, são o santamarense Alberto Guerreiro Ramos, Gil Nunesmaia, João Pitangueira e Oldegar Vieira -- com seis *haikais* do seu primeiro livro, *Folhas de Chá*, que teria primeira edição paulista em 1940, ilustrada por ninguém menos que Anita Malfatti. Até fins de 1942, quando estará no Rio de Janeiro, Oldegar -- o poeta e o prosador -- aparece em vários números de *América*, ao lado de outros que escreveram sobre seus *haikais* -- como Fernando Dinis Gonçalves, ilustrador da revista (sobrinho do jurisfilósofo Almacchio Dinis, que é o patrono da cadeira que Oldegar ocupa na Academia de Letras Jurídicas da Bahia), -- e que foram próceres do integralismo, como o mestre pensador Herbert Parentes Fortes e o educador Diógenes Vinhaes, patrono de uma das cadeiras desta Academia de Educação, ou que foram militantes jovens do movimento, como Rafael Felloni de Mattos.

No início da década de 1940, sócio efetivo do Instituto Geográfico e Histórico Bahia (IGHB) em 1941, Oldegar se muda para o Rio, a fim de estudar ciências sociais na Faculdade Nacional de Filosofia, como bolsista (como aconteceu com Guerreiro Ramos), e em 1942 ele se emprega como Técnico de Educação com exercício no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, dirigido pelo grande Lourenço Filho. Esta experiência o levará em 1944 para o Território Federal do Guaporé (atual Rondônia), onde será Diretor de Educação até maio de 1947, -- esta, aliás, a fase em que conhece a intelectual catarinense Edith Tolentino de Souza, sua admirável Didi, que será sua esposa em 1945 e por toda a vida, até hoje. É de 1943, no Rio (ed. A Coelho Filho), seu primeiro livro como educador, 249 p., *Educação Extra-escolar e Educação pré-militar*, no qual dedica uma parte ao escotismo, e que seria muito louvado por M. A Teixeira de Freitas, Secretário Geral do IBGE, que também consideraria “brilhantes” os numerosos artigos que Oldegar publicou em série, de 1944 a 1946, em jornal dos Associados em Porto Velho, sob o título geral *Notas Pedagógicas*. Retornando à Bahia em 1947, é Diretor de Ensino do Departamento Regional do SENAC e professor de Sociologia da Escola de Serviço Social da UCSAL, dirigida por Thales de Azevedo, tendo Leda Jesuino como colega. Mas volta ao Rio em 1948, para curso de um mês no SENAC, com o Prof. Leon Walther, da Universidade de Genebra. Atua, com Guerreiro Ramos pesquisa-

dor, como professor do curso de Formação de Médicos Puericultores, no Departamento Nacional da Criança, até 1951.

De 1950 a 1953, no Distrito Federal, é orientador educacional e professor da Escola Técnica Federal de Indústrias Químicas e Têxteis, do SENAI. De volta à Bahia em 1953, professor de Sociologia da Faculdade de Filosofia da UCSAL até 1959, assume a cátedra de Instituições de Direito Público, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA, e é assessor do Magnífico Reitor Edgard Santos, que o designa para organizar e dirigir, em 1959, a então recém-criada Escola de Administração, até 1961. Oldegar viaja à Europa, em várias missões culturais e como membro, por cinco anos e por ato do governo italiano, do Conselho Diretivo do Instituto de Direito Agrário Internacional e Comparado. Os anos 1950 constituem uma década de muita produção intelectual e muitos opúsculos e livros publicados, cujos títulos e temas revelam a natureza dos estudos do educador e do jurista, a saber: *O Direito – especialmente o externo – e o Ensino das Ciências Econômicas* (1952); *O Economista, a Estatística e a Formação Universitária* (1953); *O Estado e a Educação Autônoma* (1953); *Federalismo e Unidade Judiciária* (1954); *A educação como Instituição Pública* (1956); o volume *Introdução ao Estudo do Direito Público*, publicado pela Livraria Editora Progresso de Pinto de Aguiar (1957); *A Instituição Corporativa da Educação Nacional* (1957); *O Estado e a Ordem Econômica* (UFBA, 1958); *Bibliografia Brasileira de Direito do Trabalho* (UFBA, 1958); e os opúsculos editados em Portugal, “Coleção Scientia Iuridica”, *A Administração como Função Pública*, Braga, Livraria Cruz, 1959; e *A propósito do Direito Agrário no Brasil*, *idem*, 1960.

Em 1960 visita várias universidades nos EUA como “dean”(dirigente) da Escola de Administração da UFBA, a convite da USAID, indo até o México, -- nessa ocasião nos encontramos em Los Angeles, na USC, e viajamos em grupo internacional até o México. Volta ao magistério e às publicações. Em 1962, integra por três meses a Comissão Jurídica do Grupo de Trabalho criado pelo Ministério das Minas e Energia para a constituição da empresa CENTRAIS ELÉTRICAS BRASILEIRAS S A (ELETROBRÁS). 1964 é o ano de seu ingresso na Academia de Letras da Bahia, na cadeira cujo patrono é o famoso político e jurista do Império, Francisco Gê Acaiaba de Montezuma, Visconde de Jequitinhonha,-- cadeira cujo fundador é o governador da Bahia Antônio Ferrão Moniz de Aragão,-- e na solene posse foi

saudado pelo Acadêmico José Calazans Brandão da Silva (seu colega da turma de Direito de 1937, já se disse). Os dois discursos foram publicados na *Revista da Academia de Letras da Bahia* e em opúsculo.

Na década dos 1970 nosso homenageado se dedica às suas atividades de consultoria jurídica como Procurador do Estado, inclusive junto ao Tribunal de Contas dos Municípios, ao magistério, à retomada da literatura com nova edição, primorosa, de 1976, do seu *Folhas de Chá*, e das letras jurídicas, com a publicação, em 1974, do opúsculo *O ordenamento econômico e a Constituição* (Braga, Livraria Cruz) e, pela UFBA, do seu volume *Estado de Direito e Estado de Cultura*, também publicado pelo Congresso Nacional, com novas edições em 1983 e 1986. É publicação de 1975 (Rio de Janeiro, Livraria Editora Cátedra) seu premiado ensaio intitulado *O HAICAI, essencialmente japonês?*

A fundação de uma Associação Cultural Brasil-Japão do Estado da Bahia absorverá Oldegar Vieira nos anos 1980 e o cultivo dessas relações culturais se intensificará nos anos 1990. Aposentado do magistério na UFBA, em 1988 Oldegar Vieira pôde ser indicado, pela Congregação da Escola de Administração, para a outorga do título de Professor Emérito, que é conferido pelo Conselho Universitário da Universidade, como o foi, no reitorado Germano Tabakof. Nesses anos 80, em que foi eleito para a Academia Bahiana de Educação, também é recebido pela *Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris*, na cadeira que tem como patrona Nossa Senhora das Candeias. São frequentes seus artigos em *A Tarde*, como o serão nos anos 1990, a exemplo do intitulado “Baden –Powell, o pedagogo da educação extra-escolar” ou do, em maio de 1995, “Cem anos de amizade Brasil-Japão” e, divulgado no suplemen-

to CULTURAL de *A Tarde*, o estudo que intitulou “Niponologia”. Um ano antes, em outubro de 1994, com grande festa nos salões da Academia de Letras da Bahia, renasce o *haikaista* Oldegar Vieira com o lançamento do belo livro *Gravuras ao Vento* (São Paulo, Massao Ohno Editor, 1994). No ano seguinte, Oldegar Vieira foi agraciado por Sua Magestade o Imperador do Japão com a **Comenda da Ordem do Tesouro Sagrado Com Raios de Ouro e Laço**, “em reconhecimento a sua destacada atuação no desenvolvimento da amizade entre o Brasil e o Japão.” A cerimônia ocorreu no dia 10 de agosto de 1995, ano do centenário do “Tratado Brasil-Japão, de Amizade, Comércio e Navegação”, e na sede da Academia de Letras da Bahia, Palacete Góes Calmon, Nazaré. Naquela publicação, *Gravuras ao Vento*, está registrada ou documentada a formidável fortuna crítica que desde os anos 1933 e 1940 consagrou a produção poética daquele que, depois das duas edições do *Folhas de Chá*, recebeu os seguintes, entre tantos outros, encômios:

“Suas Folhas de Chá nunca envelhecem”.

Alceu Amoroso Lima;

“Se há poetas brasileiros que cultivam preconceito contra o haikai, não figuro entre eles. Pelo contrário, o gênero sempre me atraiu pela graça, leveza e poder de síntese, alcançando mesmo, às vezes, profundidade conceitual. E você é, entre nós, sabidamente, quem melhor domina o haikai.”

Carlos Drummond de Andrade; e  
“Verdadeira e bela poesia.”

Pedro Calmon.

Como estão sob o ponto de vista acadêmico e na prática, separadas, ciências exatas ou matemáticas e humanas e sociais não têm como se interrelacionar. Não se inter/relacionam/semelham ou analogizam. Dentro mesmo das ciências sociais e humanas, umas se separam das outras. Autonomia dissociativa e prejudicial. Enfim, separam-se/apartam-se também educação e filosofia.

Existe filosofia da educação – mas como estudo e não como centro fixador – e liberador da filosofia geral da vida, a energizar e informar a pedagogia. Falta de *weltanschauung* – visão do mundo, mundividência.

A universidade está versuna e não univér-sica: os versos (os vários) atropelam-se com a unidade, quando justo seria a unidade (uni) gerar a variedade (versidade). Espécie de esquizofrenia e esquizofasia – a divisão, o fendido, o falar confuso, incompreensível, entrecortado. O ensino uni/versitário está em geral disjunto e disjuntivo, separado.

Não se tem consciência da educação nem educação da consciência, uma decorrente da outra. Quem tem consciência, tem consciência de. A consciência da educação visa o homem real, a realidade do homem: existe em si (no homem) e fora do homem (nos conjuntos da realidade da vida) ao mesmo passo. Nem é abstração: trata-se de João ou Maria, brasileiros, nordestinos, baianos, da realidade social e do ainda, em conjunto, momento histórico deste país. Crianças sim, descendentes do homem e da mulher localizados. Urge ser brasileiros (no caso específico) e conscientes da sua humanidade (o ser homens e humanos no composto mundial). Antes de serem brasileiros, são homens. Seres humanos.

A educação brasileira, assim, quer como tratamento universitário, nas casas ou faculdades de ensino superior, portanto, no aprendizado, quer como tipo médio ou secundário, quer com praticabilidade extensiva do ensinamento primário, acéfala se encontra, porque sem filosofia da educação, filosofia-da-educação que faça coerir o todo brasileiro. Como prática administrativa de igual modo.

Que filosofia da educação, por conseguinte, levam os titulares da educação para suas pastas, dos ministérios às secretarias municipais? Não há coordenação unitiva e livre, vivida com o sentido tradicional e moderno que a educação, na teoria e na prática, equivale a processo social amplíssimo. Seria o processo democrático e democratizante da educação. Nesse sentido convém

dar-oferecer/propor/dialogar a filosofia da educação democrática e, logo, democratizante, mostrar que a democracia, em si mesma, educa, que a democracia, mais do que os regimes opostos, visa a filosofia da educação. A educação democrática, filosofia mais abrangente do que a de seus adversários, vai da família à liberdade de crenças, atinge a burocracia e os aparelhos governamentais, passa pela recreação e lazer, chega às escolhas livres e libertadoras da escola. Trabalho democratizante da educação, não afirmar apenas a educação, mas indicar que a democracia educa e que a educação democratiza. Democracia não se junte às ideologias, da direita e da esquerda. A democracia educa para o equilíbrio e, por isso, torna-se difícil na prática, mais do que na teoria, embora seja, de modo absoluto, necessário partir da teoria, melhor ainda, da teoria-prática, da teoria que se faz prática e/ou da prática que se fará teoria. Sempre simbiose, organicidade e integração.

## II

A educação democrática e democratizante oferece filosofia de vida-educativa-transformadora norteada em princípios para todos. O antidemocratismo ditatorial da esquerda e da direita nasce do democratismo anarquista. É contrafação da comunidade e do espírito comunitário da democracia como oriunda de muito mais longe (dos gregos). Totalidade sem hierarquia é antidemocrática, todo sem nenhuma subordinação das partes ao todo, não se compatibiliza com a democracia. Precisamos de democracia organizada. Não se pode fragmentar o pensamento do povo, base política da ação democrática. Não se pode ir contra as manifestações legítimas que emanam das raízes populares. A greve demonstra expressão popular democrática? A resposta é – sim. Dentro do método democrático: se todos os meios forem usados, não como norma. Não se pode, também, nem deve, na democracia, pressupor que populismo se torna exigência. Não é: democracia se faz pelo povo e não pela bajulação ou manipulação do povo. A democracia, na educação, para e pela democracia, conduz ao espírito de comunidade. A comunidade conscientiza-se na prática de direitos e deveres. Direitos apenas, sem deveres, leva à anarquia, à desintegração dos órgãos públicos e particulares. Deveres apenas, sem direitos, conduz à tirania e ditadura, desintegração ainda também dos sujeitos individuais em função da hipertrofia dos líderes ou chefes autoritários. A

educação na democracia já educa, democratiza em si e por si mesma. Educação e democracia se enraizaram nas mesmas fontes originárias.

### III

A educação, mesmo no relativo à burocracia, exige liberdade para continuidade administrativa de tudo aquilo que, no passado, foi construtivo; exige mudanças que não desfaçam o sentido do porvir (por/vir), uma vez que não se há de fragmentar tempos e períodos em benefício dos mandarins de ontem, de hoje ou de amanhã. Daí a dificuldade da educação sem a filosofia de vida larga de espírito, de coração e de mentalidade.

A burocracia educacional, por exemplo, a chamada máquina burocrática (palavra horrível em realidade acachapante do indivíduo) perde seu sentido democrático quando não se prende ao sentido de liberdade e de renovação democrática. Governos passam, e devem passar, mas os educadores, os servidores da educação, não passam. Para que não passem hão de ater-se ao espírito educacional de filosofia-de-vida-democrática. Tanto se fala em “reciclagem”, mas reciclagem melhor está em saber que a educação depende, ao mesmo tempo, da permanência e da fluidez. Assim, os problemas que a educação gera, ao agir, dividem-se em dois grupos: técnicos e gerais, onde se inclui a burocracia ou a máquina burocrática. Os procedimentos técnicos visam, assim, o procedimento e requerem o conhecimento das situações concretas e dos meios que se podem empregar em face dessas circunstâncias. Os problemas gerais, de sentido, exigem verificar o processo educativo. Uns e outros se implicam e não se excluem. Inter/dependem-se.

Assim, educadores como Pestalozzi e Kreschensteiner, colocaram os problemas técnicos e gerais dentro de uma reflexão sobre os  fins  da educação. Herbart e Dewey propuseram certos  métodos  em vista de certos fins. O mesmo, Isaías Alves e Anísio Teixeira e outros.

### IV

A educação depende de  auto-educação . Ou seja, da reciclagem contínua, da retroalimentação permanente, através da filosofia pessoal e comunitária de educação. A  auto-educação  semelha processo pessoal em função do comunitário, ligados ou interligados, indivíduo e pessoa, sociedade e comunidade funcionalmente dinâmica.

A auto-educação, processo pessoal em vista do comunitário, coloca indivíduos e pessoas, sociedades e comunidades em confronto de ação e reação. A auto-educação nem sequer depende, em

termos, das conjunturas. A pessoa não pode educar-se sem a comunidade, mas a comunidade não tem condições de  ser e estar  sem a pessoa. De forma que o educador se limitará a mostrar o caminho correto ao educando. O impacto exercido pelo educador faz-se indiretamente, depende do próprio educador em última análise. O legítimo educador desperta as “dormências” ou “potencialidades”, não pode criá-las. Se não houver receptividade e ressonância na alma do educando, o melhor dos educadores não o pode substituir e nem converter. Pode o educador produzir no educando tais receptividade e ressonância? Diretamente, não. Indiretamente, pode. Neste ângulo de visão,  a educação é mais do que ciência ou técnica  (que é): torna-se Arte. Se o que afirmo balisa a filosofia da educação, centrando arte, então a educação consiste no conhecimento exato da natureza humana, a mesma em todos os seres humanos. Não apenas como Ciência, Técnica, Filosofia ou Arte, mas como um conjunto, uma totalidade. Totalidade física e psicológica, moral e espiritual. O micro e macro/cosmo no ser humano.

### V

Ninguém conhece a natureza humana dos outros sem conhecer sua própria natureza. Emerson ouvia um orador que todos aplaudiam, menos ele. Por que? – perguntaram-lhe. Respondeu: “Não pude ouvir o que disse o orador, porque aquilo que ele é trovejava mais alto”.

O que disse ou como disse, desmentia o que ele é.  Só um  auto-conhecimento  profundo abre passagem para o  alo-conhecimento  (o conhecimento através dos outros, conhecimento pelo alheio).

Eis, assim, pois o que é filosofia da educação: saber guardar os diversos atos e gestos na prática dos fatos da educação. Filosofia da educação indica a todos os níveis do educar teórico e prático que democracia de atitudes e considerações gestuais não frutifica por um aprendizado apenas livresco. O melhor livro se consubstancia na reflexão, reflexão pessoal, inicialmente, reflexão própria, a velha e esquecida ação educacionista do exame de consciência, a entrada em si mesmo, o auto-conhecimento, a descida à psique, a descoberta do inconsciente. Então, a educação parte para o exterior,  o alo , o externo, o ensino, o aprendizado, a escola, o professor, a instituição. Enquanto o ensino nacional for apenas de verificações sem o despertamento da consciência interior, enquanto as máquinas da burocracia educacional pensarem em promoções desligadas de um planejamento técnico e humano (humanista, depois) e do papel do indivíduo consigo mesmo,

enquanto fazer educação depender somente de reivindicações, até que fossem criteriosas, o Brasil não passará de um país sem respeito.

Sem o conhecimento do homem e sua natureza, sem a auto-educação, de que adianta a educação? Sou o que sou e não apenas o que tenho; sou o que sou e não o que dizem de mim; sou o que sou na minha intimidade consciente-inconsciente pessoal e coletiva. Sou em mim e depois – mas sem separar – sou no conjunto. Se eu não me educo, como ser educado?

## VI

A educação, dessa forma, faz-se mais pela Arte do que pela Ciência. A Ciência joga com análises intelectivas e racionais; a Arte conduz à intuição criativa, com ela condiz. Sou extuição (aprendizado educacional de fora) e sou intuição (aprendizado com a descoberta do meu welt – mundo interior, eu mesmo, *self*). Ao ler Heidegger percebe-se tão logicamente esse descobrir-evidenciar do meu eu aí exposto e do meu eu integrado e integrador com tudo e com todos, individualizador-universalizador.

Se a Arte conduz à criação, à intuição, a educação torna-se arte indicando ao educável a criatividade, a escola a ser criativa, a educação formal a ser libertadora das potências de cada qual. Educar prepara a criatividade. A escola aberta, a universidade aberta, através de meios técnicos, como os meios de comunicação em geral e da TV em particular – abre... Abertura. Não é aula fria e amorfa televisiva, é a mesma, assim, criativa, equilibrando formação e informação. As verbas, para ela, não significam, automaticamente, o progresso e desenvolvimento (embora necessárias e requeridas). As verbas são meios, não fins. Tudo é educação e leva à educação, num país, neste país, se houver mentalidade generalizada para a educação além da formalidade.

Tudo que se torna criativo eleva, educa. Educar eduz (tirar de, extrair de dentro de, fazer sair) e não a mera educabilidade (adoçamento externo formal). Ou, melhor, eduz e adoça instintividade primitiva. Deus (o Ser) é Deus (Ser) porque cria; o homem e o educador em particular, só são homens e educadores se são capazes de criatividade, de criativizar.

---

\* Germano Machado Fundador do CEPA, da Academia Baiana de Educação, Professor universitário e escritor.

Impossível deixar de estar presente nesta justa homenagem.

Academia Baiana de Educação se sente honrada em participar com algumas palavras de louvor e reconhecimento ao trabalho e à representativa figura tão ilustre quanto querida do professor Germano Machado, que se configura cada vez mais como o educador.

Aquele educador consciente do significativo papel que desempenha através de seu vigoroso ânimo de incentivador, levando o público interessado em cultura e os amantes de poesia e sua palavra de coragem e força para prosseguirem produzindo seus textos.

Textos, poemas que ele publica na ânsia de demonstrar que valores intelectuais se revelam quando há o húmus propício ao desabrochar de flores. O CEPA é uma admirável realidade.

Incansável, completa 80 anos com o seu machado roçando para que o matagal não impeça o germinar de sementes das árvores por ele

plantadas com amor, com muito amor.

Árvores que nascerão robustas, fortes, copadas; prontas para oferecerem frutos e sombras para agasalhar os que dela necessitem na sua jornada existencial.

Professor Germano, a Academia Baiana de Educação lhe presta hoje uma singela homenagem.

Fique certo de que estar no meio de nós significa compreender o seu papel como educador, acolher o seu trabalho como orientador e, sobretudo, aceitar a sua colaboração intelectual sempre presente.

A presença da Academia nesta homenagem deve representar a nossa admiração e o nosso incentivo, o nosso apoio ao seu específico desempenho no meio intelectual da Bahia.

*\*Leda Jesuíno é membro da Academia de Educação da Bahia, escritora e poeta.*

Sinto-me, neste momento, particularmente honrada. O convite, altamente significativo, para participar do centenário de uma casa tradicional como a Visconde de Cayru, tecendo considerações sobre um dos temas universais mais controversos da pós-modernidade, que é a Educação, coloca-nos entre aqueles privilegiados que se unem aos que "se esforçam para ser humanos", num mundo cada vez mais desumano, acreditando que o homem pode ser melhor atuando de modo diferente, não em uma "sociedade perfeita", mas, segundo Bauman<sup>1</sup>, "boa sociedade", definida por ele como "a sociedade que se recria sem cessar por não ser suficientemente boa e não estar fazendo o suficiente para se tornar melhor".

E é conveniente ter Bauman como referência, tratando-se de um dos poucos sociólogos contemporâneos, nos quais "ainda se encontram idéias", e é considerado como o "profeta da pos-modernidade".

Se as controvérsias sobre educação são cada vez mais evidentes, quando se reflete sobre educação na pós-modernidade, acentuam-se as dificuldades para construir paradigmas, buscar certezas, assegurar verdades sólidas e, sobretudo, tecer projetos para o futuro.

No bojo do iluminismo que caracterizou o paradigma cognitivo-racional da era moderna dentro de uma cosmovisão fundamentada no irrestrito poder de perceber, com exatidão, um mundo empírico existente, já foi uma tarefa muito complexa para a educação ter de cumprir a sua missão, que é contribuir efusivamente para tornar o homem feliz, criar condições para que lhe seja possível buscar sua felicidade, ser um cidadão ajustado consigo mesmo, com o outro e com o Universo.

O núcleo filosófico da educação contemporânea e com plexo por nele predominar a discussão mais imbricada no élan vital do existir no mundo no qual o educador tem duas opções: ou a ignora e passa ao largo, limitando suas áreas de atuação na superficialidade dominante, ou nela mergulha fundo, vivenciando a interminável dialética em torno do que seja educar para a felicidade, penetrando com acuidade na discussão que enfoca o conceito de estar feliz no mundo, o tão almejado "bem-estar subjetivo".

No momento em que compreende que a visão do iluminismo europeu não tem mais lugar no fulcro do âmbito da educação hodierna, o

educador consciente, mais que percebe, sente que os avanços da ciência, da técnica e da razão melhoraram as condições objetivas de vida, mas não atenderam aos anseios de felicidade, ao chamado "bem-estar subjetivo", à realização existencial do homem; e o pior, não possibilitou à educação cumprir a sua finalidade máxima que é tornar o homem feliz, ajustado consigo mesmo, com o outro, com o Universo.

E é esta percepção que o torna consciente, é este sentimento que impulsiona ações significativas de mudanças, levando-o ao destemor, ao mergulho necessário na complexibilidade implícita no binômio educação/felicidade.

Segundo Giannetti<sup>2</sup>, a grande promessa de felicidade do iluminismo dizia respeito à expressão das oportunidades e, principalmente, da capacidade de as pessoas, em geral, viverem à altura do seu melhor potencial, escolhendo o seu próprio destino, encontrando uma satisfação e um sentido de realização crescentes na sua existência, em suma, fazendo de suas vidas, de forma cada vez mais consciente e bem-sucedida, o melhor de que são capazes.

A educação teria a função de ajudar a sustentação do tripé iluminista: o domínio da natureza pelo Homem, a perfectibilidade humana pelo desenvolvimento da razão, e o governo racional que levaria o homem à felicidade. Impunha-se a dimensão racional com paradigmas estabelecidos dentro da concepção newtoniana-cartesiana, paradigmas estes que levam a educação a super dimensionar as estruturas cognitivas do educando, para, que, através da razão, pudesse assimilar as grandes verdades paradigmáticas que dominam a ciência, tais como: a realidade objetiva é toda a realidade, as três dimensões do tempo têm realidade absoluta, só é válido o que é quantificável, mensurável, e o que é perceptível pela razão do princípio da causalidade, crença limitada a valores materiais de segurança, prazer e poder, e a supervalorização da superespecialização e da multidisciplinaridade.

Adveio, então, o processo científico e material, "uma civilização tecnológica e de alta pressão cognitiva que acenava com a promessa de um paraíso sobre a Terra, por meio do consumo desenfreado e de um simulacro de felicidade quimicamente determinada". No entanto o Poder, a Glória, a Riqueza não conseguiram conduzir o homem à felicidade. Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, no início dos anos 90, revelou

que 89% dos americanos consideram a sociedade em que vivem demasiadamente preocupada com dinheiro e 74% julgam que o materialismo exagerado constitui um grave problema social<sup>3</sup>. A economia tornou-se a nova religião, mas a riqueza das nações não as tornou felizes, não proporcionou ao homem alcançar o bem-estar subjetivo.

Os paradigmas científicos tiveram significativa influência, como não poderia deixar de ser, sobre a educação, que "priorizou a informação, valorizou a instrução se dirigindo a memória e à razão, considerou o aluno como objetivo de ensino, como mecanismo automático de registro, enfatizou os valores pragmáticos como consumismo, competição, poder, celebridade, esteve mais voltado para o lado esquerdo do cérebro", além de muitos outros valores como explicita Pierre Weil, o grande reitor da Universidade da Paz.

No processo evolutivo do conhecimento humano, as pesquisas científicas seguiram seu rumo, e surgiram no meio científico as grandes descobertas e, conseqüentemente, as "outras verdades", que vieram aos poucos e levaram os grandes cientistas, como Fritjof Capra, Heisenberg, Basarab Nicolescu, Sheldrake, David Bohm, Amit Goswami e Lupasco, penetrando no âmago da física, da biologia, da matemática, a chegarem à física quântica, à cosmologia, à astrofísica, à neurofisiologia, que ocupam um lugar significativo no mundo de hoje, ao apresentarem novas teorias sobre as leis do Universo e promoveram a grande mudança dos paradigmas científicos.

Vê-se, então, ruir a concepção de um mundo que obedece a leis fixas e mecânicas, com uma visão do ser humano que observa a natureza, mas desta separado, com o conhecimento cada vez mais fragmentado em disciplinas, sempre mais numerosas. Prigogine, prêmio Nobel de Química, publica o livro *Fim das Certezas* onde a causalidade linear e o mecanicismo são contestados. Lupasco propõe uma lógica, definindo um sistema não como um conjunto de elementos, mas como um conjunto de eventos. E a Psicologia avança fundamentada nas novas descobertas. As mudanças começam a ocorrer celeremente.

Os conceitos de interação, integração, estão baseados na crença de que a realidade não é toda objetiva; há, sim, uma realidade subjetiva e, afinal, toda objetividade é subjetiva. Não mais a dualidade sujeito / objeto; há uma interação entre eles.

A mente não é gerada pelo cérebro, ela é separada deste, relação comparável a um

programa e um aparelho de TV em que o observador e o observado não são separados, sendo o observador participante lúcido da sua influência nos resultados, e em que a superespecialidade e a multidisciplinaridade estão sendo substituídas pela transdisciplinaridade.

Diante de um novo paradigma científico-filosófico que domina a pós-modernidade, compreendemos as afirmações de Bauman ao denominar a sociedade Pós-moderna de "modernidade líquida". Fica mais fácil perceber as dificuldades com que se depara a educação para atingir a sua missão, como Edgar Morin a concebe.

"Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência", afirma Bauman. "Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da liquidez, para caracterizar o estado da sociedade moderna que, como os líquidos, se caracteriza por sua incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades auto-evidentes.

Agora, enfatiza Bauman, as coisas todas – emprego, relacionamentos, Know-how, etc. – tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desreguladas, flexíveis, tudo em movimento. Nada permanente. O, "para sempre" pode durar apenas algumas semanas. E o "Amor Líquido" predomina, pelo medo de desenvolver relacionamentos mais profundos que podem imobilizar um mundo em permanente movimento.

É nessa "sociedade líquida" da pós-modernidade que o educador precisa atuar com um novo conceito de educação, fundamentado no Relatório Delors: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e, conseqüentemente, mudando o seu paradigma, o que significa valorizar o lado direito do cérebro e todo o sistema nervoso cérebro-espinhal, enfatizando a formação geral que precede a especialização, e priorizar os valores não pragmáticos e éticos como simplicidade, cooperação, generosidade, igualdade, equanimidade.

É, sem dúvida, uma mudança, mais que uma mudança, uma revolução e "esta revolução só pode ser feita se ela for realizada no íntimo de cada educador"<sup>5</sup>.

Nesta sociedade líquida da pós-modernidade percebe-se claramente que o progresso da razão e a felicidade não são necessariamente convergentes e que o mero existir no mundo deve ser um prazer e não um carregar na frente o fardo da existência que o

desafio da felicidade se torna muito mais uma questão de psicologia do que de economia.

Emerge, naturalmente, dessa "líquidez" existencial a importância do sentir, que a educação das emoções está colocando em pauta de análise, com vários projetos em curso, por educadores que acreditam, como Edgar Morin, que educar é uma missão que pressupõe Fé nas possibilidades do espírito humano, e Eras, amor, energia dominante que se retroalimenta "no coração do mundo que é a humanidade".

O cultivar a intuição torna-se fundamental para que sejam compreendidas as racionalizações como obstáculos para o autoconhecimento. É um conhecimento imediato e dele não participa a razão, sendo instrumento de suma importância para o exercício do discernimento. E no supermercado das teorias, no fervente caldeirão das idéias, aprender a escolher discernindo com prioridades é tarefa do educador dos novos tempos.

Novos tempos que Morin compreende como sendo "agonia planetária", que passa a caracterizar como a soma de conflitos tradicionais de todos contra todos, mais as crises de diversas espécies, mais o surgimento de problemas novos sem solução; e um todo que se nutre desses ingredientes conflituais de crise e de problemas, englobando-os, utrapassando-os e, por sua vez, alimentando-os. "A agonia de morte, nascimento é, talvez, a via com riscos infinitos para a metamorfose geral na condição de que juntamente nos venha a tomada de consciência".

Para novos tempos, novo paradigma educacional que leve em conta o desenvolvimento da interação humana pela capacidade de compreensão que exige saber ouvir o outro. A difícil arte de escutar está dentro do novo paradigma.

--

As vezes, e quantas, no silêncio mora um mundo porque o que se tem a dizer não cabe em palavras. Diz Rubem Alves que "a filosofia ocidental é obcecada pela questão do Ser e a filosofia oriental pela questão do vazio, do nada. Mas é no vazio da jarra que se colocam flores. A escuta é um bom colo para uma criança se assentar"<sup>6</sup>.

Para novos tempos, novo paradigma educacional, mas sempre dentro do antigo sonho do homem: ser feliz e educar para a felicidade. Este é hoje o tema central do núcleo dialético da problemática educacional.

"Não acredito - nos afirma Bauman - que haja um progresso linear no que diz respeito à felicidade humana. Como um pêndulo, nos movemos de tempos mais felizes para tempos

menos felizes, e de menos felizes para mais felizes".

Martin Seligman, no seu admirável livro Felicidade autêntica, informa que, numa pesquisa feita nos Estados Unidos, numa amostra, 3.050 cidadãos adultos responderam sobre a percentagem de tempo em que se sentiram felizes:

- 54% de tempo felizes;
- 20% de tempo infelizes;
- 26% de tempo neutro.

Está, pois, dentro do novo paradigma, o educar para a felicidade, e Seligman encara este desafio com suas teorias sobre emoções positivas, sobre a educação do caráter e da vontade em função do grande objetivo: tornar o homem feliz num mundo em crise, dentro naturalmente do conceito de Bauman, não de uma sociedade perfeita, mas de uma "sociedade boa" porque consciente de suas dificuldades em permanente autocrítica.

Mesmo levando em consideração as concepções elaboradas para conceituar o homem educado, sobre o qual o educador deve incidir sua ótica, muitos são os pronunciamentos, desde a "personalidade madura", de Allport, a "pessoa", de Carl Rogers até a "pessoa totalmente desenvolvida", de Fromm, e o "homem ok", de Erich Berne.

Em todos eles, porém, está presente o conceito do homo viator, o que está sendo, em perene crescimento, e do homo concurs, aquele que é ajustado consigo mesmo, como outro e com o Universo; autônomo, livre, espontâneo, autêntico e capaz de se adaptar às aceleradas e vertiginosas mudanças dos nossos tempos, o homem que se sente no dever de fazer-se e refazer-se a si mesmo, num contínuo processo de ascensão pessoal.

Sobre o educador recai a responsabilidade da formação deste homem novo que deverá atuar num amanhã ignorado, que precisa, hoje, enfrentar o pós-modernismo, com suas características peculiares e, sobretudo, refletir de que forma a educação pode contribuir para a superação da polícrise em que estamos mergulhados.

Parece-nos oportuno repousar um pouco nos lagos tranquilos da filosofia oriental, na milenar sabedoria dos antigos mestres: o homem deve ser firme como uma montanha, caminhar como um gato, mover-se como as nuvens, tão lentamente que ninguém possa perceber as mudanças que ocorrem; adquirir a rapidez do coelho e não o seu medo; a persistência da tartaruga e não sua lentidão; a singeleza do cordeiro e não a sua incapacidade de defesa; a independência do gato e não a sua infidelidade.

Precisamos de homens éticos como afirma Luiz Borges e creio que necessitamos mais da sabedoria do Saber Ser e Conviver, do que o conhecimento do Saber Ter, mais a sabedoria do como atuar na sociedade fluida e amorfa do que o mero saber fazer da tecnologia avassaladora.

Formar homens dentro de um novo paradigma é o desafio que enfrenta a Educação, sempre como a Fênix, renascendo de suas próprias cinzas.

---

<sup>1</sup> BAUMAN, Zygmunt apud BURKE, M.<sup>a</sup> Lúcia G.P. Sociedade líquida. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 out. 2003. Caderno Mais.

<sup>2</sup> GIANNETTI, Eduardo. Felicidade. São Paulo. p.37. Companhia das Letras; 2002.

<sup>3</sup> GIANNETTI, op. cit., p.138.

<sup>4</sup> WEIL, Pierre. A mudança de sentido e o sentido da mudança. Rio de Janeiro: Rosas dos Ventos, 2000. p.82.

<sup>5</sup> WEIL, Pierre. A mudança de sentido e o sentido da mudança. Rio de Janeiro: Rosas dos Ventos, 2000. p.84.

<sup>6</sup> ALVES, Rubens. Ouvir e aprender. Folha de S. Paulo, dez. 2004.

DISCURSO DE AGRADECIMENTO - Preliminar

Palavras preliminares - Este é o mais gratificante encontro da minha vida profissional o qual me eleva a um alto patamar na escala das emoções humanas, que é o sentimento da gratidão.

Gratidão ao Supremo Senhor do Universo, à minha família que compreendeu, apoiou e estimulou os desafios que se apresentaram no decorrer do meu trilhar existencial, e aos amigos, muitos deles mais que amigos, que representam os irmãos que não tive, e sempre me ajudaram a conquistar os degraus da escalada profissional.

Neste instante, antes de iniciar o meu discurso acadêmico, desejo fazer um agradecimento especial -A Fundação João Fernandes da Cunha, com Dr. João e a Edith, nossos anfitriões, a quem desejo que minhas palavras sejam absorvidas pelo coração, o meu muito obrigado por ensinar a solidariedade humana através desta Fundação. Mil vezes agradecida pela sua generosa oferta de anfitrião nesta noite.

Um agradecimento também especial à UFBA" onde passei 60 anos, seu Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação a sua Editora e a Elizete Passos, o valioso tripé que é responsável por este momento tão significativo da minha vida, representando o empenho, o esforço, a competência, a compreensão, a boa vontade de Therezinha Miranda, a coordenadora do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, tão elogiado quanto concorrido; de Flávia Garcia Rosa, a eficiente Diretora da Editora da UFBA., cujos livros representam um marco em editoração; de Elizete Passos, a ex-aluna querida, pesquisadora com !Livros publicados, que me surpreendeu com o seu debruçar sobre minha vida profissional e o meu agradecimento, de profunda gratidão, a um amigo que tem sido, no percurso da minha jornada, mais que amigo, o conselheiro, o interlocutor de todas as horas, o irmão que a vida me ofereceu, Edivaldo Boaventura, o estímulo sempre presente, sincero e verdadeiro, que é também responsável por esta festa de gratidão.

Desejo dirigir-me, agora, especialmente, aos queridos amigos que aqui representam marcos da minha trajetória existencial, porquanto trazem consigo os nomes de várias instituições, algumas onde mais aprendi que ensinei, como meu querido 2 de Julho - aqui muito bem representado pelo Dr.

Cefas Jatobá, presidente do Conselho de Curadores da Fundação 2 de Julho, lá no meu querido Ginásio Americano, onde fui semi-interna e aprendi a ler, estudar, a trabalhar, sob a orientação firme e segura dos Bakers; como na Faculdade de Filosofia, aqui representada pelo diretor atual, Dr. Antônio Guerreiro, onde aprendi a refletir e a pesar, com o estímulo do mestre Isaías Alves, de João Mendonça, Gina Magnavita, Nelson Sampaio Magalhães Neto, Renato Mesquita; como na Escola de Serviço Social, aqui representada pela nossa querida amiga Liliana Mercury, ilustre Pró-Reitora da UCSal., assistente Social, e pela sua Diretora; ali, também aprendi e ensinei a servir, com o exemplo de Thales de Azevedo. Como nas Faculdades Integradas Olga Mettig, onde aprendi - com Olga - a doçura e a firmeza e de quem tive a honra de ser professora.

Nessas citadas instituições, aprendi e ensinei; noutras vivenciei períodos significativos de inolvidáveis recordações, que me ensinaram a conviver com desafios, como na Secretaria de Educação do Município, aqui representada pela minha amiga Dirlene, quando fui Coordenadora Municipal do Mobral; como na Secretaria Estadual de Educação, aqui representada por Frederico Wenceslau da Silva, quando coordenei programas em parceria MEC - SEC - UFBA, como o PROTAP - Classes Experimentais, Premen, Campus Avançado de Barreiras, e muitos outros, como no Conselho Estadual de Educação, aqui representado pela minha querida amiga Nadja Valverde, onde pude perceber, com mais profundidade, a complexidade do Sistema Estadual de Educação; como na Fundação José Carvalho, aqui representada por Dr. José Carvalho e pela figura adorável de Gilcina, atual prefeita de Catu, e onde atuo como Conselheira, aprendendo as grandes lições da Educação Comunitária; como no CEPa, aqui representado pelo Acadêmico Germano Machado, aprendendo a crer cada vez mais na potencial idade dos jovens; como na Faculdade de Ciências Econômicas, com amigos como Julieta e José Augusto Guimarães, aprendendo o idealismo de um educador; como na FBIEX, aqui representada por duas mulheres batalhadoras, nossa Lola - Maria Dolores Rodriguez Caluta e Maria José Lobo, e onde aprendi a excelsa beleza da educação especial, chamada hoje de educação para os necessitados de cuidados especiais; como no Instituto Rorish da

PAZ e Cultura do Brasil, aqui representado pelo Sr. Raimundo Santos; como na UNISOES e no Centro de Estudos Ashta Sheran, aqui representados por Ana Santos, aprendendo a cada dia a ver, na prática, a Unidade na Diversidade e a PAZ através da compreensão do outro, a

pedagogia das diferenças; como no Núcleo Swami Vivekananda, aqui tão bem representado por vários de seus componentes, onde estou sempre aprendendo sobre a proximidade da Filosofia e da Ciência, e a convergência da Filosofia Oriental com a Física Quântica.

*Leda Jesuino dos Santos*

# CONCESSÃO DO TÍTULO DE EDUCADOR DO ANO - 2003 À PROF.<sup>a</sup> LEDA JESUINO

## DISCURSO DE AGRADECIMENTO - *Mérito*

Salvador, 15 de outubro de 2004

Ao receber hoje, desta Academia, a significativa homenagem que ora me honra e dignifica, sinto o quanto é difícil ao agraciado, agradecer, não podendo expressar com a devida exatidão -- porque não é mensurável -- a gama de emoções sentidas no mais profundo do seu ser.

Agradecida, pois, pela homenagem e sumamente honrada pela assistência, deparo-me, agora, com traços marcantes que a vida deixou na longa estrada que palmilhei, na qual se instala ram obstáculos ao lado de belas paisagens floridas e gratificantes que dulcificaram os momentos difíceis.

Tento abarcar, com o coração tocado pela gratidão, a visão panorâmica que o talento de Maria Anália pintou com suas emoções traduzidas em palavras envolvidas num dos sentimentos mais expressivos da alma humana, que é a amizade, querendo por certo, explicar a razão de ser da outorga de um título honroso quanto significativo.

Acredito, porém, que o título conferido não tem explicação, embora traga, no seu bojo, uma imensa compreensão. A explicação é objetiva, fria e elucidativa, preocupada com a racionalidade dos seus conteúdos. A compreensão, entretanto, e intersubjetiva, e, segundo Edgar Morin, necessita de abertura e generosidade.

A Academia, nesta oportunidade, confere um título sumamente honroso, demonstrando compreensão e abertura numa análise da trajetória profissional de um dos seus membros com generosidade, e, desse modo, consegue que tal momento propicie uma reflexão que está, aliás, intimamente relacionada ao título conferido, que é o de Educador.

Confesso que a complexidade insita no conceito de Educar conduz a perplexidades. Mesmo não levando muito em conta a célebre declaração de Freud, considerando três tarefas impossíveis de realizar - psicologizar, educar e governar -, percebo que cada vez mais se amplia o foco da visão filosófica sobre o assunto; que educação não é uma palavra leve e fluida. É, ao contrário, uma palavra densa, pesada, carregada de sombrias elucubrações, trazendo no seu bojo mais problemas que alternativas de soluções, mais rigidez que flexibilidade, e, nestes dias quentes de outubro, mais politicagem que política.

Com grande pesar, repito agora o que, no fim da década de 80 do século passado, afirmei,

ao comemorar os 20 anos de existência da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia: a educação costuma ser, na boca dos políticos, a chave enganadora de muitas portas.

Mas, na linguagem dos educadores, é o enigma constante de todos os dias, que os conduz a incessantes esforços para decifrar-lhe os recônditos mais profundos de sua própria essência.

Sendo uma palavra um tanto quanto mágica, que se encontra no equipamento tragicômico dos feiticeiros e dos magos do nosso século, que são os técnicos, é controversa e apresenta muitos significados, a depender do sentido que lhe seja atribuído.

A educação situa-se envolvida no paradigma da complexidade e na teoria da incerteza, de que nos fala Morin<sup>1</sup>, lembrando que "complexidade guarda em si as noções de complicação (confusão e desordem) e completude (solidariedade advinda da necessidade de não se isolar as abjetas)".

É, pois, um todo complexo, trazendo consigo a teoria da incerteza, uma vez que, na vida e na ciência, não há certezas absolutas e, conseqüentemente, não há saber total, uma vez que ele está in fieri, nunca esgotado. A complexidade está in trínseca em cada aspecto da vida, e educação é vida.

Talvez se possa dizer da educação, a que se diz da ciência: não contamos com uma resposta científica à pergunta "que é educação?". Assim também ocorre com a pergunta "que é ciência?".

Sabemos que tem de ser um conhecimento multidimensional que privilegia a pensamento complexo da religar, em detrimento do pensamento simplista, disjuntiva e reducionista.

Nesse terreno movediço, encontra-se o educador, aquele profissional que se deve empenhar para formar um homem educado e que, exatamente por esta razão, deve estar comprometido com as reflexões que a tornam um questionador diante da "agonia planetária" de que nas fala Edgar Morin com esta colocação: "A agonia planetária não é só a sarna de conflitos tradicionais de todas contra todas, mais as crises

de diversas espécies, mais a surgimento de problemas novos sem solução; é um todo que se nutre desses ingredientes conflituais de crise e de problemas, englobando-os, ultrapassando-os e, por sua vez, alimentando-os. A agonia de marte, nascimento é talvez a via com riscos infinitos para a metamorfose geral na condição de que justamente nos venha a tomada de consciência<sup>2</sup>.

Trata-se de uma policrise, crise generalizada entre as civilizações do globo e suas ramificações. Ela está presente em todos os domínios e esferas do saber, em todos os domínios da ciência<sup>3</sup>.

Nesse contexto, o que se deve entender por um homem educado e de que forma a educação pode contribuir para a superação dessa agonia planetária?

O homem educado, como nos diz James perkins, não é necessariamente bom ou onisciente, nem aquele que possui todas as respostas, mas o que é mais capaz de produzir respostas, mas o que possui a metodologia do aprender a aprender, e saber utilizar os instrumentos para usar com propriedade os frutos do seu amadurecimento. Isto porque precisa amadurecer para não perder as suas possibilidades de ser. Sobre o homem amadurecido, sobre o qual o educador deve incidir sua ótica, muitos são os pronunciamentos, desde a "personalidade madura" de Allport, a "pessoa" de Carl Rogers, até a pessoa "totalmente desenvolvida" de Fromm, ao homem OK de E. Berne. Em todos eles, porém, está presente o conceito do "Homo Viator", o que está sendo, em perene crescimento, e do "Homo Concors", aquele que é ajustado consigo mesmo e com o universo, autônomo, livre, espontâneo, autêntico e capaz de se adaptar às aceleradas e vertiginosas mudanças dos nossos tempos, o homem que se sente no dever de fazer-se e refazer-se a si mesmo, num contínuo processo de ascensão pessoal.

Sobre o educador, recai a responsabilidade da formação deste homem novo que deverá atuar num amanhã ignorado e que precisa, hoje, enfrentar o pós-modernismo, com suas características peculiares e, sobretudo, refletir de que forma a educação pode contribuir para a superação da policrise em que estamos mergulhados.

É nesta linha de raciocínio que surge, inexoravelmente, a célebre indagação de Marx: Quem educará os educadores?

E esta pergunta leva a grandes reflexões em torno da formação do professor e preocupa aqueles que se acham responsáveis diretamente pelo processo em curso das agências formadoras

ou dos espaços-tempos, como enfatiza Nilda Alves, professora titular da UERJ, espaços onde se vêm desenvolvendo outras alternativas dignas de serem cuidadosamente avaliadas, exigindo que "as assumamos como espaço-tempo de produção de conhecimentos válidos e insubstituíveis [...]".

A cultura da escola e toda a produção cultural fora dela formam um complexo sócio-educacional que precisa ser entendido porque vivido por todos os que fazem a escola<sup>4</sup>.

Considerando que o saber só será construído com pontes e fusões, condena a fragmentação e os muros dos labirintos disciplinares.

Defende, ainda, campos de estudo além das disciplinas, informados por uma trama tecida de múltiplos conhecimentos teórico-práticos, campos novos de uma nova forma de pensar.

Fundamentando-se na força com que a subjetividade ganha espaço sem desmerecer a necessidade da racionalidade, a formação do educador necessita atentar para a necessidade do homem de mudar a vida e acabar com a miséria rio mundo.

"Toda uma necessidade se impõe àqueles que seriamente desejam entender e oferecem alternativas à formação do professor: abrir espaço e tempo à compreensão das relações entre conhecimento real, o currículo concreto e as novas tecnologias e novos conhecimentos existentes na sociedade -- a informação sobre tudo isto que circula, como circula e a favor de quem circula<sup>5</sup>".

Quem educará os educadores? Como Karl Marx, também indaga Morin e é peremptório na resposta. Esta é uma questão-chave, insolúvel logicamente; e, como o problema das relações entre as partes e o todo, "logicamente não há resposta. Mas, felizmente, a vida é um pouco mais forte que a lógica e nós nos conscientizamos de que os processos impossíveis acontecem primeiramente a par tir da criação de um desvio alternativo e um desvio pode acontecer não somente a partir de uma experiência voluntária conduzida por alguns indivíduos aqui ou ali<sup>6</sup>".

Morin defende fervorosamente as experiências piloto, as escolas experimentais, os colégios com projetos inovadores.

Acredita que a grande reforma do pensar pode começar "com uma minoria de educadores, animados pela fé na necessidade de reformar o pensamento e de regenerar o ensino"<sup>7</sup>, são educadores que já têm, no íntimo, o sentido de sua missão. Não são apenas funcionários, nem especialistas, mas são missionários que têm uma tarefa de saúde pública: uma missão.

"A reforma sempre começa de maneira periférica e marginal. A iniciativa só pode partir de uma minoria, a princípio incompreendida, às vezes, perseguida. Depois a idéia é disseminada e, quando se difunde, torna-se uma força atuante"<sup>8</sup>.

Refere-se Morin aos "momentos epidêmicos" em que uma certa idéia que está incubada, inibida, acabará por se difundir. As condições estão favoráveis e acontece, então, uma epidemia.

É pertinente lembrar que não é sem razão que uma análise etimológica da palavra desemboca nos profundos conceitos de Freud, de Erich Berne e de Yung, ao enfatizar a criança que existe no adulto que somos. A palavra Pedagogia tem raízes gregas - Paidós significa criança e se assemelha a podas, que significa pé. O educador, o pedagogo cuida dos pés do ser humano, e cuidar dos pés de alguém é cuidar da criança que está nele, ou seja, a face mais que profunda e pura do homem; significa estar atento às raízes pois, se as raízes são saudáveis, a árvore é sadia.

Essa concepção se harmoniza com a concepção do educador que Morin defende. Na sua ótica, o educador tem de possuir o Eros pedagógico para lhe possibilitar uma missão. Ao educador, a responsabilidade de tornar firmes os pés do educando para que, de pés firmes, ele possa caminhar, obedecendo, sem vacilações, ao comando de sua mente, sem deixar de ouvir, mediante um auscultar profundo, o seu coração.

O pé representa o símbolo de nossa força; é o suporte que temos para permanecer eretos. É nossa raiz na terra. Amar, pois, é cuidar dos pés. O Eros pedagógico levará o educador, o pedagogo, à missão, e missão pressupõe fé na cultura e nas possibilidades do espírito humano, ou seja, no que há de mais profundo e puro no ser humano.

Quem educará os educadores?

Talvez através de um antigo koan indiano possamos compreender melhor o pensamento de Morin ao responder à angustiante indagação de Marx.

Se, quando for à fonte beber água, for com muito apego, enfiar a mão na água, ao retirá-la bem fechada, toda a água estará fora da mão e, ao levá-la à boca, não terá água para beber. Se for à fonte com desinteresse, com desamor, irá retirar a mão toda aberta, com os dedos estendidos e, assim, não conseguirá nenhuma água, pois ela escorrerá por entre os dedos abertos. Mas, se for à fonte com desapego e com amor, retirará a água com a **mão em concha**, cuidadosamente, e com isto tirará toda a água que deseja.

Quem educará, pois, os educadores?

Aqueles que tiverem a mão em concha e forem capazes na missão de ensinar, segundo Morin<sup>9</sup>, "preparar mentes capazes de responder aos desafios que a crescente complexidade dos problemas impõe ao conhecimento humano; mentes capazes para enfrentar as incertezas que não param de aumentar, levando-as não somente a descobrirem a história incerta e aleatória do Universo, da vida, da humanidade, mas também promovendo nelas a inteligência estratégica e a aposta em um mundo melhor".

Fornecer uma cultura que permita distinguir, contextualizar, globalizar os problemas multidimensionais, globais e fundamentais e dedicar-se a eles.

Ensinar a cidadania terrena, ensinando a humanidade em sua unidade antropológica e suas diversidades individuais e culturais, bem como em sua comunidade de destino, própria da era planetária, em que todos os animais enfrentam os mesmos problemas vitais e mortais.

Educar para a compreensão humana entre os próximos e os distantes, o que significa a aprendizagem do viver, a aprendizagem da incerteza e a aprendizagem do Ser.

<sup>8</sup> MORIN apud PETRAGLIA, Isabel Cristina. A educação e a complexidade do ser, op. cit., p.66

<sup>9</sup> MORIN apud PETRAGLIA, Isabel Cristina. A educação e a complexidade do ser, op. cit., p.66

<sup>10</sup> JESUINO, Leda. Educação: força renovadora ou libertadora. Revista de Estudos Pedagógicos, Salvador, Col. Militar, ano 6, n.7, p.7-12., 1978. p.12.

<sup>11</sup> ALVES, Nilda. Algumas idéias sobre a formação de professores. Salvador: Pró-Reitoria de Graduação/Universidade Federal da Bahia, 2001. p.10-II.

<sup>12</sup> ALVES, Nilda, op. Cit., p.39.

<sup>13</sup> MORIN, Edgar, apud PETRAGLIA, Isabel Cristina, op. Cit., p.87.

<sup>14</sup> MORIN, Edgar. 2003. A cabeça bem feita. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 101.

<sup>15</sup> MORIN, Edgar. A cabeça bem feita, op. cit., p.101.

<sup>16</sup> MORIN, Edgar. A cabeça bem feita, op. cit., p.102.

*"Prefiro ser chamado de tolo pelos humanos a  
ser malévolos aos olhos de Deus"*

*(Talmude. Apud BONDER, Nilton. A Cabala da inveja.  
Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.161)*

*"Somos aconselhados pelo salmista a  
abandonarmos o mal e então realizar o bem. Eu  
acrescentaria que, se você tem dificuldades de  
seguir este conselho, você pode primeiro realizar  
o bem; o mal irá automaticamente, afastar-se de  
você!"*

*(idem, p.192).*

Hoje é um dia diferenciado. A Academia Baiana de Educação acolhe, no seu seio, uma mulher que há 20 anos, aproximadamente, foi chamada a primeira Dama da UFBA, quando, na década de 80, na condição de Vice-Reitora, por ser a decana do Conselho Universitário, substituiu o Reitor no seu impedimento.

Dotada de uma notável cultura humanística, colocou-a sempre a serviço da Educação e, com seu invejável didatismo e a sua incomparável simplicidade, comprometeu-se com a formação dos primeiros licenciados, ou seja, os primeiros professores com nível superior, envolvendo-se assim no sonho de Isaias Alves: preparar, com a tradição, a geração do Brasil, como está no brasão da Faculdade de Filosofia - Brasilidum Sobolem Traditione Paro.

Pelo ideal que assimilou na mente e viveu no coração, desempenhou um papel importante, tornando-se peça fundamental, quanto inesquecível, entrando assim na história da UFBA, caso ela seja contada, fazendo justiça aos que se dedicaram à Instituição.

Quando o nosso confrade José Newton Alves de Souza propôs o seu nome para ocupar sua vaga, em face de ter sido conduzido a membro emérito, sabíamos todos que era uma indicação aprovada e aplaudida: uma honra ao mérito.

E essa acolhida, feita com a simplicidade que caracteriza o seu modo de ser e de viver, guarda o sabor de um reconhecimento, tardio é verdade, mas louvável, a uma mestra que a UFBA consagrou com o título da emergência, saudada pelo ilustre presidente da Academia de Letras da Bahia, com a grandeza de um ato de justiça, pelos seus sabres e a eficácia com que também cumpriu os seus deveres.

A sua iniciação na vida acadêmica universitária coincide com aqueles labores inaugurais da Faculdade de Filosofia, quando se processava o vestibular para selecionar, rigorosamente, os seus primeiros alunos - que foram 40 apenas, dos 80 que se inscreveram. Indiscutivelmente, uma rigorosa seleção da qual participaram eminentes professores como Afrânio Coutinho, Ernesto Carneiro Ribeiro, Gabriela Sá Pereira, Aristides Gomes, Thales de Azevedo, Hêlio Simões, Frederico Edeweiss, Jorge Calmon, Tavares de Macedo, os Bakers, Van der Hagen e, entre eles, uma signorina que chegava da Europa, precisamente de Roma, trazendo na sua bagagem um diploma que a UFBA valorizou e permitiu a Isaias Alves convidá-la sem as famosas críticas dos seus doutores. O diploma era de "Abilitazione Magistrale", depois complementado pela Facoltà di Magistero da Università degli Studi di Roma, revalidado pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro em 1942, correspondendo à Licenciatura em Pedagogia.

Conseguiu, assim, vencer a sua 19 etapa existencial, através de anos de estudo, longe da sua família da qual recebeu sempre apoio, carinho e conforto; uma família onde 10 irmãos circulavam no casarão da Lapa, de muitos quartos, amplas salas e belos salões de espelho e mobília Luís XV.

Teve como mestre um filósofo de renome internacional Guido de Ruggiero, e também outros como Nicola Pende, no Instituto de Biotipologia de Roma onde se especializou em Psicologia.

Confesso que, ansiosa e com medo, como todo vestibulando, ver aquela jovem e bela signorina, transitando entre aqueles doutores, exerceu sobre os meus 18 anos um explicável fascínio. Esperava encontrar urna senhora corno D. Edith Mendes da Gama e Abreu ou mesmo corno D. Gabriela Sá Carneiro ou Mrs. Irene Baker. Estávamos na década de 40 e não era comum encontrar filósofos, a não ser nas páginas dos livros. Aquela professora jovem, de rosto energeticamente belo, apesar dos seus cursos, dos seus títulos, guardava na sua expressão urna ingênua pureza tão impressionante que muitas vezes alcançava as raias da alienação, aos olhos maliciosos de nós, comuns mortais deste planeta. Essa ingênua e simplória maneira de ver o mundo sempre fez parte de sua própria essência. Para ela, corno pensa Nilton Bonder, o grande estudioso da

Cabaia, do Talmude, a ingenuidade cria anticorpos contra a intriga, a fofoca, o rancor e a predisposição de se tornar algo corno pessoal. Quanto menos possuímos esta ingenuidade, mais suscetíveis às rixas. Corno se nos tornássemos "diabéticos deste mundo", com tal intolerância ao doce, não produzimos mais "substâncias necessárias para processar o doce". Na ótica do autor, precisamos nos adócicar. Com essa ingenuidade, seu rosto de madona e a desenvoltura de uma rapariga, tornou-se um membro da extraordinária equipe da novel faculdade. Extrovertida ao máximo, daquelas pessoas que têm "na boca o que tem no coração", foi atuante e participante ativa da vida intensa e rica da Faculdade de Filosofia.

Vi, muitas e muitas vezes, pagar custos altos por passar por tola perante os outros, para resgatar sua alma e sua dignidade. Aliás, pelos analistas psicológicos, daí alma humana, a diferença é muito sutil entre a ingenuidade e a tolice. A ingenuidade nos escapa e nos é absorvida pelo desejo de não ser tolo diante de si e do mundo. Os analistas comportamentais consideram que são corajosos estes que têm de passar por tolos como luta para a melhoria do mundo através de causas nobres. Para defender crianças carentes, já como a Senhora Galeffi, ela pagou alto custo com uma rara tranquilidade.

Mas também foi com essa maneira de ser que conquistou a douta Congregação da Faculdade e seus primeiros alunos de filosofia. Eu estava lá, naquele velho prédio que as chamas destruíram recentemente e com elas levaram as mais belas lembranças da minha juventude. Estava lá, sim, ouvindo atentamente aquela jovem professora, aos poucos se tornar uma respeitável mestra, usando como recursos básicos uma indiscutível capacidade didática e sua cultura humanística e os conhecimentos filosóficos que hauriu na Europa, aos pés de mestres, grandes mestres como Guido de Ruggiero, indiscutivelmente um dos melhores tratadistas de História da Filosofia.

Na realidade, eu estava fascinada com as abstrações que a filosofia grega nos apresentava pela sua metodologia, naquela época, inusitada, pois se sustentava na condução do aluno ao texto. Desse modo, lemos Pia tão, Aristóteles, A Cidade de Deus, a Suma Teológica, o Epíteto. E Sêneca, Cícero, Descartes, Bacon, Hegel. Não bastava consultar os tratados de Brehier, Windelband, Mondolfo e outros grandes historiadores.

Tinha um jeito suave de exigir e, neste período, ensinava latim e italiano e se dedicava com seriedade a estudar. Afinal, teria de voltar à Itália para defender sua tese de doutorado.

Homenageou o Brasil escolhendo corno terna Farias Brito, um filósofo brasileiro de reconhecido valor, sobre o qual se debruçou com a garra de seus verdes anos, obtendo Laurea cum Lau de o título em Pedagogia, com especialização em História da Filosofia.

Nesse período, firmou-se não só corno professora, mas corno incansável colaboradora de Isaías Alves doando-se à Faculdade de Filosofia onde, muitas vezes, varreu chão, limpou poeira, arrumou flores, substituiu professores em situações emergenciais e esmolou em benefício do Diretório Acadêmico.

O seu segredo foi a empatia com os seus alunos e disto resultava um comando suave e equilibrado. Foi assim que nos arregimentou e nos levou ao Teatro Guarani, que era na época (já faz mais de 50 anos) o grande point, para encenar L'Avare, de Moliere. O nosso confrade Cícero Pessoa foi o avarento e eu fui a Elisa; grande atores principais sob a direção de Gina Magna vita. Felizmente, nem se falava numa Escola de Teatro na UFBA e fomos aplaudidos veementemente.

Foram, para nós que com ela convivíamos, os anos dourados, pela sua inteligência, uma criatividade jovial e, sobre tudo, pelo seu espírito irrequieto, que sempre buscava novos interesses, e, por que não dizer, verdadeiras aventuras, tais corno caminhadas, pequenas viagens, passeios em Itaparica onde todo o seu pendor pela música aflorava em belas canções em francês e italiano afinal é diplomada em piano pela Academia Santa Cecília, de Roma. Gostava de estender a sala de aula até onde pudesse atingir a sua afetividade, para estabelecer com seus alunos um rapport significativo.

Educada na Itália desde os 16 anos e ali se tendo diplomado e iniciado sua pós-graduação, volta a Roma determinada a chegar ao Brasil com seu doutorado concluído, o que aconteceu, indicando-me para substituí-la na cadeira de História da Filosofia.

Substituí-la foi, para mim, uma honra que julgava não merecer e que colocava sobre os meus ombros uma imensa responsabilidade com a qual convivi iniciando minha vida na UFBA.

Voltando, já doutora, trouxe consigo nada mais nada menos do que um filósofo, que se tornou, na sua companhia, um célebre pesquisador, desenvolvendo sempre o seu indiscutível pendor para as elucubrações filosóficas. Seu casamento foi, sem dúvida, eminentemente filosófico. Sua relação afetiva com Galeffi a impulsionava a acompanhar as profundas reflexões de um verdadeiro pensador, discuir os seus questionamentos, ajudá-lo nas

suas interpretações e acompanhá-lo nas suas constantes viagens aos congressos de filosofia, nacionais e internacionais, participando ativamente, inclusive com trabalhos apresentados e discutidos.

Indiscutivelmente, foi uma excelente companheira, primando por centrar seus interesses nos do seu esposo e companheiro de todos os momentos.

Quando os filhos chegaram, a Senhora Galeffi estava voltada para um extenso trabalho na Faculdade de Filosofia e, agora, não só em Filosofia, mas principalmente no Departamento de Letras, com a responsabilidade da disciplina Língua e Literatura Italiana. Tendo de passar muitas horas fora do lar e em constantes viagens, optou por contratar uma governanta para ajudá-la na educação dos cinco filhos: Eugénia, Guido, Dante, Eliza e Virgínia (gêmeas).]

Sua produção filosófica e literária foi significativa. Tendo sido nomeada, por decreto presidencial, em face da apresentação dos títulos ao Conselho Nacional de Educação, Catedrática de Língua e Literatura Italiana, designada para o Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, posteriormente Instituto de Letras da UFBA, sentiu-se plenamente integrada. Afinal, havia cursado Letras.

Já havia prestado seus serviços ao Departamento de Filosofia e Pedagogia, tendo ensinado História da Filosofia, Ética, Administração Escolar, Educação Comparada, História da Educação, Didática Especial de Latim, substituindo os titulares. pode, então, dedicar-se ao ensino de Língua e Literatura Italiana, fazendo incursões na área filosófica, fundando em 1950, com Romano Galeffi, o Instituto Brasileiro de Filosofia, Secção da Bahia, no âmbito do qual proferiu várias conferências: "O mito na filosofia de Platão", "A personalidade filosófica e a obra de São Boaventura", entre outras.

Como Secretária desse Instituto, teve a honra de saudar o ilustre professor Mira y López. Na época áurea do Instituto de Filosofia, Miguel Reale e outros estudiosos deram à filosofia o seu forte apoio e, por meio dele, a Revista Brasileira de Filosofia circulou com êxito no meio acadêmico.

Seu casamento foi a fusão da filosofia com a literatura no seu cotidiano viver.

Fundou, em 1953, a Associação Cultural Ítalo-Brasileira Dante Alighieri e o Instituto Italiano da Faculdade de Filosofia da UFBA, órgão de difusão da língua e da cultura italiana em nosso meio, e proferiu inúmeras conferências, palestras, seminários.

No Instituto de Letras, foi Coordenadora de Colegiado e Vice-Diretora, sendo também

chefe do Departamento de Letras Românicas. Era a decana e, por muito tempo, estiveram os trabalhos deste Departamento' sob' à sua responsabilidade. No Mestrado em Letras da UFBA orientou dissertações. Organizou, ainda o 1.º Seminário de Professores de Italiano do Brasil, tendo sido eleita presidente da Associação Brasileira de Professores de Italiano em 1982, em São Paulo.

Várias Universidades Federais brasileiras a tiveram como conferencista: Ceará, Goiânia, Pernambuco, Rio de Janeiro, tendo em 1983 recebido o prêmio "Presença da Itália" no Brasil, em São Paulo.

Além das conferências, organizou cursos e congressos e, sobretudo, examinou vários concursos para cátedra, doutorado, livre-docência nas áreas de Italiano, Francês, Inglês, Linguística e Filosofia, no Brasil e no Exterior.

Irrequieta, estava sempre de malas prontas para novos conhecimentos, novos horizontes, novas perspectivas.

Dedicou-se ao estudo da Cultura Italiana, e grandes vultos da história, escritores e artistas da Itália, como Goldoni, Pirandello, Manzoni, Leopardi, Petrarca, Miguel Ângelo, Dante Alighieri, Rafael Sanzino e outros" foram tratados por ela, sob vários ângulos, em cursos, conferências, apresentações em congressos, palestras e seminários.

Muitos dos seus trabalhos foram publicados em revistas como Universitas da UFBA, em Anais de congressos, em jornais com A Tarde e outros.

Organizando várias Semanas de Cultura Italiana, incentivou o estudo da Língua Italiana com dinamismo e doação plena.

Quando a aposentadoria chegou, encontrou-a totalmente voltada para um trabalho de assistência social a crianças carentes, na difícil e perigosa área da adoção, onde teve de enfrentar dificuldades inerentes a esta problemática, repleta de insidiosos caminhos.

Mas se realizou fundando o Lar Franco Belcaro, um trabalho específico de Serviço Social que educava crianças que estavam inteiramente fora da faixa de adoção. Participei ativamente deste trabalho e sua doação sempre foi plena e sem restrição.

Ainda em pleno funcionamento, o Lar Franco Becaro recebeu ajuda da Secretaria de Educação.

Continua à frente da Associação Brasileira de Professores de Italiano, apresentando-se em congressos, seminários, encontros, e fazendo traduções, pois é Tradutora Juramentada de Italiano.

A partida do esposo amado, com quem partilhava os sentimentos, as emoções e todas as ações, despedaçou o seu coração, mas não enfraqueceu a sua indomável vontade de servir, de ir em frente, de lutar e, sobretudo, de viajar.

Querida professora Gina: a Academia Baiana de Educação a escolhe, consciente de que a sua presença tornará nosso convívio enriquecido pela sua vasta cultura, pela sua ínsita e admirável capacidade de doação e, sobretudo, por viver um conceito que Octavio Paz - traduzindo Jesus chama de **outridade**: "em ti eu me encontro", dentro de uma filosofia espiritualista, eminentemente cristã, sob a indiscutível influência de Pietro Ubaldi.

Ligada profundamente às suas raízes, sempre, a cada ano, volta à Itália, como se nela fosse buscar a sua própria juventude e, nestas viagens, revitalizar-se. Se, em Roma, encontrou o amor verdadeiro e profundo, no Brasil, realizou-se profissionalmente, como mãe e mestra, de filhos e discípulos amados, entre os quais em me encontro; mas, sobretudo como cidadã, na solidariedade manifesta e declaradamente cristã.

Meu caro professor e reitor Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho.

A comunidade acadêmica ressalta cada vez mais a participação da Universidade Salvador (Unifacs), no crescimento da educação superior, decididamente sob sua liderança e empenho. Elegendo-o para a nossa Academia Baiana de Educação, confirmamos o acerto de sua realização.

Se toda eleição consagra, a escolha acadêmica consagra muito mais porque distingue e enaltece o saber. De certa maneira, a academia complementa a Universidade, ao reconhecer uma vida dedicada à educação.

Ao recepcioná-lo, estamos em face de uma Universidade e do seu construtor.

É em plena expansão do setor privado de 1960 a 1980 que surge a Unifacs. Todavia, enquanto essa expansão acontecia no sudeste e no sul do País, pioneiramente, Manoel Barros Sobrinho cria a Escola de Administração de Empresas da Bahia, com o seu colega Ademar Cardoso Linhares, em 1972. Faculdade fundante em torno da qual foram acrescidas outras unidades e outros cursos até que se resolveram em Universidade. Ao ressaltar o pioneirismo da Unifacs, acrescente-se outro valor da instituição: a qualidade.

Considere-se que a passagem do atendimento da elite para um sistema de massa foi a maior transformação da educação superior no século XX. No Brasil, coube ao setor privado da educação superior esse objetivo, conforme demonstra muito bem Helena Sampaio, na sua tese *Ensino superior no Brasil: o setor privado*. Pois bem, a esse desafio à Universidade, a Unifacs respondeu com qualidade, expressa na pós-graduação, em especial, com mestrados, doutorado e pesquisas.

Fixaram-se, então, dois parâmetros que direcionam o crescimento: gerenciamento e tecnologia. A corporação se iniciou pelos cursos de Administração, para preparar profissionais aptos a atuarem no desenvolvimento de empresas que se instalavam na Região Metropolitana de Salvador (RMS), e pelo de Tecnologia em Processamento de Dados para a capacitação de recursos humanos em áreas emergentes. O Centro Industrial de Aratu, a política de industrialização da Sudene e depois o Pólo Petroquímico estimularam o novo empreendimento educacional.

Como a Universidade é obra do tempo e do momento, de Deus e do homem, em 1990, crescem Comunicação Social, Ciências

Contábeis e Ciência da Computação. Aos poucos, preparava-se para Universidade, com os cursos de Ciências Sociais, Educação Artística, Letras e Matemática. Guarda-se, todavia, a identidade institucional para as áreas de gerência e tecnologia. Anos depois, os Mestrados em Administração Estratégica e Redes de Computadores confirmam essa política. Na área das ciências sociais, instalam-se os cursos Turismo e Direito, este sob a direção esclarecida do professor Adroaldo Leão. O bacharelado em Direito já começou com a iniciação científica do aluno, um dos objetivos da graduação, com monografia de final de curso que tem auxiliado na formação acadêmica. Os alunos da Unifacs têm obtido vários prêmios e posição destacada nos exames da Ordem dos Advogados.

Do lançamento cuidadoso de cursos, na medida da capacidade e qualidade de ensino, passando pela estruturação de propostas pedagógicas complexas e sofisticadas, até a crescente institucionalização de projetos de pesquisa e de extensão, sempre voltou-se a Universidade para contribuir de forma representativa para o desenvolvimento regional na geração de emprego e renda ou na resolução de problemas contemporâneos.

Com uma posição sólida na educação superior baiana, a instituição buscou enfrentar o desafio de se transformar em Universidade. A Faculdade Salvador (Facs) consolidou suas atividades de pesquisa, pós-graduação e extensão, alcançando em 1997 por voto unânime do Conselho Federal de Educação o reconhecimento de sua condição de universidade.

A Universidade Salvador se reveste hoje, 2006, como uma corporação de ações com programas em todas as modalidades de ensino, desde cursos superiores de graduação, de longa e curta duração, a um complexo programa de pós-graduação tanto em nível de especialização como em nível de mestrado e doutorado. Ressalte-se a sua experiência nas modalidades de ensino presencial, semi-presencial e a distância. Além de cursos livres representados em um conjunto de ações formativas em várias localidades do Estado da Bahia.

A Universidade Salvador, como uma universidade de idéias, totaliza grupos de pesquisa com conexões nacionais e internacionais, associadas a instituições congêneres e a empresas de ponta. Muitos desses grupos possuem status consolidado no CNPq. Integram-se, pois, ao sistema nacional de ciência e tecnologia e

participam ativamente da comunidade científica baiana centrada e apoiada na Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

Como universidade de pesquisa, ao tempo em que procura o relacionamento internacional, expande-se no território baiano.

Como universidade participação, atinge desde o suporte às populações carentes até ações afirmativas em temas contemporâneos de interesse vital da sociedade. Portanto, às ações formativas regulares e aos projetos de pesquisa somam-se as atividades extensionistas agregando uma formação completa aos egressos e a demonstração do comprometimento social dos problemas investigados pelos seus pesquisadores.

A liderança do professor Manoel Barros Sobrinho assegurou a mudança da cultura organizacional, estimulando a utilização do potencial dos seus recursos humanos, favorecendo o aparecimento de parceiros, na promoção do espírito cooperativo e o desenvolvimento de atitudes e de desafios que permitiram o aparecimento de novas idéias voltadas para os alunos e aberturas para o comércio exterior.

Nos quase dez anos que decorrem de sua transformação em Universidade, lançou mão do planejamento estratégico que consolidou os valores de uma instituição comprometida com a educação.

Esta obra, construída ao longo de 34 anos, guarda a marca de muitas pessoas, representadas pelos talentos do seu corpo acadêmico e técnico-administrativo, que também homenageamos ao escolher para integrar a nossa Companhia o reitor Manoel Barros Sobrinho.

A evolução do Estudo unifacs é parte constitutiva da biografia intelectual do reitor Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho.

Soube bem desenvolver a herança genética do pai, o eminente professor Mário Barros, catedrático de Direito Comercial da Universidade Federal da Bahia (Ufba) e professor de História Contemporânea da sua Faculdade de Filosofia.

A inclinação para a tecnologia é marcada pelo bacharelado na Escola Superior de Química de Sergipe, em 1961. Uma vez diplomado, ingressa como assistente do professor Arquimedes Guimarães, na Escola Politécnica da Ufba. Na condição de docente da Universidade Federal, aproximou-se dos cursos de aperfeiçoamento da recém criada Escola de Administração da Ufba, inovadora dentre muitos outros aspectos pela implantação da coordenação acadêmica de curso e pela metodologia do ensino, quebrando o

monopólio do discurso magistral, centrando-se mais na aprendizagem do aluno.

O professor Barros integrou o grupo de professores selecionados para o Mestrado em Administração de Empresas da The Michigan State University, uma das Big Ten. Uma vez mestre, ao retornar, transferiu-se da Politécnica para a Escola de Administração. Compõe o Departamento de Administração de Empresas e ensina Administração da Produção e Processo Produtivos.

Como professor, procurou aliar a atividade acadêmica com a gestão empresarial. Coordenou o Programa de Fomento à Indústria da Secretaria de Indústria e Comércio do Estado da Bahia. Passa, então, a exercer o cargo de vice e depois de titular desta Secretaria, no produtivo governo Luiz Viana Filho. Como secretário e como técnico integrou vários conselhos deliberativos como o da Sudene, do Centro de Desenvolvimento Industrial e presidiu o Conselho Regional de Química da 7ª. Região.

Em uma primeira tentativa, na criação de cursos superiores de Administração, fundou e dirigiu a Escola de Administração de Empresas da Universidade Católica de Salvador (Ucsal). Com esse antecedente e com base na experiência empresarial, política e acadêmica, elaborou com colegas da Ufba a segunda proposta de curso de Administração que foi a Escola de Administração de Empresa da Bahia, autorizada a funcionar em 4 de agosto de 1972. Os jovens baianos passaram a contar com uma terceira unidade acadêmica de ensino de Administração.

O professor Barros soube emprestar à Universidade Salvador muito da sua personalidade. Filho de educador, casou-se com uma educadora, a professora Stella Maria Fernandes de Barros, professora emérita da Universidade Federal da Bahia. O casal transmitiu aos filhos Manoel, Marcelo, Márcia e Marcos a vocação universitária, qualificando-os acadêmica e empresarialmente para promover a educação como ideal de vida.

Com Manoel Joaquim Fernandes de Barros, seu filho primogênito, aquecemos a nossa amizade do tempo da Juventude Universitária Católica (JUC). Como orientador do seu doutorado sanduíche na Ufba e na Universidade de Montreal, passei a ser seu parceiro de magistério. Manoel tem o domínio suave das tecnologias, extrema sensibilidade educacional e sobretudo reflexão popperiana dos fundamentos teóricos e metodológicos da investigação científica. Tenho um enorme prazer em trabalhar com os meus alunos. Não quero tanto saber o que

sei e o que ensinei, predisponho-me sempre a aprender cada vez mais com eles.

No Mestrado em Administração Estratégica, tão bem coordenado por Augusto Monteiro, tenho me voltado à discussão do projeto de pesquisa, revivendo o que aprendi com a Dra. Helen Snyder. Igualmente, no Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Regional com o dinâmico Alcides Caldas retomo a discussão dos fundamentos metodológicos dos problemas regionais que tanto me preocuparam quando fui técnico em desenvolvimento regional da Sudene. Coincidentemente, encontrei-me com um antigo colega mestre de todos nós, Fernando Pedrão.

A coincidência genética não seria suficiente para justificar o êxito institucional da Universidade Salvador. Há que se compreender que a causa da educação passa por outras variáveis. A instituição reúne nos seus quadros um acervo de talentos que se juntaram ao longo de sua história para imprimir de forma associada sua marca pessoal nas áreas acadêmica, administrativa e financeira, transformando cada dia em um sucesso.

Manoel Barros Sobrinho, que temos a honra de incorporar à nossa Companhia, é, antes de tudo, um professor, alguém que acredita no poder transformador da educação, alguém que acredita que a verdade um dia nos libertará. Ao concluir o seu discurso de posse no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, cita a relevância da parábola dos talentos, "que nos mostra o dever daqueles que foram mais bem aquinhoados de contribuir para que seus semelhantes tenham uma vida melhor." Não com esmolas, mas com o esforço de nossa vida, sobretudo de nossa capacidade profissional.

Ao começar a concluir, ressalto a importância diferenciadora da Universidade com Manoel Castells:

Estou convencido de que o maior desequilíbrio entre os Estados Unidos e o resto do mundo assenta no sistema universitário, fonte de conhecimento e educação, e logo de riqueza e poder, na era da informação.

A universidade é fonte de saber e de poder, enquanto a empresa gere o conhecimento que a universidade constrói. O capital intelectual, como ativo infungível, é fator diferenciador na concorrência.

É altamente meritório a contribuição da Unifacs para aumentar e melhorar os efetivos da educação superior.

O índice de atendimento da educação superior, na faixa etária dos 18 aos 24 anos, em 1996, era de 11,8%. Não obstante o país possuir o maior sistema de educação superior, na América Latina, o atendimento é inferior a de muitos outros países, notadamente da Argentina (38,9%), Colômbia (29,9%), e do Chile (26,6%). O problema não é de vagas, no setor privado, que no sudeste já há em excesso, mas de reduzido número de candidatos estudantes.

A Bahia, pobre Bahia, não alcança nem a metade da taxa nacional. Há que se fazer um enorme esforço para educar os jovens da capital e dos municípios.

Venha, pois, meu caro professor Barros, com a sua Stella, a estrela de sua vida, com os seus filhos mestres e doutores e com sua universidade para a nossa Academia. Aqui recordaremos a Universidade pretérita que não sai nunca da nossa mente. Na Academia, refazemos, virtual e emblematicamente, a Universidade a qual servimos, na senda do porvir.

Para melhor recompor essa passagem de Universidade para Academia, coincidentemente, o mesmo reitor e grande governador Roberto Santos a preside com toda dignidade. Você encontrará muitos colegas da Ufba como Leda Jesuino dos Santos, nossa líder espiritual.

Termino com Dom Miguel de Unamuno. Visitei não faz muitos dias a Universidade de Salamanca para melhor conhecê-la por dentro. Estive na sua requintada biblioteca de obras raras e visitei também o Centro de Estudos Brasileiros a procura do intercâmbio acadêmico que tanto cultivo. Fui em busca da enigmática rã na fachada plateresca e em busca da casa do reitor Unamuno, mas as portas estavam cerradas, todavia, na fachada li o seu lema: *prefiro a verdade à paz*. Não me parece estranho esse lema em um pensador que refletiu tanto sobre o sentimento trágico da vida. *Prefiro a verdade à paz*.

Termino mesmo com este pensamento de Unamuno: "Eu guardo tua alma em meu coração. Quando eu morrer, guarda em ti, Salamanca dourada, minha lembrança".

Grato a todos pela atenção.

Salvador, 17/04/2006

### **Prólogo**

Para começar, vou fugir da regra do cerimonial da Academia porque ela já foi mudada, antes desta minha fala pelos dois discursos que antecederam a este e que me surpreenderam e emocionaram.

Primeiro, quero agradecer as palavras da Professora Graça, falando em seu nome e no dos meus colegas da UNIFACS. Quero dizer-lhes que, se Deus me deu o entendimento e a força para construir a nossa Instituição, ele também me deu companheiros, como ela e os demais dirigentes da Universidade, como os nossos professores, colaboradores e alunos que participaram desta construção com sua inteligência e entusiasmo.

Sinto-me, por outro lado, fundamente tocado e feliz pelas palavras de minha filha Márcia, pois considero que, na vida, estou podendo fazer uma obra, maior que a UNIFACS, que é a constituição da nossa família, juntamente com Stella, minha esposa. Nós recebemos muito de nossos pais, e esperamos deixar mais ainda, porque Deus nos abençoou com filhos e netos que, pelo que são, me deixam sempre imensamente grato por esta dádiva.

Retomando o cerimonial quero cumprimentar a mesa, começando pelo Presidente da Academia, Professor Roberto Santos, um amigo da nossa Universidade, desde que, há 34 anos atrás, apresentamos ao Ministério da Educação o pedido do nosso primeiro curso. Quando o processo chegou ao Conselho Federal de Educação, do qual era Presidente, recebemos dele toda a atenção, que culminou com a designação do Conselheiro Barreto Filho como Relator, um educador de grande integridade e dedicação, cujas orientações nos permitiram completar o processo com as informações necessárias e tê-lo aprovado em duas sessões.

O Professor Roberto Santos é uma pessoa com uma destacada carreira pública – que pude acompanhar ao longo dos anos – desde quando participamos do esclarecido governo do Dr. Luiz Viana Filho, ele como Secretário da Saúde e eu na Secretaria da Indústria e Comércio. Ele deixou o governo para ser Reitor da Universidade Federal da Bahia, sendo, em seguida, escolhido como Conselheiro do então Conselho Federal de Educação, do qual, depois, foi Presidente. Ocupou o cargo de Governador da Bahia, realizando um governo marcado pela preocupação com os interesses maiores do estado, sendo, posteriormente, Deputado federal e político militante por vários anos. Foi, também, Ministro de Estado da Saúde.

Quero saudar, também, a Presidente de Honra da Academia, Professora Leda Jesuino, cuja posição decorre da sua distinguida trajetória de vida como Educadora. É Bacharela em Filosofia e em Serviço Social e suas contribuições para a Educação na Bahia são, sobretudo, na Universidade Federal da Bahia, nas quais me concentrarei. Lá foi professora de Filosofia e desempenhou várias atividades administrativas, entre as quais a Direção do Colégio de Aplicação e a participação em projetos como o do Colégio Universitário, o do Centro de Ensino de Ciências da Bahia e o de reforma da Universidade. Ademais, implantou e dirigiu a Faculdade de Educação da UFBA e foi Pró-reitora de Graduação da Universidade. Considerando as suas contribuições, recebeu da UFBA o título de Professora Emérita. É também autora de vários livros e poetisa de grande sensibilidade. A ela devo o gesto amigo de minha indicação para membro da Academia, que os confrades aprovaram e a quem agradeço a confiança.

Um agradecimento especial vai para o Professor Edivaldo Boaventura, pelo discurso com que sou recebido na Academia. Edivaldo é homem de muitos títulos, dos quais para mim o maior é o de meu amigo, desde a juventude. Ele foi Secretário de Estado da Educação por duas vezes, foi Professor e Coordenador de Programas de Pós-graduação na UFBA na área de Educação e é Professor da nossa Universidade. É, também, jornalista e escritor com vários livros publicados.

Dentre os membros da Mesa cumprimento o meu amigo, Professor Luiz Carlos Café da Silva, hoje Secretário de Administração da Prefeitura Municipal de Salvador e os meus colegas na Mantenedora da UNIFACS, Dr. Sérgio Viana e Dra. Verônica Fahél.

Dos que estão na platéia, agradeço a presença dos demais membros da Direção da Universidade, bem como a dos professores, colaboradores e alunos da Instituição aqui presentes, entre os quais destaco o Presidente da Associação dos Professores da UNIFACS, Prof. Gilberto Pedroso, e a Presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade, aluna Andréia Souza Santos.

Agradeço, ainda, aos muitos amigos que vieram estar comigo neste feliz momento da minha vida profissional.

### **Perfil do Patrono da Cadeira**

O cerimonial acadêmico pede, também, um perfil do Patrono da cadeira que assumo, o que faço agora.

A cadeira 31 da ABE tem como Patrono o Professor Manoel Carlos Devoto, nascido em 23.12.1854 e falecido em 20.10.1931. Médico pela Faculdade de Medicina da Bahia, formado em 1876, destacou-se na vida, não como médico, mas como educador.

Em 1882, aprovado por concurso, foi nomeado como Professor Catedrático de Francês do Lyceu Provincial, futuro Colégio Estadual da Bahia, conhecido hoje como Colégio Central. Exerceu o magistério por 36 anos.

Em 1898, foi empossado como 11º Diretor do Lyceu, este que é o estabelecimento mais antigo de ensino secundário da Bahia, tendo começado a funcionar em 1837. Na sua administração o Lyceu passou a se chamar *Gymnásio da Bahia*. Dirigiu-o por 21 anos, tendo se afastado da sua Direção, a pedido, em 28.05.1919.

Dois anos depois, ainda prestou um último e grande serviço ao mesmo estabelecimento de ensino, num episódio que ficou célebre à época.

“Em fins de dezembro de 1921, por motivo de desentendimento entre a banca de Aritmética e o fiscal federal, foi o *Gymnásio*, teatro de cenas graves, que deram em resultado passar o diretor, dr. Alfredo Constantino Vieira, o exercício da diretoria a quem de direito, sendo então chamado pelo Governo, como elemento coordenador, capaz de debelar a crise disciplinar então reinante, o antigo diretor, dr. Manoel Carlos Devoto, já aposentado e enfermo. Tendo acudido ao apelo do Governo, o prof. Manoel Devoto, logo ao penetrar no *Gymnásio*, cujas portas estavam fechadas pela força publica, exclamou textualmente: - Abram estas portas ! Meus senhores ! Voltando-se para os estudantes, que o saudaram com palmas, disse: - Esta casa é vossa ! Defendei-a ! Aos agentes da força publica declarou: - Os senhores estão dispensados ! E tudo voltou à normalidade”.

Este relato, que está na página 282 do livro “*Memória Histórica do Ensino Secundário Oficial na Bahia*” de Gelásio de Abreu Farias e Francisco da Conceição Menezes, publicado em 1937, em comemoração ao centenário do *Gymnásio da Bahia*, bem mostra a grandeza de caráter e a força moral deste educador que, com muita justiça, teve o seu nome colocado como patrono desta cadeira.

#### **Perfil do último ocupante**

O cerimonial também me pede uma notícia sobre o acadêmico que me antecedeu como ocupante desta cadeira 31. Foi ele o Professor Adelmo Soares Pessoa, originário de Pernambuco, bacharel em Direito e em Ciências Contábeis.

O Prof. Adelmo também teve a sua vida de educador ligada ao Colégio Estadual da Bahia, onde

foi admitido em 16.03.1946 para ensinar Português e Latim.

Fez concurso em 1949 para Professor do Ensino Médio, tendo obtido o primeiro lugar. Progrediu na carreira, passando por seus vários estágios, até 1968 quando alcançou o posto de Professor Catedrático do Ensino Médio.

No exercício deste cargo desempenhou funções de Direção em vários colégios, destacando-se o fato de que foi o primeiro Diretor do Colégio Estadual Manoel Devoto, no Rio Vermelho.

Foi eleito para esta Academia pelos grandes serviços prestados à Educação no nosso estado.

#### **O discurso**

Cumpridas estas justas homenagens aos educadores que me precederam, devo agora estabelecer as minhas credenciais para ocupar a cadeira 31, que se baseiam numa carreira também voltada à educação, só que a nível superior.

Por isso mesmo, escolhi falar sobre “A Moderna Universidade Brasileira – suas origens, situação atual e seu futuro”.

Poderia fazê-lo sob a forma do discurso tradicional, mas, como falarei sobretudo de uma visão de mundo, optei por fazer uma apresentação que tornasse mais fácil aos presentes acompanhar a minha exposição.

São idéias que representam o meu pensamento sobre o presente e o futuro da Universidade. E, se mérito têm, é o de terem servido de guia para o meu trabalho na direção da Universidade Salvador. Isto será certamente bem visível aos dirigentes, professores, colaboradores e estudantes da Universidade, aqui presentes, que reconhecerão as idéias que temos tratado em discursos, seminários e reuniões.

#### **A moderna universidade brasileira: Origens, situação atual, futuro**

##### **1. Uma instituição longeva**

A universidade, como instituição, existe há mil anos tendo surgido no Renascimento.

Ao longo deste milênio ela vem cumprindo as funções de: (1) formadora de recursos humanos; (2) produtora, acumuladora e transmissora de conhecimento e (3) consciência crítica da sociedade.

O segredo da sua longevidade deve-se à sua capacidade de, pela evolução destas funções, atender a novas necessidades da Sociedade.

##### **2. Formadora de recursos humanos**

Assim é que, como formadora de recursos humanos, a Universidade começou preparando quadros dirigentes para a sociedade.

A partir do século 18, na Era Industrial, passou a formar os quadros profissionais necessários à indústria.

No final do século 19, quando as principais empresas industriais começaram a utilizar cientistas para resolver problemas de produção e, depois, para desenvolver novos produtos e processos, a Universidade acrescentou a esta função a de formação de professores e cientistas (pós-graduação *stricto sensu*).

### **3. Produtora, acumuladora e transmissora de conhecimento**

Por sua vez, como produtora, acumuladora e transmissora de conhecimento, a Universidade, nos seus inícios, produzia apenas conhecimento especulativo como, por exemplo, em filosofia, teologia e ciência política.

Com a revolução científica, começada por Galileu, Kepler e outros, a Universidade começou, também, a produzir conhecimento científico.

Na Era Industrial acrescentou a produção de conhecimento tecnológico, que é o conhecimento científico utilizado na produção de bens e serviços.

No Brasil, o modelo brasileiro de Universidade acrescentou a função de Extensão, entendida como interação com a comunidade para: (1) aprender sobre a sua cultura, absorvendo-a e reelaborando-a e (2) colaborar para o desenvolvimento social.

### **4. Consciência crítica da sociedade**

Este é o papel mais complexo da Universidade. Compreende o questionamento e a re-elaboração: (1) dos modelos de conhecimento científico; (2) dos paradigmas de organização e funcionamento do mundo social e (3) dos princípios morais que permeiam a cultura.

Este papel é exercido pelo reconhecimento de que surgiu um novo modelo, paradigma ou princípio moral ou pela elaboração deles pela necessidade de renovação nessas categorias.

Nós nos encontramos em um desses momentos de mudança necessária, no que toca aos paradigmas clássicos dos papéis da Universidade.

### **5. Paradigmas modernos**

Para compreendermos como devem ser redefinidas as funções da Universidade é preciso examinar as características relevantes para isso no mundo atual no que respeita (1) à infra-estrutura econômica; (2) à super-estrutura social e (3) à dinâmica entre elas.

### **6. Como reconhecer uma nova era econômica**

Do ponto de vista da infra-estrutura econômica, se reconhece um novo setor dominante pela maior capacidade de geração de emprego e renda porque ele: (1) tem maior movimento econômico; (2) concentra maiores investimentos; (3) gera inovações de maior impacto econômico e social e (4) tem, geralmente, novos países líderes.

### **7. A infra-estrutura atual: uma Economia Tecnológica**

Nos 10.000 anos em que se constituiu a sociedade humana, como hoje a conhecemos, predominaram, sucessivamente, (1) a economia nômade de caça e coleta, (2) a economia de base agrária, (3) a economia industrial e, atualmente, (4) uma economia tecnológica.

Nesta nova economia os bens de maior valor não são mais a terra ou as fábricas, mas o conhecimento tecnológico (já definido como aquele subconjunto dos conhecimentos científicos que é utilizado para a produção de bens e serviços) e a informação (dados sistematizados cujo valor está associado com a sua utilidade e ao lugar e momento em que são providos para utilização).

Nela aparecem novas formas de produção baseadas nas tecnologias de informação e computação - as TICS, que utilizam máquinas inteligentes, com diferentes graus de automação, e nas quais os trabalhadores não são mais meros provedores de força física, mas participam da atividade de produção utilizando sua capacidade intelectual.

Estas novas formas de produção mantêm as características da produção industrial clássica, ou seja, os produtos e serviços são produzidos em quantidade, com grande rapidez e a baixo custo.

Agora, porém, estas características são acentuadas por conta do uso de estruturas de produção globais. No caso da produção dos bens, ela não é mais feita em um único prédio ou local, mas, graças a uma logística avançada, as partes dos produtos são feitas em locais diferentes, espalhados pelo mundo e escolhidos em função da oferta de um menor custo de produção e/ou maior capacidade e/ou melhor qualidade.

Da mesma forma, na prestação de serviços, as etapas de produção deles também podem ser feitas em localizações separadas, conectadas por redes avançadas de comunicação ou outros sistemas de intercâmbio de informações e prestação de serviços.

Esta realidade também vale para as universidades (que são prestadoras de serviços), como já ocorre com o ensino a distância e as redes de pesquisa.

Neste novo tipo de economia os setores líderes são as instituições produtoras de ciência, tecnologia e inovação (como os institutos de pesquisa, as

universidades e os setores de pesquisa das empresas) e as instituições de educação, que transmitem o conhecimento acumulado e formam os recursos humanos necessários às novas formas de produção.

Há necessidade de mais estudos para compreensão desta nova economia, como, por exemplo, a proposta de redivisão dos três setores econômicos clássicos (agricultura\pecuária\extração, o primário; indústria de transformação, o secundário, e serviços, o terciário), com este último se subdividindo em mais dois setores: o quaternário (finanças e governo) e quinquário (produção de ciência, tecnologia e inovação e educação).

#### **8. Esta nova estrutura econômica evolui rapidamente e modifica constantemente a estrutura social**

Este novo paradigma produtivo, baseado no conhecimento, não é estático, pois ondas sucessivas de novas tecnologias geram novas formas de produção que, alterando a infra-estrutura, geram rápidas e freqüentes mudanças sociais

#### **9. A super-estrutura social: uma Sociedade do Conhecimento**

Apesar das mudanças freqüentes podem ser reconhecidas algumas características permanentes que, no seu conjunto, constituem uma nova super-estrutura social, denominada Sociedade do Conhecimento. Nela, mudam as principais categorias sociais, tais como eram conhecidas e das quais citamos algumas das mais importantes.

É o caso da categoria dos valores e visões do mundo, com a crescente importância atribuída à proteção do meio ambiente, pelo reconhecimento de que a sociedade humana está afetando de forma decisiva o equilíbrio ecológico em determinadas regiões e, mesmo, globalmente.

Também se reconhece que o aumento populacional, a democracia política e as facilidades de comunicação e transporte permitem a sobrevivência e, mesmo, um novo florescimento para as identidades culturais dos vários grupos humanos. Mesmo que estejam em desvantagem econômica ou social, como os povos indígenas. Além disso, novos instrumentos de criação cultural, gerados pela eletrônica, permitem uma riqueza maior de produção cultural. Com isto se valoriza um policulturalismo que permita aos indivíduos conhecer e, se desejarem, aderir a diferentes formas de cultura, enriquecendo, assim, suas vidas.

Outro fenômeno moderno é a paragonabilidade, gerada pela consciência da dificuldade das estruturas governamentais modernas de atenderem a todas as necessidades sociais, seja pelo gigantismo dos governos, que gera lentidão,

seja por pressões corporativas dentro e fora do aparato governamental. Daí surgem as organizações não governamentais – as ONGs – que buscam complementar a ação dos governos ou vigiar o cumprimento de políticas de interesse público.

Outra categoria que muda é a organização social, seja nos seus elementos – os indivíduos – com o aparecimento do eu virtual, seja nos seus conjuntos, com o surgimento das comunidades virtuais.

O eu virtual aparece com a Internet, quando o indivíduo passa a dispor de meios para potencializar enormemente sua capacidade mental e alcançar uma variedade imensurável de informações, serviços e oportunidades culturais. Além disso, a invisibilidade individual na maioria dos contatos via Internet, permitem que indivíduos assumam personalidades alternativas, seja para experimentação ou defesa.

As comunidades virtuais permitem por sua vez uma enorme ampliação da interação entre os indivíduos, seja para trabalho, para troca de idéias ou para diversão.

Outras categorias sociais que mudam são as formas de progressão social, que se expandem, tanto localmente, com a demanda por novos serviços ou por mais dos serviços conhecidos, quanto globalmente, pelas facilidades de migração. Associada a esta expansão, porém, há fortes pressões competitivas sobre os indivíduos e os grupos para conseguirem progredir socialmente.

Citemos, por fim, as mudanças nos meios de controle social, com o aparecimento dos registros individuais em sistemas digitais, o que facilita este controle, mas gera grandes riscos para a privacidade individual. Surgem novos e mais eficientes controles de acesso a locais, a bens e a serviços, que igualmente criam facilidades, mas que podem ser fonte de novas formas de discriminação. A abundância de dados individuais, disponíveis em forma digital, permite avanços na análise dos padrões e tendências nos desenvolvimentos sociais e no comportamento individual.

#### **10. A dinâmica atual entre a infra e a super estruturas**

Neste contexto moderno as tecnologias de informação e computação produzem poderosas novas formas de organização social por um processo “hegelio-teilhariano”.

Este neologismo é proposital, visando chamar a atenção para um processo pouco conhecido de desenvolvimento organizacional. Ele se baseia em dois princípios. O primeiro, formulado por Hegel, estabelece que os sistemas sociais crescem em tamanho até um ponto em que, para evitar que se tornem inviáveis e desapareçam, eles têm que dar um “salto qualitativo” no seu crescimento, que

lhes permite continuar a crescer em novos termos. Este salto qualitativo é, em termos modernos, uma reorganização que lhes permite continuar a crescer sem que o tamanho do organismo sufoque suas funções básicas de sobrevivência, além de tornar mais eficaz a busca de seus objetivos.

O segundo princípio, formulado por Teilhard de Chardin, estabelece que, na natureza, os seres são constituídos por partículas que associam um lado físico a um lado, digamos, não físico, que ele chama de partículas de consciência. Se a organização interna destes seres naturais for simples, como nos minerais, esta consciência não se manifesta. Mas a complexidade organizacional, mesmo nos seres vivos mais simples, já leva ao aparecimento da consciência, sob a forma dos fenômenos vitais, como a reprodução e o movimento.

Como a complexidade de organização dos seres aumenta dos vegetais para os animais, também a complexidade das manifestações da consciência, os sinais vitais, também aumenta. Esta complexidade, nos indivíduos naturais alcança o máximo nos seres humanos, cujo cérebro é o sistema natural mais complexo que existe. Por conta disso, os seres humanos possuem uma forma elevada de consciência, a consciência-de-si.

Do ponto de vista que aqui nos interessa, a consciência-de-si significa que os seres humanos se distinguem dos demais pela sua capacidade de compreenderem como a natureza funciona e de usarem esta capacidade em seu benefício para aumentar suas chances de sobrevivência.

No entanto, esta progressão das formas de consciência continua, só que não mais nos indivíduos, mas através das associações de indivíduos, as organizações.

Ou seja, como explicado por estes princípios, aparecem continuamente novas e maiores organizações, cada vez mais capazes de entender o funcionamento da natureza e de utilizar este conhecimento para mudar o mundo. Neste contexto, as universidades também passam pelo mesmo processo de desenvolvimento organizacional.

### **11. Os papéis da Universidade neste novo mundo**

A cada uma das fases econômico-sociais anteriores a Universidade adaptou seus papéis às necessidades dos tempos, como explicamos anteriormente. Neste terceiro milênio, como também já explicamos, a Universidade torna-se uma instituição central da Economia Tecnológica e da Sociedade do Conhecimento, seja por ser também produtora de novos conhecimentos, seja por formar os recursos humanos necessários para esta nova estrutura econômico-social.

Modernamente, a adaptação das universidades a estes novos papéis tem acontecido em todo o mundo. No Brasil, porém, a radicalidade destas mudanças em curso exigem transformações paradigmáticas na compreensão dos novos papéis da Universidade, que se reflitam na regulação das instituições.

Para entendermos o que precisa mudar, vamos discutir algumas das novas características que devem assumir as funções da Universidade no modelo clássico brasileiro que as vê como instituições que devem associar o ensino, a pesquisa e a extensão. Discutiremos, além disso, as tarefas da Universidade como instituição que deve ter uma visão crítica da sociedade.

### **12. A educação superior na Sociedade do Conhecimento**

A primeira constatação é de que a Universidade deve ser um centro para novas formas de educação superior.

Neste sentido, sua atividade principal, o ensino de graduação, deve buscar renovar-se. Uma necessidade é a re-inclusão de disciplinas de Humanidades nos currículos atuais, que são exclusivamente profissionalizantes.

O atual ensino de graduação é um sistema de produção em série de profissionais padronizados. No mundo atual, porém, com suas variadas necessidades, com o surgimento constante de novas tecnologias e de novas estruturas sociais a elas associadas e com a vasta gama de possibilidades de aprendizado e de experiências culturais, a formação padronizada é um equívoco.

Para superar isso, devemos oferecer cada vez mais formas personalizadas de educação aos alunos, começando pela orientação para que comecem a construir seu projeto de vida, já que cada um deles é uma pessoa com uma visão própria do mundo e de sua inserção nele.

Como, também, cada um deles deve se ver como cidadão, eles devem aprender a construir projetos econômico-sociais para o terceiro milênio. Estes projetos, em termos de organização, deve ser a de profissionais trabalhando em grupos ou como participantes de empresas, na administração pública ou no terceiro setor. Como orientação eles devem buscar, principalmente, contribuir para a correção das graves distorções sociais do nosso país e do mundo.

Para isso é preciso que mude o papel dos professores, que devem utilizar cada vez menos o ensino através de aulas magistrais e passar a ser mentores, orientando os alunos na construção de seus projetos de vida.

Neste contexto a metodologia a ser empregada deve ser, preferencialmente, a dos estudos pro-

blematizados, onde as principais atividades e questões de cada área profissional são apresentadas de forma integrada aos alunos pelos professores trabalhando em grupos. Aos estudantes, trabalhando de preferência em grupos, devem ser colocados desafios a serem superados, de tal forma que a motivação para o estudo decorra da busca da auto-superação.

Por sua vez, a pós-graduação *stricto sensu* precisa mudar em aspectos como a busca de imprimir uma orientação social às dissertações e teses, dentro de temáticas definidas pelas instituições, e na internacionalização dos estudos, para ampliar a visão dos pós-graduandos.

As universidades, como já mostrou a UNESCO, devem cada vez mais se ver como centros de educação continuada, dada a rápida obsolescência do conhecimento tecnológico e pelo surgimento de novos modelos de conhecimento e novos paradigmas de organização social.

Esta necessidade é o que explica o crescimento exponencial dos cursos de especialização (pós-graduação *lato sensu*) nos últimos anos, embora também tenha tido grande influência para isso o fato de que estes cursos têm uma regulação mínima.

Além disso, existem demandas específicas por cursos de especialização livres, no sentido de cursos em que os alunos buscam apenas o seu aperfeiçoamento profissional ou aprofundamento de algum tema, sem ser necessário controle de frequência ou certificados de conclusão. Ou seja, apenas o saber pelo saber.

Igualmente importante é o campo da educação corporativa, que compreende o atendimento das necessidades das empresas de investir no seu capital humano, procurando que seus colaboradores se mantenham atualizados ou se aperfeiçoem, principalmente face às demandas da economia tecnológica e das novas formas de organização e direção do trabalho.

Por fim, a Universidade deve ser um centro para novas formas de educação superior em termos de novas tecnologias como os cursos de graduação de curta duração, que correspondem a cursos focados em necessidades de profissionalização específicas em termos de gestão ou tecnologia.

Outra nova e importante tecnologia é a do ensino a distância, principalmente via Internet, que permite que os alunos possam estudar em lugares e horários diferentes do local onde é gerado o ensino. Este tipo de tecnologia tem características e possibilidades metodológicas diferentes do estudo presencial, que precisam ser entendidas para se aproveitar ao máximo o seu potencial. Por outro lado, como o ensino a distância exige um grau de auto-disciplina maior do estudante, é preciso que

a sua forma seja altamente atraente, variada e inter-ativa para estimular a dedicação do aluno.

### **13. A estrutura da pesquisa na Sociedade do Conhecimento**

É necessário que se explore cada vez mais, o potencial da pesquisa realizada em forma industrial, ou seja, através de grupos organizados, empregando máquinas inteligentes. Um avanço recente é a pesquisa em redes nacionais e internacionais.

Também é preciso profissionalizar cada vez mais a administração da pesquisa, o que significa avaliar cada projeto de pesquisa quanto aos seus custos previstos e benefícios esperados em termos institucionais e sociais.

Da mesma forma deve-se compreender de que lidamos com um tipo de trabalho diferente, um trabalho grupal que se caracteriza por ser criativo, mas utilizando uma criatividade diferente da criação artística, uma criatividade exploratória, capaz de visualizar o problema científico envolvido e suas possíveis soluções e buscar explorá-las sistematicamente e, ao mesmo tempo, criativamente. Por fim, como este tipo de trabalho, numa economia tecnológica, produz resultados com valor econômico, é preciso buscar a apropriação desses resultados, através da garantia da propriedade intelectual ou de patentes.

No caso do Brasil, dada a sua condição de país emergente, é preciso que a pesquisa se volte para temas relevantes para o desenvolvimento e para a superação das desigualdades sociais.

Na Universidade, em função dos seus objetivos como instituição de ensino, a pesquisa deve envolver os alunos para formar profissionais para a economia tecnológica.

### **14. Interação com a Comunidade: a Extensão**

O patrimônio de conhecimentos da Universidade e os frutos da sua produção intelectual devem ser repassados para a sociedade através da Extensão.

Ela compreende atividades de educação, principalmente sob a forma de treinamento profissional, e atividades de prestação de serviços, como consultorias para desenvolvimento de novos produtos e processos.

Compreende também a incubação de organizações, principalmente empresas produtoras de novos produtos ou serviços, baseados em tecnologias resultantes das pesquisas da universidade.

Abrange também projetos de desenvolvimento social em conjunto com a sociedade.

### **15. Alguns novos objetivos para o papel crítico da Universidade**

Para visualizarmos o papel crítico da Universidade no mundo moderno vamos apresentar alguns

exemplos nos três campos que estão incluídos neste papel.

Em termos da criação de novos modelos de conhecimento podemos citar a automação física e biológica. A primeira constitui um campo em rápida expansão na atualidade, com o aparecimento de tipos variados de autômatos, tornados possíveis pelos desenvolvimentos nas áreas de *hardwares* e *softwares*.

Já a automação biológica compreende a criação de autômatos baseados em seres vivos, como no caso dos resultantes de alteração genética, podendo chegar até à criação de novos seres artificiais, como os andróides ou autômatos humanos. Em todos os casos o objetivo é conseguir um autômato, isto é, um sistema autônomo, com programação fixa ou variável, para a execução de tarefas economicamente úteis.

Em termos de reconhecimento de novos paradigmas de organização social temos que nos perguntar, considerando os indivíduos que constituem as organizações, se já não está surgindo, com as personalidades virtuais, um *Homo sapiens*, versão 3. Isto porquê se o homem moderno é antropológicamente conhecido como *Homo sapiens sapiens*, este novo ser virtual pode vir a ser o *Homo sapiens sapiens sapiens*, inclusive com uma estrutura física diferente, dotada de uma cabeça maior para abrigar um cérebro mais volumoso e complexo.

Da mesma forma, poderemos reconhecer um novo paradigma de organização social na evolução organizacional representada pelas cada vez mais complexas comunidades virtuais.

Finalmente, em termos de crítica moral, podemos mencionar entre os problemas modernos a cultura da violência estimulada por filmes, jogos eletrônicos e manchetes jornalísticas alarmistas. A pergunta que deve ser feita é até onde esta cultura é reflexo das desigualdades sociais, até onde ela estimula a violência e até onde ela atende a interesses econômicos.

Outro problema é o resultante das tecnologias modernas de medicina, que podem prolongar, às vezes indefinidamente, a morte de um paciente terminal ou em coma. Este poder, associado ao risco dos profissionais de saúde serem acusados de conduta errada ou negligente e, eventualmente, por conta dos interesses econômicos das instituições de saúde, afeta o direito dos pacientes a uma morte digna, isto é, sem prolongamentos dolorosos e inúteis.

Verificamos também nos nossos tempos um choque entre grandes culturas, como o que ocorre entre americanos, europeus e israelenses, de um lado, e os árabes, do outro lado. Compreender as posições e motivações de cada lado e avaliar qual deve ser a nossa posição nacional envolve ir além

do maniqueísmo proposto pelos meios de comunicação dominados pela imprensa ocidental numa escolha que tem que ser claramente moral.

Falemos, por fim, do novo risco de suicídio global criado pelas agressões humanas ao meio ambiente, já agora com reflexos mundiais em grande escala. Neste ponto vale lembrar Camus, o filósofo franco-argelino, que disse que o principal problema filosófico era o suicídio, significando decidir se a vida vale ou não a pena ser vivida. Já passamos pelo risco do suicídio nuclear, no tempo da Guerra Fria. Agora é o suicídio ecológico, a destruição do meio ambiente que permite a vida humana na Terra. Decisão difícil, pela quantidade de agentes envolvidos e pelo tamanho dos interesses econômicos.

#### **16. Objetivos específicos para o Brasil**

No caso do Brasil, alguns problemas científicos específicos se colocam. Citemos o caso da necessidade de preservar a nossa enorme biodiversidade, sem abdicar de aproveitar o que ela pode representar como recurso natural para atender a nossas necessidades econômicas.

Um problema nordestino específico é a condição de vida da população que vive no semi-árido regional. A complexidade e o tamanho das necessidades desta população, a par do volume de investimentos necessário exige um grande esforço de planejamento para serem encaminhadas soluções. Também é assunto candente, face às necessidades de crescimento da oferta de educação superior o tema da reorganização do ensino superior brasileiro e das universidades, para a Sociedade do Conhecimento. Por conta de preconceitos e pressões corporativas, o setor é excessivamente regulado, quando o objetivo deveria ser engajar todo o potencial das universidades a serviço do desenvolvimento nacional.

Por último, citemos a necessidade da Universidade contribuir para a redução das distorções sócio-econômicas do país dentro da sua competência, ou seja, através da pesquisa de novas formas de combater estas distorções e da formação de profissionais com uma consciência cidadã, preparados para trabalhar neste sentido no seu campo profissional.

#### **17. Considerando o futuro distante**

Lancemos agora um olhar sobre o futuro mais distante. Novos desafios científicos surgem no horizonte, inclusive com o potencial de serem úteis para o desenvolvimento do país.

Tomemos o caso da computação avançada. O poder de cálculo que está sendo crescentemente embutido nos computadores permite que problemas cada vez mais complexos possam ser modelados em busca de solução. É o caso dos estudos

sobre o clima e das possibilidades de modelagem dos processos sociais, permitindo compreender sua dinâmica e testar os efeitos de políticas alternativas.

Estes avanços podem influir para que, no campo da teoria social, passemos das teorias generalizadoras para as teorias preditivas. Ou seja, em vez de teorias que apenas expliquem os fenômenos, passarmos a ter teorias que, além de explicá-los, também permitam prever fenômenos ainda não conhecidos, como acontece no campo das ciências físicas.

Sendo o Brasil um país com uma enorme costa marítima, as ciências do mar têm grande importância para nós, principalmente com seus desenvolvimentos recentes em termos de tecnologias para agricultura, pecuária, mineração e geração de energia a partir dos recursos do mar. Entre nós o campo que mais avançou foi o da pecuária marítima, principalmente o cultivo de camarões. Mas outras espécies, algumas já cultivadas em pequena escala, podem ser incorporadas ou o seu cultivo se transformar em atividade econômica importante. O mesmo se pode dizer da agricultura marítima, o cultivo de plantas do mar, como as algas, e mineração, onde avançamos muito com a exploração do petróleo, mas que abrange outros minerais do fundo do mar.

As ciências espaciais são também um campo de futuro para o país. No presente, o país busca autonomia no projeto e experimentação do lançamento de foguetes que nos deixem independentes em todo o ciclo de projeto de satélites (que já dominamos), de seu lançamento e uso para fins de comunicação, estudos de clima e de uso do solo, para previsão de safras etc.

### **18. Conclusão**

Estamos falando de ficção científica? De algo fora do alcance da Universidade brasileira? Creio que não. Nós podemos construir este novo mundo e, para isso, a Universidade é um poderoso instrumento pelo patrimônio que tem de pessoas competentes, de estrutura para ensino e pesquisa e de conhecimento acumulado.

O que precisamos é de uma nova visão da Universidade, que a veja como instrumento para o desenvolvimento da nossa região e do nosso país.

### **19. *Duc in altum***

O Evangelho de São Mateus, capítulo 14, versículo 22, nos conta que Cristo, depois de ter pregado numa praia, diz a Simão Pedro, no texto latino: “*Duc in altum!*”, ou seja, em português, “Aproe para o mar largo!”.

Isto é o que a moderna universidade brasileira precisa fazer, aproar para o mar largo dos grandes

desafios, dos grandes problemas, que é, também onde estão as grandes contribuições que ela pode dar ao nosso país.

Deixemos de lado o conformismo, escolhamos o novo, a luta, a busca ambiciosa de soluções para as grandes questões científicas e para as fundas necessidades do país.

Conservemos as tradições, transformando-as, e redefinamos as funções da Universidade para os nossos tempos e para o futuro, como hoje podemos percebê-lo.

É isto. É o que espero que fique para cada um de vocês desta minha fala.

Muito obrigado.

## DISCURSO DE SAUDAÇÃO PELA POSSE DA PROF<sup>a</sup> NADJA VALVERDE VIANA NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

J. Rogerio C. Vargens

27/9/2006

A Cadeira nº 18, motivadora deste nosso encontro, tem como Patrono Ernesto Carneiro Ribeiro.

Tão rico é o celeiro de educadores dessa nossa Bahia que, por ocasião dos preparativos de organização desta Academia, muitos nomes foram lembrados para compor a constelação de seus patronos. Cerca de 160 nomes impunham a difícil tarefa para a redução ao número fixado de 40 cadeiras.

Não poderia faltar, todavia, a figura do eminente baiano, natural de Itaparica, Ernesto Carneiro Ribeiro, médico, literato, filólogo e pioneiro da modernização da gramática, fundador e diretor por quase quatro décadas do conhecido Ginásio Carneiro Ribeiro.

Professor de muitos ilustres do seu tempo, foi mestre de Rui Barbosa, apenas 10 anos mais moço que ele, em duas oportunidades. A primeira, quando o teve aluno de suas lições, a outra, durante a famosa polêmica sobre o Projeto do Código Civil Brasileiro, a que foi conduzido pelas mãos de Clóvis Beviláqua, a qual, com *As Ligeiras observações sobre as emendas do dr. Rui Barbosa feitas à redação do Projeto do Código Civil*, título por si insólito, a *Réplica* e a respectiva *Tréplica*, proporcionou a Rui, perfeccionista, mais apurado lapidar de sua preciosa lavra, e ao País, no amanhecer da República, um texto legal cuja forma foi saudada pela crítica nacional e de além-mares como um modelo de clareza e boa técnica.

Inicialmente, esta Cadeira foi ocupada pelo ilustre Professor José Newton Alves de Souza, natural do Crato, no Ceará, e baiano por adoção. Titular de Sociologia da Universidade Católica e Professor da Faculdade de Filosofia da UFBA, lecionou, também, na educação básica em numerosos estabelecimentos. No Ceará, em Crato, no Colégio Diocesano, Colégio e Escola Normal Santa Teresa de Jesus, Associação dos Empregados do Comércio e Educandário Dom Bosco. Em Salvador, no Colégio Dom Macedo Costa, Colégio São José, Ginásio Baiano de Ensino, Ginásio e Escola Técnica de Comércio São Jerônimo, Ginásio Bom Jesus, Colégio da Polícia Militar, Ginásio Brasil, Escola Técnica de Comércio Luís Tarquínio, Colégio Antônio Vieira, Colégio Nossa Senhora das Mercês, Colégio Sophia Costa Pinto, Ginásio Modelo, Instituto Feminino da Bahia e Instituto Sete de Setembro.

O Professor José Newton tem a seu crédito o de ter sido um dos idealizadores da Academi-

a, incentivado a sua criação, estimulado Raymundo Almeida Gouveia a assumir a liderança desta empreitada, participado de sua organização e integrado o corpo de seus fundadores.

Elevado à condição de Membro Emérito, a Cadeira nº 18 passou a ser ocupada pela Professora Maria Luigia Magnavita Galeffi.

O coração ítalo-brasileiro de D. Gina, como era carinhosamente chamada por seus alunos e contemporâneos, encontrava raízes em imigrantes italianos originários da pequena cidade de Paola que, singularmente, optam em se estabelecer no Sul da Bahia, ao contrário da maioria de seus patrícios, que preferiam ir para São Paulo ou para os Estados que ofereciam condições ao cultivo do café ou da uva. O primeiros "Magnavita" chegaram em 1891 e deram substancial contribuição ao desenvolvimento da região.

Pasquale Magnavita, ainda muito jovem, juntamente com a família é trazido por seu pai em junho de 1898. Primeiro, de Paola para Gênova no navio Las Palmas, daí para Salvador, no Città de Genova, e daqui para Canavieiras, em navio da Bahiana, conduzido pelo famoso comandante Antão, que passava por Camamu, Marau e Ilhéus. Pouco depois, juntamente com o irmão Francesco, vai se estabelecer na Cidade de Belmonte.

Em 1915, casa-se na Itália com D. Vicenza Tosto Magnavita. Desse consórcio, nasceram doze filhos. Muitos com vocação docente, alguns dos quais estabeleceram laços com a Universidade, como Carmelina, Flávio, Itália e Pasqualino. Olga casou-se com o saudoso professor Joaquim Batista Neves e Maria Luigia teve esta vocação acentuada pelo seu casamento com o ilustre professor Romano Galeffi.

Cento e sete anos após aquela corajosa travessia de seu pai, esta Academia teve, com muito pesar, de se despedir da estimada confreira.

Hoje, estamos aqui reunidos para dar posse, em tão honrada Cadeira, à professora Nadja Maria Valverde Viana que, cumprindo o ritual imposto por esta Academia irá percorrer, pormenorizadamente, sobre as ilustres personalidades a que brevemente me referi.

Natural da Cidade de Jequié é a segunda entre quatro irmãs de uma família muito bem estruturada, de cujo pai, José Valverde, Nadja herdou o coração generoso e da mãe, Lourdes Mota Valverde, o temperamento determinado que compõe o seu perfil.

Um ambiente familiar bem realizado é o traço dominante de sua vida, pois é igualmente bem sucedida a família que ela própria constituiu com Ronaldo Viana. Casamento muito bem consolidado, do qual resultaram os três filhos, Hermano, Lísia e Lílian, que acrescentaram os seus consortes, Andréa, José Manoel e Reginaldo para lhes presentear com os netos Tiago, Flávia, José Eduardo, Beatriz e Felipe.

É ainda no seio da família que nossa Acadêmica encontra os vultos de sua admiração e que lapidaram sua personalidade. D. Lourdes, sua cuidadosa mãe, foi o seu grande esteio moral, dando-lhe, a cada momento, os limites do que podia, ou não, ser feito. Seu tio Hermano, cunhado de sua mãe e em homenagem ao qual deu nome ao seu filho mais velho, em longas e proveitosas conversas, orientava e incentivava a leitura, provocava a reflexão e lhe inculcia uma consciência política que era, naquele tempo, negada para a maioria das moças criadas na redoma do carinho familiar. Seu tio Deraldo Mota, pela sua capacidade empreendedora, foi também um grande exemplo.

Todavia, é sua avó materna, D. Nina Mota, a sua grande paixão e paradigma. Para tanto, há sobras de razão. Esta senhora, interiorana, de instrução limitada, com poucos recursos e em condições adversas, decidiu mudar-se para Salvador e aqui instalou e desenvolveu as famosas lojas "O Cruzeiro", uma rede comercial com grande participação no mercado baiano de seu tempo e que era freqüentada por todas as camadas sociais.

Esta mulher extraordinária, agregadora, determinada e matriarcal, que exercia justificada liderança familiar, recebeu de Nadja grande atenção e teve sobre ela notável influência. É certamente por esta influência e por sua personalidade forte e definida, que hoje Nadja assume-se como a "D. Nina" do seu próprio contexto familiar, incluindo-se aí os filhos, irmãs e as demais vítimas a estes relacionados.

Por destino e opção, Nadja mora, atualmente, na rua que tem como nome Nina Mota.

Durante toda a sua enfermidade até a morte, D. Nina recebeu desta neta todo acompanhamento e cuidados, inclusive de dormir com ela todas as noites.

Essa dedicação se repetiu mais recentemente com seu pai, que Nadja e Ronaldo, seu genro preferido, adotaram como filho após a morte repentina de D. Lourdes e até os momentos finais.

É provavelmente devido a essas experiências, imersas em caldo tão denso de dor, ansiedade e afeição, que fizeram a nova acadêmica tão atenciosa com os que sofrem ou padecem de do-

enças, com acompanhamento diário em visitas, telefonemas ou outros gestos de solidariedade.

Ainda bem pequena, a família veio para Salvador e a menina foi estudar no tradicional colégio de Anfrísia Santiago, juntamente com as irmãs. Embora, desde cedo, se revelasse uma boa aluna, estabeleceu-se um choque entre a sua inquietude e os rigores de disciplina da famosa educadora, que por diversas vezes, indignada com a diferença entre suas traquinagens e o bom comportamento das irmãs, sugeriu a D. Lourdes transferi-la para outro estabelecimento, onde pudesse ficar sob o regime de internato.

Apesar dos esforços e cuidados maternos, seus uniformes eram sempre amassados e os cabelos despenteados. Depois do recreio então, jamais retornava à sala em condições de assistir as aulas. Impossibilidade total para arrumar, adequadamente, a pasta escolar, que sua Professora Maria Conceição Costa e Silva costumava denominar como o "balaio de D. Marcelina".

D. Marcelina, explique-se, era uma maltrapilha pedinte de Santo Antônio de Jesus, terra natal da professora Conceição, que percorria as ruas daquela Cidade, balaio na cabeça, coletando ao longo da jornada as mais desconstruídas bugingangas. Agora, a mestra aplicava à aluna a comparação que sua mãe fizera à sua própria desarrumação, no tempo em que era criança. Talvez tenha sido por isso que Conceição procurou compreender tanto nossa peralta acadêmica e valorizar sua inteligência.

De todas as formas, foram as boas lições desse educandário que lhe proporcionaram uma formação básica sólida e o ambiente em que floresceram grandes amizades. É lá que se ata a relação com a então colega, grande e vitalícia amiga Ana Helena, filha do professor Alceu Roberto Hiltner.

Nada melhor. Passando a freqüentar a casa da amiga, conquista a todos com facilidade. Alceu reconhece o potencial da colega da filha e passa a lhe dedicar um afeto muito especial, o qual viria a se prolongar por toda a vida, em acompanhamento interessado e contínuo, e ela, igualmente, não demora em adotar Alceu como seu primeiro grande ídolo acadêmico.

Uma vantagem de quebra, confissão que me fez o próprio Alceu: naquele tempo, as moças não freqüentavam as festas sem a companhia dos pais, todavia não era esta a atividade preferida de Alceu. Já Valverde, pai de Nadja, tinha declarado gosto por essa tarefa. Resultado: a bem de todos, Ana Helena passou a integrar o comboio do festeiro Zé Valverde.

Como, ao final do Ginásio, a idéia de seguir a carreira das letras já havia sido ultrapassa-

da, aprofunda-se nas ciências exatas e encaminha-se para o vestibular de Engenharia Química. Tal como Ana Helena, ingressou na Escola Politécnica, em que o percentual de mulheres não ultrapassava os cinco por cento. Entretanto, com seu temperamento alegre e comunicativo, e a disposição em ajudar os colegas, fez inúmeros amigos. Eu mesmo confesso que muito me servi dos seus apontamentos.

Formou-se em 1969 e, logo depois, começou a lecionar na UFBA, como Auxiliar de Ensino.

Ao longo da carreira, outras pessoas foram povoando seu universo de referência, como Hernani Sobral, Lolita Dantas, Celso Spínola, Rafael Menezes, Orlando Salles e Augusto Mascarenhas.

Creio, no entanto, que entre todos Alceu e Celso foram os mais influentes. Celso mais interessado na carreira acadêmica nos domínios técnico-científicos da Química. Alceu, numa latitude mais aberta, reconhecendo-lhe o pendor para a gestão acadêmica.

Lembro-me que quando a convidei para ser Pró-Reitora, Alceu vibrou e estimulou a idéia. Já Celso, confidenciou-me que via nisso uma boa oportunidade, mas lamentava que a iniciativa iria adiar mais uma vez e talvez para sempre, como acabou acontecendo, o mestrado que ele tanto lhe havia aconselhado.

Na Universidade Federal da Bahia, onde desenvolveu carreira docente como professora exigente e competente, foi Vice-Diretora do Instituto de Química e Assessora para Assuntos de Graduação Acadêmica, durante o reitorado de Augusto Mascarenhas, Diretora do Instituto de Química, durante o reitorado de Macedo Costa e, inicialmente, Pró-Reitora e, posteriormente, Vice-Reitora, durante meu próprio reitorado.

No Conselho Estadual de Educação, foi, sucessivamente, Suplente, Membro Titular, Vice-Presidente e Presidente. Tendo presidido, também, o Fórum Nacional dos Conselhos de Educação, organização que congrega os presidentes de conselhos estaduais.

Atualmente, é Diretora Geral da FTE - Faculdade de Tecnologia Empresarial, desde 1999, e membro da Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior - CONAES, desde o ano passado.

Ao lado de sua carreira profissional, tornou-se líder nos movimentos cristãos, tendo participado da Comissão que recebeu o Papa João Paulo II em sua segunda visita a Salvador.

Ao longo de todas estas experiências, desenvolveu competências, revelou qualidades e ampliou seu rol de amigos.

Eu mesmo posso depor que enquanto exerceu os cargos que se relacionaram comigo por laços de confiança, como os de Pró-Reitora e Vice-Reitora, na UFBA, ou Suplente e Vice-Presidente, no Conselho, se houve com dedicação, competência e lealdade.

Seu relacionamento é fácil, só precisa de pouco tempo para conquistar o reconhecimento das pessoas.

Lembro-me de quando nós, baianos, promovemos sua eleição para Presidente do Fórum dos Conselhos Estaduais. A disputa foi duríssima, só ganhou porque o seu concorrente, do Amapá, não estava presente. A vitória se deu por um único voto. Segundo o nosso confrade Milton Rabello, justamente o que ele, trabalhosamente, conquistou do representante de Sergipe. Apesar da convicção de Milton e sem dele descrever, eu acredito que muito valeu o prestígio de sua grande amiga Zânea, recorrendo à cidadania sergipana que adquiriu pelo casamento com Luis Carlos Duarte, nosso colega de turma.

De qualquer forma, o que importa é que nossa Acadêmica, apenas um ano depois, foi reeleita por aclamação. Nenhum incauto ousou competir, em demonstração inequívoca de como é fácil lhe reconhecer os méritos.

Entre as suas muitas qualidades há uma que muito lhe vale, quer no desempenho de suas atividades funcionais, quer nas suas relações pessoais. A memória é prodigiosa, não esquece nomes nem os respectivos sobrenomes, tantos quantos alguém os tenha. Assim é com as datas significativas para ela, sua família ou seus amigos. Evoca fatos que nem mesmo os que vivenciaram são capazes lembrar. Se alguém for citado em uma conversa, muito provavelmente, Nadja conhecer-lo-á e saberá contar fatos relacionados a essa pessoa. Se alguém não lembra o nome do pai, do primo, da tia ou da avó de um amigo, pergunte à Nadja. Com certeza, ela terá a resposta na ponta da língua. Dos seus próprios amigos sabe o dia em que começou a namorar, quando nasceu o primeiro filho, o ano da formatura, o primeiro emprego, em quantos e quais casamentos se aventurou. Dos mais próximos, a biografia pode ser completa.

Por natureza, é uma pessoa paradoxal. Como engenheira, pode-se esperar alguém cartesiano, objetivo e lógico. Mas, além disso, comporta-se de modo emocional, quase passional, nas causas que abraça e, muitas vezes, sem nenhuma lógica.

Embora não goste de confessar que, como qualquer outro ser humano, se fragiliza, quando decepcionada ou triste, fica vermelha e chora. Prefere, no entanto, demonstrar que o universo

conspira para sua felicidade. Por isso, ninguém a ouve se lamentar. Seu ego fortalecido anima sua auto estima e caminha pulando pedras, esquivando-se dos problemas e, narcisamente, mirando-se nas águas e amando seu reflexo.

Teimosa, dificilmente exercita a capacidade de reconhecer que errou. Pobre dos que ousam lhe enfrentar com argumentos dissonantes!

Quase sempre sem relógio no pulso, chega em cima da hora nos compromissos. Se, contudo, deixa pessoas esperando, não admite que se chegue atrasado naqueles marcados por ela.

Há paradoxos ainda mais notórios: de democrática à autoritária; de simples e informal à protocolar e adepta de ritos; de delegadora à centralizadora ou de desligada e fleugmática à astuta e perspicaz.

Essas singularidades não impedem que lhe queiram bem os que com ela convivem. Com os amigos, é extremamente próxima em todas as dores, sofrimentos ou alegrias. É por isso que se faz, invariavelmente, presente nos casamentos, batizados, enterros, primeiras comunhão, aniversários, bodas de prata ou de ouro.

Como uma pessoa plural, as idiossincrasias são muitas. Exerce cargos e incumbências de relevância e não deixa de gostar do domingo em família, receber amigos na varanda de sua casa, decorar a árvore de natal para os netos, acompanhar as filhas e nora nos momentos do pré-natal de cada uma.

De comportamento inusitado, é capaz de sair correndo de uma importante reunião de trabalho para, sem culpa, ir arrumar, com lençóis bordados, a cama de sobrinhos que estejam retornando de lua-de-mel.

de amor, fraternidade, cumprimento do dever e muito mais.

Faz pouco, pessoa que lhe conhece, profundamente, desde criança, amiga fraternal e colega de infância de sua irmã mais nova e dela própria, em carinhosa síntese, me disse:

*"Nadja é uma pessoa adulta e séria que aprisiona uma criança que gostaria de caçar borboletas azuis e subir em árvores para comer cajá".*

Escolhido pela nossa Presidente de Honra D. Leda Jesuíno dos Santos e pela Confreira Maria Anália Costa Moura, para nesta oportunidade, saudá-la, desejo, por gosto, em meu próprio nome, e por ofício, em nome de todos, confradeiras e confrades, dar-lhe as boas vindas.

Certo estou, Professora Nadja Valverde Viana, que muito traz e em muito pode contribuir com este sodalício.

Esteja certa que aqui, como alhures, nada se faz de grandioso sem o embalo dos sonhos, mesmo os mais utópicos como aqueles em que as crianças mergulham para caçar borboletas azuis ou realizar a proeza, de todo impossível, de subir em pé de cajá para saborear os seus frutos!

É com o lema desta Academia que lhe convido a adentrar nesta nova jornada: *Luceat Lux Vestra!*

Seja bem vinda.

A todos, muito obrigado!

Capaz de sentimentos insólitos, de tudo quer um pouco: de alegria, de solidariedade, de compaixão, de responsabilidade profissional, de vaidade e orgulho, de amizade, de espiritualidade,

Em 01 de junho de 1983, através da Lei Delegada 66/1983, o Governo do Estado da Bahia criou a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, “sob a forma de autarquia em regime especial, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura, com personalidade jurídica de direito público, autonomia acadêmica, administrativa e financeira e patrimônio próprio”, com sede e foro na Cidade do Salvador e jurisdição em todo o Estado da Bahia, estruturada sob a forma de um Sistema *Multicampi* de Educação Superior.

Após tramitar no Conselho de Educação do Estado da Bahia através de processo competente e obter Parecer favorável (Parecer 375/1986), a autorização da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, foi oficializada através do Decreto 92.937 de 17 de julho de 1986, *verbis*:

*“Autoriza o funcionamento da Universidade do Estado da Bahia.*

*O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, III da Constituição, de acordo com o artigo 47 da Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-Lei nº 842, de 09 de setembro de 1969, e tendo em vista o que consta do Processo nº 23000.013359/86-96, do Ministério da Educação,*

#### DECRETA

*Art.1º- Fica autorizado o funcionamento da Universidade do Estado da Bahia, em regime especial e em sistema multicampi de funcionamento, vinculada à Secretaria de Educação e Cultura da Bahia como instituição educacional de 3º grau, com sede na Cidade de Salvador, Estado da Bahia.*

*Art. 2º - Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.*

*Brasília, em 17 de julho de 1986: 165º da independência e 98 da República.*

JOSÉ SARNEY”

Em 29 de março de 1995, o Conselho de Educação do Estado da Bahia, através da Resolução CEE 115/1995, reconheceu a Universidade do Estado da Bahia – UNEB, com sede e foro na Cidade do Salvador e jurisdição em todo o Estado da Bahia.

#### Pedido de Recredenciamento

Através do Ofício Gab Nº 055/2002, de sua Reitoria, datado de 18 de fevereiro de 2002, protocolado na mesma data, a Universidade do Estado da Bahia encaminhou a este Conselho

Estadual de Educação pedido de seu Recredenciamento. Na ocasião foi encaminhado Projeto de Recredenciamento significando a descrição geral da Instituição então avaliada.

#### Objetivos da Educação Superior

O processo de Recredenciamento de uma instituição universitária é um processo de avaliação, o qual pode ser direcionado aos mais diversos objetivos. Assim, avalia-se para iniciar uma atividade, para encerrá-la, para modificá-la, para dar continuidade da mesma forma, ou diferentemente, etc... Na avaliação de uma universidade, certamente ter-se-á de observar todas essas proposições ante a dificuldade de definição dos objetivos da instituição de educação superior, os quais não são bem precisos. Em seu livro *Governing Academic Organizations*, Riley e Baldrige (1977, p.3) dizem que, em contraposição aos objetivos precisos da maioria das organizações (por exemplo, empresas têm como objetivo o lucro; hospitais tentam curar doentes), instituições de educação superior têm objetivos vagos e ambíguos, o que as leva a construir processos de decisão para lidar com um alto grau de incerteza e conflito. Quais os objetivos de uma universidade? Segundo os autores citados, essa é uma pergunta difícil, pois a lista de respostas é longa: ensinar, pesquisar, prestar serviços à comunidade, administração de instalações científicas, apoio às artes, solução de problemas sociais... Completando essa linha de raciocínio outros dois autores, Cohen e March, no livro *Leadership and Ambiguity: The American College President* (in RILEY and BALDRIDGE, 1977, p.3), dizem que

*“Quase toda pessoa educada poderia proferir uma palestra intitulada “Os Objetivos da Universidade”. Quase ninguém ouviria a palestra voluntariamente. Para a maior parte, tais palestras e seus correspondentes ensaios são exercícios bem-intencionados em retórica social, com pouco conteúdo operacional. Esforços para gerar afirmações normativas dos objetivos da universidade tendem a produzir objetivos que poderão ser sem significado, ou dúbios.”.*

No caso brasileiro, há preferência pelo direito positivo, o que não traz mudanças significativas. Assim, passemos à normatização, especificamente ao artigo 43 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/1996,

para constatarmos as mesmas dificuldades entre a proposição e a prática:

*Art.43 – A educação superior tem por finalidade:*

*I – estimular a criação cultural e desenvolvimento do espírito e do pensamento reflexivo;*

*II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;*

*III – incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;*

*IV – promover a divulgação de conhecimento culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;*

*V – suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada região;*

*VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;*

*VII – promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.*

Dessa forma, chega-se à conclusão de que objetivos e finalidades da educação superior e conseqüentemente das instituições de educação superior, universalmente são os mesmos. A diferença está na eleição de prioridades, a começar provavelmente pelo modelo institucional estabelecido.

### **O modelo *multicampi***

O modelo *multicampi* é mais conhecido na América do Norte. Nos Estados Unidos, naqueles Estados que criaram universidades estaduais, há pelo menos uma universidade *multicampi* em cada. No Canadá, o modelo é também popular. A Université du Québec é talvez a maior *multicampi* canadense. Ciosa de sua amplidão, a Université du Québec espalhou seus *campi* desde as margens do Rio São Lourenço, onde está a Cité du Québec, e por Trois-Rivières, Chicoutimi, etc., até atingir as planícies geladas de Rouen-Noranda; Nos Estados Unidos, a Wisconsin State University declarou

que seu *campus* é o Estado de Wisconsin. E todas tentam atingir os objetivos e finalidades da educação superior dentro das prioridades eleitas ou necessárias às comunidades a que servem.

Quando da criação da UNEB, em 1 de junho de 1983, o modelo *multicampi* não era desconhecido no Brasil. A primeira *multicampi* brasileira foi a USP – Universidade de São Paulo, criada na década de 1930. Em São Paulo, há uma outra *multicampi*, a UNESP – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho. No Nordeste, algumas universidades estaduais são *multicampi*, a exemplo da Universidade Estadual do Ceará. A Universidade Federal da Paraíba foi também organizada de forma *multicampi*. Todas anteriores à UNEB. E na Bahia, a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, foi também organizada sob o modelo *multicampi*.

Quando dos vinte anos da UNEB, em 2003, seu fundador, Dr. Edivaldo Machado Boaventura, declarou em uma das cerimônias de comemoração que se pretendeu criar uma Universidade abrangente, “uma Universidade de toda a Bahia, uma Universidade do Estado da Bahia”. Atualmente, a UNEB está presente em todas as regiões geo-econômicas do nosso Estado.

### **A Missão da UNEB**

Os amplos objetivos e finalidades da educação superior, longamente descritos acima, podem ser resumidos em três funções que constituem a idéia de missão que a instituição de educação superior, mormente uma universidade pública, se propõe a cumprir: o ensino, a pesquisa e a extensão. Observa-se ter a UNEB consciência dessa missão, através das proposições básicas de uma Universidade comprometida com o desenvolvimento social, cultural e econômico, explicitadas como princípios de política institucional.

Tendo surgido a partir de Faculdades de Formação de Professores e de outras instituições isoladas, a UNEB teve inicialmente nos Cursos de Licenciatura o fulcro de sua atividade. Todavia, extrapolando essa proposição originária, observamos a diversidade de sua atuação ainda que de forma embrionária em alguns aspectos.

É, entretanto, como proposta de Universidade em construção, que a UNEB revela sua perspectiva de missão, objetivos e metas. Assim, propõe em seu Projeto de Redcredenciamento:

*“Por definição e em função de sua configuração estrutural compete à UNEB difundir o saber, promovendo a formação e o aperfeiçoamento acadêmico, científico e tecnológico, no intuito de*

*manter a sua colaboração para o desenvolvimento da educação superior na Bahia e, conseqüentemente, para o desenvolvimento das regiões onde está inserida", ou ainda, "desenvolver a educação superior de forma harmônica e planejada, promovendo a formação e o aperfeiçoamento acadêmico, científico e tecnológico dos recursos humanos, a pesquisa e a extensão, de modo indissociável, voltada para as questões do desenvolvimento sócio-econômico, em consonância com as peculiaridades regionais".*

Esse ideal é calcado em princípios basilares norteadores de seu planejamento como uma universidade pública, incentivadora da diversidade, atenta a desafios e demandas regionais, gratuita, preocupada com a inclusão social, observadora da indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão e preocupada com a formação do cidadão, no que diz respeito à reflexão, à criticidade e à criatividade.

Em sua idéia de missão, por vir ou por realizar-se, a UNEB busca o futuro, determinando objetivos/metapas para a graduação, para a pesquisa e o ensino de pós-graduação, para a extensão e para a infra-estrutura.

### **O papel social da UNEB**

O papel desempenhado pela UNEB contribuiu para modificar o panorama da educação superior no Estado da Bahia. É sabido que não foi a UNEB sozinha. Suas congêneres estaduais também muito contribuíram. Todavia, à UNEB, por ter um modelo *multicampi*, portanto diferenciado, coube um papel especial que a redime de suas muitas dificuldades, o mérito de ocupar espaços em todo o Estado da Bahia.

Constata-se que os *campi* da UNEB atingem todas as regiões geo-econômicas do Estado. Suas ações educativas, quer pelo ensino regular ou através de programas especiais, e ainda por outras atividades extensionistas ou de pesquisa, estão a servir a toda a comunidade do Estado da Bahia.

Em termos numéricos, verifica-se que, ao lado dos programas regulares de licenciaturas e bacharelados, os Programas Especiais de Licenciaturas, denominados "Rede UNEB 2000", "Escolas Famílias Agrícolas" e "Proesp", envolveram, a partir de 1998, 8.174 alunos, os quais por sua vinculação com as municipalidades de origem, são também professores. Esta "qualificação em serviço" tem sido um vitorioso processo sem precedentes na história de nosso Estado. A Rede UNEB 2.000 realizou convênios com 145 municípios. O Programa Famílias Agrícolas envolveu Departamentos localizados nos *campi* de Alagoinhas, Jacobina e Caetité. O PROESP mobilizou os *campi* de Senhor do

Bonfim, Eunápolis, Jacobina, Barreiras, Seabra, Brumado, Ipiáú, Conceição do Coité, Teixeira de Freitas e Irecê. No desempenho de suas funções educacionais, face ao relato realizado, o ensino é aquela função em que a UNEB melhor se destaca, e cujo papel se reveste de verdadeira importância, principalmente porque a maioria absoluta de seus cursos de graduação são cursos de licenciatura. As licenciaturas desenvolvidas pela UNEB vieram preencher um claro nas necessidades educacionais do Estado da Bahia, suprimindo quadros profissionais da educação fundamental e média, cujas conseqüências seriam de difícil mensuração sem a presença desta Universidade no cenário estadual. Cursos de Licenciaturas plenas e permanentes, ao lado de programas emergenciais para atender a exigências legais de qualificação do professorado, constituíram-se na redenção de muitas municipalidades em termos da preparação de seu quadro de professores.

Apesar da UNEB ter em seus programas acadêmicos a supremacia das Licenciaturas, nem só de licenciaturas vive a UNEB. Programas acadêmicos em todas as áreas do conhecimento humano são desenvolvidos, como visto anteriormente. Existem Bacharelados nas áreas de Análise de Sistemas, Agronomia, Direito, Comunicação Social, Administração, Ciências Contábeis, Engenharia de Pesca, Enfermagem e Turismo. São 34 Cursos distribuídos por 15 *campi*, os quais compõem, também, o quadro de cursos de graduação oferecidos. Esses Cursos estão levando ao interior do Estado da Bahia a possibilidade de acesso a determinadas carreiras acadêmicas que há bem pouco eram privilégio daqueles que podiam fixar-se na Cidade do Salvador. O alcance social desses Cursos é do mais alto valor e importância, principalmente por ser a UNEB uma Instituição pública e sem cobrança de anuidades. A médio e longo prazos as comunidades começam a dar mostras positivas da presença da Instituição de Educação Superior. A curto prazo, a presença da Universidade é fator de transformações sociais. A despeito das deficiências ainda observadas e das dificuldades institucionais na administração e manutenção de vários desses cursos, com reflexos na própria avaliação nacional, alguns cursos da UNEB foram classificados entre os dez melhores do País. Deve, também, ser registrado o Programa de Iniciação Científica, envolvendo alunos e professores. Jornadas anuais são realizadas, nas quais são apresentadas comunicações resultantes das pesquisas dos alunos.

Se hoje a educação superior está presente em todas as regiões do Estado, a presença da UNEB, assim como das demais Universidades

Estaduais, contribuiu e continua a contribuir para tanto, não apenas formando mão de obra, mas permitindo que recursos humanos por ela providos possam colaborar no surgimento de novos empreendimentos em nível superior.

Ainda em função de sua abrangência, a Seleção Específica realizada pela UNEB, para ingresso em cursos superiores, é aquela que mais candidatos atrai no Estado da Bahia.

A pesquisa continua a ser o Nó Górdio ou o Calcanhar de Aquiles da Universidade Brasileira e a isso não pôde ainda fugir a UNEB. A pesquisa na Universidade Brasileira, fomentada a partir de 1967 e principalmente com a Reforma Universitária de 1968, tem ainda de vencer a tradição até então dominante em nosso País, da pesquisa fora da Universidade, em institutos específicos (Fundação Osvaldo Cruz, Fundação Carlos Chagas, Instituto Adolpho Lutz, Instituto Butantã, etc).

É digno de registro o esforço da UNEB em fazer da Pesquisa uma atividade da rotina acadêmica. Verifica-se que esse empenho começa a dar frutos. Grupos de pesquisa estão sendo formados e linhas de pesquisa definidas. É também inegável o esforço governamental, através de suas agências, principalmente o CNPq, na área federal, e da Fapesb, no plano estadual, em fomentar a pesquisa. Dentro da liberalidade administrativa que permeia a atividade pública neste País, algum progresso está havendo. E um certo caldo de cultura sobre a necessidade de pesquisar-se, começa a formar-se apesar da maneira quase "*laissez-faire*" de como é administrada a pesquisa, mesmo nas universidades (públicas) em que o regime de trabalho em dedicação exclusiva é pago. Os dados sobre a UNEB demonstram a existência de uma preocupação institucional, o que é louvável. Todavia, para melhorar, decisões de política administrativa terão de ser tomadas, conforme sugerido pela Comissão de Verificação, como a possibilidade de fixação de professores qualificados em todos os *Campi*, o que possibilitará o desenvolvimento de projetos de pesquisa.

A função Extensão é, depois do ensino, onde a UNEB melhor se realiza. Provavelmente por ter seus *Campi* situados nos pagos interioranos da Bahia, a UNEB não poderia encontrar ambiente mais fértil para a atividade extensionista. Os dados ao longo do tempo demonstram o crescimento numérico e a variedade de atividades. E uma análise mais profunda das atividades de extensão demonstra que muitas dessas atividades são também de pesquisa. É necessário provavelmente uma

sistematização, como também dar maior publicidade aos resultados.

O ensino de pós-graduação *lato sensu* na UNEB tem atendido a uma clientela crescente, interna e externamente, ressaltando-se a política institucional quanto a auto-sustentabilidade de tais cursos. A pós-graduação *stricto sensu* representada até então exclusivamente pelo Mestrado em Educação e Contemporaneidade, credenciado, teve recentemente mais dois mestrados autorizados, o Mestrado em Letras e o Mestrado em Química, todos no *Campus* de Salvador, além do Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Sustentável, iniciado neste ano de 2005 no *campus* de Santo Antônio de Jesus.

A situação da pós-graduação é resultado da política de recursos humanos praticada pela UNEB. Como vimos, professores têm sido estimulados a buscar qualificação em nível de mestrado e doutorado, no País e no exterior. Todavia, como observado pela Comissão de Verificação, apesar do alto número de doutores e mestres (54%), a sua distribuição não tem sido proporcional ao número de *Campi*, havendo concentração principalmente em Salvador, por motivos óbvios.

A UNEB também tem estimulado seu pessoal técnico e de apoio a buscar qualificação.

Em relação ao Corpo Discente, além do problema da evasão, que em números absolutos não é alta, há problemas quanto ao tempo de conclusão de cursos, o que pode ser melhorado com a detecção de causas que contribuam para a demora. É sabido que o baixo número de concluintes em áreas técnicas é problema maior, mas, em áreas como humanidades, a distorção merece estudo. E a UNEB tem uma ferramenta própria, a sua agência de Avaliação Institucional, a qual pode ajudar na solução de vários problemas, desde que suas informações sejam base para a tomada de decisões. Ressalte-se que avaliação institucional nada pode fazer em uma organização, além de fornecer informações.

Quanto às Bibliotecas, e colocamos no plural, houve recentemente uma sensível melhoria no acervo, que apresenta um total de 76.864 títulos e 226.219 volumes. Mas, como já se disse no passado, "uma universidade é sua biblioteca". Sabe-se do relativo exagero da afirmação e que a biblioteca não é o bastante, mas, é necessário insistir na melhoria das Bibliotecas.

### Razões para o credenciamento

O credenciamento da UNEB não significará de forma alguma o reconhecimento de

sua excelência institucional. Ao contrário, o recredenciamento da UNEB é uma necessidade para que a Instituição tenha a possibilidade de vir a melhorar, o que só pode acontecer com este voto de confiança. Até o momento a UNEB tem sido a universidade possível. De agora em diante ela deve tornar-se a “universidade necessária”. A UNEB pode ser comparada àquele indivíduo que atingiu a idade adulta num processo de contínuo crescimento, sem que sua musculatura se tornasse compatível ao seu tamanho. A UNEB já atingiu todas as regiões do Estado da Bahia. Deve parar de crescer e buscar fortalecer-se academicamente. E esta melhoria refletir-se-á por toda a Instituição. Dessa forma, recomenda - se:

1 – Estudar-se a otimização das vagas nos diversos Cursos, principalmente nas Licenciaturas, analisando as causas de evasão e baixo índice de conclusão.

2 – Persistir no estabelecimento de uma política de Pesquisa através de mecanismos eficazes de administração, sendo mister eleger prioridades para que seja consolidado o fortalecimento de linhas temáticas de pesquisa.

3 – Dar continuidade aos programas de Extensão, mantendo e ampliando a influência da Instituição na sociedade baiana.

4 – Incentivar a contínua qualificação do pessoal docente e técnico-administrativo, em nível de pós-graduação *stricto sensu*.

5 – Estabelecer controles administrativos eficazes quanto a melhor utilizar-se os recursos disponíveis.

Além disso, a apreciação desta Universidade *multicampi* leva-nos a erguer reflexões que passam por seu próprio projeto inicial e pela condução de sua expansão.

É imperativo reconhecer, que mais de 20 anos decorridos de sua concepção, é outro o cenário do ensino superior público no Estado da Bahia. As três outras Universidades Estaduais, todas em estágios de consolidação, malgrado as próprias dificuldades do sistema, localizam-se em regiões estratégicas deste Estado. Seria, com certeza, hora de propor aos órgãos executivos do Estado, um projeto de regionalização do ensino superior por ele mantido, com o intuito de, ao lado de maior atenção às reais demandas regionais, otimizar esforços para a obtenção da excelência dos Cursos oferecidos. Não basta expandir, não basta dizer-se presente em todo o Estado. O País necessita de qualidade na educação e isso nasce, em grande parte, de uma educação superior de qualidade, com docentes bem formados e bem qualificados, com projetos político-pedagógicos que se desenvolvam para cumprir os fins da Universidade, priorizando o entrelace ensino,

pesquisa e extensão e que fomentem novas alternativas de desenvolvimento regional.

Espalhados em 24 Campi, num estado com as dimensões da Bahia, com enormes dificuldades de infraestrutura, com contenções de ordem financeira, torna-se particularmente difícil a consecução daquele princípio que é basilar, especialmente porque, neste caso da UNEB, na missão assentada em sua concepção, propôs-se ela àquela prioridade.

É forçoso, pois, reconhecer que o modelo precisa ser analisado e revisto. Não se propôs a UNEB, em seu Projeto, a ser uma grande escola de formação de docentes (o que não lhe tiraria o mérito) mas, uma Universidade na acepção original (*studium generalia*) e na atual (*multiversity*) Assim, não se está propondo uma alteração da missão a que se impôs. Ao contrário, a motivação é ajudar a UNEB a encontrar o caminho para o alcance dos objetivos a que ela mesma, em sua autonomia, se propôs.

É necessário que os Dirigentes da UNEB, com a força da Comunidade Universitária, envidem esforços neste sentido.

Este momento de recredenciamento deve, pois, ser visto como reorientação para os fins que lhe são devidos e que foram propugnados por seus idealizadores. Para o Ensino Superior de qualidade, demanda-se ambiência universitária, condições de infraestrutura, acervo bibliográfico, produção intelectual e equipamentos próprios ao desenvolvimento dos Cursos em todos os seus Campi. É preciso que a UNEB se modernize e se imponha pela verticalidade e não pela sua horizontalidade. Este é o momento de fazê-lo.

Finalmente, para reflexão, examinemos o que diz Clark Kerr sobre a universidade moderna, a quem chama de multiversidade (inclusive a *multicampi*), em seu livro *The Uses of the University* (1977):

*“A multiversidade é uma instituição inconsistente. Não é uma comunidade apenas, mas várias – a comunidade da graduação e a comunidade da pós-graduação; a comunidade do humanista, a comunidade do cientista social e a comunidade do cientista; as comunidades das escolas profissionais; a comunidade de todo o pessoal não acadêmico; a comunidade dos administradores. Seus limites são imprecisos, pois ela alcança até os ex-alunos, legisladores, fazendeiros, homens de negócio, todos os quais se relacionam com uma ou mais dessas comunidades internas. Como uma instituição, a multiversidade projeta-se bastante no passado e no futuro, e está freqüentemente em desacordo com o presente. Serve à sociedade quase como uma escrava – uma sociedade que ela também critica às vezes sem piedade. Dedicada à igualdade de oportunidades, ela é, em si mesma, uma sociedade de classes. Uma*

*comunidade, como as comunidades medievais de mestres e estudantes, deveria ter interesses comuns. Estes, na multiversidade, são bem diversificados e mesmo conflitantes. Uma comunidade deveria ter uma alma, um princípio animador comum. A multiversidade tem várias – algumas até boas, embora haja muito debate sobre que almas realmente merecem a salvação”.*

#### **Parecer final da Comissão de Verificação**

A Comissão de Verificação, cujo Relatório deve ser encaminhado à Universidade do Estado da Bahia, exarou o seguinte Parecer Final:

A Comissão designada pelo Conselho Estadual de Educação, após exame e análise da documentação apresentada e das visitas realizadas, é de PARECER FAVORÁVEL ao recredenciamento da Universidade do Estado da Bahia, considerando sobretudo a sua importância social e a sua inserção regional, concretizada através das suas atividades de ensino de graduação e de extensão comunitária...

#### **Voto**

Ante o exposto, de acordo com as competências atribuídas pela Lei Estadual 7.308, de 02.02.1998, pelo Decreto do Governo do Estado da Bahia nº 7.532, de 19.02.1999, e sob a égide da Lei Federal 9394 de 20.12.1996, da Constituição do Estado da Bahia e da Constituição Federal, somos porque este Conselho Estadual de Educação:

- a. aprove o Recredenciamento, pelo período de cinco anos, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Autarquia Estadual com sede e foro na Cidade do Salvador e jurisdição em todo o Estado da Bahia, autorizada pelo Decreto Federal 92.937/1986, e Reconhecida em 29 de março de 1985 através da Resolução CEE 115/1995;
- b. encaminhe este ato ao Excelentíssimo Senhor Governador do Estado da Bahia, nos termos do § 2º do art. 3º da Lei 7308, de 02 de fevereiro de 1998, para as providências devidas.

Parecer aprovado em sessão plena do Conselho de Educação do Estado da Bahia.

Salvador, 28 de novembro de 2005.

#### **Referências**

KERR, Clark - **The Uses of the University**. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1972.

RILEY L Gary & BALDRIDGE J.Victor - **Governing Academic Organizations**. Berkeley, California, McCutchan Publishing Corporation, 1977.

**DISCURSO DO ACADÊMICO ASTOR DE CASTRO PESSOA, NA SOLENIDADE DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO, QUE LHE CONCEDEU O TÍTULO DE EDUCADOR DO ANO DE 2006.**

Excelentíssimo senhor professor e acadêmico Roberto Figueira Santos, digníssimo presidente da Academia Baiana de Educação, em nome de quem saúdo todas as confradeiras e todos os confrades desta respeitável instituição;

Excelentíssima senhora professora e acadêmica Lêda Jesuíno dos Santos, presidente de honra da Academia Baiana de Educação, em nome de quem saúdo todos os professores, técnicos e funcionários da nossa agremiação;

Excelentíssimo senhor conselheiro Antonio Honorato de Castro Neto, presidente do egrégio Tribunal de Contas do Estado da Bahia, através de quem saúdo todos os conselheiros, técnicos e funcionários do órgão.

Excelentíssimo senhor doutor Paulo Renato Dantas Gaudenzi, digníssimo secretário de estado da cultura e do turismo da Bahia, em nome de quem saúdo todos os colegas da set;

Excelentíssimo Monsehor Gaspar Sadoch da Natividade, em nome de quem saúdo todos os companheiros da comunidade religiosa da Bahia;

Excelentíssima senhora professora Eliana Barreto Guimarães, digníssima superintendente de desenvolvimento da educação básica, neste ato representando a secretária Anací Bispo Paim, em nome de quem saúdo todos os colegas da sec;

Excelentíssimo senhor doutor Claudius Hermann Portugal, digníssimo diretor geral da Fundação Pedro Calmon – centro de memória e arquivo público da Bahia, em nome de quem saúdo todos os colegas da fundação;

Excelentíssima senhora professora Renée Albagli Nogueira, digníssima presidente do Conselho Estadual de Educação, em nome de quem saúdo todos os meus companheiros de trabalho no CEE;

Excelentíssima senhora doutora Eulâmpia Reiber, digníssima presidente do Conselho Estadual de Cultura, em nome de quem saúdo todos os amigos do CEC;

Excelentíssimo senhor doutor Umberto Costa, digníssimo diretor da coordenadoria de ação regional – car, através de quem saúdo todos os servidores do órgão;

Excelentíssimo senhor doutor Wolgrand Ribeiro, diretor executivo do projeto casa jovem da Fundação Odebrecht, em nome de quem saúdo todos os companheiros da fundação;

Excelentíssimo senhor doutor Marcelo Augusto Rocha, digníssimo diretor geral das Faculdades Integradas Olga Mettig, em nome de quem saúdo todos os meus companheiros das Famettig;

Excelentíssimo senhor doutor José Antonio Souza presidente da Fundação de Fomento à Tecnologia e Ciências - FFTC, em nome de quem saúdo todos os companheiros das Faculdades de Tecnologia e Ciências, da Faculdade da Cidade do Salvador e da Fundação FTC;

Excelentíssima senhora doutora Maria Francisca Gouveia Ribeiro, digníssima diretora do Palácio da Aclamação – Casa de Cerimonial e Museu, em nome de quem saúdo todos os servidores deste palácio e onde tenho o prazer de participar desta significativa homenagem, inspirado no lançamento dos livros da professora Lygia Magalhães, e do Monsenhor Gaspar Sadoch da Natividade;

Saudação especial aos meus queridíssimos parentes e prezadíssimos amigos aqui presentes.

Se eu rezasse todos os dias e o dia todo, desde o nascimento até o fim da minha existência terrena, não conseguiria agradecer a deus todos os bens da vida, que ele proporcionou a mim e a minha família.

Segundo Aristóteles “a grandeza não consiste em receber honras, mas em merecê-las”.

Para começar quero agradecer a Deus, por mim, por minha família, por meus amigos, por minhas confradeiras, por meus confrades, em especial ao acadêmico José Nilton Carvalho Pereira pela indicação e pelo discurso, que fundamentam a escolha do meu nome como educador do ano de 2006, homenagem que ora recebo da egrégia Academia Baiana de Educação, grêmio que tenho a honra de participar, trazido pelas mãos generosas do seu saudoso criador, professor e acadêmico Hermano José de Almeida Gouveia Neto, acolhido pelo coração dos prezados acadêmicos e das distintas acadêmicas, como titular da cadeira número 26, cujo patrono é o

professor João Florêncio Gomes, para conviver com a inteligência, o conhecimento, a sabedoria e a competência de nomes ilustres, que integram o quadro seletivo de nossa academia como Roberto Santos, Lêda Jesuino, Adelmo Pessoa, Alírio Souza, Barbara Carvalho, Cícero Pessoa, Cid Teixeira, Consuelo Pondé, Edivaldo Boaventura, Elsiôr Alves, Enock Souza, Eraldo Tinoco, Francisco Pinheiro, Germano Machado, Germano Tabacof, Hermano Gouveia, Hermano Machado, Hermes Melo, Jair Santos, Jesuino Neto, João Eurico Matta, João Fernandes da Cunha, Jorge Calmon, José Carlos da Silva, José Carvalho Sá Teles, José Nilton Pereira, José Newton Souza, Joselice Macedo, Rogerio Vargens, José Simões, Lafayette Pondé, Luís Henrique Tavares, Manoel Barros, Marcelo Rocha, Maria Anália Moura, Maria Augusta Abdon, Milton Rabelo, Nadja Viana, Oldegar Vieira, Olga Mettig, Raymundo Gouveia, Remy De Souza, Rosa Levita, Zilma Parente e Yêda Carneiro, aos quais muito agradeço pela aprendizagem.

Nasci no dia 2 de agosto de 1943, leonino legítimo, no distrito de Nazaré, exatamente onde hoje está instalada a Embratel, próximo ao Fórum Ruy Barbosa, campo da pólvora, bairro que me enturmou com inúmeros e inesquecíveis amigos, para curtir as delícias da juventude.

Nas imediações da casa onde nasci e morei, durante 25 anos, está a paróquia de Nossa Senhora de Santana, madrinha dos professores, tendo sido o seu coroinha, mesmo antes de me batizar, o que causou um grande espanto ao pároco Francisco Ayres, grande benemérito daquela comunidade religiosa, hoje dirigida pelo querido Padre Luna.

Vizinho também à minha morada está o convento do desterro, local que me levou a tomar incontáveis carreirões da rádio patrulha, por estar participando de memoráveis “peladas” no gramado em frente à igreja dirigida por Monsenhor Aníbal Matta.

Meus pais, de grande e imorredora saudade, Astor Pessoa da Costa e Silva e Stela de Castro Pessoa construíram em mim, ao lado de minhas irmãs Maria Stela Pessoa Ferreira, Joana Angélica Pessoa Domenech e Eliana Maria Pessoa Santiago, uma base inquebrantável de educação doméstica, com exemplos diários de honestidade, lealdade, responsabilidade, trabalho, amor ao próximo, respeito às instituições, aos símbolos e aos vultos nacionais.

Meus primeiros passos na educação formal foram

na escola Alvine Garcez, situada na rua do Tinguí, também vizinha à minha residência, aos cuidados da professora unidocente e multigraduada que emprestava o seu nome ao estabelecimento de ensino particular, de grande prestígio junto a nossa comunidade, onde convivi com o querido confrade Marcelo Augusto Rocha, dentre outros prezadíssimos colegas.

Concluindo o quinto ano primário, terminologia utilizada na época, fiz exame de admissão ao ginásio Nossa Senhora do Carmo, sob a lúcida direção da nossa saudosa confreira Olga Pereira Mettig, onde fiz política estudantil e pratiquei o desporto saudável com colegas que lideraram diversos segmentos importantes em nossa capital da Bahia.

Fui buscar na escola pública – o Colégio Estadual Severino Vieira – a oportunidade de fazer um curso colegial científico de boa qualidade, onde exerci o cargo de diretor de esportes do grêmio estudantil Afrânio Peixoto, eleito pelos colegas, na chapa de Antonio Carlos Tramm. Em outro turno freqüentava, regularmente, o Colégio Estadual da Bahia – Central, como aluno de educação física, integrando as equipes de vôlei e basquete, comandadas pelo professor Fernando bc.

Naquela época, aos dezoito anos de idade, contra a vontade de meus pais, decidi prestar concurso público para o banco da lavoura de Minas Gerais, hoje Banco Real, pedindo rescisão do meu contrato de trabalho, três anos depois, como chefe da contabilidade da agência de Salvador, após ter percorrido todas as outras carteiras da instituição bancária, reunindo uma experiência fantástica para aquele que foi o meu primeiro emprego. Foi quando conquistei, também através de concurso público, realizado no ginásio de esportes Antonio Balbino, a contratação para a divisão financeira da Petróleo Brasileiro S/A – Petrobrás, região de produção da Bahia, onde permaneci, apenas, por sete anos, para me dedicar inteiramente ao magistério, minha verdadeira vocação.

Fui para a fundação visconde de Cairu cursar contabilidade, sendo eleito pelos colegas estudantes presidente do centro acadêmico 25 de abril, órgão de representação discente onde, ao lado do inclito professor e doutor Oswaldo Veloso Gordilho, diretor geral da mantenedora, empreendi uma grande e vitoriosa luta de repercussão nacional, garantindo e preservando o patrimônio moral, intelectual e físico da referida instituição, hoje centenária.

Concluí o curso de licenciatura em contabilidade, ministrado pela Fundação Visconde de Cairu, em convênio com o Ministério da Educação, através do centro de formação pedagógica para o ensino técnico, coordenado pelo professor Antonio Virgílio Sobrinho, e me pós-graduei em Direito Tributário e Legislação Fiscal, pela Universidade da Empresa, no estado do Rio de Janeiro.

Colei grau em Pedagogia, com habilitação em Administração Escolar, pela Faculdade de Educação da Bahia, e me pós-graduei em Metodologia para o Ensino Superior, no Centro de pós-graduação Olga Mettig, o que me proporcionou enquadramento no maior nível do plano de cargos e salários, permitido aos docentes e especialistas do estado.

Ingressei, como interino, no Colégio Estadual Abílio César Borges, em 1966, ministrando 25 aulas semanais, no turno da noite, quando fui eleito pelos colegas professores coordenador de disciplinas técnicas, e nomeado, posteriormente, coordenador pedagógico, pelo Secretário da Educação e Cultura da Bahia, Alaor Coutinho, no governo Lomanto Junior.

Obtive aprovação, em 1968, em concurso público para professores da rede estadual de ensino – carga horária de 100 horas – promovido pela Secretaria de Estado da Educação da Bahia, gestão do secretário Luiz Augusto Fraga Navarro de Brito, no governo Luiz Viana Filho, quando fui designado para o Colégio Estadual João Florêncio Gomes, numa feliz coincidência, patrono da minha cadeira, a de número 26, aqui na Academia Baiana de Educação.

Fui honrado com o convite do professor Ítalo Gaudenzi, pai do Secretário da Cultura e Turismo da Bahia, doutor Paulo Renato Gaudenzi, para ministrar aulas em seu Instituto de Formação Cultural, como também, do professor Almir Vacarezza Cordeiro, presidente da Fundação Visconde de Cairu. Durante todo o ano de 1966 lecionei nos dois colégios, situados no bairro dos Barris.

Casei, numa feliz escolha, com Maria Conceição Pinheiro Pessoa, licenciada em História Natural, pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, professora de Biologia do Colégio Estadual da Bahia – Central, aprovada no concurso público de 1970, e, por mais de 20 anos, professora titular do tradicional Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, dirigido pela saudosa educadora Anfrísia Santiago.

Conceição é uma extraordinária companheira, que me chama pelo apelido de “astro”, há 42 anos, antes do generoso discurso do queridíssimo confrade José Nilton Carvalho Pereira. Conça, como eu a chamo, é, e sempre foi, mãe prestimosa de duas incomparáveis filhas, Maria Rachel Pinheiro Pessoa Pinto de Queiroz, mestra em Matemática pela Universidade Federal da Bahia, atuando na Universidade do Estado da Bahia – UNEB, casada com Fernando Carlos Pinto de Queiroz Filho, médico pós-graduado em gestão de saúde pela Fundação Getúlio Vargas, que me presentearam com dois lindos netos, Fernando Henrique Pessoa Pinto de Queiroz e Carlos Henrique Pessoa Pinto de Queiroz. A outra filha é Maria Carolina Pinheiro Pessoa Landesmann, mestra em Medicina Nuclear, doutoranda na mesma área, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando no Hospital Samaritano, bairro de Botafogo, na capital carioca, casada com Alexandre Landesmann, doutor em Engenharia Civil, também pela UFRJ, que me prometeram netos, a partir de 2007, se Deus quiser.

Fiz um novo concurso público de provas e títulos, em 1970, para profissionais docentes, e fui designado, inicialmente, para o Colégio Estadual Presidente Costa e Silva e, posteriormente, para a Escola Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas, nesta cidade do Salvador, ocupando duas cátedras na Secretaria da Educação do Estado da Bahia, para ministrar, efetivamente, quarenta horas aulas semanais.

Nomeado vice-diretor, por indicação do saudoso professor Osmar Gabriel Soares, então diretor do Colégio Estadual Alípio Franca, fui indicado por estudantes, professores, funcionários e dirigentes do mesmo estabelecimento de ensino para ocupar a sua direção geral, o que foi aceito pelo secretário Rômulo Galvão de Carvalho, no primeiro governo Antônio Carlos Magalhães.

Praticamos uma verdadeira revolução administrativa e pedagógica no Complexo Escolar Alípio Franca, contando com um corpo administrativo, técnico e docente de professores recém-concursados, da melhor qualidade, o que nos valeu posição de destaque em relação às demais unidades escolares da rede estadual de ensino.

O trabalho que realizamos na direção geral do “Alípio Franca” permitiu ao governador da Bahia, professor Roberto Figueira Santos, hoje presidente desta Academia Baiana de Educação, a

aceitação do meu nome para dirigir o departamento do ensino de primeiro grau, órgão de grande importância na estrutura da secretaria da educação do estado, cujo titular era o professor Carlos Sant'anna, que encaminhou ao chefe do poder executivo baiano a indicação do vice-governador, doutor Edwaldo Brandão Corrêa. Construímos uma grande obra física e pedagógica para milhões de baianos.

O governador Roberto Santos promoveu a substituição do secretário Carlos Sant'anna, que se candidatou à Câmara Federal, nomeando o doutor Mário Cardoso Costa Neto para a pasta da educação. No mesmo dia nomeou-me para a chefia do gabinete da SEC, em substituição ao doutor Bernardo Viana, visando cumprir a meta de construir vinte e cinco novas escolas de educação profissional em todo o estado, o que efetivamente aconteceu, me permitindo consolidar uma grande amizade com o secretário Mário Neto.

Presidi a comissão estadual de educação moral e cívica e a comissão de programação e carga horária dos docentes e especialistas da rede pública do estado da Bahia, a convite do secretário da educação, professor Eraldo Tinoco, onde realizamos o primeiro curso de pós-graduação para professores de estudos de problemas brasileiros e criamos o primeiro calendário cívico-escolar do nordeste, além de regulamentarmos a distribuição de aulas suplementares em todo o estado, no segundo governo Antonio Carlos Magalhães.

Comecei a ministrar aulas de estrutura e funcionamento do ensino fundamental e médio e de legislação do ensino, na faculdade de educação da Bahia, sob a direção da saudosa acadêmica Olga Pereira Mettig, coordenação do saudoso professor Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira e da professora Elvira Pereira de Athayde, onde estou até hoje, escolhido paraninfo duas vezes, homenageado todos os anos e avaliado todos os semestres pelos meus alunos, com os maiores percentuais de aprovação, numa instituição de ensino superior que já graduou mais de 4.000 pedagogos.

Coordenei o cerimonial da Secretaria da Educação e Cultura da Bahia, a convite do secretário Edivaldo Machado Boaventura, no governo João Durval Carneiro, quando criamos a medalha do Mérito Educacional Barão de Macaúbas, a medalha do mérito cultural Castro Alves, o diploma de educador emérito e a medalha do

cinquentenário da sec, além de dotarmos a Universidade do Estado da Bahia – UNEB dos seus símbolos heráldicos, que permanecem vivos até hoje.

Dirigi a coordenação de eventos da Secretaria da Educação e Cultura do Estado, a convite da secretária Mariagusta Rosa Rocha, no governo Waldir pires, realizando um encontro de secretários da educação de todo o Brasil, no hotel San Marino, em Salvador, o maior evento realizado pela secretaria até aquela data.

Fui assessor especial da Secretaria da Educação e Cultura da Bahia, a convite do secretário Joir Brasileiro, no governo Nilo Coelho, organizando todos os desfiles estudantis no “2 de julho” e no “7 de setembro”, comemorando a consolidação da Independência do Brasil em nosso estado.

O prefeito Berlindo Mamede de Oliveira me nomeou secretário da educação e cultura do município de Simões Filho, ocasião em que realizamos uma grande transformação administrativa, moral, cívica, pedagógica e cultural na cidade, reorganizando a rede física, reestruturando o plano de cargos e salários dos professores e especialistas, elaborando o estatuto do magistério, reabrindo a biblioteca pública municipal, criando o primeiro conselho municipal de educação no interior da Bahia, o primeiro conselho municipal de cultura em todo o estado, reativando e fortalecendo a fanfarra simõesfilhense, implantando o maior projeto cultural na história do município – encontrarte na praça - reformulando o projeto político pedagógico, a proposta curricular e o regimento escolar unificado, garantindo a alimentação escolar, o livro didático, o transporte escolar e a saúde do estudante simõesfilhense, numa rede de escolas municipais públicas, gratuitas e de boa qualidade.

A minha gestão na secretaria da educação e cultura do município de Simões Filho levou a população a me eleger o quinto vereador mais votado em toda a cidade, de um total de quinze vereadores por legislatura, integrando a comissão parlamentar de educação e cultura da câmara municipal simõesfilhense, autor de requerimentos, indicações, projetos de lei e moções semanais, além de visitar o tribunal de contas dos municípios, no centro administrativo da Bahia, toda semana, para acompanhar, controlar e avaliar as prestações de contas dos poderes executivo e legislativo daquela comuna.

Fui nomeado coordenador de articulação da prefeitura do Salvador, servindo na secretaria municipal de infra-estrutura urbana, cujo titular era o doutor Carlos Geraldo Lins Cova, gestão do prefeito Antonio Imbassahy, oportunidade em que realizamos um grande trabalho de atendimento às comunidades sócio economicamente carentes.

Durante muitos anos fui diretor pedagógico da Escola da Península, em Salvador, que completa seus 35 anos em novembro 2006, tendo sido convidado pelo seu diretor geral, doutor Cristoval Silva Seixas, para participar do seu projeto político pedagógico, desenvolvido com grande êxito na comunidade de Itapajipe.

O processo seletivo das Faculdades de Tecnologia e Ciências da Bahia – FTC, tem a minha assessoria técnica na realização dos vestibulares das suas unidades de Salvador, Feira de Santana, Itabuna, Jequié e Vitória da Conquista, além da Faculdade da Cidade do Salvador, atendendo convite que me foi formulado pelo presidente da sociedade mantenedora de educação superior da Bahia, Gervásio Meneses de Oliveira.

O meu nome integrou a lista de Conselheiros de Educação do Estado da Bahia, na gestão do governador César Borges e do secretário e acadêmico Eraldo Tinoco, tendo sido designado pelo presidente e acadêmico José Rogério Vargens, para a comissão de direito educacional, na época presidida pela conselheira Regina Lúcia de Carvalho. Na gestão da presidente e acadêmica Nadja Maria Viana fui designado para a comissão de avaliação, na época presidida pelas conselheiras margarida Fahel e Gilkeá Rocha. Reconduzido para um novo mandato de quatro anos, pelo governador Paulo Souto, na gestão da secretária Anacy Bispo Paim, fui designado pela presidente Renée Albagli nogueira, para a comissão de educação de jovens e adultos, presidida pelas conselheiras Zânea Maria Duarte e Lia Viana Queiroz, permanecendo na câmara de educação básica, para onde fôra designado desde o meu primeiro mandato, presidida pelo conselheiro Waldemar Alves da Silva e pela conselheira e acadêmica Maria Anália Costa Moura, no conselho de estado da educação da Bahia, onde devo permanecer, se Deus quiser, até 2010.

Com a reestruturação da Fundação Pedro Calmon – centro de memória e arquivo público da Bahia, organismo vinculado à Secretaria da Cultura e do Turismo do Estado, fui convidado pelo seu diretor geral, doutor Claudius Hermann Portugal, para

assumir a chefia da assessoria técnica, um novo desafio que aceitei, com o apoio do secretário Paulo Gaudenzi e de sua superintendente de cultura, Sônia Bastos.

A Fundação Pedro Calmon tem por finalidade recolher, organizar, preservar e divulgar o acervo documental, proveniente de arquivos públicos e privados, que evidencie a memória histórica, geográfica, administrativa, técnica, legislativa e judiciária da Bahia e estimular e promover as atividades relacionadas com bibliotecas, organizando, atualizando e difundindo seus acervos. Integram a FPC o centro de memória da Bahia, o arquivo público do estado e o sistema de bibliotecas públicas estaduais, que prestam inestimável serviço à comunidade baiana.

Doutor Claudius Portugal, diretor geral da Fundação Pedro Calmon, indicou-me para ouvidor titular daquela instituição, integrando o sistema estadual implantado pelo ouvidor geral do estado da Bahia, doutor Edilson Freire, no segundo governo Paulo Souto.

Dedico parte do meu tempo às organizações não-governamentais, sem vínculo empregatício e sem remuneração: no comitê gestor pró-criança e adolescente do semi-árido baiano, presidido pelo secretário Eduardo Oliveira Santos, represento o Conselho Estadual de Educação da Bahia;

Na organização da sociedade civil de interesse público fui convidado pelo empresário Norberto Odebrecht para presidir o conselho de administração da Oscip casa jovem - ensino rural de qualidade na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Médio e na Educação Profissional, incluindo também a modalidade de Educação de Jovens e Adultos - na região do baixo sul do estado, missão que estou cumprindo com o apoio do superintendente da fundação Odebrecht, doutor Maurício Medeiros e do diretores executivos da Oscip, doutores Wolgrand Ribeiro e Pedro Paulo da Silva.

Na ordem internacional dos cavalheiros de malta, presidi a sociedade cruz de malta da Bahia, indicado pelo professor e acadêmico Jorge Calmon, na época o grande sustentáculo daquela instituição em nosso estado, à exemplo de todas as instituições que ele dirigiu, quando celebramos com a Secretaria da Educação da Bahia um convênio de cooperação técnica, para utilização das dependências do convento dos perdões, cujo pároco era Domenico Loiodice, onde funciona o colégio estadual divino mestre, dirigido pela

professora Gislaine Onofre, por mais de 20 anos, ministrando os cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e Educação Profissional para os estudantes daquele populoso bairro.

Na sociedade unificadora dos professores – SUP, na sociedade amigos da marinha – Soamar, na sociedade amigos da Força Aérea Brasileira – SOAFAB e na associação dos diplomados pela Escola Superior de Guerra – ADESG, coordenei ciclos de estudos anuais sobre política, estratégia e desenvolvimento da Bahia e do Brasil, constando de conferências, palestras e debates que priorizam a educação, a cultura e a segurança nacionais.

Na Academia Baiana de Educação, associação cultural sem fins lucrativos, que tem por finalidade estudar, pesquisar, definir e interpretar fatos, fenômenos e problemas da educação e do ensino, na sua acepção geral, competindo-lhe, como órgão de cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações no campo educacional como um todo, participo de seus encontros, ciclos de palestras, seminários de atualização e, por nímia bondade das confradeiras e dos confrades, coordeno o cerimonial desta respeitável instituição, atendendo o convite da professora, acadêmica e presidente de honra, Leda Jesuíno dos Santos, por intermédio da professora e acadêmica Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon.

Quero finalizar fazendo eternos agradecimentos à Deus, com a plena convicção de sua presença diária e diuturna na minha vida, poderosa luz, inesgotável força, infinita misericórdia, incomensurável amor e poder supremo que me guiaram pelo caminho da sabedoria e da justiça. Eu tentei fazer a minha parte meu deus, mas tenho absoluta certeza de que ela é desprezível em relação a grandiosidade da sua obra para a minha vida.

Agradeço às autoridades civis, militares e religiosas, presentes ou representadas, que prestigiaram grandemente esta solenidade da Academia Baiana de Educação.

Agradeço aos meus pais, Stella e Astor Pessoa, às minhas irmãs e cunhados, Maria Stela e José Ferreira, Joana Angélica e Remilson Domenech, Eliana Maria e Augusto César Santiago, com seus filhos e netos, à minha esposa Maria Conceição, grande incentivadora da minha vida profissional, juntamente com a sua família, por mim adotada,

às minhas filhas e aos meus genros, Maria Rachel e Fernando Carlos, Maria Carolina e Alexandre, aos meus netos Fernando Henrique e Carlos Henrique, hoje a minha maior fortuna, a todos os meus parentes Castro, Pessoa, Nunes, Pinheiro e Seixas pelo que recebi em amor, carinho, sacrifício, dedicação, apoio, educação e exemplo.

Agradeço às minhas confradeiras e aos meus confrades, que aceitaram a benevolente indicação do acadêmico José Nilton Carvalho Pereira, para me presentear com o título e o diploma de educador do ano de 2006, no dia do meu sexagésimo terceiro aniversário natalício.

Agradeço à diretora do Palácio da Aclamação – casa de cerimonial e museu, doutora Maria Francisca Gouveia Ribeiro, pela especial atenção que dispensou à Academia Baiana de Educação e a mim pessoalmente, à pedido do nosso companheiro Claudius Portugal.

Agradeço a todos os estudantes, professores, técnicos, dirigentes e funcionários dos diversos órgãos, que partilharam da minha vida de educador, que estiveram ao meu lado em todas as horas, ontem e hoje. Quero dividir com vocês as homenagens que recebo desta academia, para continuarmos comprometidos com a educação, vibrando todos os dias, para buscarmos a concretização dos nossos ideais. Deus abençoe a todos nós. MUITÍSSIMO OBRIGADO. Forte abraço fraternal.

Astor de Castro Pessoa

## D) ASTOR

Astor de Castro Pessoa é o Educador do Ano de 2006, título concedido por esta Academia Baiana de Educação, ora em sessão solene. Escolhido, por unanimidade das confradeiras e confrades, presentes à respectiva sessão, pelos elevados méritos pessoais, pelo conjunto da obra no universo educacional e pela *práxis* da sala de aula, o confrade Astor foi, tem sido e continua sendo professor. Astor é metaplasmo de Astreu, um dos titãs na mitologia grega. Pai dos ventos e dos astros, Astreu, vencido por Júpiter, foi amarrado ao céu e, mais tarde, transformado em astro para iluminar o cosmos. Astor é, também, astro que brilha e pode brilhar, mas prefere fazer outros astros brilharem. Em nossa Academia Baiana de Educação, sempre se dispõe ou posiciona-se como mestre-de-cerimônias, principalmente se o rigor da solenidade exige um brilho próprio do apresentador oficial. Nessas ocasiões, o confrade Astor associa a fleugma, firmeza, segurança, gentileza e urbanidade britânicas à simplicidade da alma baiana. Virgílio, na Eneida, pontuava que a sorte (fortuna) ajuda os destemidos. E o destemor do nosso confrade Astor de Castro Pessoa se revela, plenamente, na sua dedicação quase beneditina à causa da Educação. É o que confirma sua abnegada esposa, a ilustre Senhora Dona Maria Conceição Pinheiro Pessoa, e ainda as filhas: Maria Rachel Pinheiro Pessoa Pinto de Queiroz (mestra em Matemática), casada com o médico Fernando Carlos Pinto de Queiroz Filho e Maria Carolina Pinheiro Pessoa Landesmann (médica e doutoranda em Medicina nuclear), casada com o doutor em engenharia civil, Alexandre Landesmann. E o fazem, neste dois de agosto, data natalícia do Prof. Astor.

De certo modo é imperiosa a pergunta: quantos abdicariam de uma próspera carreira nos quadros

da Petrobras para servir ao Sistema Estadual de Ensino, selecionado por concurso público? Quantos declinariam do sucesso decorrente de atuação profissional, **com proeminência**, para dedicar-se à Educação em todos os sistemas e em todas as esferas? Astor o fez, posto que formado, inicialmente, em Contabilidade, não para registrar deveres e haveres, mas para somar e multiplicar amizades pela vida fora. Tendo ingressado no magistério da Educação Superior, ministrou e tem ministrado Legislação do Ensino na tradicionalíssima Faculdade de Educação da Bahia, fundada pela emérita e saudosa acadêmica, a Prof.<sup>a</sup> Olga Pereira Metting. Astor enxerga a legislação do ensino não apenas como um *vade mecum* de normas essenciais ao cosmos pedagógico e à administração escolar, mas como exercício de cidadania e lastro essencial às atividades colegiadas. Como operador da gestão educacional e, por ser funcionário de carreira, serviu Astor a todos os governadores do Estado da Bahia, desde o quadriênio do Dr. Luiz Viana Filho, iniciado na segunda metade da turbulenta década de 60. E hoje serve à Fundação Pedro Calmon, à FEBA, à FTC e como respeitado Conselheiro Estadual de Educação, de onde nos conhecemos. Sobre-lhe disposição e tempo para coordenar o Projeto Casa Jovem, no baixo Sul, sobre educação rural de qualidade, com patrocínio da Fundação Odebrecht.

A educação e a inteligência interpessoal do nosso homenageado parecem advir de várias gerações. Com efeito, Astor nasceu no bairro de Nazaré, em Salvador, mas é neto do Coronel Antônio Pessoa da Costa e Silva, intelectual, político e intendente ilheense da República Velha, imortalizado, porém caricaturado pelo poder da ficção novelística jorgeamadiana no livro Gabriela, Cravo e Canela como o Coronel Ramiro Bastos. Astor é, portanto, sobrinho daquele Tonico Bastos, bonachão, pândego e patusco personagem do

mesmo Amado Jorge, cercado do cravo e canela da lírica e fogosa Gabriela. Tonico Bastos, com um currículo de quatro casamento e centenas de aventuras amorosas.

Senhoras e Senhores, em nome da reposição da verdade histórica, permitam-me um hiato ou divagação. O coronel Antônio Pessoa, nascido em Jeremoabo, em 4 de setembro de 1853, trazia a ascendência do sertão de cima, do sertão dos Tocós. Fez o curso de humanidades em Estância-SE e cursou o Seminário de São Joaquim, em Salvador-BA, destacando-se, entre seus colegas, por sua invulgar cultura, especialmente em Latim, Língua Portuguesa e Teologia. Abandonou o seminário e se fez professor primário, em Santo Antônio da Glória, em 1874. Removido que foi para a Imperial Vila da Vitória (atual Vitória da Conquista-BA), dedicou-se aos estudos jurídicos, tornando-se advogado provisionado ou rábula, por concessão do antigo Tribunal de Relação da Província da Bahia. Nomeado Promotor público, serviu em Canavieiras e em Vitória da Conquista, quando se posicionou contra o extermínio de índios na região. Adepto do abolicionismo, filiou-se, ainda jovem, ao Partido Liberal. Em Ilhéus se fixou para sempre, tendo sido Promotor público, até 1883, quando se dedicou, quase exclusivamente, à advocacia, à política regional e ao jornalismo local. Foi vianista, posteriormente, fervoroso seabrista, e ainda líder da maioria no governo Goes Calmon (1924-1928). Além de intendente, por mais de um mandato, elegeu-se deputado, várias vezes, tendo alcançado a presidência do legislativo baiano de 1912 a 1914 e senador estadual, em sucessivas eleições, de 1915 a 1930, quando a Revolução apressou a corrosão do mito do pessoísmo na região de Ilhéus e do lendário chefe político.

O coronel Antônio Pessoa da Costa e Silva, casou-se em segundas núpcias no ano de 1887, na cidade de Quixadá, com a ilustre Senhora Dona Francisca de Queiroz, de tradicional família cearense, a quem conhecera, em missão federal, quando Secretário da Comissão de Açudes e

Irrigação. Dos três filhos dessa união, Mário Pessoa - nome do estádio de Ilhéus - foi médico e duas vezes prefeito do município; Antônio Pessoa da Costa e Silva Jr. é o pícaro Tonico Bastos; e o Dr. Astor Pessoa da Costa e Silva, pai do nosso homenageado, já se destacava como deputado estadual no distante ano de 1923, pelo 3.<sup>o</sup> distrito, numa

legislatura em que nomes da estatura do Dr. Gileno Amado, Dr. Manços Chastinet Contreiras, Dr. João de Deus Barros; Dr. José Joaquim de Souza Carneiro e o Dr. Horácio Seabra Filho formavam uma constelação. O confrade Astor informa-nos que o seu festejado avô possuía apenas uma mediana fazenda de cacau e que seus três filhos foram transformados em dois, nas asas da criação literária.

Há pessoas que fingem servir a sociedade para, apenas, servir-se dela. É o caso daquele francês, Charles-Maurice de Talleyrand, que embora seja considerado um dos maiores diplomatas de todos os tempos, vivia muito mais de servir-se do Estado, fingindo servi-lo. Talleyrand serviu à Igreja nos anos antecedentes à Revolução Francesa. Já inimigo da religião, continuou servindo à nação após a queda da Bastilha. Serviu com Napoleão, serviu depois dele, sob a restauração da dinastia dos Bourbons e, posteriormente, após a Revolução de 1830, com Luís Filipe I. Quando perguntado porque conseguia agradar a tão díspares representantes do poder, Talleyrand ponderava: "*O segredo é que sou sempre governo. Eu não mudo nunca!*" Não é o caso do nosso homenageado nesta noite, o Prof. Astor de Castro Pessoa. Ombreia-se o Prof. Astor, sim, mas com nomes da envergadura do escritor e diplomata Graça Aranha, que tudo fez e deu de si para os modernistas paulistas brilharem na semana de três dias, a famosa Semana de Arte Moderna, de 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922. Nivelava-se o Prof. Astor a figuras despojadas de posse e vaidade, como o gaúcho Osvaldo Aranha, que ajudou, decisivamente, a construir o cenário para Getúlio Vargas governar e ser festejado após a

Revolução de 1930. Mesmo sendo astro, reiteramos, Astor prepara o palco para outros brilharem.

Em crônica esparsa e inédita de Machado de Assis, recém-descoberta e levada a público pela Folha de São Paulo, conta-se a história de um senhor idoso, antigo escravo, já alforriado, zelador e morador de uma igreja no Rio de Janeiro imperial. Ora, tendo ocorrido uma eleição muito acirrada e, como as sessões eleitorais funcionassem nas igrejas, alguém perguntou-lhe: "Meu bom velho, o Senhor é pelos conservadores ou pelos liberais? Ao que ele respondeu: "Ah, ioiô, eu sou é pela igreja mesmo." Se cada um defende a instituição a que serve e pela qual é servido, a igreja do Prof. Astor de Castro Pessoa é a Educação. Viveu e continua vivendo o nosso homenageado, da Educação, para a Educação e pela Educação.

## II) DE CASTRO

Castro é o sobrenome materno de Astor. Sua Senhora mãe, a ilustre Dona Stella de Castro Pessoa, é irmã do ex-deputado Aloísio de Castro, que pontificou no governo de Juscelino Kubitschek. É também, tia de um tricadetrático, o sempre lembrado Prof. da UFBA, Auto José de Castro, tragicamente falecido, advogado de nossa pessoal admiração, desde as passeatas estudantis de 1968, quando se cantava, Avenida Sete abaixo, a música-símbolo da época, o hoje clássico "Pra não dizer que não falei de flores", do ícone Geraldo Vandré, com o incisivo refrão: "Quem sabe faz a hora, / não espera acontecer."

Acrescente-se que Castro é nome de herança lusa, mas com origem que remonta às fortificações militares de priscas eras, no lácio pré-romano. Castro, que pode ser tomado como sinédoque ou ampliação do sentido militar do termo, transposto para o contorno da disciplina que norteia o mundo da educação. Castro, de disciplina castrense, por

motivo do elevado esmero com que o acadêmico Astor serve a esta Academia. Castro, como identidade da busca da serenidade pela disciplina. Serenidade, que nos transporta ao universo romano do cordobês espanhol - Sêneca -, no opúsculo Da Tranquilidade da Alma, nas cartas a Sereno:

*"Vamos, pois, procurar como é possível à alma caminhar numa conduta sempre igual e firme, sorrindo-se para si mesma e comprazendo-se com seu próprio espetáculo e prolongando indefinidamente esta agradável sensação, sem se afastar jamais de sua calma, sem se exaltar, nem se deprimir. Isto será tranquilidade."*

(Sêneca, *Da Tranquilidade da Alma*, p. 68)

## III) PESSOA

Mas Astor é, também, Pessoa. Não como aquele gigantesco Fernando, consagrado em Pessoa, o heteronímico poeta luso e lusófono. Não como a *persona* grega, como máscara e representação plural do *alter ego*. Mas Pessoa que eleva o ser amigo, o ser fraterno e a sobriedade. Se o Futurismo e o Cubismo valorizavam, respectivamente, a velocidade e a linha reta, o Prof. Astor valoriza a linha curva do abraço, do acolhimento e da multiplicidade de ações solidárias. Afirmar-se, no sertão baiano, que quando Deus marca um é porque não quer perder a pessoa de vista. Ora, Astor de Castro Pessoa foi marcado para servir à causa da educação, tarefa de que sempre se desincumbiu com eficiência e eficácia.

Em momento conclusivo, suplico uma última digressão: Michelângelo, em uma de suas tentativas de pintar os afrescos da monumental capela sistina, tinha a missão oficial de representação iconográfica de cenas da vida dos apóstolos. Já ao final, sentiu-se infeliz, triste, deprimido. Tomou pelo braço seus desenhos e esboços e refugiou-se numa taberna italiana. Acabrunhado, não conhecia o sorriso, em meio a

um ambiente festivo, recheado de danças, mulheres e vinho. Nisso, um cliente gritou: " - *Nino, este vinho está azedo!* O taberneiro ponderou que havia acabado de abrir aquele barril. Aproximou-se da mesa e tomou do vinho. Ao comprovar que o vinho azedara, Nino pegou de uma machadinha e esvaziou o barril, gritando: " - *Se o vinho está podre, joga-se fora o vinho!*" Ante a atitude, a face de Michelângelo iluminou-se. Saiu às pressas, foi à capela e destruiu sua pintura com os apóstolos, quase pronta, tal como o sumo pontífice a encomendara. Fugiu o genial renascentista e enclausurou-se nas marmorarias de Carrara.

O Papa Sisto IV, ao final do século XV, ordenara a construção da capela, com as mesmas dimensões bíblicas do templo de Salomão, destruído pelos romanos em 70 d.C., capela essa que contribuiu para imortalizar muitos mestres, escultores e pintores, além de Michelângelo. Posteriormente, o Papa Júlio II, cada vez mais preocupado em concluir o vaticano santuário em homenagem ao tio Sisto IV, ordenou que seus soldados encontrassem o fugitivo artista. Em Carrara, numa das habituais madrugadas de insônia, Michelângelo viu uma formação de nuvens confundindo-se com a aurora e o nascer do dia, e assim nasceu a sublime inspiração de eternizar a futura capela sistina, inaugurada, parcialmente, em 1.º de novembro de 1512, com os afrescos sublimes que vão da criação do homem ao juízo final, e tudo isso unia o céu e a terra, o divino e o humano, o mundo material e o universo espiritual. Era a busca da perfeição.

Conclui-se, pois, que a Educação é e sempre foi um bem permanente, como um mármore de carrara para o ilustre homenageado desta noite. Agradecemos-lhe, confrade Astor, pela escolha do meu nome para saudá-lo, em meio a tantas cabeças coroadas da Academia. Logo eu, caipira por convicção e filosofia existencial, provindo do sertão dos Tocós, das terras de Araci-BA, terras que, a partir de 1609, pertenceram a Antônio Guedes e que já em 1676 eram declaradas ao

desembargador Sebastião Cardoso Sampaio, representante da coroa portuguesa, pelo esportíssimo mestre-de-campo e morgado da colonial Casa da Ponte, o Senhor Antônio Guedes de Brito, neto de Antônio Guedes. Logo eu, que, desde o dia 11 de janeiro de 1968, uma quinta-feira de lavagem do Bonfim, tive a adolescente ousadia de vir morar em Salvador, associada à curiosidade de conhecer os costumes e a elevada cultura da cidade grande.

Bem houve a Academia Baiana de Educação ao dignar-se de conceder o título de Educador do Ano de 2006 a Astor de Castro Pessoa, um confrade que sempre fez da ação educativa uma profissão de fé quase bilaqueana, quase parnasiana. Este momento encomiástico é motivo de orgulho para todos nós, baianos, para todos nós, amigos do confrade Astor, que abrilhantamos esta sessão. E esta concessão de título torna-se um ato sublime, porque a Educação é, em muitas passagens, mais que uma profissão de fé. A Educação é a capela sistina do nobre acadêmico, professor e amigo Astor de Castro Pessoa.

(Salvador, Palácio da Aclamação, 2/8/2006.)

O Papa Sisto IV, ao final do século XV, ordenara a construção da capela, com as mesmas dimensões bíblicas do templo de Salomão, destruído pelos romanos em 70 d.C., e que contribuiu para imortalizar muitos mestres, escultores e pintores, além de Michelângelo. Posteriormente, o Papa Júlio II, cada vez mais preocupado em concluir o vaticano santuário em homenagem ao tio Sisto IV, ordenou que seus soldados encontrassem o fugitivo artista. Em Carrara, numa das habituais madrugadas de insônia, Michelângelo viu uma formação de nuvens confundindo-se com a aurora e o nascer do dia, e assim nasceu a sublime inspiração de eternizar a futura capela sistina (inaugurada pelo Papa Júlio II em 1.º de novembro de 1512, com os afrescos sublimes que vão da criação do homem ao juízo

final - parte esta pintada entre os anos de 1536-1541, sob o pontificado de Clemente VII, sucedido por Paulo III), e tudo isso unia o céu e a terra, o divino e o humano, o mundo material e o universo espiritual. Era a busca da perfeição.

Conclui-se, pois, que a Educação é e sempre foi um bem permanente, como um mármore de carrara para o ilustre homenageado desta noite. Agradecemos-lhe, confrade Astor, pela escolha do meu nome para saudá-lo, em meio a tantas cabeças coroadas da Academia. Logo eu, caipira por convicção e filosofia existencial, provindo do sertão dos Tocós, das terras de Araci-BA, terras que, a partir de 1609, pertenceram à Casa da Ponte e que já em 1676 eram declaradas ao desembargador Sebastião Cardoso Sampaio, representante da coroa portuguesa, pelo esertíssimo mestre-de-campo e morgado dessa casa colonial, o Senhor Antônio Guedes de Brito, neto de Antônio Guedes. Logo eu, que, desde o dia 11 de janeiro de 1968, uma quinta-feira de lavagem do Bonfim, tive a adolescente ousadia de vir morar em Salvador, associada à curiosidade de conhecer os costumes e a elevada cultura da cidade grande.

Bem houve a Academia Baiana de Educação ao dignar-se de conceder o título de Educador Baiano de 2006 a Astor de Castro Pessoa, um confrade que sempre fez da ação educativa uma profissão de fé quase bilaqueana, quase parnasiana. Este momento encomiástico é motivo de orgulho para todos nós, baianos, para todos nós, amigos do confrade Astor, que abrilhantamos esta sessão. E esta concessão de título torna-se um ato sublime, porque a Educação é, em muitas passagens, mais que uma profissão de fé. A Educação é a capela sistina do nobre acadêmico, professor e amigo Astor de Castro Pessoa.

(Salvador, Palácio da Aclamação, 2/8/2006.)

# ESTATUTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO (ADAPTADO À REFORMA PUBLICADA NO DIÁRIO OFICIAL DE 16/5/1997)

## Capítulo I

### Natureza, Sede, Foro e Duração

Art. 1.º - A Academia Baiana de Educação, fundada em 9 de setembro de 1982, é uma associação cultural sem fins lucrativos, com sede e foro na Cidade de Salvador - capital do Estado da Bahia - e prazo de duração indeterminado, reger-se-á pelas disposições deste Estatuto, normas regimentais que adotar e demais dispositivos legais aplicáveis.

Parágrafo único - A Instituição, que funcionou regularmente desde a supracitada data, passa a ter personalidade jurídica a partir do registro deste Estatuto.

## Capítulo II

### Finalidade e Competência

Art. 2.º - A Academia tem por finalidade estudo e pesquisa, definição e interpretação dos fatos, fenômenos e problemas da educação e ensino na sua acepção geral, competindo-lhe como órgão de cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações no campo educacional:

I. manter intercâmbio com as congêneres nacionais e estrangeiras demais instituições e órgãos culturais oficiais e particulares relacionados com a educação e o ensino;

II. cultivar os fatos da educação e da memória, vida e obra de seus patronos, de titulares falecidos e de outras figuras e vultos da educação e do ensino;

III. promover cursos próprios ou em convênio, de pós-graduação, aperfeiçoamento, atualização e especialização, sobre educação e ciências pedagógicas, nos seus vários graus ou níveis;

IV. promover conferências, congressos e atividades outras que visem a elevar e melhorar nossos padrões culturais e de ensino;

V. instituir prêmios a serem atribuídos a estabelecimentos de ensino da rede pública ou privada e a profissionais de educação;

VI. adotar iniciativas e realizações outras que signifiquem preparação pedagógica ativa para a vida social, inclusive de consultoria sobre assuntos de pedagogia e de educação.

## Capítulo III

### Constituição do quadro e provimento das cadeiras

Art. 3.º - A Academia Baiana de Educação é constituída de 40 (quarenta) cadeiras, ocupadas por membros titulares tendo cada uma delas um patrono, que tenha sido educador, professor ou estudioso de fatos e problemas da educação na Bahia.

§1.º - Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com a prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e pertençam há mais de 10 (dez) anos à Academia, e que tenham colaborado ativamente para o desenvolvimento e o renome do sodalício, ficando vaga, com cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular.

§2.º - A Academia terá, ainda, as categorias de sócios beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes.

§3.º - O provimento das diversas categorias de membros e sócios da Academia será feito na forma disposta no seu Regimento Interno.

§4.º - Sem prejuízo do número de vagas estipulado no §1.º, são considerados membros eméritos "*in memoriam*" os sócios fundadores Hermanno José de Almeida Gouveia Neto, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta, podendo a Academia conceder o mesmo título a outros membros titulares falecidos que se tenham destacado por especiais serviços prestados à instituição.

Art. 4.º - São membros fundadores os que, em número de nove (9), criaram a Academia Baiana de Educação constando da relação que se segue: Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, Edivaldo Machado Boaventura, Antônio Pithon Pinto, José Newton Alves de Souza, Hermanno José de Almeida Gouveia Neto, Remy Pompílio de Souza, Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta.

§1.º - São membros da Academia os titulares e eméritos admitidos.

§2.º - Será considerado renunciatário o membro da Academia que, sem motivo justificado, a juízo da Assembléia Geral, faltar a 2/3 (dois terços) das sessões durante 1 (um) ano ou deixar de pagar a anuidade por igual período, competindo à Diretoria dar eficácia ao disposto neste parágrafo.

#### Capítulo IV Administração da Academia

Art. 5.º - São órgãos da Academia:

- a) a Diretoria;
- b) a Assembléia Geral.

Art. 6.º - A Diretoria é constituída dos seguintes membros:

- 1) Presidente; 2) Vice - Presidente; 3) Primeiro Secretário; 4) Segundo Secretário; 5) Tesoureiro;
- 6) Diretor da Revista e da Biblioteca; 7) Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo.

Art. 7.º - A Diretoria será eleita por um período de dois (2) anos, podendo ser reeleita total ou parcialmente e exercerá o seu mandato gratuitamente.

§1.º - As vagas ocorridas em cargos da Diretoria, no primeiro ano do mandato, serão preenchidas por eleição e as ocorridas no segundo serão preenchidas pela Diretoria.

§2.º - A eleição da Diretoria será feita no penúltimo mês do seu mandato.

§3.º - As atribuições e obrigações da Diretoria serão definidas no Regimento.

§4.º - A diretoria apresentará relatório circunstanciado no início de cada ano.

Art. 8.º - As sessões da Academia serão instaladas com o mínimo de 5 (cinco) membros presentes, entre titulares e eméritos, só podendo deliberar com o mínimo de 9 (nove) membros das referidas categorias.

Art. 9.º - A Assembléia Geral será constituída pelos membros titulares e eméritos, só podendo deliberar com presença, em primeira convocação, da maioria absoluta e, em segunda convocação, da maioria dos presentes, respeitado o disposto no artigo anterior.

Art. 10 - A Academia deverá manter-se, financeiramente, com a contribuição dos seus associados, doações, renda de cursos e de outras atividades e fontes de receita, sendo que, enquanto não tiver sede própria, fará as suas reuniões em locais condignos, cedidos ou alugados.

Parágrafo único - A aplicação de suas rendas será para fins desta instituição no território nacional.

#### Capítulo V Disposições Gerais e Transitórias

Art. 11 - A Diretoria é responsável pelas obrigações e resoluções tomadas por maioria, cabendo ao seu presidente representá-la, na forma do Regimento.

Art. 12 - Em caso de dissolução da Academia, os seus bens e valores serão entregues ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a entidade congênere.

Art. 13 - A Academia reunir-se-á em sessões ordinárias e extraordinárias, da Diretoria e da Assembléia, ou em sessões públicas, comemorativas e de posse, bem assim reservadas.

Parágrafo único - Os meses de dezembro, janeiro e fevereiro serão considerados de recesso, podendo haver convocação especial.

Art. 14 - O presente estatuto deverá ser regulamentado por um regimento, no prazo máximo de 6 (seis) meses, aprovado pela Assembléia Geral, e somente poderá ser modificado pela maioria absoluta dos membros eméritos e titulares, por proposta da Diretoria ou da referida Assembléia.

Art. 15 - O extrato do presente Estatuto será publicado no Diário Oficial do Estado, para fins de registro em Cartório e demais providências pertinentes.

Art. 16 - Até o final do seu mandato, a Diretoria eleita para o biênio 1996-1998 permanecerá constituída pelos cargos para os quais foram eleitos os atuais ocupantes.

## TÍTULO PRIMEIRO

### DA ADMINISTRAÇÃO DA ACADEMIA

#### Capítulo I

##### Da admissão de Acadêmicos

Art. 1.º - A admissão de membro titular da Academia está sujeita às seguintes condições:

- a) ser brasileiro, nato ou naturalizado, educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa, ter domicílio no estado da Bahia e possuir idoneidade moral e científico-cultural;
- b) ser escolhido na forma de processo específico, composto das seguintes etapas:
  1. Decorridos 30 (trinta) dias da declaração de vacância da cadeira, a Academia reunir-se-á em sessão adremente convocada, com a presença mínima de 9 (nove) membros titulares e eméritos, quando será facultado a cada acadêmico indicar, em envelope fechado, o nome de sua preferência para preenchimento da vaga;
  2. Os membros titulares que se encontrarem impossibilitados de comparecer à sessão referida no item anterior poderão encaminhar as suas indicações ao Presidente da Academia, em envelopes fechados;
  3. Apuradas imediatamente as indicações, será organizada lista dos nomes que tiverem obtido pelo menos 3 (três) preferências, para fins de votação;
  4. Após 30 (trinta) dias da organização da lista, em sessão com a presença mínima de titulares e eméritos exigida pelo estatuto, proceder-se-á, através de voto secreto, à eleição do novo membro, em até 3 (três) escrutínios, sendo escolhido aquele que obtiver a maioria absoluta dos votos dos acadêmicos presentes;
  5. Somente será feita a proclamação do nome eleito após sua aceitação, por escrito, ao receber comunicação feita pelo Presidente;
  6. Continuará vaga a cadeira, caso nenhum nome tenha alcançado, após 3 (três) escrutínios, a maioria absoluta dos votos, ou no caso de recusa pelo escrito.

Art. 2.º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante indicação de, pelo menos, dez (10) membros titulares e eméritos, atendido o disposto no parágrafo primeiro do art. 3.º do Estatuto.

Parágrafo Único - O membro emérito manterá os mesmos direitos e prerrogativas do titular, estando dispensado, a seu critério, das anuidades e frequência às sessões.

Art. 3.º - Só poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora de Salvador, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos dez (10) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 4.º - Só poderão ser membros honorários educadores de notável saber em pedagogia e educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelos menos (20) vinte titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 5.º - A particulares e instituições que fizerem donativos à Academia ou tenham serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

#### Capítulo II

##### Das Atribuições da Diretoria

Art. 6.º - Ao Presidente compete:

- a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o regimento e as resoluções da Diretoria;
- b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;
- c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;
- d) representar a Academia em juízo e em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro acadêmico que para esse fim designar;

- e) apresentar relatório anual das atividades da academia;
- f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e, *ed referendum* da Assembléia Geral, resolver os casos urgentes não previstos no Estatuto;
- g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;
- h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de acadêmicos;
- i) designar a secção a que irá pertencer o novo acadêmico, observada a sua formação, especialidade, vivência e experiência pedagógica;
- j) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e o expediente dirigido às autoridades e instituições;
- k) movimentar conjuntamente com o tesoureiro os fundos e as contas bancárias.

Parágrafo Único – Nas votações o presidente terá o voto de qualidade, além do de membro titular, exceto para as de eleições dos cargos da Diretoria e dos novos titulares.

Art. 7.º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

Parágrafo Único – No exercício da Presidência, exercerá, o Vice-Presidente as prerrogativas e atribuições do Presidente.

Art. 8.º - Ao Primeiro Secretário compete:

- a) manter e desenvolver as relações da Academia;
- b) promover a distribuição das publicações da Academia;
- c) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativas, supervisionando o pessoal;
- d) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, inscrevendo-os, juntamente com o Presidente;
- e) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
- f) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;
- g) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando para publicação na re-

- vista a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
- h) fornecer ao Presidente os elementos para relatório anual.

Art. 9.º - Ao Segundo Secretário compete:

- a) apresentar e ler em sessão o expediente;
- b) ter sob sua responsabilidade os livros de atas e presenças;
- c) substituir o Primeiro Secretário em suas faltas e impedimentos e auxiliá-lo em suas funções;
- d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 10.º - Ao tesoureiro compete:

- a) zelar pelo caixa e pelo patrimônio da Academia;
- b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo sob sua guarda valores em moeda ou títulos e realizar despesas para o que for autorizado pelo Presidente;
- c) dar quitação dos valores, quando de direito;
- d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
- e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita e à despesa da Academia;
- f) apresentar à Diretoria balancetes anuais.

Art. 11.º - Ao Diretor da Revista e da Biblioteca compete:

- a) coletar e organizar o material para a publicação da Revista e do Boletim da Academia, reponsabilizando-se pela respectiva obediência aos critérios e normas pertinentes;
- b) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação baiana;
- c) controlar as atividades da Biblioteca, inclusive o fichário;
- d) viabilizar a consulta do acervo da biblioteca aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
- e) contactar livrarias, editoras e outras instituições, visando a angariar publicações e doações para constituir o acervo da biblioteca.

Art. 12.º - Ao Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo compete:

- a) organizar o acervo museológico da Academia, coletando material pedagógico, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;
- b) organizar a documentação e a nominata biográfica dos grandes educadores.

### Capítulo III

#### Dos Direitos e Deveres

Art. 13.º - São direitos dos membros titulares e eméritos:

- a) votar e ser votado, de acordo com o Estatuto e o regimento;
- b) freqüentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates em plenário e encaminhar para publicação a Revista trabalhos de interesse pedagógico, obedecendo suas normas e critérios;

Art. 14.º - São deveres dos membros titulares e méritos:

- a) respeitar e fazer respeitar o Estatuto e o Regimento, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da Academia;
- b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designados pela Presidência;
- c) freqüentar com assiduidade as sessões da Academia, obedecendo o disposto no parágrafo único do art. 2.º deste Regimento;
- d) contribuir financeiramente para custeio das atividades da Academia.

Art. 15.º - É direito do membro correspondente e honorário freqüentar e corresponder-se com a Academia.

Art. 16.º - É dever dos membros, correspondentes e honorários contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 17.º - Os membros, correspondentes e honorários, não terão direito a voto, nem podem ser votados.

### TÍTULO SEGUNDO

#### Das Sessões da Academia

Art. 18.º - A Academia Baiana de Educação realizará sessões ordinárias e extraordinárias, públicas e reservadas.

§ 1.º - As sessões ordinárias serão realizadas 1 (uma) vez por mês, em dia, hora e local previamente determinados, observado o estabelecido nos Arts. 8.º e 9.º do Estatuto:

- a) não havendo número legal, a mesa tomará conhecimento dos assuntos urgentes e o Secretário registrará o ocorrido;
- b) havendo número legal, o Presidente abrirá a sessão, que contará de leitura, votação e aprovação da ata da sessão anterior, de expediente e ordem do dia;
- c) as partes serão concedidos desde que o orador permita;
- d) os que falarem no expediente poderão usar palavra uma vez e durante 5 (cinco) minutos, no máximo;
- e) as moções serão apresentadas ao plenário assinadas pelo menos por 10 (dez) acadêmicos.

§ 2.º - As sessões extraordinárias, que se realizarão por motivo de ordem superior ou para a eleições da Diretoria, serão convocadas pelo Presidente, observando o disposto nos Artigos 8.º e 9.º do estatuto.

§ 3.º - As sessões públicas serão realizadas:

- a) no dia 9 de setembro de cada ano, para celebrar a data da criação da Academia;
- b) na posse de novos acadêmicos;
- c) no elogio dos acadêmicos falecidos;
- d) quando a conveniência indicar, a juízo do Presidente.

§ 4.º - Nas sessões solenes, deverá ser usado traje adequado à natureza do evento.

§ 5.º - Quando a natureza do assunto o exigir, a Academia reunir-se-á em sessões reservadas tomando parte apenas os membros titulares.

### TÍTULO TERCEIRO

#### DA CONSTITUIÇÃO DA ACADEMIA

##### Capítulo I

Da votação, Eleição e Posse

Art. 19.º - As votações serão por escrutínio secreto.

Art. 20.º - Para a eleição de novo membro titular, observado o disposto no Art. 1.º deste regimento, a votação será por escrutínio secreto, cumprindo-se as seguintes determinações:

- a) o direito de voto será privado dos membros titulares e eméritos;
- b) será permitido o voto por procuração;
- c) a posse de novo membro titular dar-se-á dentro de 60 (sessenta) dias após a eleição, salvo motivo de força maior, a juízo da Diretoria, cabendo-lhe escolher entre seus pares aquele que fará o discurso de recepção;
- d) ao ser empossado pelo Presidente, o novo membro titular fará o panegírico do respectivo patrono e dos seus antecessores e prestará o seguinte compromisso: "Prometo cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o regimento e as resoluções desta Academia e trabalhar quanto em mim couber por seu engrandecimento e bom nome";
- e) esgotado o prazo concedido na linha "c" deste artigo, sem que o eleito tome posse, será declarada vaga a cadeira, com realização de nova eleição, na forma regimental, aplicando-se tal determinação a todos os casos em que o eleito não tenha tomado posse até a presente data, salvo motivo justificado, a critério da Diretoria.

Art. 21.º - A eleição dos membros da Diretoria far-se-á por escrutínio secreto:

- a) só poderão concorrer aos cargos da Diretoria os membros titulares e eméritos em pleno gozo de seus direitos;
- b) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no penúltimo mês do seu mandato;
- c) a posse da Diretoria será na sessão solene de 9 de setembro, no ano em que a mesma for eleita;
- d) as vagas que ocorrerem durante o biênio que se seguir à eleição da Diretoria serão preenchidas por eleição, salvo se faltar menos de 1 (um) ano para o término do mesmo biênio, devendo neste caso o Presidente designar o titular que deverá preencher a vaga até as próximas eleições;
- e) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas 30 (trinta) dias antes do dia previsto para sua posse, em sessão extraordinária;

- f) nenhum membro titular poderá exercer cumulativamente dois cargos na Diretoria;
- g) a votação deverá estender-se por 1 (uma) hora, e em seguida será processada a apuração, para que o Presidente designará, entre os acadêmicos, escrutinadores para a contagem dos votos, que deverão coincidir com o número de votantes, consignados em lista para este fim;
- h) o estatuto na linha acima só será aplicado à eleição dos membros titulares e eméritos e da Diretoria.

## Capítulo II

### Dos Patronos

Art. 22º - São considerados patronos da Academia, de acordo com o Art. 3.º do Estatuto, 40 (quarenta) nomes de grandes vultos já desaparecidos da educação baiana, ou a ela intimamente relacionados, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber pedagógico.

Parágrafo Único - As cadeiras serão numeradas cronologicamente de 1 a 40, conforme relação em anexo.

## Capítulo III

### Do Patrimônio

Art. 23.º - O patrimônio da Academia será constituído de bens imóveis, devidamente avaliados, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos e de mais atividades, bem assim de outras receitas.

## Capítulo IV

### Dos Prêmios

Art. 24.º - A Academia, de acordo com o Art. 2.º, inciso V, do Estatuto, concederá prêmios aos autores de trabalhos de real mérito sobre Pedagogia, Psicologia da Aprendizagem, Filosofia da Educação e outras correlatas.

§ 1.º - Os prêmios a que se refere o artigo acima constarão do louvor acadêmico e de auxílio para publicação dos trabalhos premiados, ou de valores, especificamente, para esse fim destinados por doações.

§ 2.º - Poderão concorrer aos prêmios da Academia educadores, professores e especialistas estudiosos de educação.

§ 3.º - O julgamento dos trabalhos a prêmio competirão uma Comissão, designada pelo Presidente da Academia, nos termos do Art. 2.º, inciso V do estatuto.

§ 4.º - A Diretoria regulamentará a inscrição e a concessão desses prêmios.

## TÍTULO QUARTO

### Disposições Gerais

Art. 25.º - A Diretoria exercerá suas funções gratuitamente.

Parágrafo Único – A Academia terá um quadro de funcionários, cujo números e vencimentos serão fixados pela Diretoria.

Art. 26.º - A Academia poderá convidar pessoas estranhas ao seu quadro a fim de realizar conferências, sempre que tal convite envolver verdadeiro interesse científico e cultural, devendo tal proposta ser aprovada pela Diretoria.

Art. 27 – A Academia entrará em recesso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, período em que haverá apenas reuniões da Diretoria, se esta assim deliberar.

Art. 28.º - A Academia adota como lema LUCEAT LUX VESTRA (Luza vossa luz), inserido nas suas insígnias.

Art. 29.º - O Estatuto e este Regimento somente poderão ser reformados mediante proposta assinada pela maioria absoluta dos titulares e eméritos ou da Diretoria.

Parágrafo Único – Proposta a reforma, o Presidente designará uma comissão compostas de 4 (quatro) membros, escolhidos entre os titulares e eméritos, para, sob sua presidência, emitir “parecer”, que deverá ser submetido à apreciação da Assembléia Geral.

Art. 30.º - A Academia manterá intercâmbio com instituições co-irmãs, no campo das letras, das artes e das ciências, internacionais, nacionais, estaduais ou municipais, para o que serão organizados os devidos assentamentos.

Art. 31.º - A partir da publicação e registro do Estatuto serão adotadas providências para:

I – reconhecimento de utilidade pública nas esferas dos poderes federal, estadual e municipal.

II – criação de subsidiárias em até 3 (três) municípios de grande porte no interior do Estado e,

III – Aquisição de sede própria.

Art. 32.º - Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela Diretoria, *ad referendum* da Assembléia Geral.

Art. 33.º - Este Regimento entra em vigor na data da sua aprovação.

## E ACADÊMICOS TITULARES

| N.º | PATRONO                         | VIDA      | ACADÊMICO TITULAR                                                                                                                                              |
|-----|---------------------------------|-----------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 1   | Abílio César Borges             | 1824-1891 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ruy Simões</li> <li>• José Simões e Silva Júnior</li> </ul>                                                           |
| 2   | Alfredo Brito                   | 1876-     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Jair de Oliveira Santos</li> </ul>                                                                                    |
| 3   | Alfredo Ferreira Magalhães      | 1873-1943 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira</li> </ul>                                                                       |
| 4   | Alípio Correia Franca           | 1971-1957 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• José Francisco de Sá Teles</li> </ul>                                                                                 |
| 5   | Álvaro Augusto da Silva         | 1890-1977 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Edivaldo Machado Boaventura</li> </ul>                                                                                |
| 6   | Amélia do Sacramento Rodrigues  | 1861-1926 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Germano Dias Machado</li> </ul>                                                                                       |
| 7   | Afrisia Santiago                | 1894-1970 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Remy Pompílio Fernandes de Souza</li> </ul>                                                                           |
| 8   | Anísio Spínola Teixeira         | 1900-1971 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Hermano José de Almeida Gouveia</li> <li>• Maria Anália Costa Moura</li> </ul>                                        |
| 9   | Antônio Borges dos Reis         | 1859-1952 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Guiomar de Andrade Florence</li> <li>• Alírio Fernando Barbosa de Souza</li> </ul>                                    |
| 10  | Antônio de Castro Alves         | 1847-1871 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Consuelo Pondé de Senna</li> </ul>                                                                                    |
| 11  | Antônio Pacífico Pereira        | 1846-1902 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ângelo Lyrio Alves de Almeida</li> </ul>                                                                              |
| 12  | Arlindo Silva Costa             |           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Adroaldo Ribeiro Costa</li> <li>• Bárbara Vasconcelos de Carvalho</li> <li>• Rosa Pereira Levita</li> </ul>           |
| 13  | Arthur de Salles                | 1879-1952 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Raul de Souza da Costa e Sá</li> <li>• Elsiar Moreira Alves</li> </ul>                                                |
| 14  | Augusto Alexandre Machado       | 1896-1947 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Enock Sena Souza</li> </ul>                                                                                           |
| 15  | Cosme de Farias                 | 1875-1972 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• João Eurico Matta</li> </ul>                                                                                          |
| 16  | Diógenes Gomes da Costa Vinhaes |           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Roisie Alaor Metzker Coutinho</li> </ul>                                                                              |
| 17  | Egas Moniz Barreto de Aragão    | 1870-1924 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon</li> </ul>                                                                       |
| 18  | Ernesto Carneiro de Ribeiro     | 1839-1920 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• José Newton Alves de Souza</li> <li>• Maria Luigia Magnavita Galeffi</li> <li>• Nadja Maria Valverde Viana</li> </ul> |
| 19  | Francisco da Conceição Menezes  | 1896-1959 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cid José Cavalcante Teixeira</li> </ul>                                                                               |
| 20  | Gelásio de Abreu Farias         | 1882-     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Hermano Augusto Palmeira Machado</li> </ul>                                                                           |
| 21  | Helvécio Carneiro Ribeiro       | 1880-1969 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pedro Júlio Barbuda</li> <li>• Milton Almeida Rabelo</li> </ul>                                                       |
| 22  | Henriqueta Martins Catarino     | 1886-1968 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Zilma Gomes Parente de Barros</li> </ul>                                                                              |
| 23  | Hugo Balthazar da Silveira      | 1888-     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Rômulo Galvão de Carvalho</li> <li>• Eraldo Tinoco de Melo</li> </ul>                                                 |
| 24  | Isaías Alves de Almeida         | 1888-1968 | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Antônio Pithon Pinto</li> <li>• Joselice Macedo Barreira</li> </ul>                                                   |
| 25  | João Alves Portela              |           | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Cícero Pessoa da Silva</li> </ul>                                                                                     |

|    |                                    |           |                                                                                                         |
|----|------------------------------------|-----------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 26 | João Florêncio Gomes               | 1846-1925 | • Astor de Castro Pessoa                                                                                |
| 27 | José Olímpio de Azevedo            | 1843-1920 | • Thales Olímpio Góes de Azevedo<br>• Antônio Jesuíno dos Santos Netto                                  |
| 28 | Júlio Afrânio Peixoto              | 1876-1947 | • Oldegar Franco Vieira<br>• Roberto Figueira Santos                                                    |
| 29 | Luiz da França Pinto de Carvalho   |           | • Luiz Fernando Seixas de M. Costa<br>• Hermes Teixeira de Mello                                        |
| 30 | Luiz Gonzaga Cabral                | 1853-     | • Luiz Augusto F. Navarro de Brito<br>• Luis Henrique Dias Tavares                                      |
| 31 | Manoel Carlos Devoto               | 1853-     | • Adelmo Soares Pessoa<br>• Manoel Joaquim Fernandes de Barros Sobrinho                                 |
| 32 | Maria Luíza de Souza Alves         | 1860-     | • Angelina Rocha de Assis<br>• Leda Jesuíno dos Santos                                                  |
| 33 | Maria Romana Calmon de Bittencourt |           | • Jorge Calmon Moniz de Bittencourt<br>• José Corgozinho Carvalho Filho                                 |
| 34 | Paulo Fábio Dantas                 | 1900-     | • Raymundo Nonato de Almeida Gouveia<br>• Fernando Floriano da Rocha<br>• José Rogério da Costa Vargens |
| 35 | Pedro Júlio Barbuda                | 1837-     | • Cassilandro Everaldo Barbuda<br>• João Fernandes da Cunha                                             |
| 36 | Pedro Tenório de Albuquerque       | 1906-1982 | • Yeda Barradas Carneiro                                                                                |
| 37 | Possidônio Dias Coelho             |           | • Francisco Pinheiro Lima Júnior                                                                        |
| 38 | Roberta Correia                    | 1876-1941 | • Olga Pereira Mettig<br>• Marcelo Rocha                                                                |
| 39 | Rui Barbosa de Oliveira            | 1849-1923 | • Raimundo José da Matta<br>• Lafayette de Azevedo Pondé                                                |
| 40 | Sátiro de Oliveira Dias            | 1844-1913 | • Antonino de Oliveira Dias<br>• Hildérico Pinheiro de Oliveira<br>• José Nilton Carvalho Pereira       |

### MEMBROS EMÉRITOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

- Bárbara Carvalho
- Jorge Calmon
- José Newton Alves de Souza
- Oldegar Franco Vieira
- Olga Pereira Metting
- Raymundo Nonato de Almeida Gouveia
- Edivaldo Machado Boaventura

## ENDEREÇOS DOS ACADÊMICOS TITULARES

**ALÍRIO FERNANDO BARBOSA DE SOUZA**  
RUA EDITE GAMA E ABREU, Nº 545 APT. 202  
ITAIGARA - CEP. 40815-040  
SALVADOR-BA

**ASTOR DE CASTRO PESSOA**  
RUA AMAZÔNAS, N.º 53 - APT. 102  
ED. VILA REAL  
PITUBA - CEP. 41830-380  
SALVADOR-BA

**CÍCERO PESSOA DA SILVA**  
PRAÇA PADRE ANCHIETA, Nº 126  
PITUBA - CEP. 41830-380  
SALVADOR-BA

**CONSUELO PONDÉ DE SENA**  
AV. PRINCESA LEOPOLDINA, N.º 288  
ED. MANSÃO PRINCESA LEOPOLDINA - APTº 301  
GRAÇA - CEP. 40150-121  
SALVADOR-BA

**ELSIOR MOREIRA ALVES**  
AV. EUCLIDES DA CUNHA, N.º 116  
EDF. MANSÃO DA GRAÇA  
GRAÇA - CEP. 40150-121  
SALVADOR-BA

**ERALDO TINOCO DE MELO**  
RUA WALDEMAR FALCÃO, N.º 1821, APT. 901  
EDF. TWENTY TOWER  
BROTAS - CEP. 40295-001  
SALVADOR-BA

**GERMANO MACHADO**  
RUA MANOEL BARRETO, Nº 688  
EDF. CIDADE LARANJEIRA, APTº 102  
CEP. 40150-360  
SALVADOR-BA

**HERMANO AUGUSTO PALMEIRA MACHADO**  
AV. SANTA LUIZA N.º 149 APT. 102  
ED. COND. BOSQUE ITÁLIA  
HORTO FLORESTAL - CEP. 40295-050  
SALVADOR-BA

**JAIR DE OLIVEIRA SANTOS**  
RUA RIO DE JANEIRO, Nº 679  
PITUBA - CEP. 41830-000  
SALVADOR-BA

**JORGE CALMON**  
AV. SETE DE SETEMBRO, Nº 2172  
CORREDOR DA VITÓRIA - CEP. 40080-001  
SALVADOR-BA

**JOSÉ CORGOZINHO CARVALHO FILHO**  
PQ. DA FUNDAÇÃO JOSÉ CARVALHO  
ESTRADA DE SANTIAGO, S/N  
CEP. 48120-000  
SALVADOR-BA

**ANTÔNIO JESUÍNO DOS SANTOS NETO**  
RUA PIAUI, Nº 751 - APT. 1401  
EDF. VILA DA MATA  
PITUBA - CEP. 41170-140  
SALVADOR-BA

**BARBARA VASCONCELOS DE CARVALHO**  
RUA PRAIA DE ORANGE, QC17 LOTE 22  
VILAS DO ATLÂNTICO - CEP. 42700-000  
LAURO DE FREITA-BA

**CID JOSÉ CAVALCANTE TEIXEIRA**  
RUA DAS VIOLETAS, Nº 85  
PQ. NOSSA SENHORA DA LUZ  
PITUBA - CEP. 41810-080  
SALVADOR-BA

**EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA**  
RUA DR. JOSÉ CARLOS, 99  
EDF. PARQ. DAS MANGUEIRAS, APT. 801  
ACUPE DE BROTAS - CEP. 40290-040  
SALVADOR-BA

**ENOCK SENA DE SOUZA**  
RUA EDITE GAMA E ABREU, Nº 53  
EDF. PRIMO - APT. 1002  
ITAIGARA - CEP. 41840-320  
SALVADOR-BA

**FRANCISCO PINHEIRO LIMA JÚNIOR**  
RUA COMENDADOR HORÁCIO URPIA, Nº 4  
GRAÇA - CEP. 40150-250  
SALVADOR-BA

**GERMANO TABACOF**  
AV. MATO GROSSO N.º 465 APT. 501  
CEP. 41830-151  
SALVADOR-BA

**HERMES TEIXEIRA DE MELO**  
RUA PLÍNIO MOSCOSO, Nº 955  
EDF. DANIEL - APTº 301  
APIPEMA - CEP. 40155-020  
SALVADOR-BA

**JOÃO EURICO MATTA**  
RUA PROF. EDGAR MATA, Nº 4  
ONDINA - CEP. 40170-140  
SALVADOR-BA

**JOSÉ CARLOS ALMEIDA DA SILVA**  
RUA DESEMBARGADOR BALDUÍNO DE ANDRADE, Nº 79  
EDF. MANSÃO GREEN PARK - APT. 1101 - TORRE SUL  
CHAME-CHAME - CEP. 40000-000  
SALVADOR-BA

**JOSÉ FRANCISCO DE SÁ TELES**  
RUA RENATO MENEZES DE BEREQUER, Nº 177  
APT. 1302 LOT. VELA BRANCA  
PITUBA - CEP. 41830-310  
SALVADOR-BA

**JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUZA**  
AV. EUCLIDES DA CUNHA, N.º 216 APT. 016  
GRAÇA - CEP. 40150-122  
SALVADOR-BA

**JOSÉ ROGÉRIO DA COSTA VARGENS**  
RUA MANOEL GOMES DE MENDONÇA N.º 305 APT. 602  
CEP. 40000-000  
SALVADOR-BA

**JOSELICE MACEDO DE BARREIROS**  
RUA QUINTINO DE CARVALHO, N.º 84  
EDF. VILA FLORA - APT.º 1703  
JARDIM APIPEMA - CEP. 40155-280  
SALVADOR-BA

**LEDA JESUÍNO DOS SANTOS**  
RUA PIAUÍ, N.º 751 - APT. 1401  
EDF. VILA DA MALTA  
PITUBA - CEP. 41170-140  
SALVADOR-BA

**MANOEL JOAQUIM F. BARROS SOBRINHO**  
RUA DR. JOSÉ PEROBA, N.º 251 SALA 1001  
EDF. CIVIL EMPRESARIAL - SALA 1001  
STIEP - CEP. 41770-235  
SALVADOR-BA

**MARIA ANÁLIA COSTA MOURA**  
RUA ANITA COSTA N.º 9 APT. 802  
JARDIM APIPEMA - CEP. 40155-000  
SALVADOR-BA

**MILTON DE ALMEIDA RABELO**  
RUA NESTOR RIBEIRO, N.º 436  
CENTRO - CEP. 45200-000  
JEQUIÊ-BA

**REMY POMPÍLIO FERNANDES DE SOUZA**  
CONDOMÍNIO COLINA DA FONTE  
RUA B (ALBERTO VITA) QD. B - LOTE 2  
ITAPUÃ - CEP. 41.630-74  
SALVADOR-BA

**ROSA PEREIRA LEVITA**  
RUA CEARÁ, N.º 177 APT. 401  
EDF. MARES DA PITUBA  
PITUBA - CEP. 41830-450  
SALVADOR-BA

**ZILMA PARENTE DE BARROS**  
RUA DA FLÓRIDA, N.º 211  
EDF. EL PRADO - APT. 203  
GRAÇA - CEP. 40055-000  
SALVADOR-BA

**JOSÉ NILTON CARVALHO PEREIRA**  
RUA MIGUEL BOURNIER, 185 APT. 712-B  
EDF. BARRA TROPICAL  
BARRA - CEP. 40140-190  
SALVADOR-BA

**JOSÉ SIMÕES E SILVA JÚNIOR**  
AV. MARQUÊS DE LEÃO, N.º 46  
EDF. OCEANIA - APT. 66  
BARRA - CEP. 40140-230  
SALVADOR-BA

**LAFAYETTE DE AZEVEDO PONDÉ**  
AV. PRINCESA LEOPOLDINA, N.º 270  
EDF. MANSÃO PRINCESA LEOPOLDINA - APT. 101  
GRAÇA - CEP. 40150-080  
SALVADOR-BA

**LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES**  
AV. PRINCESA LEOPOLDINA, N.º 21 - APT. 1003  
GRAÇA - CEP. 40150-080  
SALVADOR-BA

**MARCELO AUGUSTO CARVALHO ROCHA**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA  
RUA DA MANGUEIRA, N.º 33  
NAZARÉ - CEP. 40040-400  
SALVADOR-BA

**MARIA AUGUSTA DA CRUZ ABDON**  
AV. SETE DE SETEMBRO, N.º 1736  
EDF. VITÓRIA RÉGIA - APT. 504  
VITÓRIA - CEP. 40080-001  
SALVADOR-BA

**NADJA MARIA VALVERDE VIANA**  
RUA NINA MOTA, QUADRA 29 LOTE 11  
PIATÃ - CEP. 41650-320  
SALVADOR-BA

**ROBERTO FIGUEIRA SANTOS**  
RUA BASÍLIO CATALÃ DE CASTRO, N.º 346 - LOTE A  
QUINTA DE CANDEAL  
CEP. 40280-550  
SALVADOR-BA

**YEDA BARRADAS CARNEIRO**  
ALAMEDA DOS SOMBREIROS, N.º 90  
CAMINHO DAS ÁRVORES - CEP. 41820-420  
SALVADOR-BA